



RPG  
TAGMAR

Crônicas de Tagmar  
Volume Único

ARTIGAS  
2021



# Créditos

## Autores

Airton França Diniz Junior, Alan Emmanuel Oliveira dos Santos, Bruno Machado, Alexandre Romero Inforzato, Claudiney Martins, João Paulo M. de Castro, Lucas Amaro da Costa, Luiz Antônio Salgueiro, Nelson Rodrigues Rosa, Rafael Pedro Barbosa Quadros, Renato Curty, Renato de Holanda Cavalcanti e Thiago Gomes da Silva

## Ilustração da Capa

Sergio Artigas

## Revisão

Alesso Sartorelli, Nelson Rodrigues Rosa e Romeu Filho, Paulo Henrique Câmara, Romeu Filho e Samuel Oliveira de Azevedo

## Coordenação

Marcelo Rodrigues

## Publicação

Publicado pelo Projeto Tagmar em 28/10/2023 e disponível para download gratuito em [www.Tagmar.com.br](http://www.Tagmar.com.br)

# Licenciamento

Este livro foi adaptado do livro “Tagmar - RPG de Aventura Medieval” © 1991 de autoria de Marcelo Rodrigues, Ygor Moraes Esteves da Silva, Julio Augusto Cezar Junior e Leonardo Nahoum Pache de Faria; e está licenciada de acordo as seguintes condições: **Atribuição-Us o Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil**

## Você pode:

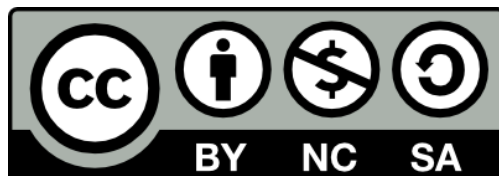
- Imprimir, Copiar inteiramente este livro (incluído fotocópias), distribuir, exibir;
- Criar obras derivadas.

## Sob as seguintes condições:

- **Atribuição:** Você deve dar crédito aos autores originais.
- **Us o Não-Comercial:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- **Compartilhamento pela mesma Licença:** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta. Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- **Impressão sob demanda:** esta permissão autoriza que pessoas físicas ou jurídicas a cobrar pelo serviço de impressão sob demanda dos livros do Tagmar disponibilizados no site [www.tagmar.com.br](http://www.tagmar.com.br) nas seguintes condições:
  1. Fica autorizada a cobrança do serviço de impressão, encadernamento e de envio, desde que os preços sejam compatíveis com os preços normais de mercado de impressão, encadernamento e envio;
  2. Só será permitida a cobrança do serviço de impressão, encadernamento e de envio se o solicitante do serviço for uma pessoa física;
  3. O serviço prestado poderá ser em lojas físicas ou online;
  4. Continua vetada a impressão para revenda em lojas físicas ou online. Quem imprime deverá prestar o serviço direto a quem irá utilizar os livros. Quem adquire os livros só poderá revender para outra pessoa física e pelo mesmo custo de impressão/aquisição;
  5. Continua vetada a cobrança oriunda de qualquer natureza para as versões digitais;
  6. Todos os demais termos da licença creative commons “Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil” deverão ser cumpridos.

Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que Você obtenha permissão do autor.

Este licenciamento segue um padrão obra aberta e está registrado pela seguinte licença da Creative Commons: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/> com validade legal no Brasil e por muitos outros países.





# Sumário

Primeiro Volume .....	4
<i>Uma Noite Para Ser Esquecida</i> .....	5
<i>Arnach Ronan Baromir</i> .....	17
<i>O Cálice</i> .....	20
<i>Dirtan</i> .....	26
<i>O Amaldiçoado Servo de Cruine</i> .....	32
<i>Canção dos sapos</i> .....	35
<i>O Príncipe do Gelo</i> .....	37
<i>O Anel do Golem de Ferro</i> .....	43
Segundo Volume .....	54
<i>Nasce um Aventureiro</i> .....	55
<i>A Jovem Cega</i> .....	59
<i>Liberdade, Aventuras, Tesouros e Disciplina</i> .....	64
<i>O Medalhão de Prata</i> .....	71
<i>O Círculo se Fecha</i> .....	76
<i>Noite de Prazeres</i> .....	81
<i>Sobre o Sangue da Arena</i> .....	84
<i>O Necromante</i> .....	91
<i>A Cura</i> .....	96
<i>O Oráculo de Plandis</i> .....	101

# Primeiro Volume





# Uma Noite Para Ser Esquecida

Por Nelson Rodrigues Rosa

## Prólogo

- Hoje é o meu grande dia! - falou Lazarius consigo mesmo, parando pela última vez antes de percorrer o grande corredor que levava ao salão de eventos da biblioteca de Saravossa, em Calco. Respirou fundo tentando reorganizar seus pensamentos. Tudo acontecera muito rápido. Há algumas noites não passava de um simples aprendiz de feiticeiro, num dos muitos colégios de magias de Calco. Hoje, no entanto, seria aclamado como um dos maiores pesquisadores de todos os tempos.

Começou a caminhar sem pressa pelo longo corredor, aproveitando para uma inspeção minuciosa em todos os detalhes. O corredor - hoje mais do que nunca - era imenso. Com cerca de 150 metros de comprimento, possuía toda sua extensão coberta por um tapete de pele grossa, tingido de vermelho, e diversos tocheiros de prata apareciam presos em ambas as paredes de pedras. Tapeçarias raras mostrando cenas de batalhas importantes, balançavam com o vento que vinha das janelas, dando ao local um ar antigo, milenar. Uma imensa porta dupla de carvalho, com inúmeras inscrições élficas entalhadas, encerrava o corredor. Do outro lado da porta, ouvia-se o murmúrio da multidão que o aguardava ansiosamente. Ele então encheu o peito de ar tentando buscar coragem e usou toda sua força para abrir com um único empurrão as pesadas portas que o separavam da glória.

Ao entrar no salão se deparou com o caos. Uma turba desorganizada se lançou de súbito em sua direção como se fosse atacá-lo. Por instinto, seu corpo se encolheu tentando defender-se dos golpes que não chegaram; ao invés disso, as dezenas de mãos lhe tocavam com afago, nos braços e nas costas, lhe dando os parabéns.

A confusão só foi encerrada com o som de três cornetas estridentes que ecoaram por todo o salão, fazendo a multidão se acalmar e abrir caminho, enquanto um homem alto, com roupas caras e um rosto afável sorria e falava com uma voz nítida e firme:

- Meu nome é Hemilannor, sou o rei de Calco e quero lhe parabenizar, Lazarius Malter. Você prestou um grande serviço para a história da humanidade. Suas descobertas foram sem dúvida, as mais bem sucedidas e importantes que nós já havíamos conseguido naquela região.

As palavras do rei o emocionaram. Sentiu seu corpo estremecer e se empertigou de orgulho. Seu coração batia tão forte que parecia querer explodir.

- Vamos rapaz, venha! - continuou o rei, enquanto caminhava por entre a multidão que o aplaudia com entusiasmo. - A riqueza e a glória o aguardam!

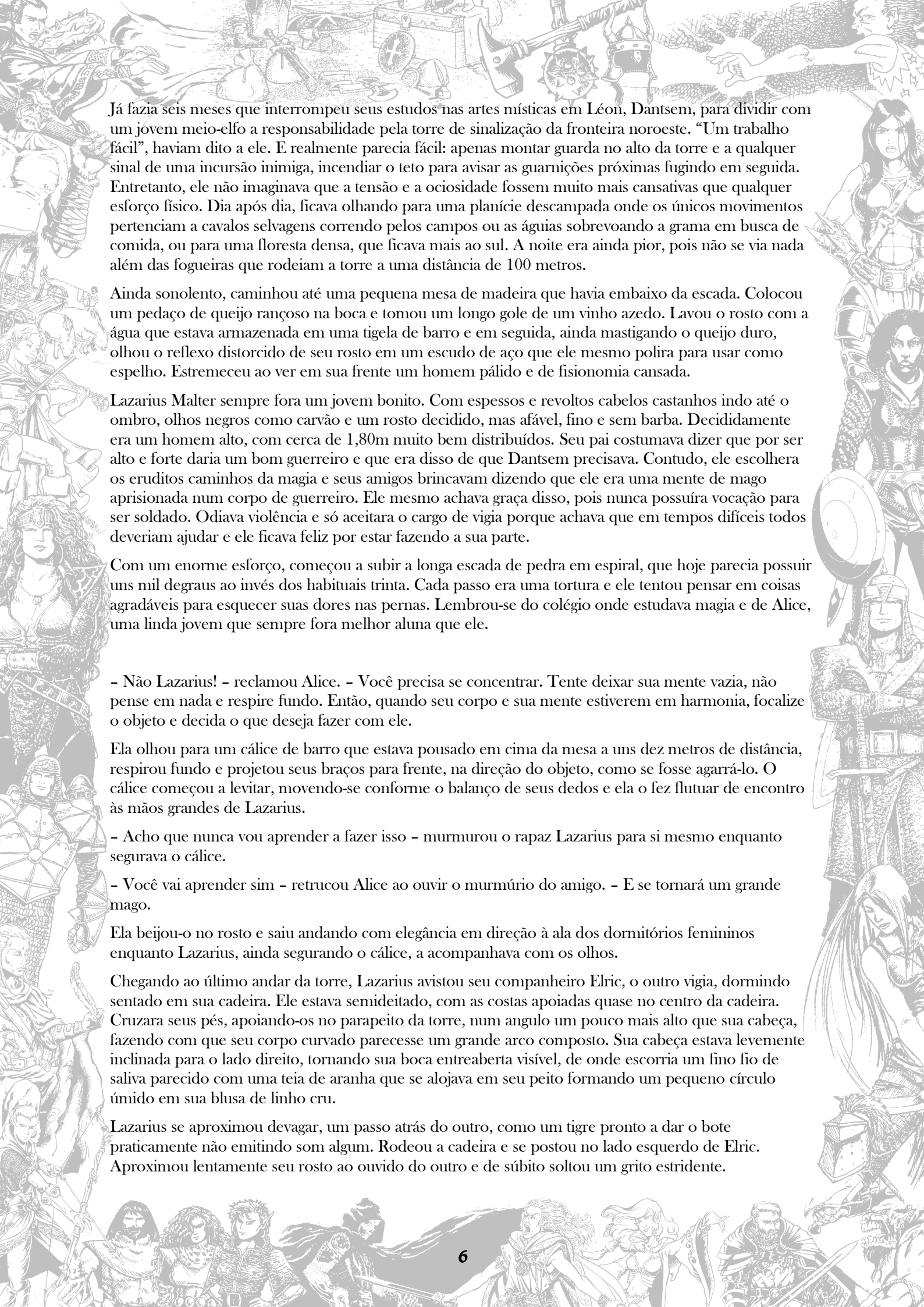
Sorrindo, Lazarius caminhou em direção ao rei. Mas logo seu corpo todo enrijeceu como se virasse pedra e ele não conseguia dar mais nenhum passo. Olhava em volta, todas aquelas pessoas ovacionando-o com expressões alegres, como se nada estivesse acontecendo.

Esforçou-se ao máximo para andar e tudo o que conseguiu foi ficar mais rígido. Uma angústia cresceu dentro dele, se transformando em mal-estar, e depois, em medo. Sua cabeça doía e o mundo pareceu girar por um instante. Numa última e desesperada tentativa forçou um passo para frente, fazendo seu corpo tombar e ele pode ver o chão se aproximar com velocidade. Logo, tudo ficou negro.

## Primeira Parte: A Torre

Lazarius acordou com um pulso. Pela terceira vez tivera o mesmo sonho e, como das outras vezes, com o mesmo fim.

Deixou escapar um pequeno gemido ao tentar se levantar de uma improvisada cama de palha. Decididamente, essas não eram as acomodações que sempre sonhou ter aos 22 anos de idade. Sonhava com os luxuosos quartos nas dependências dos grandes palácios, onde passaria confortáveis noites de sono em seus lençóis de linho limpo e travesseiros de penas de ganso. Contudo, por enquanto, era grato pelo punhado de palha sobre um chão duro e frio.



Já fazia seis meses que interrompeu seus estudos nas artes místicas em Léon, Dantsem, para dividir com um jovem meio-elfo a responsabilidade pela torre de sinalização da fronteira noroeste. “Um trabalho fácil”, haviam dito a ele. E realmente parecia fácil: apenas montar guarda no alto da torre e a qualquer sinal de uma incursão inimiga, incendiar o teto para avisar as guarnições próximas fugindo em seguida. Entretanto, ele não imaginava que a tensão e a ociosidade fossem muito mais cansativas que qualquer esforço físico. Dia após dia, ficava olhando para uma planície descampada onde os únicos movimentos pertenciam a cavalos selvagens correndo pelos campos ou as águias sobrevoando a grama em busca de comida, ou para uma floresta densa, que ficava mais ao sul. A noite era ainda pior, pois não se via nada além das fogueiras que rodeiam a torre a uma distância de 100 metros.

Ainda sonolento, caminhou até uma pequena mesa de madeira que havia embaixo da escada. Colocou um pedaço de queijo rançoso na boca e tomou um longo gole de um vinho azedo. Lavou o rosto com a água que estava armazenada em uma tigela de barro e em seguida, ainda mastigando o queijo duro, olhou o reflexo distorcido de seu rosto em um escudo de aço que ele mesmo polira para usar como espelho. Estremeceu ao ver em sua frente um homem pálido e de fisionomia cansada.

Lazarius Malter sempre fora um jovem bonito. Com espessos e revoltos cabelos castanhos indo até o ombro, olhos negros como carvão e um rosto decidido, mas afável, fino e sem barba. Decididamente era um homem alto, com cerca de 1,80m muito bem distribuídos. Seu pai costumava dizer que por ser alto e forte daria um bom guerreiro e que era disso de que Dantsem precisava. Contudo, ele escolhera os eruditos caminhos da magia e seus amigos brincavam dizendo que ele era uma mente de mago aprisionada num corpo de guerreiro. Ele mesmo achava graça disso, pois nunca possuía vocação para ser soldado. Odiava violência e só aceitara o cargo de vigia porque achava que em tempos difíceis todos deveriam ajudar e ele ficava feliz por estar fazendo a sua parte.

Com um enorme esforço, começou a subir a longa escada de pedra em espiral, que hoje parecia possuir uns mil degraus ao invés dos habituais trinta. Cada passo era uma tortura e ele tentou pensar em coisas agradáveis para esquecer suas dores nas pernas. Lembrou-se do colégio onde estudava magia e de Alice, uma linda jovem que sempre fora melhor aluna que ele.

- Não Lazarius! - reclamou Alice. - Você precisa se concentrar. Tente deixar sua mente vazia, não pense em nada e respire fundo. Então, quando seu corpo e sua mente estiverem em harmonia, focalize o objeto e decida o que deseja fazer com ele.

Ela olhou para um cálice de barro que estava pousado em cima da mesa a uns dez metros de distância, respirou fundo e projetou seus braços para frente, na direção do objeto, como se fosse agarrá-lo. O cálice começou a levitar, movendo-se conforme o balanço de seus dedos e ela o fez flutuar de encontro às mãos grandes de Lazarius.

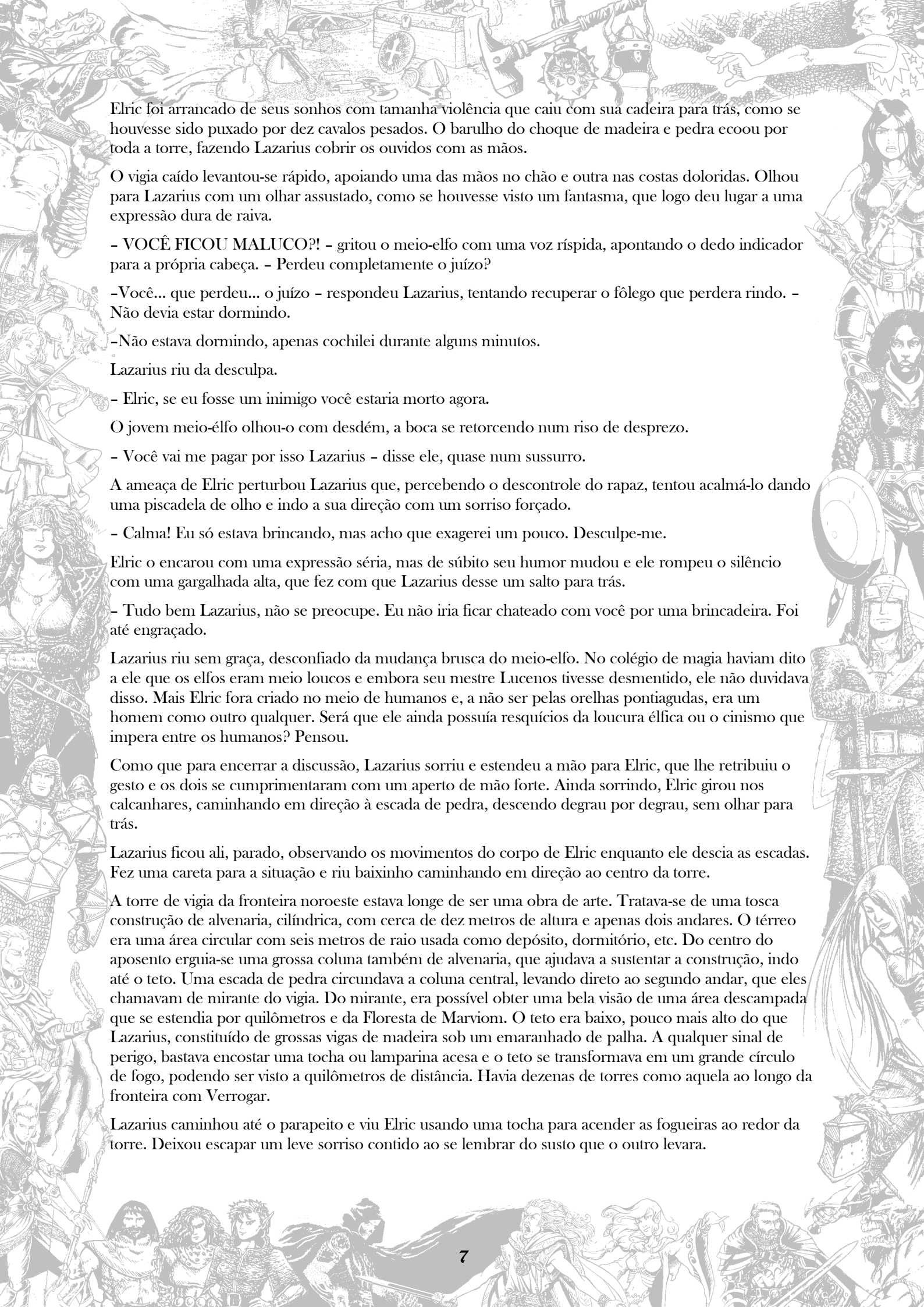
- Acho que nunca vou aprender a fazer isso - murmurou o rapaz Lazarius para si mesmo enquanto segurava o cálice.

- Você vai aprender sim - retrucou Alice ao ouvir o murmúrio do amigo. - E se tornará um grande mago.

Ela beijou-o no rosto e saiu andando com elegância em direção à ala dos dormitórios femininos enquanto Lazarius, ainda segurando o cálice, a acompanhava com os olhos.

Chegando ao último andar da torre, Lazarius avistou seu companheiro Elric, o outro vigia, dormindo sentado em sua cadeira. Ele estava semideitado, com as costas apoiadas quase no centro da cadeira. Cruzara seus pés, apoiando-os no parapeito da torre, num ângulo um pouco mais alto que sua cabeça, fazendo com que seu corpo curvado parecesse um grande arco composto. Sua cabeça estava levemente inclinada para o lado direito, tornando sua boca entreaberta visível, de onde escorria um fino fio de saliva parecido com uma teia de aranha que se alojava em seu peito formando um pequeno círculo úmido em sua blusa de linho cru.

Lazarius se aproximou devagar, um passo atrás do outro, como um tigre pronto a dar o bote praticamente não emitindo som algum. Rodeou a cadeira e se postou no lado esquerdo de Elric. Aproximou lentamente seu rosto ao ouvido do outro e de súbito soltou um grito estridente.



Elric foi arrancado de seus sonhos com tamanha violência que caiu com sua cadeira para trás, como se houvesse sido puxado por dez cavalos pesados. O barulho do choque de madeira e pedra ecoou por toda a torre, fazendo Lazarius cobrir os ouvidos com as mãos.

O vigia caído levantou-se rápido, apoiando uma das mãos no chão e outra nas costas doloridas. Olhou para Lazarius com um olhar assustado, como se houvesse visto um fantasma, que logo deu lugar a uma expressão dura de raiva.

- VOCÊ FICOU MALUCO?! - gritou o meio-elfo com uma voz ríspida, apontando o dedo indicador para a própria cabeça. - Perdeu completamente o juízo?

-Você... que perdeu... o juízo - respondeu Lazarius, tentando recuperar o fôlego que perdera rindo. - Não devia estar dormindo.

-Não estava dormindo, apenas cochilei durante alguns minutos.

Lazarius riu da desculpa.

- Elric, se eu fosse um inimigo você estaria morto agora.

O jovem meio-elfo olhou-o com desdém, a boca se retorcendo num riso de desprezo.

- Você vai me pagar por isso Lazarius - disse ele, quase num sussurro.

A ameaça de Elric perturbou Lazarius que, percebendo o descontrole do rapaz, tentou acalmá-lo dando uma piscadela de olho e indo a sua direção com um sorriso forçado.

- Calma! Eu só estava brincando, mas acho que exagerei um pouco. Desculpe-me.

Elric o encarou com uma expressão séria, mas de súbito seu humor mudou e ele rompeu o silêncio com uma gargalhada alta, que fez com que Lazarius desse um salto para trás.

- Tudo bem Lazarius, não se preocupe. Eu não iria ficar chateado com você por uma brincadeira. Foi até engraçado.

Lazarius riu sem graça, desconfiado da mudança brusca do meio-elfo. No colégio de magia haviam dito a ele que os elfos eram meio loucos e embora seu mestre Lucenos tivesse desmentido, ele não duvidava disso. Mais Elric fora criado no meio de humanos e, a não ser pelas orelhas pontiagudas, era um homem como outro qualquer. Será que ele ainda possuía resquícios da loucura élfica ou o cinismo que impera entre os humanos? Pensou.

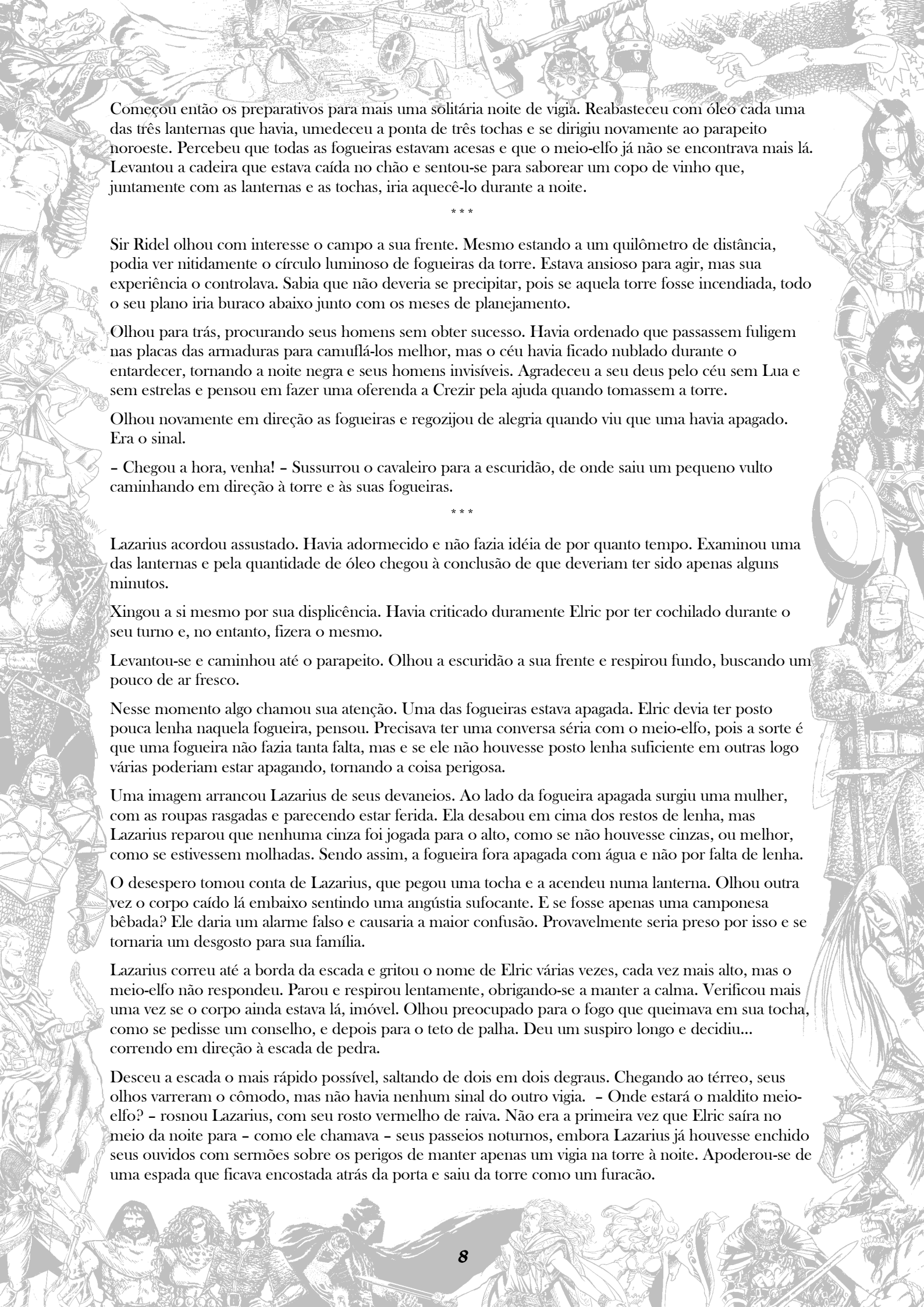
Como que para encerrar a discussão, Lazarius sorriu e estendeu a mão para Elric, que lhe retribuiu o gesto e os dois se cumprimentaram com um aperto de mão forte. Ainda sorrindo, Elric girou nos calcanhares, caminhando em direção à escada de pedra, descendo degrau por degrau, sem olhar para trás.

Lazarius ficou ali, parado, observando os movimentos do corpo de Elric enquanto ele descia as escadas. Fez uma careta para a situação e riu baixinho caminhando em direção ao centro da torre.

A torre de vigia da fronteira noroeste estava longe de ser uma obra de arte. Tratava-se de uma tosca construção de alvenaria, cilíndrica, com cerca de dez metros de altura e apenas dois andares. O térreo era uma área circular com seis metros de raio usada como depósito, dormitório, etc. Do centro do aposento erguia-se uma grossa coluna também de alvenaria, que ajudava a sustentar a construção, indo até o teto. Uma escada de pedra circundava a coluna central, levando direto ao segundo andar, que eles chamavam de mirante do vigia. Do mirante, era possível obter uma bela visão de uma área descampada que se estendia por quilômetros e da Floresta de Marviom. O teto era baixo, pouco mais alto do que Lazarius, constituído de grossas vigas de madeira sob um emaranhado de palha. A qualquer sinal de perigo, bastava encostar uma tocha ou lamparina acesa e o teto se transformava em um grande círculo de fogo, podendo ser visto a quilômetros de distância. Havia dezenas de torres como aquela ao longo da fronteira com Verrogar.

Lazarius caminhou até o parapeito e viu Elric usando uma tocha para acender as fogueiras ao redor da torre. Deixou escapar um leve sorriso contido ao se lembrar do susto que o outro levava.





Começou então os preparativos para mais uma solitária noite de vigia. Reabasteceu com óleo cada uma das três lanternas que havia, umedeceu a ponta de três tochas e se dirigiu novamente ao parapeito noroeste. Percebeu que todas as fogueiras estavam acesas e que o meio-elfo já não se encontrava mais lá. Levantou a cadeira que estava caída no chão e sentou-se para saborear um copo de vinho que, juntamente com as lanternas e as tochas, iria aquecê-lo durante a noite.

\*\*\*

Sir Ridel olhou com interesse o campo a sua frente. Mesmo estando a um quilômetro de distância, podia ver nitidamente o círculo luminoso de fogueiras da torre. Estava ansioso para agir, mas sua experiência o controlava. Sabia que não deveria se precipitar, pois se aquela torre fosse incendiada, todo o seu plano iria buraco abaixo junto com os meses de planejamento.

Olhou para trás, procurando seus homens sem obter sucesso. Havia ordenado que passassem fuligem nas placas das armaduras para camuflá-los melhor, mas o céu havia ficado nublado durante o entardecer, tornando a noite negra e seus homens invisíveis. Agradeceu a seu deus pelo céu sem Lua e sem estrelas e pensou em fazer uma oferenda a Crezir pela ajuda quando tomassem a torre.

Olhou novamente em direção as fogueiras e regozijou de alegria quando viu que uma havia apagado. Era o sinal.

- Chegou a hora, venha! - Sussurrou o cavaleiro para a escuridão, de onde saiu um pequeno vulto caminhando em direção à torre e às suas fogueiras.

\*\*\*

Lazarius acordou assustado. Havia adormecido e não fazia idéia de por quanto tempo. Examinou uma das lanternas e pela quantidade de óleo chegou à conclusão de que deveriam ter sido apenas alguns minutos.

Xingou a si mesmo por sua displicência. Havia criticado duramente Elric por ter cochilado durante o seu turno e, no entanto, fizera o mesmo.

Levantou-se e caminhou até o parapeito. Olhou a escuridão a sua frente e respirou fundo, buscando um pouco de ar fresco.

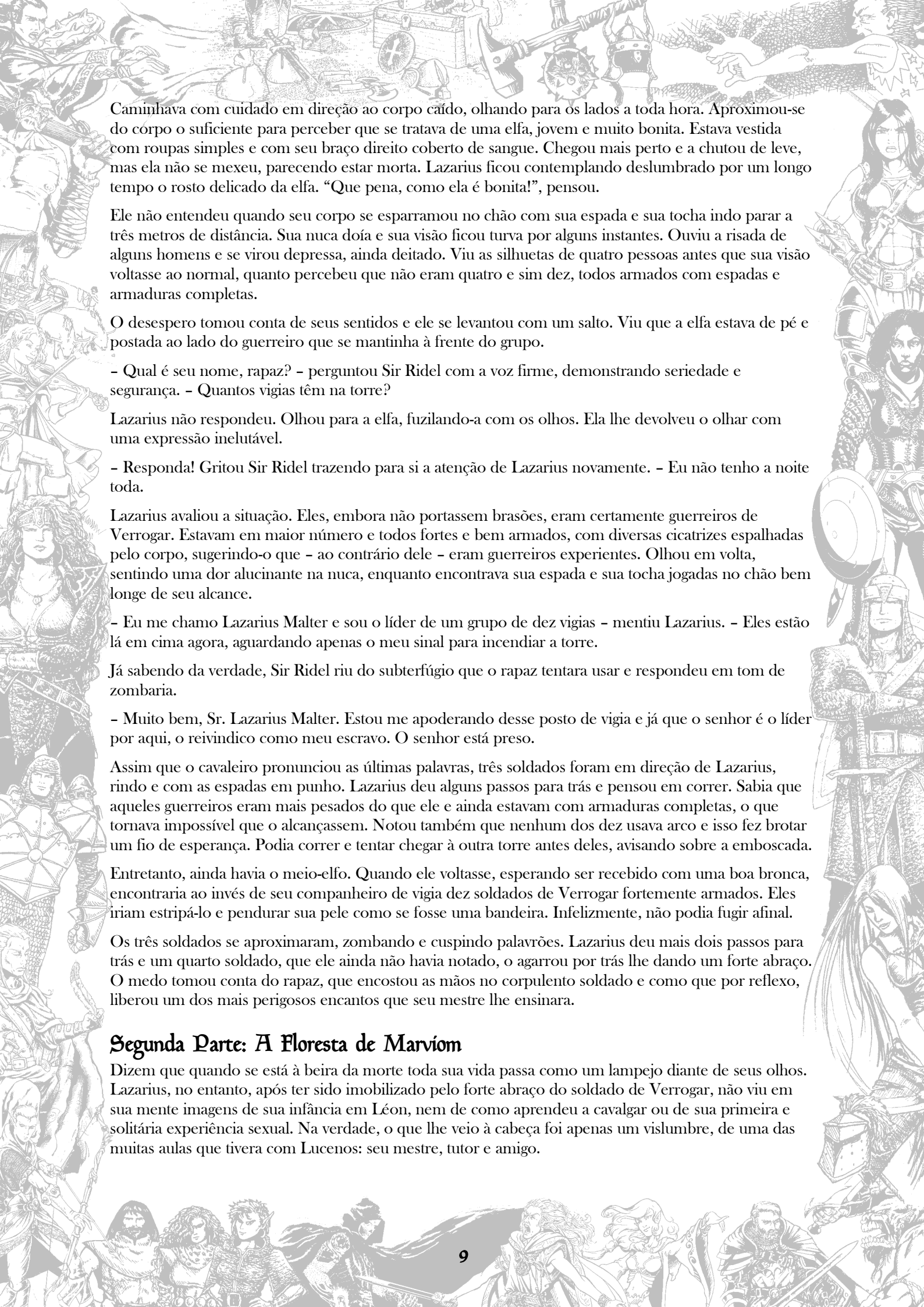
Nesse momento algo chamou sua atenção. Uma das fogueiras estava apagada. Elric devia ter posto pouca lenha naquela fogueira, pensou. Precisava ter uma conversa séria com o meio-elfo, pois a sorte é que uma fogueira não fazia tanta falta, mas e se ele não houvesse posto lenha suficiente em outras logo várias poderiam estar apagando, tornando a coisa perigosa.

Uma imagem arrancou Lazarius de seus devaneios. Ao lado da fogueira apagada surgiu uma mulher, com as roupas rasgadas e parecendo estar ferida. Ela desabou em cima dos restos de lenha, mas Lazarius reparou que nenhuma cinza foi jogada para o alto, como se não houvesse cinzas, ou melhor, como se estivessem molhadas. Sendo assim, a fogueira fora apagada com água e não por falta de lenha.

O desespero tomou conta de Lazarius, que pegou uma tocha e a acendeu numa lanterna. Olhou outra vez o corpo caído lá embaixo sentindo uma angústia sufocante. E se fosse apenas uma camponesa bêbada? Ele daria um alarme falso e causaria a maior confusão. Provavelmente seria preso por isso e se tornaria um desgosto para sua família.

Lazarius correu até a borda da escada e gritou o nome de Elric várias vezes, cada vez mais alto, mas o meio-elfo não respondeu. Parou e respirou lentamente, obrigando-se a manter a calma. Verificou mais uma vez se o corpo ainda estava lá, imóvel. Olhou preocupado para o fogo que queimava em sua tocha, como se pedisse um conselho, e depois para o teto de palha. Deu um suspiro longo e decidiu... correndo em direção à escada de pedra.

Desceu a escada o mais rápido possível, saltando de dois em dois degraus. Chegando ao térreo, seus olhos varreram o cômodo, mas não havia nenhum sinal do outro vigia. - Onde estará o maldito meio-elfo? - rosnou Lazarius, com seu rosto vermelho de raiva. Não era a primeira vez que Elric saía no meio da noite para - como ele chamava - seus passeios noturnos, embora Lazarius já houvesse enchido seus ouvidos com sermões sobre os perigos de manter apenas um vigia na torre à noite. Apoderou-se de uma espada que ficava encostada atrás da porta e saiu da torre como um furacão.



Caminhava com cuidado em direção ao corpo caído, olhando para os lados a toda hora. Aproximou-se do corpo o suficiente para perceber que se tratava de uma elfa, jovem e muito bonita. Estava vestida com roupas simples e com seu braço direito coberto de sangue. Chegou mais perto e a chutou de leve, mas ela não se mexeu, parecendo estar morta. Lazarius ficou contemplando deslumbrado por um longo tempo o rosto delicado da elfa. “Que pena, como ela é bonita!”, pensou.

Ele não entendeu quando seu corpo se esparramou no chão com sua espada e sua tocha indo parar a três metros de distância. Sua nuca doía e sua visão ficou turva por alguns instantes. Ouvia a risada de alguns homens e se virou depressa, ainda deitado. Viu as silhuetas de quatro pessoas antes que sua visão voltasse ao normal, quanto percebeu que não eram quatro e sim dez, todos armados com espadas e armaduras completas.

O desespero tomou conta de seus sentidos e ele se levantou com um salto. Viu que a elfa estava de pé e postada ao lado do guerreiro que se mantinha à frente do grupo.

- Qual é seu nome, rapaz? - perguntou Sir Ridel com a voz firme, demonstrando seriedade e segurança. - Quantos vigias têm na torre?

Lazarius não respondeu. Olhou para a elfa, fuzilando-a com os olhos. Ela lhe devolveu o olhar com uma expressão inelutável.

- Responda! Gritou Sir Ridel trazendo para si a atenção de Lazarius novamente. - Eu não tenho a noite toda.

Lazarius avaliou a situação. Eles, embora não portassem brasões, eram certamente guerreiros de Verrogar. Estavam em maior número e todos fortes e bem armados, com diversas cicatrizes espalhadas pelo corpo, sugerindo-o que - ao contrário dele - eram guerreiros experientes. Olhou em volta, sentindo uma dor alucinante na nuca, enquanto encontrava sua espada e sua tocha jogadas no chão bem longe de seu alcance.

- Eu me chamo Lazarius Malter e sou o líder de um grupo de dez vigias - mentiu Lazarius. - Eles estão lá em cima agora, aguardando apenas o meu sinal para incendiar a torre.

Já sabendo da verdade, Sir Ridel riu do subterfúgio que o rapaz tentara usar e respondeu em tom de zombaria.

- Muito bem, Sr. Lazarius Malter. Estou me apoderando desse posto de vigia e já que o senhor é o líder por aqui, o reivindico como meu escravo. O senhor está preso.

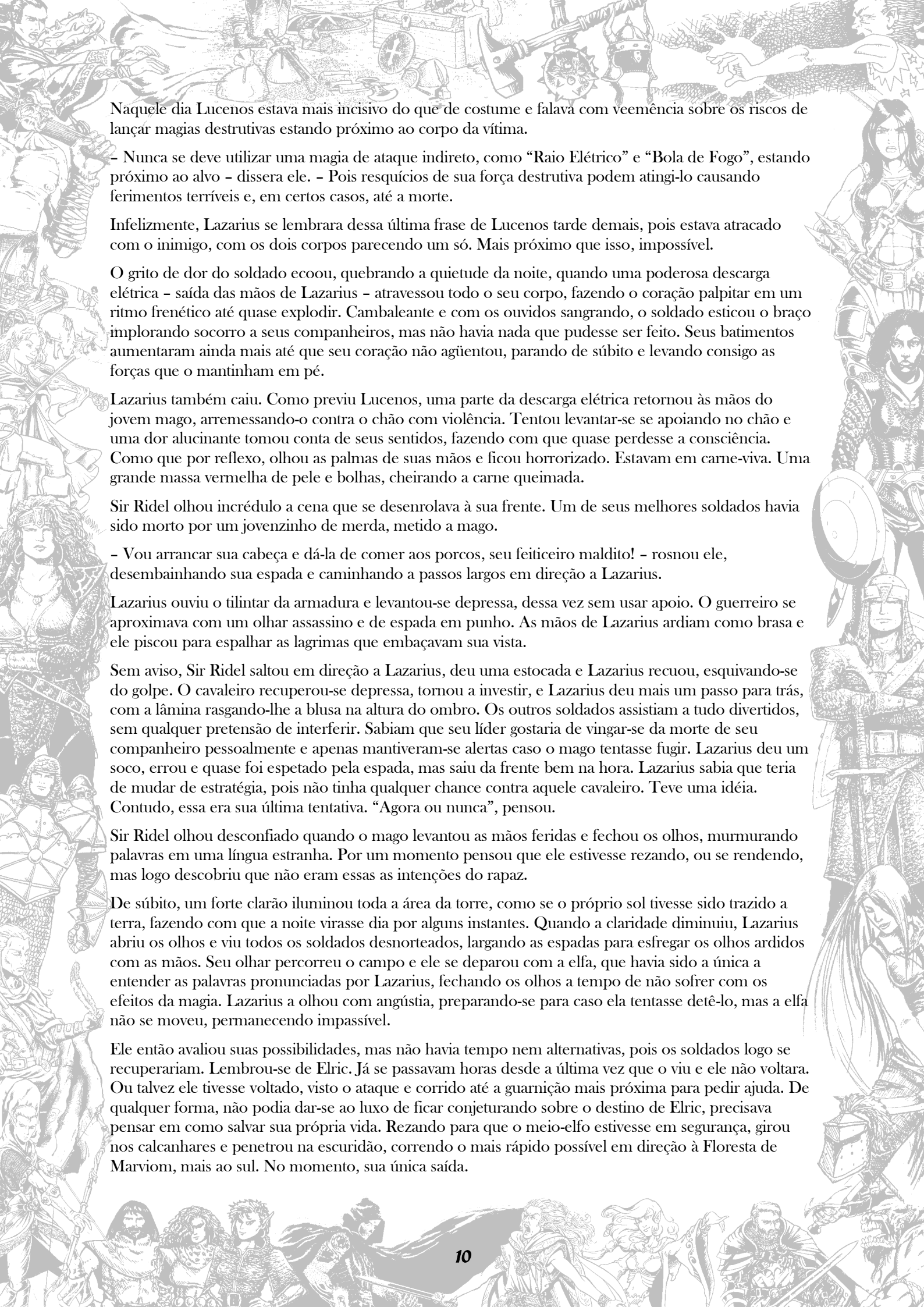
Assim que o cavaleiro pronunciou as últimas palavras, três soldados foram em direção de Lazarius, rindo e com as espadas em punho. Lazarius deu alguns passos para trás e pensou em correr. Sabia que aqueles guerreiros eram mais pesados do que ele e ainda estavam com armaduras completas, o que tornava impossível que o alcançassem. Notou também que nenhum dos dez usava arco e isso fez brotar um fio de esperança. Podia correr e tentar chegar à outra torre antes deles, avisando sobre a emboscada.

Entretanto, ainda havia o meio-elfo. Quando ele voltasse, esperando ser recebido com uma boa bronca, encontraria ao invés de seu companheiro de vigia dez soldados de Verrogar fortemente armados. Eles iriam estripá-lo e pendurar sua pele como se fosse uma bandeira. Infelizmente, não podia fugir afinal.

Os três soldados se aproximaram, zombando e cuspidando palavrões. Lazarius deu mais dois passos para trás e um quarto soldado, que ele ainda não havia notado, o agarrou por trás lhe dando um forte abraço. O medo tomou conta do rapaz, que encostou as mãos no corpulento soldado e como que por reflexo, liberou um dos mais perigosos encantos que seu mestre lhe ensinara.

## Segunda Parte: A Floresta de Marviom

Dizem que quando se está à beira da morte toda sua vida passa como um lampejo diante de seus olhos. Lazarius, no entanto, após ter sido imobilizado pelo forte abraço do soldado de Verrogar, não viu em sua mente imagens de sua infância em Léon, nem de como aprendeu a cavalgar ou de sua primeira e solitária experiência sexual. Na verdade, o que lhe veio à cabeça foi apenas um vislumbre, de uma das muitas aulas que tivera com Lucenos: seu mestre, tutor e amigo.



Naquele dia Lucenos estava mais incisivo do que de costume e falava com veemência sobre os riscos de lançar magias destrutivas estando próximo ao corpo da vítima.

- Nunca se deve utilizar uma magia de ataque indireto, como “Raio Elétrico” e “Bola de Fogo”, estando próximo ao alvo - dissera ele. - Pois resquícios de sua força destrutiva podem atingi-lo causando ferimentos terríveis e, em certos casos, até a morte.

Infelizmente, Lazarius se lembrara dessa última frase de Lucenos tarde demais, pois estava atracado com o inimigo, com os dois corpos parecendo um só. Mais próximo que isso, impossível.

O grito de dor do soldado ecoou, quebrando a quietude da noite, quando uma poderosa descarga elétrica - saída das mãos de Lazarius - atravessou todo o seu corpo, fazendo o coração palpitar em um ritmo frenético até quase explodir. Cambaleante e com os ouvidos sangrando, o soldado esticou o braço implorando socorro a seus companheiros, mas não havia nada que pudesse ser feito. Seus batimentos aumentaram ainda mais até que seu coração não agüentou, parando de súbito e levando consigo as forças que o mantinham em pé.

Lazarius também caiu. Como previu Lucenos, uma parte da descarga elétrica retornou às mãos do jovem mago, arremessando-o contra o chão com violência. Tentou levantar-se se apoiando no chão e uma dor alucinante tomou conta de seus sentidos, fazendo com que quase perdesse a consciência. Como que por reflexo, olhou as palmas de suas mãos e ficou horrorizado. Estavam em carne-viva. Uma grande massa vermelha de pele e bolhas, cheirando a carne queimada.

Sir Ridel olhou incrédulo a cena que se desenrolava à sua frente. Um de seus melhores soldados havia sido morto por um jovenzinho de merda, metido a mago.

- Vou arrancar sua cabeça e dá-la de comer aos porcos, seu feiticeiro maldito! - rosnou ele, desembainhando sua espada e caminhando a passos largos em direção a Lazarius.

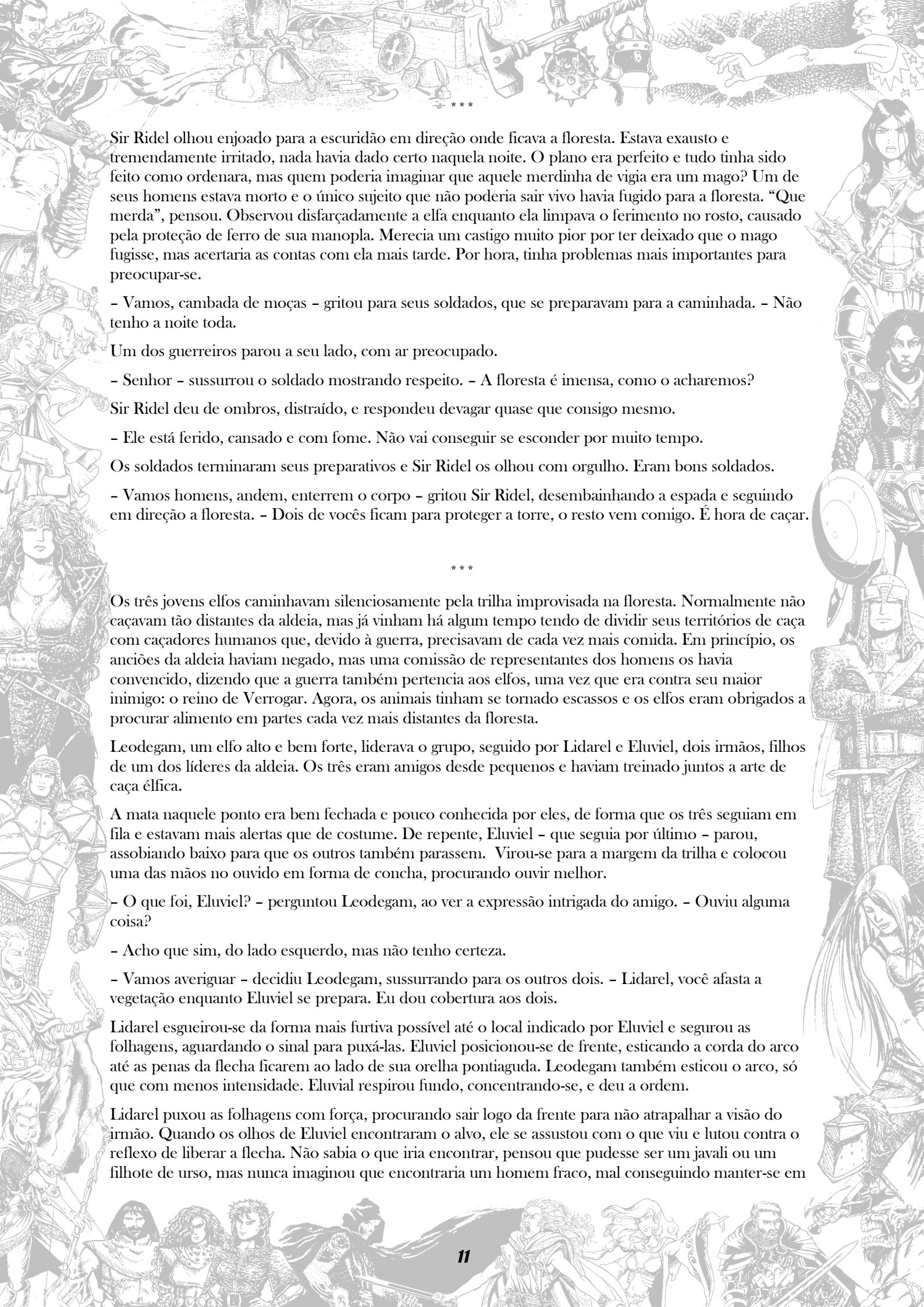
Lazarius ouviu o tilintar da armadura e levantou-se depressa, dessa vez sem usar apoio. O guerreiro se aproximava com um olhar assassino e de espada em punho. As mãos de Lazarius ardiavam como brasa e ele piscou para espalhar as lágrimas que embaçavam sua vista.

Sem aviso, Sir Ridel saltou em direção a Lazarius, deu uma estocada e Lazarius recuou, esquivando-se do golpe. O cavaleiro recuperou-se depressa, tornou a investir, e Lazarius deu mais um passo para trás, com a lâmina rasgando-lhe a blusa na altura do ombro. Os outros soldados assistiam a tudo divertidos, sem qualquer pretensão de interferir. Sabiam que seu líder gostaria de vingar-se da morte de seu companheiro pessoalmente e apenas mantiveram-se alertas caso o mago tentasse fugir. Lazarius deu um soco, errou e quase foi espetado pela espada, mas saiu da frente bem na hora. Lazarius sabia que teria de mudar de estratégia, pois não tinha qualquer chance contra aquele cavaleiro. Teve uma idéia. Contudo, essa era sua última tentativa. “Agora ou nunca”, pensou.

Sir Ridel olhou desconfiado quando o mago levantou as mãos feridas e fechou os olhos, murmurando palavras em uma língua estranha. Por um momento pensou que ele estivesse rezando, ou se rendendo, mas logo descobriu que não eram essas as intenções do rapaz.

De súbito, um forte clarão iluminou toda a área da torre, como se o próprio sol tivesse sido trazido a terra, fazendo com que a noite virasse dia por alguns instantes. Quando a claridade diminuiu, Lazarius abriu os olhos e viu todos os soldados desorientados, largando as espadas para esfregar os olhos ardidos com as mãos. Seu olhar percorreu o campo e ele se deparou com a elfa, que havia sido a única a entender as palavras pronunciadas por Lazarius, fechando os olhos a tempo de não sofrer com os efeitos da magia. Lazarius a olhou com angústia, preparando-se para caso ela tentasse detê-lo, mas a elfa não se moveu, permanecendo impassível.

Ele então avaliou suas possibilidades, mas não havia tempo nem alternativas, pois os soldados logo se recuperariam. Lembrou-se de Elric. Já se passavam horas desde a última vez que o viu e ele não voltara. Ou talvez ele tivesse voltado, visto o ataque e corrido até a guarnição mais próxima para pedir ajuda. De qualquer forma, não podia dar-se ao luxo de ficar conjecturando sobre o destino de Elric, precisava pensar em como salvar sua própria vida. Rezando para que o meio-elfo estivesse em segurança, girou nos calcanhares e penetrou na escuridão, correndo o mais rápido possível em direção à Floresta de Marviom, mais ao sul. No momento, sua única saída.



Sir Ridel olhou enjoado para a escuridão em direção onde ficava a floresta. Estava exausto e tremendamente irritado, nada havia dado certo naquela noite. O plano era perfeito e tudo tinha sido feito como ordenara, mas quem poderia imaginar que aquele merdinha de vigia era um mago? Um de seus homens estava morto e o único sujeito que não poderia sair vivo havia fugido para a floresta. “Que merda”, pensou. Observou disfarçadamente a elfa enquanto ela limpava o ferimento no rosto, causado pela proteção de ferro de sua manopla. Merecia um castigo muito pior por ter deixado que o mago fugisse, mas acertaria as contas com ela mais tarde. Por hora, tinha problemas mais importantes para preocupar-se.

- Vamos, cambada de moças - gritou para seus soldados, que se preparavam para a caminhada. - Não tenho a noite toda.

Um dos guerreiros parou a seu lado, com ar preocupado.

- Senhor - sussurrou o soldado mostrando respeito. - A floresta é imensa, como o acharemos?

Sir Ridel deu de ombros, distraído, e respondeu devagar quase que consigo mesmo.

- Ele está ferido, cansado e com fome. Não vai conseguir se esconder por muito tempo.

Os soldados terminaram seus preparativos e Sir Ridel os olhou com orgulho. Eram bons soldados.

- Vamos homens, andem, enterrem o corpo - gritou Sir Ridel, desembainhando a espada e seguindo em direção a floresta. - Dois de vocês ficam para proteger a torre, o resto vem comigo. É hora de caçar.

\*\*\*

Os três jovens elfos caminhavam silenciosamente pela trilha improvisada na floresta. Normalmente não caçavam tão distantes da aldeia, mas já vinham há algum tempo tendo de dividir seus territórios de caça com caçadores humanos que, devido à guerra, precisavam de cada vez mais comida. Em princípio, os anciões da aldeia haviam negado, mas uma comissão de representantes dos homens os havia convencido, dizendo que a guerra também pertencia aos elfos, uma vez que era contra seu maior inimigo: o reino de Verrogar. Agora, os animais tinham se tornado escassos e os elfos eram obrigados a procurar alimento em partes cada vez mais distantes da floresta.

Leodegam, um elfo alto e bem forte, liderava o grupo, seguido por Lidarel e Eluviel, dois irmãos, filhos de um dos líderes da aldeia. Os três eram amigos desde pequenos e haviam treinado juntos a arte de caça élfica.

A mata naquele ponto era bem fechada e pouco conhecida por eles, de forma que os três seguiam em fila e estavam mais alertas que de costume. De repente, Eluviel - que seguia por último - parou, assobiando baixo para que os outros também parassem. Virou-se para a margem da trilha e colocou uma das mãos no ouvido em forma de concha, procurando ouvir melhor.

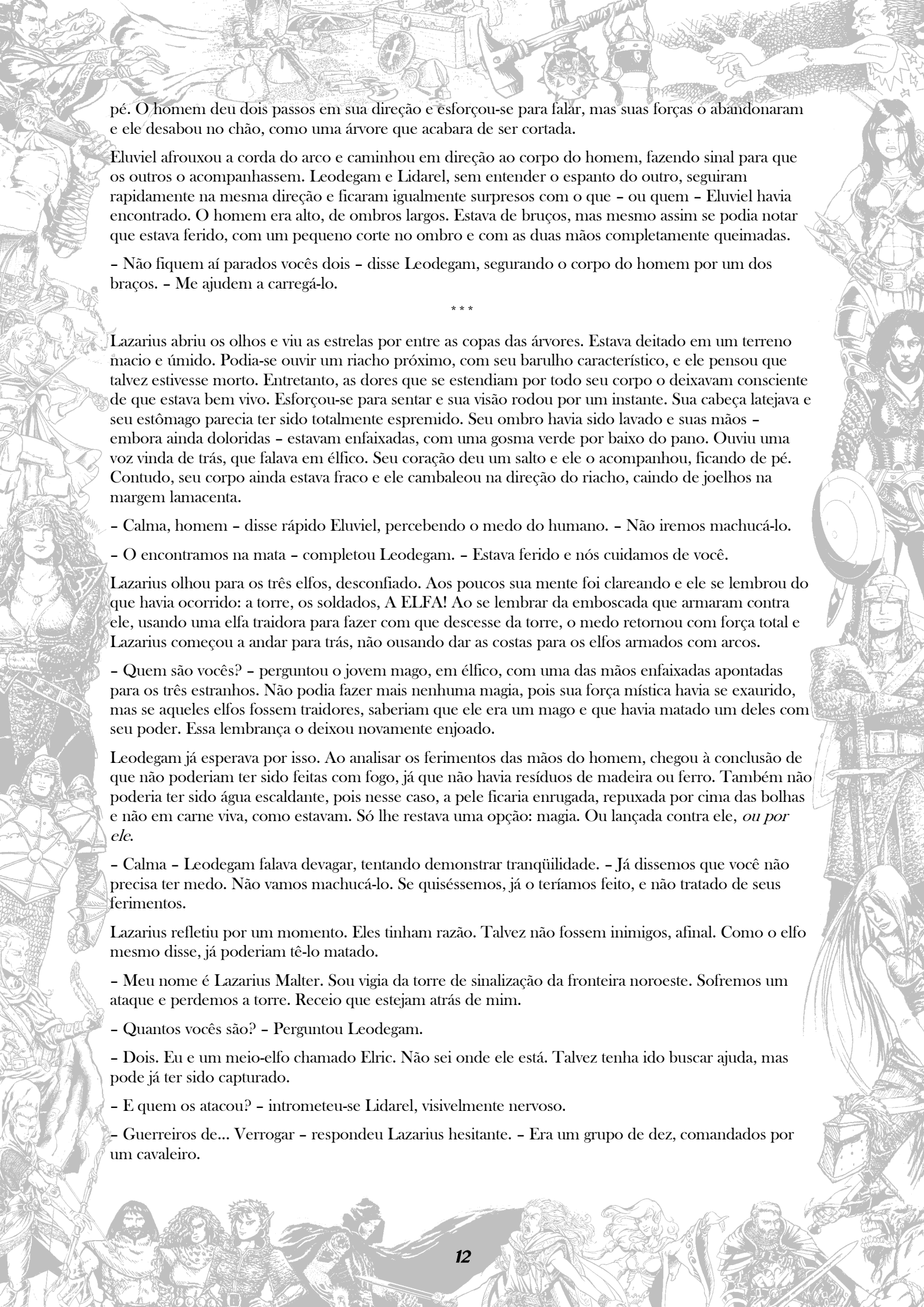
- O que foi, Eluviel? - perguntou Leodegam, ao ver a expressão intrigada do amigo. - Ouviu alguma coisa?

- Acho que sim, do lado esquerdo, mas não tenho certeza.

- Vamos averiguar - decidiu Leodegam, sussurrando para os outros dois. - Lidarel, você afasta a vegetação enquanto Eluviel se prepara. Eu dou cobertura aos dois.

Lidarel esgueirou-se da forma mais furtiva possível até o local indicado por Eluviel e segurou as folhagens, aguardando o sinal para puxá-las. Eluviel posicionou-se de frente, esticando a corda do arco até as penas da flecha ficarem ao lado de sua orelha pontiaguda. Leodegam também esticou o arco, só que com menos intensidade. Eluviel respirou fundo, concentrando-se, e deu a ordem.

Lidarel puxou as folhagens com força, procurando sair logo da frente para não atrapalhar a visão do irmão. Quando os olhos de Eluviel encontraram o alvo, ele se assustou com o que viu e lutou contra o reflexo de liberar a flecha. Não sabia o que iria encontrar, pensou que pudesse ser um javali ou um filhote de urso, mas nunca imaginou que encontraria um homem fraco, mal conseguindo manter-se em



pé. O homem deu dois passos em sua direção e esforçou-se para falar, mas suas forças o abandonaram e ele desabou no chão, como uma árvore que acabara de ser cortada.

Eluviel afrouxou a corda do arco e caminhou em direção ao corpo do homem, fazendo sinal para que os outros o acompanhassem. Leodegam e Lidarel, sem entender o espanto do outro, seguiram rapidamente na mesma direção e ficaram igualmente surpresos com o que – ou quem – Eluviel havia encontrado. O homem era alto, de ombros largos. Estava de bruços, mas mesmo assim se podia notar que estava ferido, com um pequeno corte no ombro e com as duas mãos completamente queimadas.

– Não fiquem aí parados vocês dois – disse Leodegam, segurando o corpo do homem por um dos braços. – Me ajudem a carregá-lo.

\*\*\*

Lazarius abriu os olhos e viu as estrelas por entre as copas das árvores. Estava deitado em um terreno macio e úmido. Podia-se ouvir um riacho próximo, com seu barulho característico, e ele pensou que talvez estivesse morto. Entretanto, as dores que se estendiam por todo seu corpo o deixavam consciente de que estava bem vivo. Esforçou-se para sentar e sua visão rodou por um instante. Sua cabeça latejava e seu estômago parecia ter sido totalmente espremido. Seu ombro havia sido lavado e suas mãos – embora ainda doloridas – estavam enfaixadas, com uma gosma verde por baixo do pano. Ouviu uma voz vinda de trás, que falava em élfico. Seu coração deu um salto e ele o acompanhou, ficando de pé. Contudo, seu corpo ainda estava fraco e ele cambaleou na direção do riacho, caindo de joelhos na margem lamacenta.

– Calma, homem – disse rápido Eluviel, percebendo o medo do humano. – Não iremos machucá-lo.

– O encontramos na mata – completou Leodegam. – Estava ferido e nós cuidamos de você.

Lazarius olhou para os três elfos, desconfiado. Aos poucos sua mente foi clareando e ele se lembrou do que havia ocorrido: a torre, os soldados, A ELFA! Ao se lembrar da emboscada que armaram contra ele, usando uma elfa traidora para fazer com que descesse da torre, o medo retornou com força total e Lazarius começou a andar para trás, não ousando dar as costas para os elfos armados com arcos.

– Quem são vocês? – perguntou o jovem mago, em élfico, com uma das mãos enfaixadas apontadas para os três estranhos. Não podia fazer mais nenhuma magia, pois sua força mística havia se exaurido, mas se aqueles elfos fossem traidores, saberiam que ele era um mago e que havia matado um deles com seu poder. Essa lembrança o deixou novamente enjoado.

Leodegam já esperava por isso. Ao analisar os ferimentos das mãos do homem, chegou à conclusão de que não poderiam ter sido feitas com fogo, já que não havia resíduos de madeira ou ferro. Também não poderia ter sido água escaldante, pois nesse caso, a pele ficaria enrugada, repuxada por cima das bolhas e não em carne viva, como estavam. Só lhe restava uma opção: magia. Ou lançada contra ele, *ou por ele*.

– Calma – Leodegam falava devagar, tentando demonstrar tranquilidade. – Já dissemos que você não precisa ter medo. Não vamos machucá-lo. Se quiséssemos, já o teríamos feito, e não tratado de seus ferimentos.

Lazarius refletiu por um momento. Eles tinham razão. Talvez não fossem inimigos, afinal. Como o elfo mesmo disse, já poderiam tê-lo matado.

– Meu nome é Lazarius Malter. Sou vigia da torre de sinalização da fronteira noroeste. Sofremos um ataque e perdemos a torre. Receio que estejam atrás de mim.

– Quantos vocês são? – Perguntou Leodegam.

– Dois. Eu e um meio-elfo chamado Elric. Não sei onde ele está. Talvez tenha ido buscar ajuda, mas pode já ter sido capturado.

– E quem os atacou? – intrometeu-se Lidarel, visivelmente nervoso.

– Guerreiros de... Verrogar – respondeu Lazarius hesitante. – Era um grupo de dez, comandados por um cavaleiro.



- Verrogar! Você disse Verrogar?! - os três elfos falaram juntos, entreolhando-se. - Precisamos fazer algo, urgente!

\*\*\*

O dia já estava amanhecendo quando Sir Ridel olhou por entre as folhagens o grupo parado na margem do rio. Já estava ali há quase uma hora, desde que os três elfos chegaram com o corpo do mago para lavar seus ferimentos. Praguejou contra a sorte daquele homem. Até agora ele havia conseguido escapar e sempre com um golpe de sorte. Será que seu deus o estava protegendo? Duvidava. Sempre soube que os magos não rezavam para os deuses, tinha certeza de que eles seguiam os demônios. Convivera com magos algumas vezes, principalmente depois que recebeu o título de cavaleiro. Por umas quatro vezes participara de missões para a corte onde magos estavam presentes. E eles sempre levavam toda a glória. Sir Ridel odiava os magos. Achava que não passavam de demonistas covardes, que usavam forças oriundas dos planos infernais ao seu bel prazer. Era sempre a mesma coisa: não importava o quanto ele e seus homens fossem eficientes e corajosos, se houvesse um mago entre eles, este seria aclamado como o grande herói. Aquele que com seu poder trouxe a vitória para Verrogar. Que honra havia nisso? Onde estava o orgulho merecido aos cavaleiros?

Agora, aquele mago merdinha estava cercado de elfos. Sir Ridel odiava os elfos ainda mais do que os magos, pois, embora tivesse visto poucos elfos em toda sua vida, ouvira falar que todos já nasciam magos. Isso já era demais. Era a gota d'água.

Uma gargalhada estridente arrancou o cavaleiro de seus devaneios. Ele olhou para o grupo e viu que estavam rindo. Em princípio, o mago pareceu desconfiar dos três elfos, mas agora já estava bem mais relaxado. Tinha que agir logo, pois caso os elfos levassem o mago para sua vila, estaria tudo perdido. Olhou em volta. Seus homens estavam agachados na mata, com as espadas em punho, apenas aguardando seu sinal. Sir Ridel não havia pensado em lutar contra magos, nem contra elfos numa floresta, mas aquela incursão já havia saído totalmente dos padrões. Não havia volta. Só lhe restava ordenar o ataque.

E ele ordenou.

\*\*\*

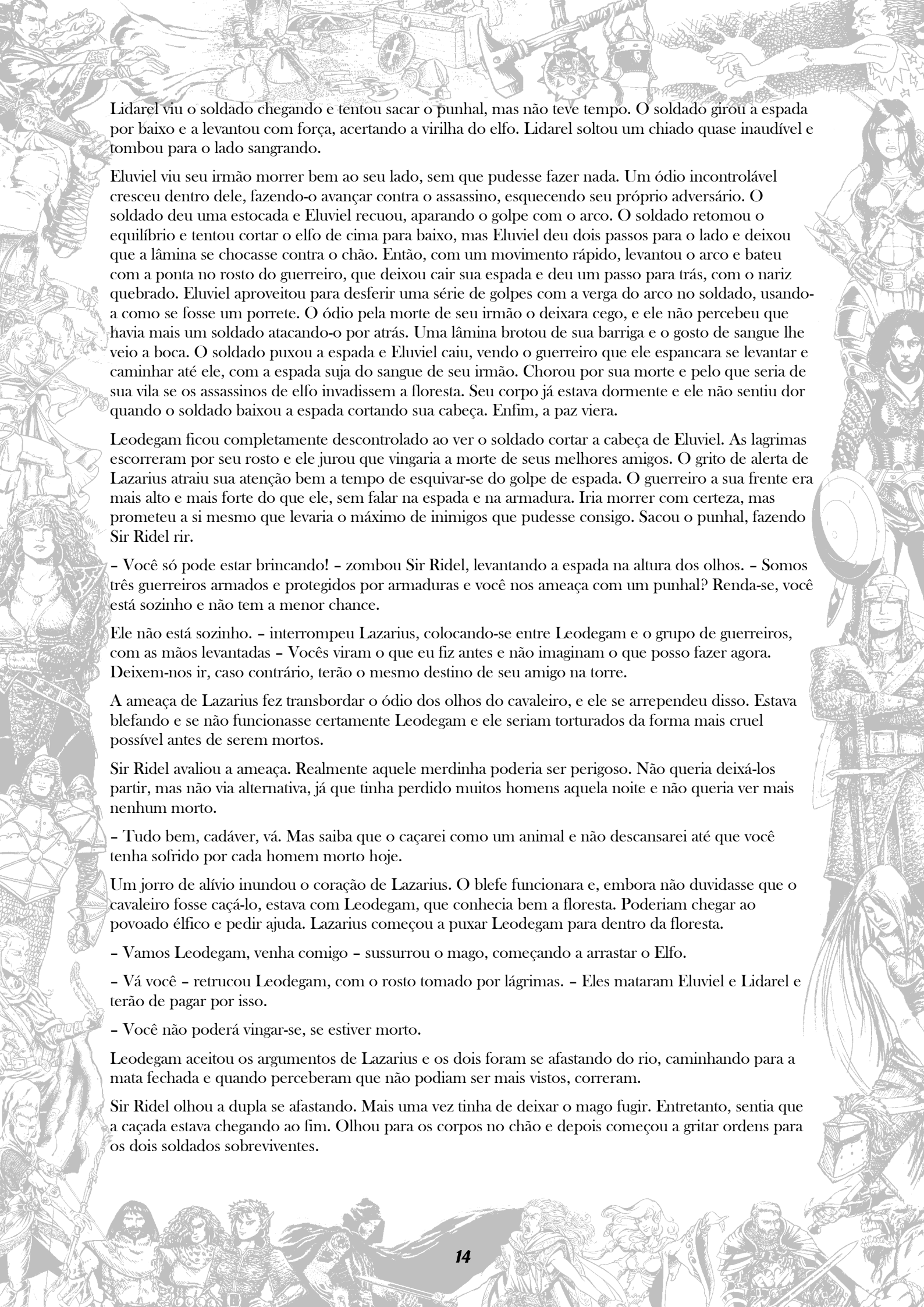
Lazarius já estava gostando daqueles elfos. Embora fossem meio antipáticos, eram bons e haviam salvado sua vida. Não conseguia ver neles nada daquela loucura que tanto falavam. Ao contrário, os achava até engraçados, principalmente quando Eluviel o imitava pedindo ajuda.

- Vamos voltar à aldeia - sugeriu Leodegam, colocando a aljava no ombro. - Lá você estará seguro e nós formaremos um grupo para procurar seu am...

Leodegam foi interrompido pelo barulho do choque de metal e terra, entrecortado por gritos furiosos. Os quatro se viraram para a floresta e viram sete guerreiros correndo e brandindo suas espadas em uma carga alucinada. O pânico tomou conta do grupo e os elfos sacaram seus arcos. Atirar com arcos para os elfos era tão natural quanto cuspir ou falar. Leodegam tirou uma flecha da aljava e a colocou no arco, esticou a corda ao máximo e soltou, pegando outra em seguida. Seu movimento foi acompanhado pelos outros dois elfos e então as terceiras flechas estavam nas cordas quando as primeiras atingiram o alvo. E logo, uma chuva de flechas caiu assobiando sobre o grupo de guerreiros.

Sir Ridel viu o céu ficar salpicado com as pontas metálicas, e logo dois de seus guerreiros caíram com flechas trespassadas em seus corpos. Ele então gritou para que aumentassem a velocidade, mas outra saravada de flechas chegou cantando e picando. Um soldado ao lado esquerdo de Sir Ridel teve seu crânio atravessado, espirando sangue na armadura do cavaleiro. Os malditos não paravam de atirar e Sir Ridel ouviu novamente o assobio das flechas e o barulho oco das estocadas na terra. Era uma música lamentosa, como uma sinfonia tocada pelo próprio demônio. Mais uma saravada, mais um soldado morto. Era o inferno, tinha certeza.

Lazarius assistia a tudo assustado, nunca vira tantos homens mortos. Tentava sentir pena, mas não conseguia. Aqueles homens tentaram matá-lo e ele sentia-se aliviado cada vez que um gritava de dor. Só restavam três guerreiros quando os grupos se chocaram, mas mesmo com a igualdade numérica, ficou clara a superioridade dos guerreiros em um combate corpo-a-corpo.



Lidarel viu o soldado chegando e tentou sacar o punhal, mas não teve tempo. O soldado girou a espada por baixo e a levantou com força, acertando a virilha do elfo. Lidarel soltou um chiado quase inaudível e tombou para o lado sangrando.

Eluviel viu seu irmão morrer bem ao seu lado, sem que pudesse fazer nada. Um ódio incontrolável cresceu dentro dele, fazendo-o avançar contra o assassino, esquecendo seu próprio adversário. O soldado deu uma estocada e Eluviel recuou, aparando o golpe com o arco. O soldado retomou o equilíbrio e tentou cortar o elfo de cima para baixo, mas Eluviel deu dois passos para o lado e deixou que a lâmina se chocasse contra o chão. Então, com um movimento rápido, levantou o arco e bateu com a ponta no rosto do guerreiro, que deixou cair sua espada e deu um passo para trás, com o nariz quebrado. Eluviel aproveitou para desferir uma série de golpes com a verga do arco no soldado, usando-a como se fosse um porrete. O ódio pela morte de seu irmão o deixara cego, e ele não percebeu que havia mais um soldado atacando-o por trás. Uma lâmina brotou de sua barriga e o gosto de sangue lhe veio a boca. O soldado puxou a espada e Eluviel caiu, vendo o guerreiro que ele espancara se levantar e caminhar até ele, com a espada suja do sangue de seu irmão. Chorou por sua morte e pelo que seria de sua vila se os assassinos de elfo invadissem a floresta. Seu corpo já estava dormente e ele não sentiu dor quando o soldado baixou a espada cortando sua cabeça. Enfim, a paz viera.

Leodegam ficou completamente descontrolado ao ver o soldado cortar a cabeça de Eluviel. As lágrimas escorreram por seu rosto e ele jurou que vingaria a morte de seus melhores amigos. O grito de alerta de Lazarius atraiu sua atenção bem a tempo de esquivar-se do golpe de espada. O guerreiro a sua frente era mais alto e mais forte do que ele, sem falar na espada e na armadura. Iria morrer com certeza, mas prometeu a si mesmo que levaria o máximo de inimigos que pudesse consigo. Sacou o punhal, fazendo Sir Ridel rir.

- Você só pode estar brincando! - zombou Sir Ridel, levantando a espada na altura dos olhos. - Somos três guerreiros armados e protegidos por armaduras e você nos ameaça com um punhal? Renda-se, você está sozinho e não tem a menor chance.

Ele não está sozinho. - interrompeu Lazarius, colocando-se entre Leodegam e o grupo de guerreiros, com as mãos levantadas - Vocês viram o que eu fiz antes e não imaginam o que posso fazer agora. Deixem-nos ir, caso contrário, terão o mesmo destino de seu amigo na torre.

A ameaça de Lazarius fez transbordar o ódio dos olhos do cavaleiro, e ele se arrependeu disso. Estava blefando e se não funcionasse certamente Leodegam e ele seriam torturados da forma mais cruel possível antes de serem mortos.

Sir Ridel avaliou a ameaça. Realmente aquele merdinha poderia ser perigoso. Não queria deixá-los partir, mas não via alternativa, já que tinha perdido muitos homens aquela noite e não queria ver mais nenhum morto.

- Tudo bem, cadáver, vá. Mas saiba que o caçarei como um animal e não descansarei até que você tenha sofrido por cada homem morto hoje.

Um jorro de alívio inundou o coração de Lazarius. O blefe funcionara e, embora não duvidasse que o cavaleiro fosse caçá-lo, estava com Leodegam, que conhecia bem a floresta. Poderiam chegar ao povoado élfico e pedir ajuda. Lazarius começou a puxar Leodegam para dentro da floresta.

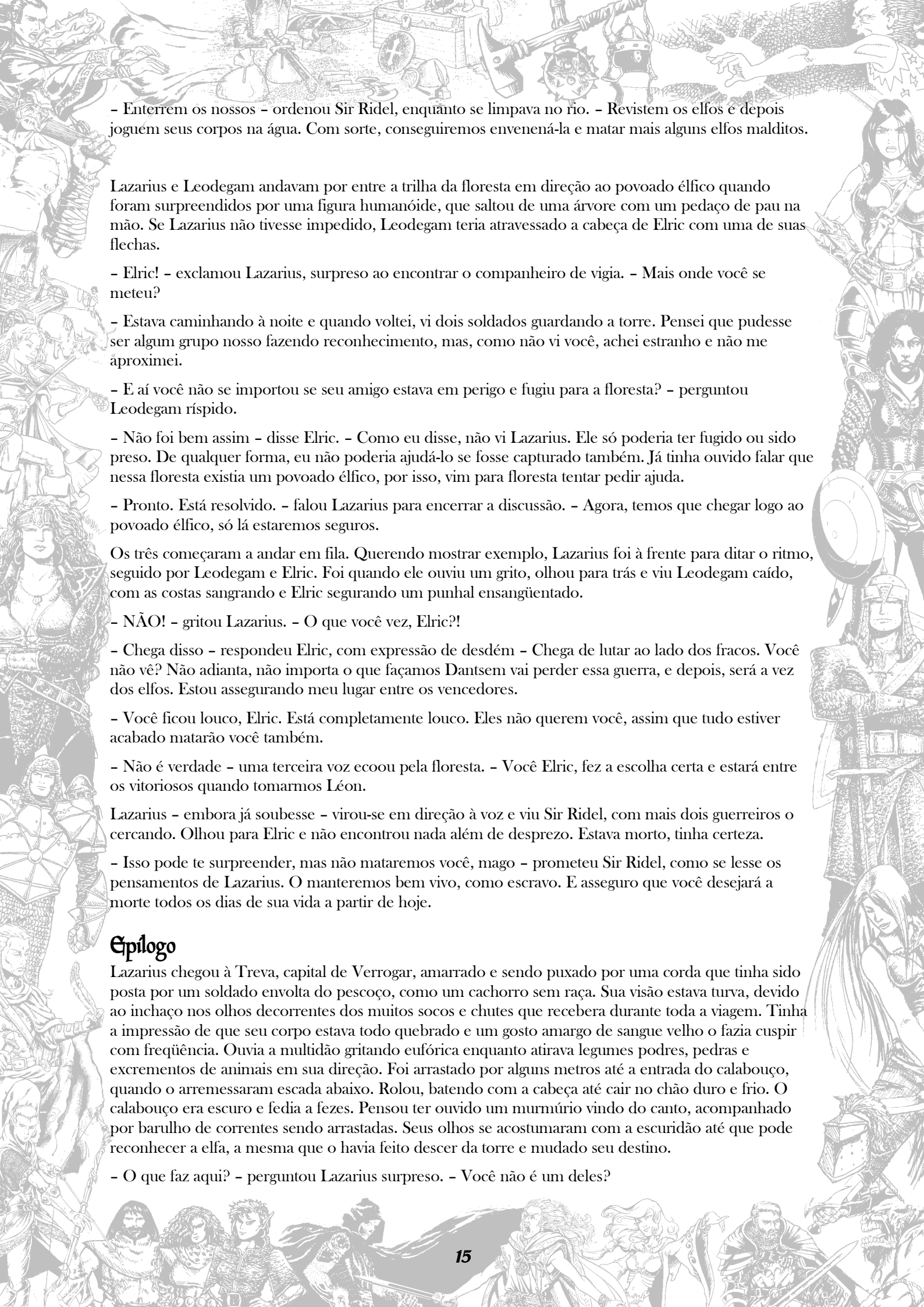
- Vamos Leodegam, venha comigo - sussurrou o mago, começando a arrastar o Elfo.

- Vá você - retrucou Leodegam, com o rosto tomado por lágrimas. - Eles mataram Eluviel e Lidarel e terão de pagar por isso.

- Você não poderá vingar-se, se estiver morto.

Leodegam aceitou os argumentos de Lazarius e os dois foram se afastando do rio, caminhando para a mata fechada e quando perceberam que não podiam ser mais vistos, correram.

Sir Ridel olhou a dupla se afastando. Mais uma vez tinha de deixar o mago fugir. Entretanto, sentia que a caçada estava chegando ao fim. Olhou para os corpos no chão e depois começou a gritar ordens para os dois soldados sobreviventes.



- Enterrem os nossos - ordenou Sir Ridel, enquanto se limpava no rio. - Revistem os elfos e depois joguem seus corpos na água. Com sorte, conseguiremos envenená-la e matar mais alguns elfos malditos.

Lazarius e Leodegam andavam por entre a trilha da floresta em direção ao povoado élfico quando foram surpreendidos por uma figura humanóide, que saltou de uma árvore com um pedaço de pau na mão. Se Lazarius não tivesse impedido, Leodegam teria atravessado a cabeça de Elric com uma de suas flechas.

- Elric! - exclamou Lazarius, surpreso ao encontrar o companheiro de vigia. - Mais onde você se meteu?

- Estava caminhando à noite e quando voltei, vi dois soldados guardando a torre. Pensei que pudesse ser algum grupo nosso fazendo reconhecimento, mas, como não vi você, achei estranho e não me aproximei.

- E aí você não se importou se seu amigo estava em perigo e fugiu para a floresta? - perguntou Leodegam ríspido.

- Não foi bem assim - disse Elric. - Como eu disse, não vi Lazarius. Ele só poderia ter fugido ou sido preso. De qualquer forma, eu não poderia ajudá-lo se fosse capturado também. Já tinha ouvido falar que nessa floresta existia um povoado élfico, por isso, vim para floresta tentar pedir ajuda.

- Pronto. Está resolvido. - falou Lazarius para encerrar a discussão. - Agora, temos que chegar logo ao povoado élfico, só lá estaremos seguros.

Os três começaram a andar em fila. Querendo mostrar exemplo, Lazarius foi à frente para ditar o ritmo, seguido por Leodegam e Elric. Foi quando ele ouviu um grito, olhou para trás e viu Leodegam caído, com as costas sangrando e Elric segurando um punhal ensanguentado.

- NÃO! - gritou Lazarius. - O que você fez, Elric?!

- Chega disso - respondeu Elric, com expressão de desdém - Chega de lutar ao lado dos fracos. Você não vê? Não adianta, não importa o que façamos Dantsem vai perder essa guerra, e depois, será a vez dos elfos. Estou assegurando meu lugar entre os vencedores.

- Você ficou louco, Elric. Está completamente louco. Eles não querem você, assim que tudo estiver acabado matarão você também.

- Não é verdade - uma terceira voz ecoou pela floresta. - Você Elric, fez a escolha certa e estará entre os vitoriosos quando tomarmos Léon.

Lazarius - embora já soubesse - virou-se em direção à voz e viu Sir Ridel, com mais dois guerreiros o cercando. Olhou para Elric e não encontrou nada além de desprezo. Estava morto, tinha certeza.

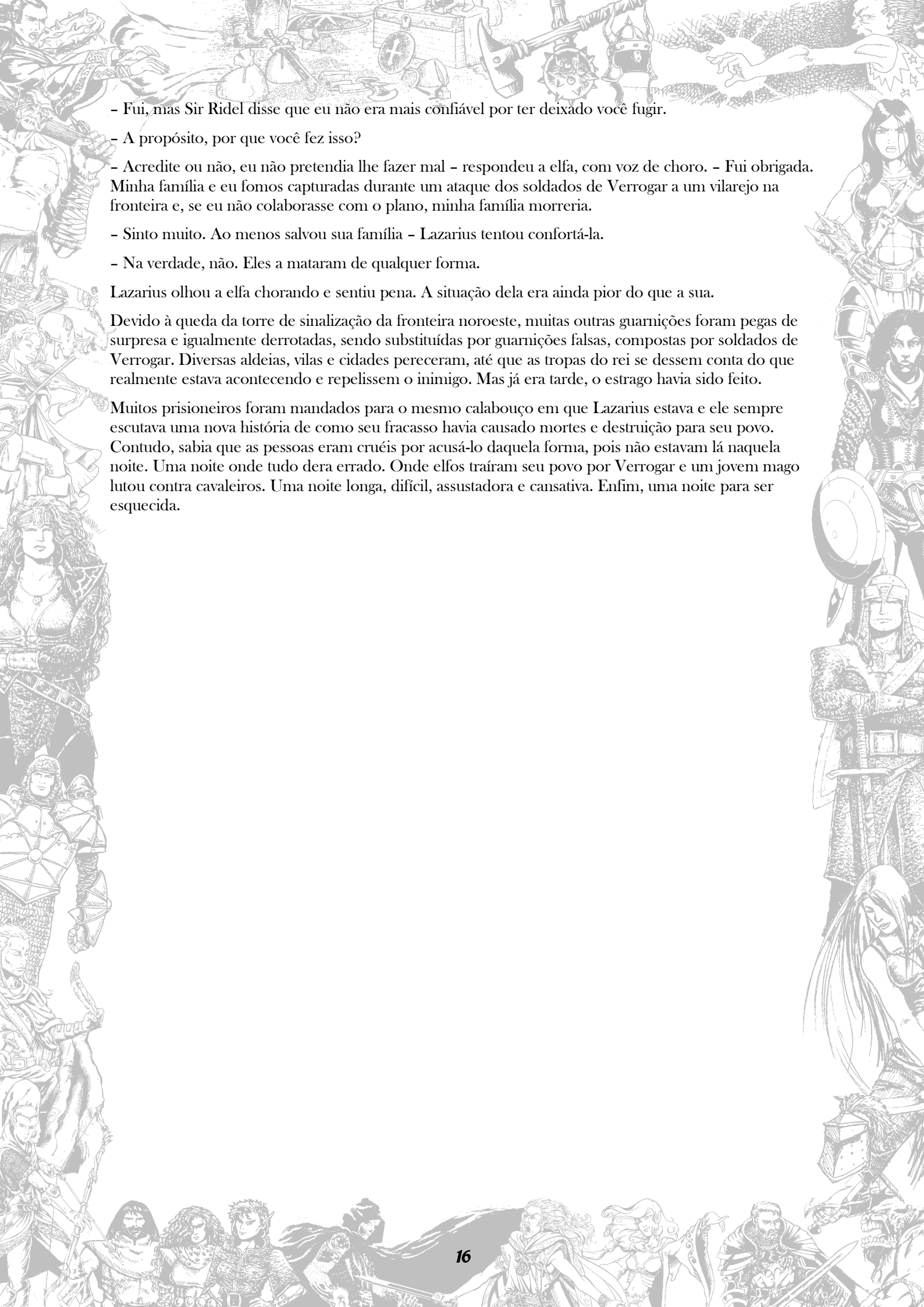
- Isso pode te surpreender, mas não mataremos você, mago - prometeu Sir Ridel, como se lesse os pensamentos de Lazarius. O manteremos bem vivo, como escravo. E asseguro que você desejará a morte todos os dias de sua vida a partir de hoje.

## Epílogo

Lazarius chegou à Treva, capital de Verrogar, amarrado e sendo puxado por uma corda que tinha sido posta por um soldado envolta do pescoço, como um cachorro sem raça. Sua visão estava turva, devido ao inchaço nos olhos decorrentes dos muitos socos e chutes que recebera durante toda a viagem. Tinha a impressão de que seu corpo estava todo quebrado e um gosto amargo de sangue velho o fazia cuspir com frequência. Ouvia a multidão gritando eufórica enquanto atirava legumes podres, pedras e excrementos de animais em sua direção. Foi arrastado por alguns metros até a entrada do calabouço, quando o arremessaram escada abaixo. Rolou, batendo com a cabeça até cair no chão duro e frio. O calabouço era escuro e fedia a fezes. Pensou ter ouvido um murmúrio vindo do canto, acompanhado por barulho de correntes sendo arrastadas. Seus olhos se acostumaram com a escuridão até que pode reconhecer a elfa, a mesma que o havia feito descer da torre e mudado seu destino.

- O que faz aqui? - perguntou Lazarius surpreso. - Você não é um deles?





- Fui, mas Sir Ridel disse que eu não era mais confiável por ter deixado você fugir.

- A propósito, por que você fez isso?

- acredite ou não, eu não pretendia lhe fazer mal - respondeu a elfa, com voz de choro. - Fui obrigada. Minha família e eu fomos capturadas durante um ataque dos soldados de Verrogar a um vilarejo na fronteira e, se eu não colaborasse com o plano, minha família morreria.

- Sinto muito. Ao menos salvou sua família - Lazarius tentou confortá-la.

- Na verdade, não. Eles a mataram de qualquer forma.

Lazarius olhou a elfa chorando e sentiu pena. A situação dela era ainda pior do que a sua.

Devido à queda da torre de sinalização da fronteira noroeste, muitas outras guarnições foram pegas de surpresa e igualmente derrotadas, sendo substituídas por guarnições falsas, compostas por soldados de Verrogar. Diversas aldeias, vilas e cidades pereceram, até que as tropas do rei se dessem conta do que realmente estava acontecendo e repelisses o inimigo. Mas já era tarde, o estrago havia sido feito.

Muitos prisioneiros foram mandados para o mesmo calabouço em que Lazarius estava e ele sempre escutava uma nova história de como seu fracasso havia causado mortes e destruição para seu povo. Contudo, sabia que as pessoas eram cruéis por acusá-lo daquela forma, pois não estavam lá naquela noite. Uma noite onde tudo dera errado. Onde elfos traíram seu povo por Verrogar e um jovem mago lutou contra cavaleiros. Uma noite longa, difícil, assustadora e cansativa. Enfim, uma noite para ser esquecida.



# Arnach Ronan Baromir

Por Renato Curty

Nascido no palácio de seu pai, o Conde Édipo de Baldor, no extremo sul de Plana, o gêmeo Arnach (em antigo Malês Setentrional, “morto-há-eras”) foi o escolhido por Édipo, um poderoso demonista, para ser sacrificado em nome do demônio MaldorFruz. Seu irmão, Philis (“Luz”, em élfico do oeste) foi entregue nos braços de sua mãe, Éalana, enquanto mentiam sobre a morte do outro gêmeo.

O ritual profano seria realizado por Édipo na floresta élfica Shagrat. Seria, se não fosse a intervenção dos elfos florestais daquele lugar. O conde foi banido e seus diáconos morreram perfurados por flechas élficas. Os elfos, então, acolheram a criança que seria sacrificada julgando ser este o destino escolhido por Palier.

(Arnach não conhece os fatos até aqui descritos, pois os elfos nunca lhe contaram).

\*\*\*

Só soube que fui acolhido por elfos de Shagrat quando ainda sequer sabia falar. Na minha alma, eu sempre me perguntava o porquê disso. Essa palavra, “acolhido”, é um exagero, claro. Os elfos de Shagrat, extremamente xenófobos, nunca admitiram a permanência de outro “leigo” (era como eles chamam todos os não-elfos), além de mim, nas suas sagradas florestas. Nunca recebi o carinho de qualquer “mãe” e continuamente sofria perseguições das outras crianças élficas na minha infância. Sempre soube que era adotado; o velho Éolin, sacerdote do templo de Palier, fazia questão de me dizer isso a cada oportunidade. Entende meus questionamentos agora? Será que o morrer abandonado não teria sido menos sofrido?

Nessa época, realmente, não me importava em fazer o trabalho pesado, numa tentativa desesperada de uma criança em ser aceita. Todo meu trabalho era nada para eles... até os meus dez anos de idade, nunca haviam me ensinado o Élfico, nem letras nem palavras. Todos falavam comigo o Malês comum, usavam comigo a língua dos homens para que eu nunca me esquecesse de minha condição de ser um humano, e não um elfo. Claro como o Sol, não?

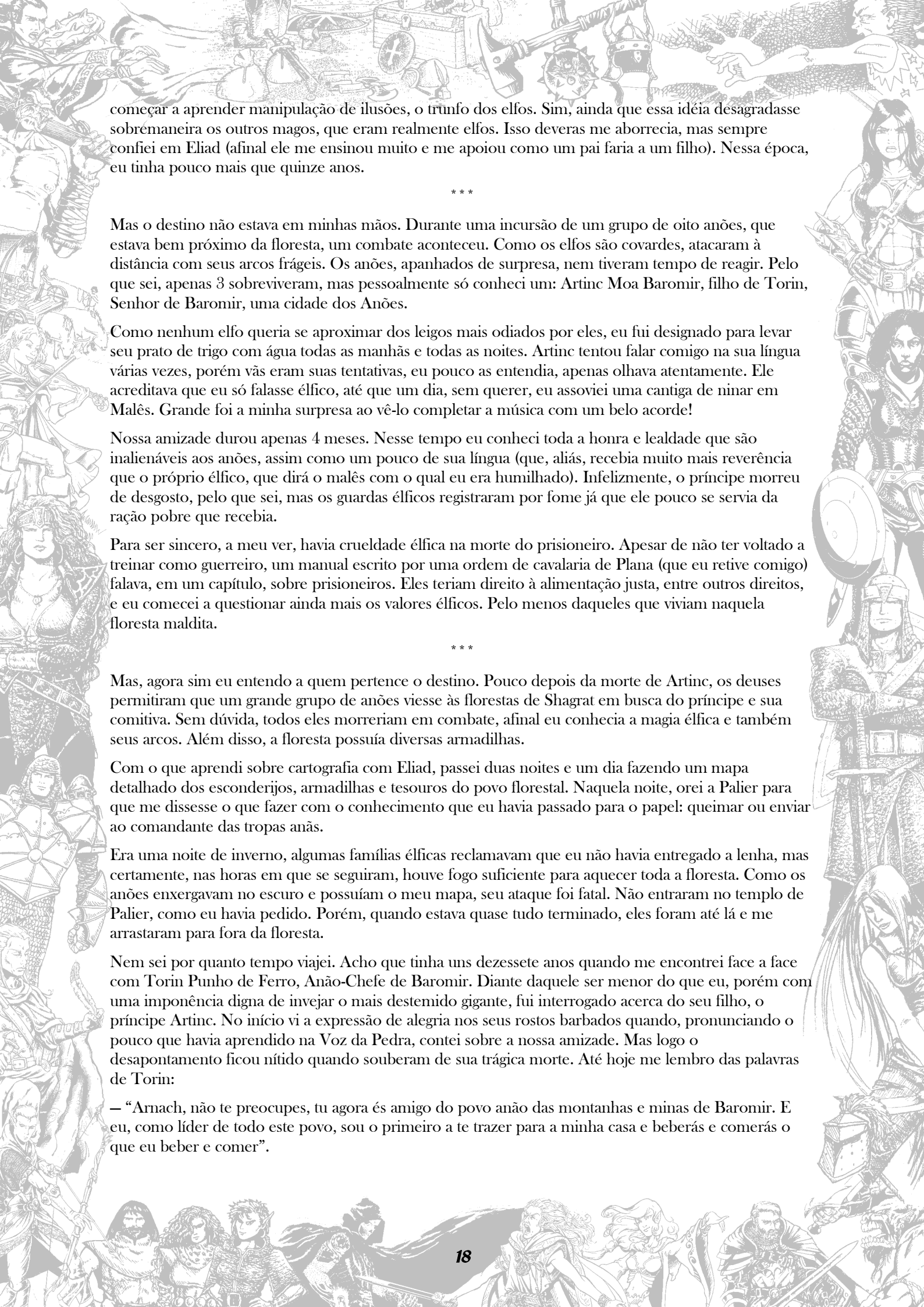
Como eu era mais forte que a média (aliás, tenho certeza, se não fosse a magia, os elfos já estariam mortos há eras - como o meu nome), fui designado para ser treinado como um guerreiro. Eles confiavam apenas no arco e alguns poucos usavam gládios. Queriam que me tornasse um arqueiro, porém a essa altura já estava revoltado com a maneira como todos me tratavam e rejeitei o treinamento militar élfico. Obviamente, fui punido.

Como punição, me colocaram na escória de toda a sua sociedade, a pior ocupação para um elfo: eu seria um lenhador. Era engraçado, cômico mesmo, já que no inverno todos precisavam de lenha, mas oravam antes, durante e após a queima, com medo de que Maira, sua deusa, os desgraçasse. Posso não ser sacerdote, mas se uma deusa precisa de orações tão falsas assim, palavras essas apenas para proteger seus interesses, que dirá do lugar que Maira tem preparado para eles assim que morrerem...

Como nas outras estações eu ficava mais livre e, embora os elfos mais jovens jamais admitissem, era muito inteligente, por isso fui recebido como pupilo por Eliad Vood, um mago elementalista de Shagrat. Pelo menos um terço dos elfos adultos (acima de cento e vinte e três anos) passavam pelo colégio da luz de Shagrat (Colégio Lítuen - luz eterna, em élfico). Poucos realmente ficavam. Passei então a acreditar nas palavras que o velho Éolin sempre dizia: “Palier só abençoa os escolhidos. Os outros são leigos, nada mais”.

Com doze anos, Eliad me ensinou a escrita élfica, história, geografia e princípios de teoria mágica. Aos treze já havia dominado a língua élfica, a lógica dos números e já sabia concentrar Energia Elétrica nas mãos, mesmo que ela não sáisse de lá. Foi aí que recebi meu primeiro sobrenome - Ronan, que significa “meia-luz”.

Nunca mais parei de aprender. Conheci a manipulação de luz e escuridão e poderia até matar um desavisado com o Raio que eu liberava, apesar da dificuldade em me concentrar. Dentro de um ano iria



começar a aprender manipulação de ilusões, o triunfo dos elfos. Sim, ainda que essa idéia desagradasse sobremaneira os outros magos, que eram realmente elfos. Isso deveras me aborrecia, mas sempre confiei em Eliad (afinal ele me ensinou muito e me apoiou como um pai faria a um filho). Nessa época, eu tinha pouco mais que quinze anos.

\*\*\*

Mas o destino não estava em minhas mãos. Durante uma incursão de um grupo de oito anões, que estava bem próximo da floresta, um combate aconteceu. Como os elfos são covardes, atacaram à distância com seus arcos frágeis. Os anões, apanhados de surpresa, nem tiveram tempo de reagir. Pelo que sei, apenas 3 sobreviveram, mas pessoalmente só conheci um: Artinc Moa Baromir, filho de Torin, Senhor de Baromir, uma cidade dos Anões.

Como nenhum elfo queria se aproximar dos leigos mais odiados por eles, eu fui designado para levar seu prato de trigo com água todas as manhãs e todas as noites. Artinc tentou falar comigo na sua língua várias vezes, porém vãs eram suas tentativas, eu pouco as entendia, apenas olhava atentamente. Ele acreditava que eu só falasse élfico, até que um dia, sem querer, eu assoviei uma cantiga de ninar em Malês. Grande foi a minha surpresa ao vê-lo completar a música com um belo acorde!

Nossa amizade durou apenas 4 meses. Nesse tempo eu conheci toda a honra e lealdade que são inalienáveis aos anões, assim como um pouco de sua língua (que, aliás, recebia muito mais reverência que o próprio élfico, que dirá o malês com o qual eu era humilhado). Infelizmente, o príncipe morreu de desgosto, pelo que sei, mas os guardas élficos registraram por fome já que ele pouco se servia da ração pobre que recebia.

Para ser sincero, a meu ver, havia crueldade élfica na morte do prisioneiro. Apesar de não ter voltado a treinar como guerreiro, um manual escrito por uma ordem de cavalaria de Plana (que eu retive comigo) falava, em um capítulo, sobre prisioneiros. Eles teriam direito à alimentação justa, entre outros direitos, e eu comeci a questionar ainda mais os valores élficos. Pelo menos daqueles que viviam naquela floresta maldita.

\*\*\*

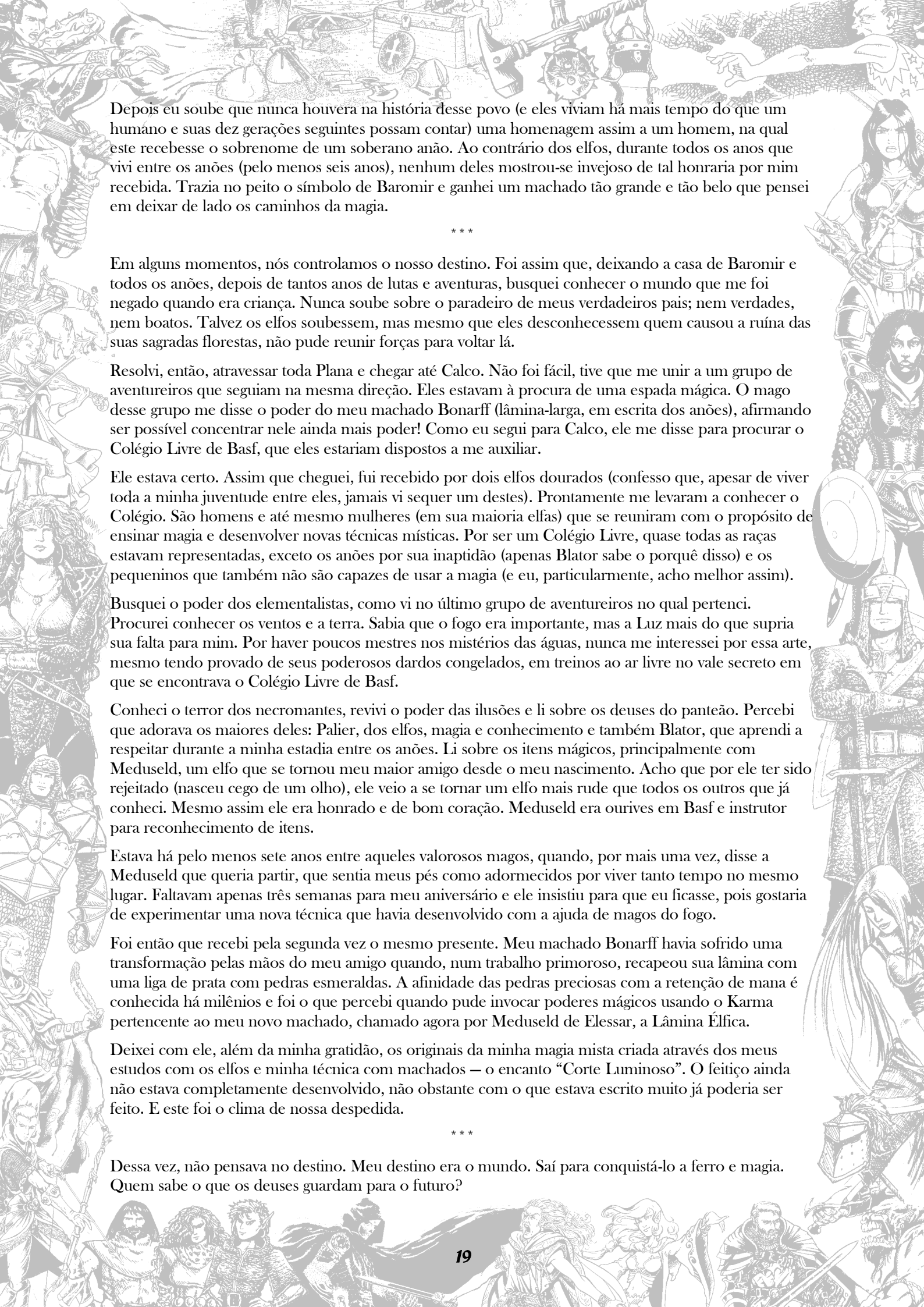
Mas, agora sim eu entendo a quem pertence o destino. Pouco depois da morte de Artinc, os deuses permitiram que um grande grupo de anões viesse às florestas de Shagrat em busca do príncipe e sua comitiva. Sem dúvida, todos eles morreriam em combate, afinal eu conhecia a magia élfica e também seus arcos. Além disso, a floresta possuía diversas armadilhas.

Com o que aprendi sobre cartografia com Eliad, passei duas noites e um dia fazendo um mapa detalhado dos esconderijos, armadilhas e tesouros do povo florestal. Naquela noite, orei a Palier para que me dissesse o que fazer com o conhecimento que eu havia passado para o papel: queimar ou enviar ao comandante das tropas anãs.

Era uma noite de inverno, algumas famílias élficas reclamavam que eu não havia entregado a lenha, mas certamente, nas horas em que se seguiram, houve fogo suficiente para aquecer toda a floresta. Como os anões enxergavam no escuro e possuíam o meu mapa, seu ataque foi fatal. Não entraram no templo de Palier, como eu havia pedido. Porém, quando estava quase tudo terminado, eles foram até lá e me arrastaram para fora da floresta.

Nem sei por quanto tempo viajei. Acho que tinha uns dezessete anos quando me encontrei face a face com Torin Punho de Ferro, Anão-Chefe de Baromir. Diante daquele ser menor do que eu, porém com uma imponência digna de invejar o mais destemido gigante, fui interrogado acerca do seu filho, o príncipe Artinc. No início vi a expressão de alegria nos seus rostos barbados quando, pronunciando o pouco que havia aprendido na Voz da Pedra, contei sobre a nossa amizade. Mas logo o desapontamento ficou nítido quando souberam de sua trágica morte. Até hoje me lembro das palavras de Torin:

— “Arnach, não te preocupes, tu agora és amigo do povo anão das montanhas e minas de Baromir. E eu, como líder de todo este povo, sou o primeiro a te trazer para a minha casa e beberás e comerás o que eu beber e comer”.



Depois eu soube que nunca houvera na história desse povo (e eles viviam há mais tempo do que um humano e suas dez gerações seguintes possam contar) uma homenagem assim a um homem, na qual este recebesse o sobrenome de um soberano anão. Ao contrário dos elfos, durante todos os anos que vivi entre os anões (pelo menos seis anos), nenhum deles mostrou-se invejoso de tal honraria por mim recebida. Trazia no peito o símbolo de Baromir e ganhei um machado tão grande e tão belo que pensei em deixar de lado os caminhos da magia.

\*\*\*

Em alguns momentos, nós controlamos o nosso destino. Foi assim que, deixando a casa de Baromir e todos os anões, depois de tantos anos de lutas e aventuras, busquei conhecer o mundo que me foi negado quando era criança. Nunca soube sobre o paradeiro de meus verdadeiros pais; nem verdades, nem boatos. Talvez os elfos soubessem, mas mesmo que eles desconhecessem quem causou a ruína das suas sagradas florestas, não pude reunir forças para voltar lá.

Resolvi, então, atravessar toda Plana e chegar até Calco. Não foi fácil, tive que me unir a um grupo de aventureiros que seguiam na mesma direção. Eles estavam à procura de uma espada mágica. O mago desse grupo me disse o poder do meu machado Bonarff (lâmina-larga, em escrita dos anões), afirmando ser possível concentrar nele ainda mais poder! Como eu segui para Calco, ele me disse para procurar o Colégio Livre de Basf, que eles estariam dispostos a me auxiliar.

Ele estava certo. Assim que cheguei, fui recebido por dois elfos dourados (confesso que, apesar de viver toda a minha juventude entre eles, jamais vi sequer um destes). Prontamente me levaram a conhecer o Colégio. São homens e até mesmo mulheres (em sua maioria elfas) que se reuniram com o propósito de ensinar magia e desenvolver novas técnicas místicas. Por ser um Colégio Livre, quase todas as raças estavam representadas, exceto os anões por sua inaptidão (apenas Blator sabe o porquê disso) e os pequeninos que também não são capazes de usar a magia (e eu, particularmente, acho melhor assim).

Busquei o poder dos elementalistas, como vi no último grupo de aventureiros no qual pertenci. Procurei conhecer os ventos e a terra. Sabia que o fogo era importante, mas a Luz mais do que supria sua falta para mim. Por haver poucos mestres nos mistérios das águas, nunca me interessei por essa arte, mesmo tendo provado de seus poderosos dardos congelados, em treinos ao ar livre no vale secreto em que se encontrava o Colégio Livre de Basf.

Conheci o terror dos necromantes, revivi o poder das ilusões e li sobre os deuses do panteão. Percebi que adorava os maiores deles: Palier, dos elfos, magia e conhecimento e também Blator, que aprendi a respeitar durante a minha estadia entre os anões. Li sobre os itens mágicos, principalmente com Meduseld, um elfo que se tornou meu maior amigo desde o meu nascimento. Acho que por ele ter sido rejeitado (nasceu cego de um olho), ele veio a se tornar um elfo mais rude que todos os outros que já conheci. Mesmo assim ele era honrado e de bom coração. Meduseld era ourives em Basf e instrutor para reconhecimento de itens.

Estava há pelo menos sete anos entre aqueles valorosos magos, quando, por mais uma vez, disse a Meduseld que queria partir, que sentia meus pés como adormecidos por viver tanto tempo no mesmo lugar. Faltavam apenas três semanas para meu aniversário e ele insistiu para que eu ficasse, pois gostaria de experimentar uma nova técnica que havia desenvolvido com a ajuda de magos do fogo.

Foi então que recebi pela segunda vez o mesmo presente. Meu machado Bonarff havia sofrido uma transformação pelas mãos do meu amigo quando, num trabalho primoroso, recapeou sua lâmina com uma liga de prata com pedras esmeraldas. A afinidade das pedras preciosas com a retenção de mana é conhecida há milênios e foi o que percebi quando pude invocar poderes mágicos usando o Karma pertencente ao meu novo machado, chamado agora por Meduseld de Elessar, a Lâmina Élfica.

Deixei com ele, além da minha gratidão, os originais da minha magia mista criada através dos meus estudos com os elfos e minha técnica com machados — o encanto “Corte Luminoso”. O feitiço ainda não estava completamente desenvolvido, não obstante com o que estava escrito muito já poderia ser feito. E este foi o clima de nossa despedida.

\*\*\*

Dessa vez, não pensava no destino. Meu destino era o mundo. Saí para conquistá-lo a ferro e magia. Quem sabe o que os deuses guardam para o futuro?



# O Cálice

Por Thiago Gomes da Silva

Cidade de Caliana, Reino de Marana, Outono de 1500 D.C.

É entardecer na cidade que faz fronteira com a Floresta de Fiorna. Logo após encontra-se o Reino de Luna assolado pela peste. Faz um pouco de frio em Caliana. Venta muito, a cidade fica silenciosa e indiferente. Ela está com um aspecto dourado devido ao baixar do Sol, decorada com um verdadeiro tapete de folhas-secas num tom amarelo-alaranjado. Caliana sabe que o inverno virá em breve, os pinheiros de Fiorna estão anunciando isso, a maioria está perdendo já as últimas folhas. Maira Vet sopra o fim do Outono.

Mas o silêncio da cidade não é unânime. Na casa do Mestre Armeiro Balder, há muita inquietação: na cama, Letícia, sua mulher, envolta em lençóis, geme sem parar de dor e febre, deixando-o muito preocupado. Do lado de fora do quarto a porta é aberta e ele vai em direção ao homem que a examinava, perguntando ansiosamente:

— E então, ela vai ficar boa, não é? Eu sei que vai, ela é muito forte...

O homem é Algamir, um mago. Ele responde com a mão direita no queixo:

— Meu velho amigo, tente se acalmar. Infelizmente devido à forte febre, as manchas pelo corpo e as bolhas, ela realmente está com a peste.

Balder sente uma faísca de desespero percorrer-lhe o peito, é como se ele já soubesse disso, mas precisava escutar a confirmação de uma mente sábia. Então ele diz confiante para Algamir:

— Eu temia sua resposta, mas ela já era aguardada, por isso tomei a liberdade de convocar nossos antigos companheiros. Estou aguardando-os ainda essa noite.

Algamir, com um simples olhar, concorda, e pensa sobre o reencontro da Espada Celestial.

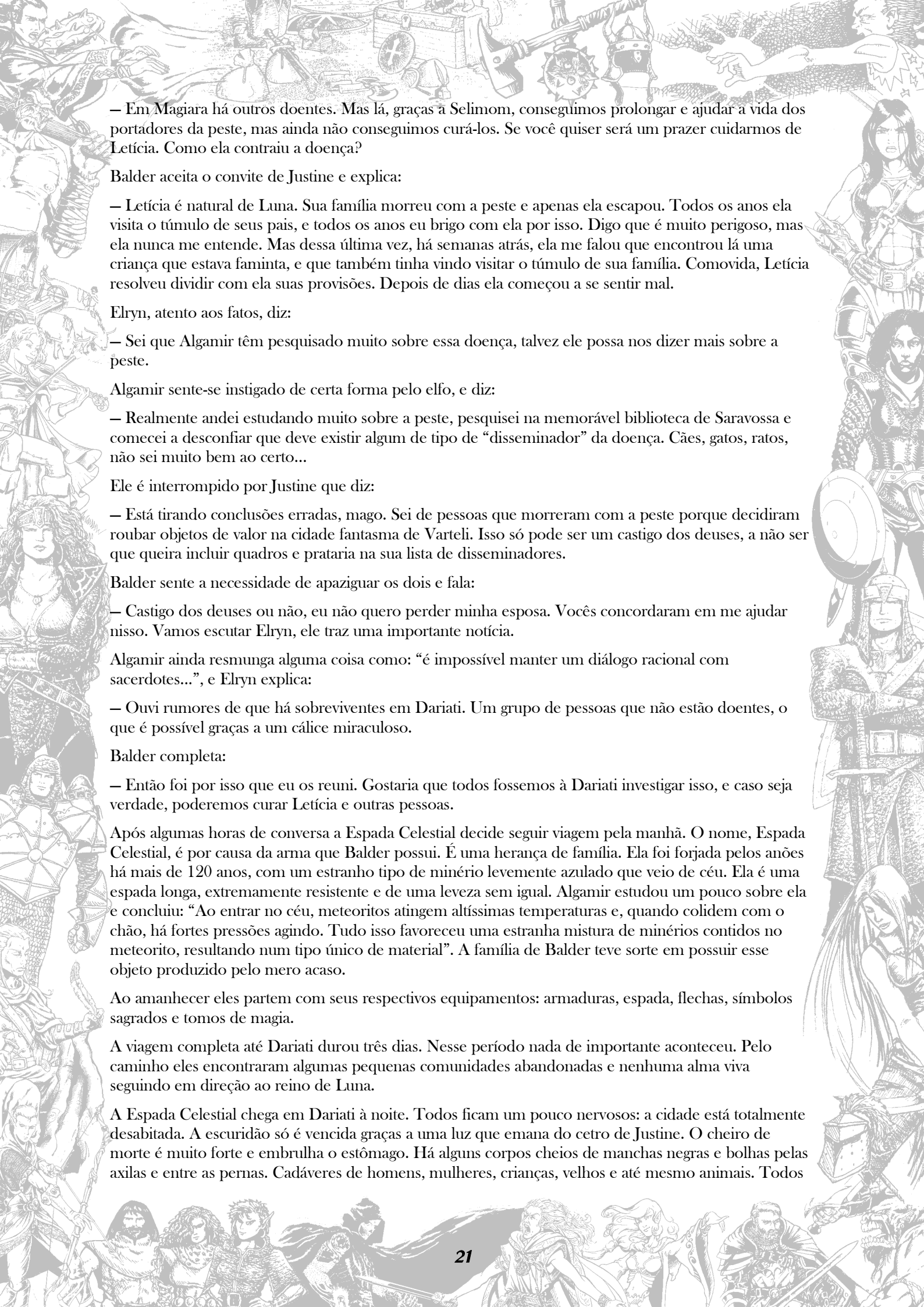
Anoitece, a temperatura baixa mais ainda. Balder, juntamente com Algamir, recebe seu antigo grupo de aventuras com um olhar pesado e triste. O primeiro a chegar veio das vizinhanças; da floresta de pinheiros de Fiorna. Ele é Elryn, um Rastreador elfo florestal, que porta o Arco do Longo Alcance. Essa arma mágica, como o próprio nome diz, é capaz de lançar flechas até o limite da visão do portador, e atinge o alvo com o mesmo impacto de um disparo à distância normal. Essa propriedade, somado com os sentidos bastante aguçados de Elryn o tornam um Rastreador temível em batalhas.

Logo após, Justine, uma sacerdotisa de Selimom, o Deus da paz e do amor. Ela veio de Magiara, cidade ao norte, referência em tratamentos médicos de toda Tagmar. Justine sempre foi muito dedicada à sua fé, mas durante o convívio em aventuras por anos com Balder, aos poucos foi apresentada a sentimentos desconhecidos e proibidos para pessoas que exercem o sacerdócio. Ela teve de deixar a Espada Celestial na tentativa de enterrar esses sentimentos, indo ajudar os doentes em Magiara para seguir sua vocação.

Todos estão comovidos com o estado de Letícia. Os dois fizeram uma breve visita a ela e deixaram palavras de esperança. Em seguida, foram conversar próximos à calorosa lareira. Lá, Balder, com os olhos marejados, prepara no fogo um delicioso cozido com carne de cervo e legumes. No meio do fúnebre silêncio Balder começa o discurso:

— Há cinco anos não nos vemos. Gostaria que nosso reencontro fosse de outra forma, mas como vocês viram, minha amada Letícia está com a peste. Eu os reuni essa noite, em nome de nossa antiga amizade, para decidirmos como ajudá-la: vocês estão comigo?

Um “sim” unânime é ouvido. Justine olha para Balder e timidamente diz:



— Em Magiara há outros doentes. Mas lá, graças a Selimom, conseguimos prolongar e ajudar a vida dos portadores da peste, mas ainda não conseguimos curá-los. Se você quiser será um prazer cuidarmos de Letícia. Como ela contraiu a doença?

Balder aceita o convite de Justine e explica:

— Letícia é natural de Luna. Sua família morreu com a peste e apenas ela escapou. Todos os anos ela visita o túmulo de seus pais, e todos os anos eu brigo com ela por isso. Digo que é muito perigoso, mas ela nunca me entende. Mas dessa última vez, há semanas atrás, ela me falou que encontrou lá uma criança que estava faminta, e que também tinha vindo visitar o túmulo de sua família. Comovida, Letícia resolveu dividir com ela suas provisões. Depois de dias ela começou a se sentir mal.

Elryn, atento aos fatos, diz:

— Sei que Algimir têm pesquisado muito sobre essa doença, talvez ele possa nos dizer mais sobre a peste.

Algimir sente-se instigado de certa forma pelo elfo, e diz:

— Realmente andei estudando muito sobre a peste, pesquisei na memorável biblioteca de Saravossa e comecei a desconfiar que deve existir algum de tipo de “disseminador” da doença. Cães, gatos, ratos, não sei muito bem ao certo...

Ele é interrompido por Justine que diz:

— Está tirando conclusões erradas, mago. Sei de pessoas que morreram com a peste porque decidiram roubar objetos de valor na cidade fantasma de Varteli. Isso só pode ser um castigo dos deuses, a não ser que queira incluir quadros e prataria na sua lista de disseminadores.

Balder sente a necessidade de apaziguar os dois e fala:

— Castigo dos deuses ou não, eu não quero perder minha esposa. Vocês concordaram em me ajudar nisso. Vamos escutar Elryn, ele traz uma importante notícia.

Algimir ainda resmunga alguma coisa como: “é impossível manter um diálogo racional com sacerdotes...”, e Elryn explica:

— Ouí rumores de que há sobreviventes em Dariati. Um grupo de pessoas que não estão doentes, o que é possível graças a um cálice miraculoso.

Balder completa:

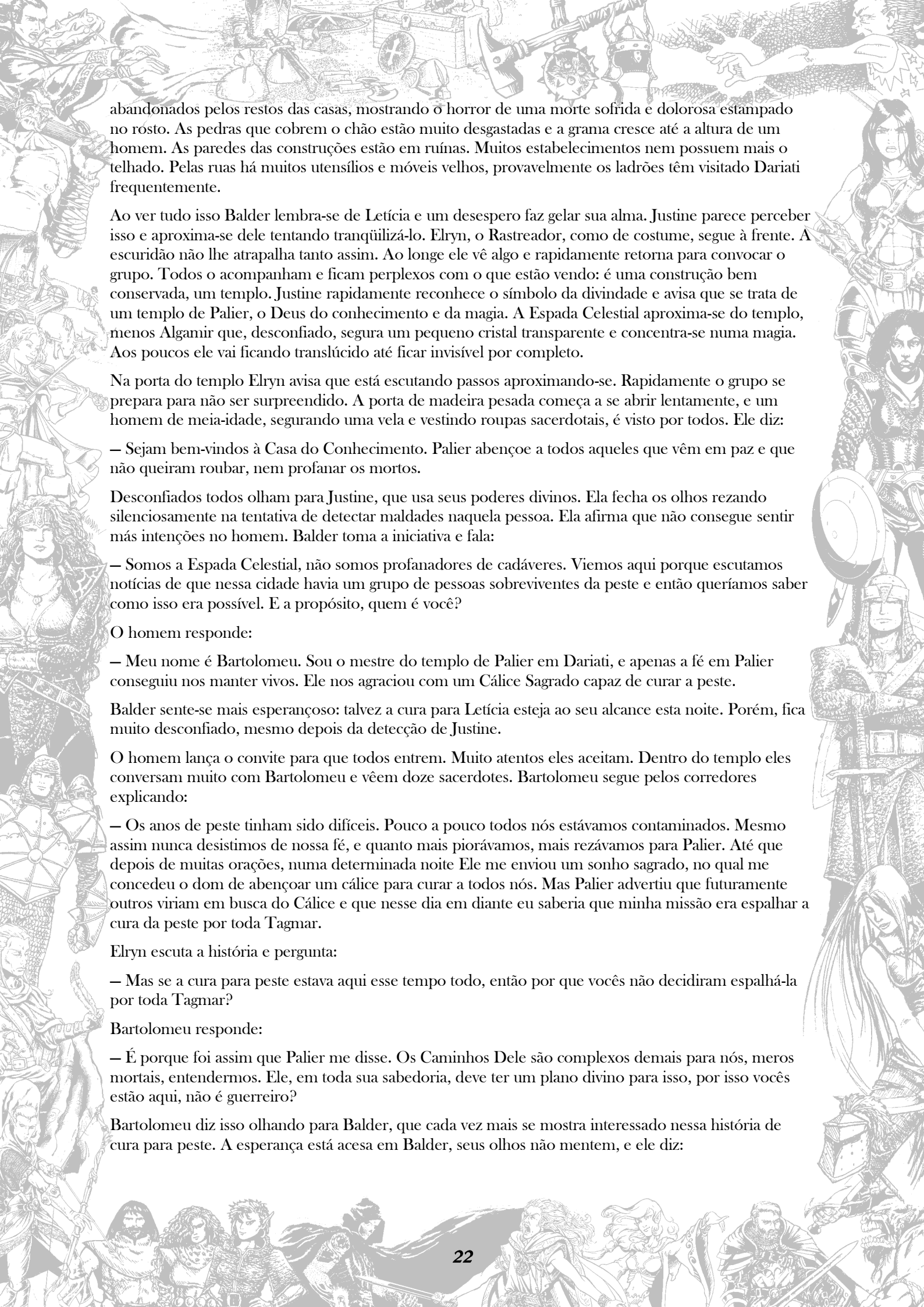
— Então foi por isso que eu os reuni. Gostaria que todos fossemos à Dariati investigar isso, e caso seja verdade, poderemos curar Letícia e outras pessoas.

Após algumas horas de conversa a Espada Celestial decide seguir viagem pela manhã. O nome, Espada Celestial, é por causa da arma que Balder possui. É uma herança de família. Ela foi forjada pelos anões há mais de 120 anos, com um estranho tipo de minério levemente azulado que veio de céu. Ela é uma espada longa, extremamente resistente e de uma leveza sem igual. Algimir estudou um pouco sobre ela e concluiu: “Ao entrar no céu, meteoritos atingem altíssimas temperaturas e, quando colidem com o chão, há fortes pressões agindo. Tudo isso favoreceu uma estranha mistura de minérios contidos no meteorito, resultando num tipo único de material”. A família de Balder teve sorte em possuir esse objeto produzido pelo mero acaso.

Ao amanhecer eles partem com seus respectivos equipamentos: armaduras, espada, flechas, símbolos sagrados e tomos de magia.

A viagem completa até Dariati durou três dias. Nesse período nada de importante aconteceu. Pelo caminho eles encontraram algumas pequenas comunidades abandonadas e nenhuma alma viva seguindo em direção ao reino de Luna.

A Espada Celestial chega em Dariati à noite. Todos ficam um pouco nervosos: a cidade está totalmente desabitada. A escuridão só é vencida graças a uma luz que emana do cetro de Justine. O cheiro de morte é muito forte e embrulha o estômago. Há alguns corpos cheios de manchas negras e bolhas pelas axilas e entre as pernas. Cadáveres de homens, mulheres, crianças, velhos e até mesmo animais. Todos



abandonados pelos restos das casas, mostrando o horror de uma morte sofrida e dolorosa estampado no rosto. As pedras que cobrem o chão estão muito desgastadas e a grama cresce até a altura de um homem. As paredes das construções estão em ruínas. Muitos estabelecimentos nem possuem mais o telhado. Pelas ruas há muitos utensílios e móveis velhos, provavelmente os ladrões têm visitado Dariati frequentemente.

Ao ver tudo isso Balder lembra-se de Letícia e um desespero faz gelar sua alma. Justine parece perceber isso e aproxima-se dele tentando tranquilizá-lo. Elryn, o Rastreador, como de costume, segue à frente. A escuridão não lhe atrapalha tanto assim. Ao longe ele vê algo e rapidamente retorna para convocar o grupo. Todos o acompanham e ficam perplexos com o que estão vendo: é uma construção bem conservada, um templo. Justine rapidamente reconhece o símbolo da divindade e avisa que se trata de um templo de Palier, o Deus do conhecimento e da magia. A Espada Celestial aproxima-se do templo, menos Algimir que, desconfiado, segura um pequeno cristal transparente e concentra-se numa magia. Aos poucos ele vai ficando translúcido até ficar invisível por completo.

Na porta do templo Elryn avisa que está escutando passos aproximando-se. Rapidamente o grupo se prepara para não ser surpreendido. A porta de madeira pesada começa a se abrir lentamente, e um homem de meia-idade, segurando uma vela e vestindo roupas sacerdotais, é visto por todos. Ele diz:

— Sejam bem-vindos à Casa do Conhecimento. Palier abençoe a todos aqueles que vêm em paz e que não queiram roubar, nem profanar os mortos.

Desconfiados todos olham para Justine, que usa seus poderes divinos. Ela fecha os olhos rezando silenciosamente na tentativa de detectar maldades naquela pessoa. Ela afirma que não consegue sentir más intenções no homem. Balder toma a iniciativa e fala:

— Somos a Espada Celestial, não somos profanadores de cadáveres. Viemos aqui porque escutamos notícias de que nessa cidade havia um grupo de pessoas sobreviventes da peste e então queríamos saber como isso era possível. E a propósito, quem é você?

O homem responde:

— Meu nome é Bartolomeu. Sou o mestre do templo de Palier em Dariati, e apenas a fé em Palier conseguiu nos manter vivos. Ele nos agraciou com um Cálice Sagrado capaz de curar a peste.

Balder sente-se mais esperançoso: talvez a cura para Letícia esteja ao seu alcance esta noite. Porém, fica muito desconfiado, mesmo depois da detecção de Justine.

O homem lança o convite para que todos entrem. Muito atentos eles aceitam. Dentro do templo eles conversam muito com Bartolomeu e vêem doze sacerdotes. Bartolomeu segue pelos corredores explicando:

— Os anos de peste tinham sido difíceis. Pouco a pouco todos nós estávamos contaminados. Mesmo assim nunca desistimos de nossa fé, e quanto mais piorávamos, mais rezávamos para Palier. Até que depois de muitas orações, numa determinada noite Ele me enviou um sonho sagrado, no qual me concedeu o dom de abençoar um cálice para curar a todos nós. Mas Palier advertiu que futuramente outros viriam em busca do Cálice e que nesse dia em diante eu saberia que minha missão era espalhar a cura da peste por toda Tagmar.

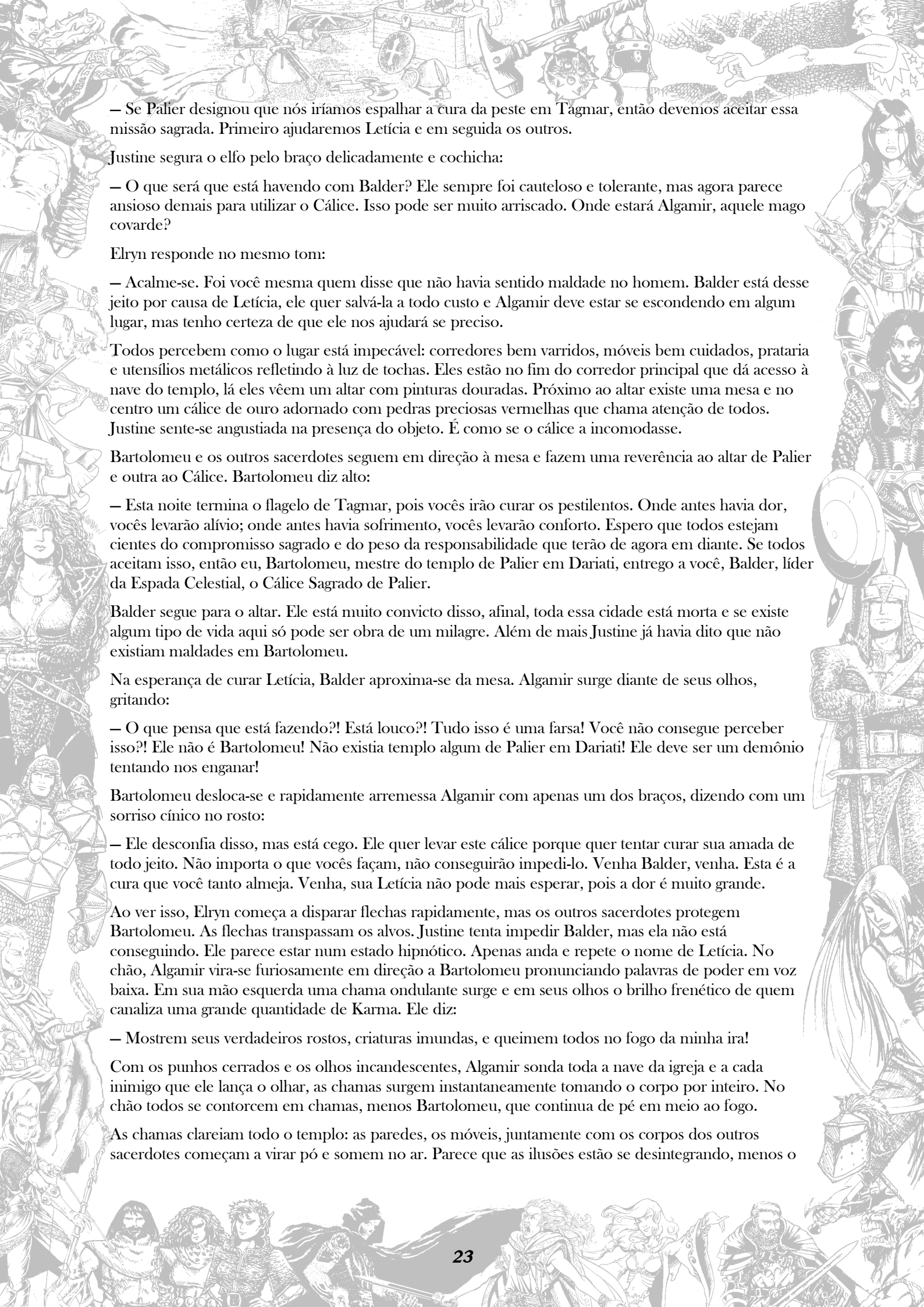
Elryn escuta a história e pergunta:

— Mas se a cura para peste estava aqui esse tempo todo, então por que vocês não decidiram espalhá-la por toda Tagmar?

Bartolomeu responde:

— É porque foi assim que Palier me disse. Os Caminhos Dele são complexos demais para nós, meros mortais, entendermos. Ele, em toda sua sabedoria, deve ter um plano divino para isso, por isso vocês estão aqui, não é guerreiro?

Bartolomeu diz isso olhando para Balder, que cada vez mais se mostra interessado nessa história de cura para peste. A esperança está acesa em Balder, seus olhos não mentem, e ele diz:



— Se Palier designou que nós iríamos espalhar a cura da peste em Tagmar, então devemos aceitar essa missão sagrada. Primeiro ajudaremos Letícia e em seguida os outros.

Justine segura o elfo pelo braço delicadamente e cochicha:

— O que será que está havendo com Balder? Ele sempre foi cauteloso e tolerante, mas agora parece ansioso demais para utilizar o Cálice. Isso pode ser muito arriscado. Onde estará Algimir, aquele mago covarde?

Elryn responde no mesmo tom:

— Acalme-se. Foi você mesma quem disse que não havia sentido maldade no homem. Balder está desse jeito por causa de Letícia, ele quer salvá-la a todo custo e Algimir deve estar se escondendo em algum lugar, mas tenho certeza de que ele nos ajudará se preciso.

Todos percebem como o lugar está impecável: corredores bem varridos, móveis bem cuidados, prataria e utensílios metálicos refletindo à luz de tochas. Eles estão no fim do corredor principal que dá acesso à nave do templo, lá eles vêem um altar com pinturas douradas. Próximo ao altar existe uma mesa e no centro um cálice de ouro adornado com pedras preciosas vermelhas que chama atenção de todos. Justine sente-se angustiada na presença do objeto. É como se o cálice a incomodasse.

Bartolomeu e os outros sacerdotes seguem em direção à mesa e fazem uma reverência ao altar de Palier e outra ao Cálice. Bartolomeu diz alto:

— Esta noite termina o flagelo de Tagmar, pois vocês irão curar os pestilentos. Onde antes havia dor, vocês levarão alívio; onde antes havia sofrimento, vocês levarão conforto. Espero que todos estejam cientes do compromisso sagrado e do peso da responsabilidade que terão de agora em diante. Se todos aceitam isso, então eu, Bartolomeu, mestre do templo de Palier em Dariati, entrego a você, Balder, líder da Espada Celestial, o Cálice Sagrado de Palier.

Balder segue para o altar. Ele está muito convicto disso, afinal, toda essa cidade está morta e se existe algum tipo de vida aqui só pode ser obra de um milagre. Além de mais Justine já havia dito que não existiam maldades em Bartolomeu.

Na esperança de curar Letícia, Balder aproxima-se da mesa. Algimir surge diante de seus olhos, gritando:

— O que pensa que está fazendo?! Está louco?! Tudo isso é uma farsa! Você não consegue perceber isso?! Ele não é Bartolomeu! Não existia templo algum de Palier em Dariati! Ele deve ser um demônio tentando nos enganar!

Bartolomeu desloca-se e rapidamente arremessa Algimir com apenas um dos braços, dizendo com um sorriso cínico no rosto:

— Ele desconfia disso, mas está cego. Ele quer levar este cálice porque quer tentar curar sua amada de todo jeito. Não importa o que vocês façam, não conseguirão impedi-lo. Venha Balder, venha. Esta é a cura que você tanto almeja. Venha, sua Letícia não pode mais esperar, pois a dor é muito grande.

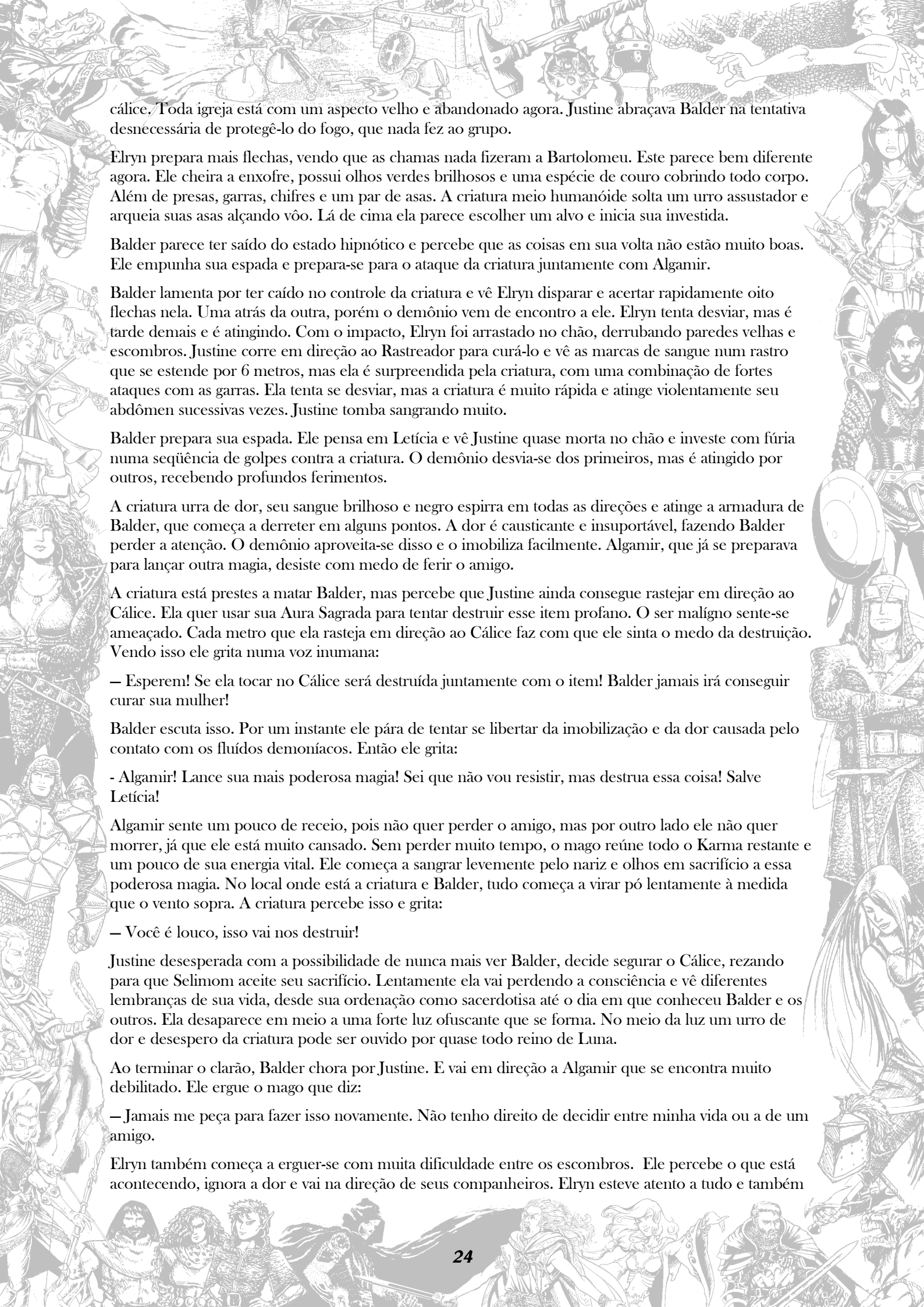
Ao ver isso, Elryn começa a disparar flechas rapidamente, mas os outros sacerdotes protegem Bartolomeu. As flechas transpassam os alvos. Justine tenta impedir Balder, mas ela não está conseguindo. Ele parece estar num estado hipnótico. Apenas anda e repete o nome de Letícia. No chão, Algimir vira-se furiosamente em direção a Bartolomeu pronunciando palavras de poder em voz baixa. Em sua mão esquerda uma chama ondulante surge e em seus olhos o brilho frenético de quem canaliza uma grande quantidade de Karma. Ele diz:

— Mostrem seus verdadeiros rostos, criaturas imundas, e queimem todos no fogo da minha ira!

Com os punhos cerrados e os olhos incandescentes, Algimir sonda toda a nave da igreja e a cada inimigo que ele lança o olhar, as chamas surgem instantaneamente tomando o corpo por inteiro. No chão todos se contorcem em chamas, menos Bartolomeu, que continua de pé em meio ao fogo.

As chamas clareiam todo o templo: as paredes, os móveis, juntamente com os corpos dos outros sacerdotes começam a virar pó e somem no ar. Parece que as ilusões estão se desintegrando, menos o





cálice. Toda igreja está com um aspecto velho e abandonado agora. Justine abraçava Balder na tentativa desnecessária de protegê-lo do fogo, que nada fez ao grupo.

Elryn prepara mais flechas, vendo que as chamas nada fizeram a Bartolomeu. Este parece bem diferente agora. Ele cheira a enxofre, possui olhos verdes brilhosos e uma espécie de couro cobrindo todo corpo. Além de presas, garras, chifres e um par de asas. A criatura meio humanóide solta um urro assustador e arqueia suas asas alçando vôo. Lá de cima ela parece escolher um alvo e inicia sua investida.

Balder parece ter saído do estado hipnótico e percebe que as coisas em sua volta não estão muito boas. Ele empunha sua espada e prepara-se para o ataque da criatura juntamente com Algamir.

Balder lamenta por ter caído no controle da criatura e vê Elryn disparar e acertar rapidamente oito flechas nela. Uma atrás da outra, porém o demônio vem de encontro a ele. Elryn tenta desviar, mas é tarde demais e é atingindo. Com o impacto, Elryn foi arrastado no chão, derrubando paredes velhas e escombros. Justine corre em direção ao Rastreador para curá-lo e vê as marcas de sangue num rastro que se estende por 6 metros, mas ela é surpreendida pela criatura, com uma combinação de fortes ataques com as garras. Ela tenta se desviar, mas a criatura é muito rápida e atinge violentamente seu abdômen sucessivas vezes. Justine tomba sangrando muito.

Balder prepara sua espada. Ele pensa em Letícia e vê Justine quase morta no chão e investe com fúria numa seqüência de golpes contra a criatura. O demônio desvia-se dos primeiros, mas é atingido por outros, recebendo profundos ferimentos.

A criatura urra de dor, seu sangue brilhoso e negro espirra em todas as direções e atinge a armadura de Balder, que começa a derreter em alguns pontos. A dor é causticante e insuportável, fazendo Balder perder a atenção. O demônio aproveita-se disso e o imobiliza facilmente. Algamir, que já se preparava para lançar outra magia, desiste com medo de ferir o amigo.

A criatura está prestes a matar Balder, mas percebe que Justine ainda consegue rastejar em direção ao Cálice. Ela quer usar sua Aura Sagrada para tentar destruir esse item profano. O ser maligno sente-se ameaçado. Cada metro que ela rasteja em direção ao Cálice faz com que ele sinta o medo da destruição. Vendo isso ele grita numa voz inumana:

— Esperem! Se ela tocar no Cálice será destruída juntamente com o item! Balder jamais irá conseguir curar sua mulher!

Balder escuta isso. Por um instante ele pára de tentar se libertar da imobilização e da dor causada pelo contato com os fluídos demoníacos. Então ele grita:

- Algamir! Lance sua mais poderosa magia! Sei que não vou resistir, mas destrua essa coisa! Salve Letícia!

Algamir sente um pouco de receio, pois não quer perder o amigo, mas por outro lado ele não quer morrer, já que ele está muito cansado. Sem perder muito tempo, o mago reúne todo o Karma restante e um pouco de sua energia vital. Ele começa a sangrar levemente pelo nariz e olhos em sacrifício a essa poderosa magia. No local onde está a criatura e Balder, tudo começa a virar pó lentamente à medida que o vento sopra. A criatura percebe isso e grita:

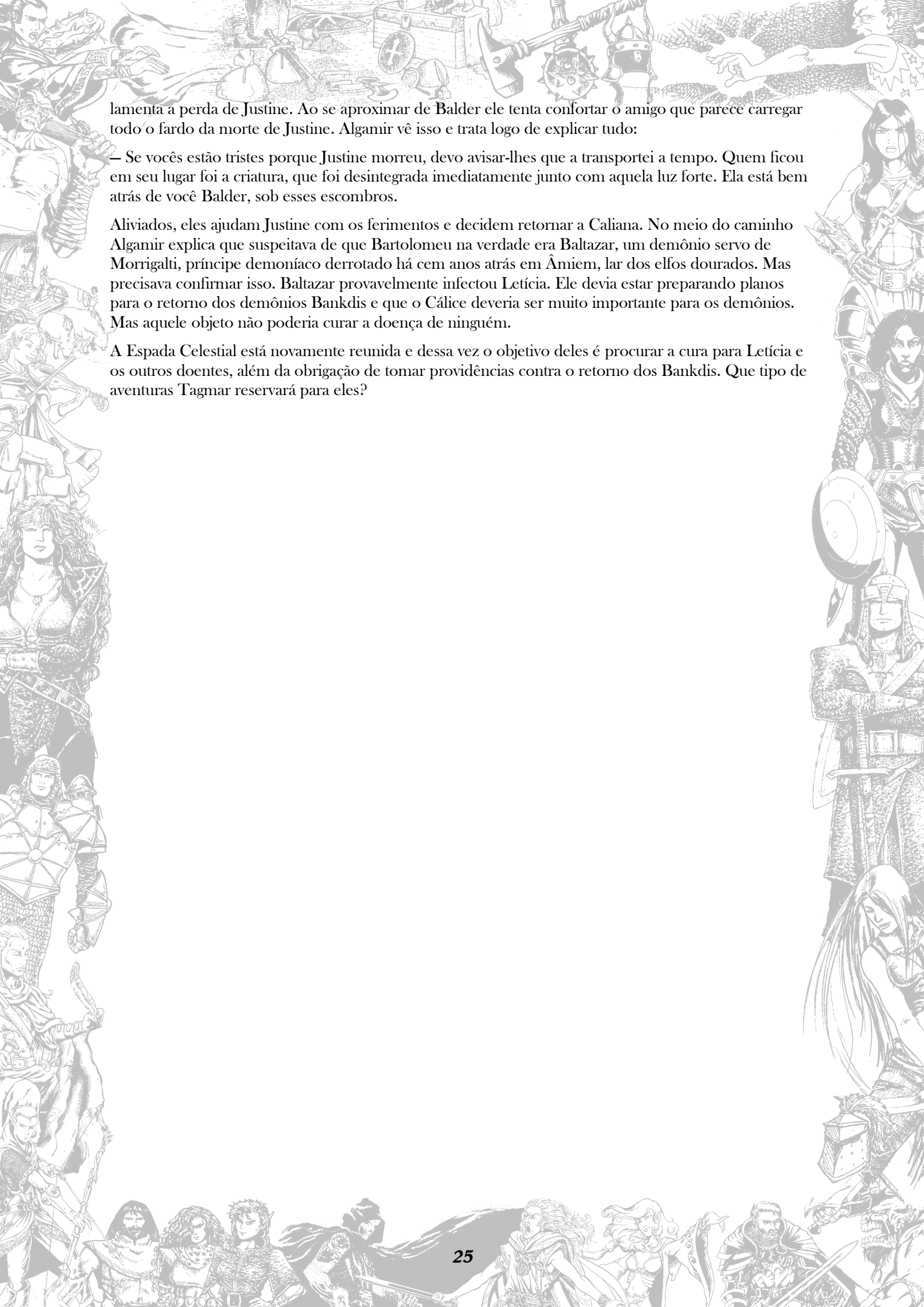
— Você é louco, isso vai nos destruir!

Justine desesperada com a possibilidade de nunca mais ver Balder, decide segurar o Cálice, rezando para que Selimom aceite seu sacrifício. Lentamente ela vai perdendo a consciência e vê diferentes lembranças de sua vida, desde sua ordenação como sacerdotisa até o dia em que conheceu Balder e os outros. Ela desaparece em meio a uma forte luz ofuscante que se forma. No meio da luz um urro de dor e desespero da criatura pode ser ouvido por quase todo reino de Luna.

Ao terminar o clarão, Balder chora por Justine. E vai em direção a Algamir que se encontra muito debilitado. Ele ergue o mago que diz:

— Jamais me peça para fazer isso novamente. Não tenho direito de decidir entre minha vida ou a de um amigo.

Elryn também começa a erguer-se com muita dificuldade entre os escombros. Ele percebe o que está acontecendo, ignora a dor e vai na direção de seus companheiros. Elryn esteve atento a tudo e também



lamenta a perda de Justine. Ao se aproximar de Balder ele tenta confortar o amigo que parece carregar todo o fardo da morte de Justine. Algimir vê isso e trata logo de explicar tudo:

— Se vocês estão tristes porque Justine morreu, devo avisar-lhes que a transportei a tempo. Quem ficou em seu lugar foi a criatura, que foi desintegrada imediatamente junto com aquela luz forte. Ela está bem atrás de você Balder, sob esses escombros.

Aliviados, eles ajudam Justine com os ferimentos e decidem retornar a Caliana. No meio do caminho Algimir explica que suspeitava de que Bartolomeu na verdade era Baltazar, um demônio servo de Morigalti, príncipe demoníaco derrotado há cem anos atrás em Âmiem, lar dos elfos dourados. Mas precisava confirmar isso. Baltazar provavelmente infectou Letícia. Ele devia estar preparando planos para o retorno dos demônios Bankdis e que o Cálice deveria ser muito importante para os demônios. Mas aquele objeto não poderia curar a doença de ninguém.

A Espada Celestial está novamente reunida e dessa vez o objetivo deles é procurar a cura para Letícia e os outros doentes, além da obrigação de tomar providências contra o retorno dos Bankdis. Que tipo de aventuras Tagmar reservará para eles?



# Dírtan

Por Alexandre Romero Inforzato

Quando narro essa história, sou comumente recompensado com reações que vão da discreta incredulidade a manifestações exuberantes de zombaria. Em parte, isso é compreensível – já que sou um bardo e as pessoas nem sempre associam a fina arte de entreter audiências com uma profissão de verdade. Contudo, garanto que a narrativa a que darei início não teve de maneira alguma seus fatos adulterados para melhor granjear a simpatia de meus ouvintes. Ela é, em si, mais do que suficientemente fantástica.

Chamam-me Silvus Vauno e sou natural de Saravossa, a capital do mundo civilizado. Quando atingi a maioridade, decidi correr o mundo para adquirir experiência e ouvir com meus próprios ouvidos os segredos confiados pelos viajantes embriagados em seus transe étlicos. Percorri desde então vários reinos, até acabar me perdendo ao longo da travessia montanhosa para a Levânia setentrional – quando o jovem rastreador que seguia comigo foi vitimado pelo excesso de confiança na própria capacidade de distinguir entre frutos inofensivos e venenosos. Foi assim que cheguei ao remoto vilarejo de Ludan.

Ali conheci um outro andarilho. Trajava uma capa de viagem cinzenta muito empoeirada e suas botas, de tão gastas, pareciam prestes a abandonar as solas. Despertou-me a atenção, sobretudo, a maneira austera com que o viajante empunhava o cajado, bem como os adornos invulgares que a indumentária sóbria porventura revelava. Estava na taberna quando ele chegou e caminhou até o proprietário, sussurrando alguma coisa enquanto lhe depositava uma peça de ouro nas mãos. O pobre homem, lívido, ofereceu uma mesa ao viajante e desapareceu instantaneamente pela porta da cozinha, retornando em seguida com várias garrafas de vinho e um copo de vidro.

O andarilho, então, baixou o capuz e pude ver que se tratava de um elfo, o que atçou minha curiosidade enormemente. Vi a oportunidade de desvendar-lhe a história quando o sujeito começou a esvaziar furiosamente um copo de bebida atrás do outro. Aguardei até que a segunda garrafa estivesse vazia para me apresentar.

“Saudações!”, aproximei-me com uma mesura, “Noto que és, como eu, um viajante sozinho nestas terras ermas”, prossegui, descansando a mão sobre o encosto de uma cadeira, “Se não te causa incômodo, desejo sentar-me à tua mesa, pois tenho o espírito onerado pela solidão da estrada”. O elfo, com expressão serena, estendeu então a palma aberta em direção à cadeira, num gesto de consentimento.

“Sou Silvus Vauno, poeta e trovador”, declarei enquanto me acomodava, “Ando pelo mundo em busca de inspiração e lendas, porém sofro o infortúnio de ser consistentemente privado de meus companheiros de viagem”.

“Chamo-me Dírtan”, tornou calmamente o elfo, com dicção perfeita apesar do forte sotaque, “Bebamos juntos, pois vejo que experimentamos desventuras semelhantes”.

“Perdeste algum ente querido?”, ousei indagar, tendo reconhecido na voz de meu interlocutor o acento ligeiramente ébrio característico dos que têm uma história para contar e estão apenas à espera de uma boa desculpa para fazê-lo.

“Os demônios da desgraça e da ironia acompanham-me desde sempre”, principiou o elfo, empurrando o copo para mim e levando uma das garrafas à boca pelo gargalo, antes de prosseguir:

\*\*\*

“Acontece que sou um mago” [disse Dírtan] – “nascido e criado num reino de elfos a várias centenas de quilômetros daqui, no coração do continente. Não, meu jovem, eu não espero que saibas onde é que fica. Na verdade, não deveria sequer ter trazido o assunto à tona. De qualquer maneira, foi onde nasci – filho de uma Casa de arquimagos cuja genealogia remonta aos primórdios de nossa civilização. Todos os meus sete irmãos e irmãs tornaram-se elementaristas de renome. Não é sem ironia, portanto, que minha



paixão por artefatos e encantamentos – ramos da magia significativamente mais sutis e complexos do que o elementalismo – tenha me entregue à indiferença de meus familiares”.

*Conformei-me, eventualmente, com minha sina e, farto da busca juvenil por prestígio e aceitação, tomei gosto pelo isolamento. Liderei uma expedição arqueológica no extremo sudeste de Tagmar, onde desperdicei vários anos da minha vida em tentativas vãs de desvendar o segredo do Domus. Que Domus? Meu caro, se eu tiver que me deter para esmiuçar cada detalhe dessa história, não vamos a lugar algum. Basta dizer que, frustrado por meus magros progressos, estive à beira de abandonar tudo e reiniciar meus estudos em outro ramo da magia. Foi então que o acaso interveio.*

*No longo canincho de volta, fomos surpreendidos por uma nevasca terrível. Naquele instante, percebi que minha bússola mágica havia sido arruinada pelos anos que eu passara em Telas, estudando o Domus. Se tivesse me dado conta disso antes, poderia ter até mesmo feito algum progresso com meus trabalhos baseando-me na seqüela mística que danificara irreparavelmente o meu principal instrumento de navegação. Ali, a única coisa que isso significava era que estávamos completamente perdidos, à mercê de um clima hostil. Em situações como essa, placidez de espírito e objetividade de raciocínio são fundamentais – por isso, esmigalhei a maldita porcaria inútil numa rocha para aliviar a minha frustração.*

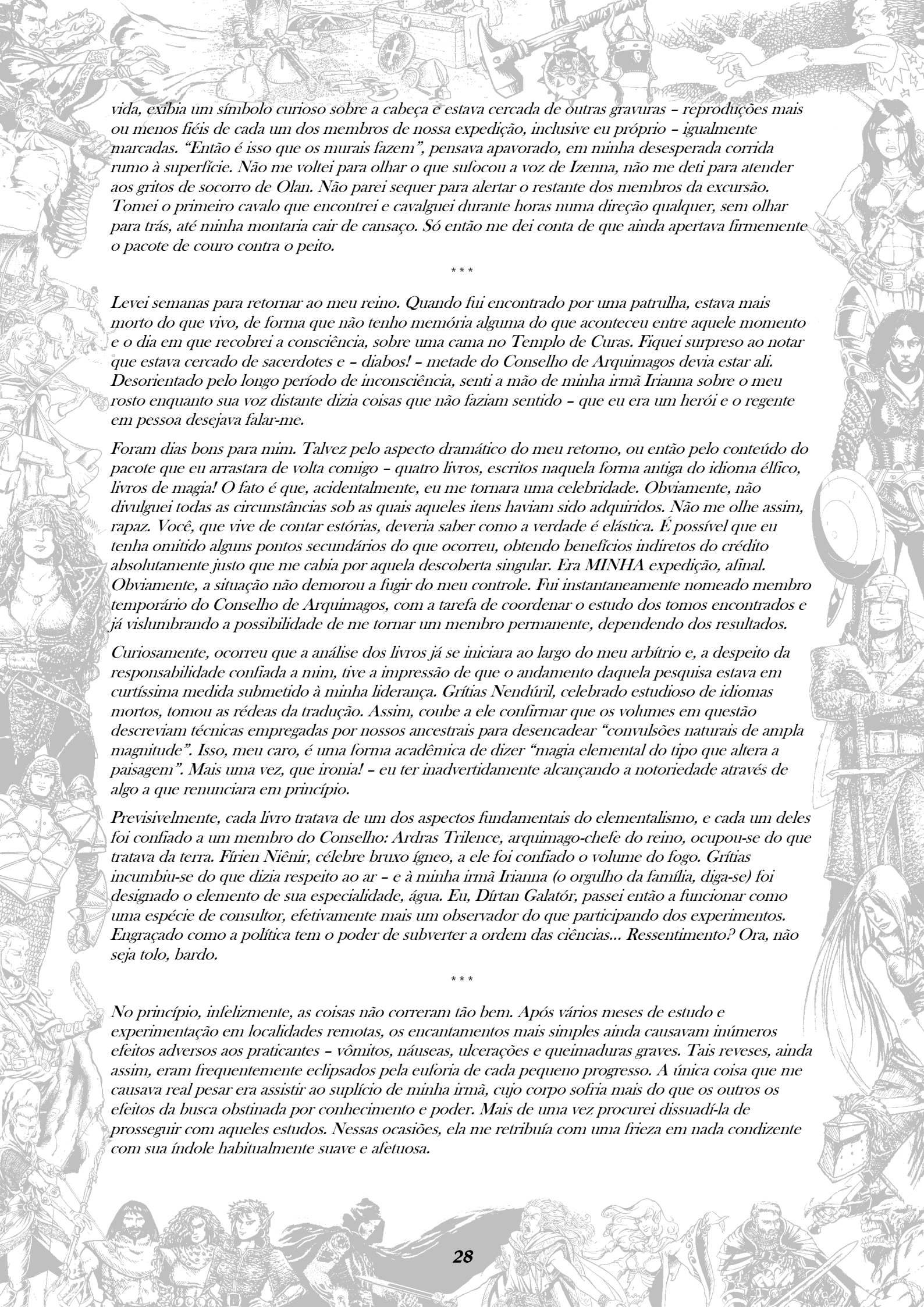
*Foi então que avistamos uma formação rochosa ao longe, e nos apressamos em alcançá-la a fim de providenciar abrigo para a caravana. Qual não foi a minha surpresa, ao verificar na manhã seguinte, que uma das faces basálticas daquele rochedo escuro era bastante regular – regular demais para ser natural, e ainda assim fundia-se perfeitamente com o restante da formação, constituindo uma sofisticada obra de engenharia provavelmente temperada com mágica.*

*Castiana, a especialista em runas, não custou a localizar a assinatura mágica do painel, revelando-a em letras luminosas com um encantamento de sua própria autoria. Os caracteres remetiam inegavelmente ao alfabeto élfico, exceto que a escrita era tão antiga que não permitia qualquer tradução imediata. Experimentamos com os possíveis fonemas da inscrição por várias horas, até finalmente encontrar a combinação de sons que desativou o selo místico da porta. O que encontramos além daquela passagem, no entanto, não foram os vestígios de algum santuário arruinado pelos séculos, e sim câmaras subterrâneas decoradas com estátuas e murais em perfeito estado de conservação, e corredores entrelaçados que se estendiam por centenas de metros, num dédalo interminável de escadas, rampas e canais.*

*Os dias seguintes foram dedicados a um processo lento e cuidadoso de exploração, o qual demandava o exercício constante de uma ampla variedade de métodos para detecção de armadilhas. Tal precaução não se mostrou em vão: a quantidade de gatilhos mágicos espalhados pelo complexo era avassaladora, limitando drasticamente o nosso trânsito. O melhor que se podia fazer era determinar a localização das armadilhas. Não tocamos em nenhuma delas – confesso, com certo embaraço – por simples ignorância de como as desativar. Enquanto isso, Olan e Izenna (o casal de historiadores), passavam o tempo todo contemplando murais e tecendo suas teorias sobre as possíveis origens e o propósito daquele lugar. Quando finalmente nos reunimos para cruzar as informações obtidas por cada grupo, eles se mostraram convencidos de que havíamos encontrado algum tipo de prisão ou depósito de artefatos proscritos – quem sabe as duas coisas. Uma análise mais pormenorizada dos murais poderia fortalecer uma ou outra hipótese, mas isso levaria tempo.*

*À noite fomos despertados pelo som de um pranto desesperado vindo dos subterrâneos. Conjurando rapidamente uma esfera de luz, corri para averiguar a origem do estardalhaço, mas tudo o que encontrei foi um cadáver ressequido abraçado a um pacote de couro velho. Izenna e Olan juntaram-se a mim. Os gritos se prolongaram ainda por vários minutos – vinham de uma das várias seções do complexo cujo acesso era impedido por uma barragem maciça de armadilhas. Olan reconheceu os restos mortais de Castiana, e era obviamente a voz dela que ecoava ainda, de forma sobrenatural, pelos corredores. Ficamos então ali, perplexos e impotentes, até que as súplicas desencarnadas se reduzissem a um lamento baixo, soluçante e longínquo. “Mulher idiota”, sussurrei para mim mesmo, sinceramente penalizado com o resultado da ganância e do descuido de Castiana. Agachei-me para recolher o embrulho que custara sua vida, e dessa vez foi Izenna quem soltou uma exclamação de pavor – ela apontava um dos murais com a mão trêmula, e sua voz era um balbúcio desarticulado.*

*Aproximei a esfera de luz do painel e reconheci, com horror, a representação estilizada de uma elfa carregando um pacote de couro. A figura, terrivelmente assemelhada à Castiana que conhecemos em*



vida, exibía um símbolo curioso sobre a cabeça e estava cercada de outras gravuras – reproduções mais ou menos fiéis de cada um dos membros de nossa expedição, inclusive eu próprio – igualmente marcadas. “Então é isso que os murais fazem”, pensava apavorado, em minha desesperada corrida rumo à superfície. Não me voltei para olhar o que sufocou a voz de Izenna, não me deti para atender aos gritos de socorro de Olan. Não parei sequer para alertar o restante dos membros da excursão. Tomei o primeiro cavalo que encontrei e cavalguei durante horas numa direção qualquer, sem olhar para trás, até minha montaria cair de cansaço. Só então me dei conta de que ainda apertava firmemente o pacote de couro contra o peito.

\*\*\*

Levei semanas para retornar ao meu reino. Quando fui encontrado por uma patrulha, estava mais morto do que vivo, de forma que não tenho memória alguma do que aconteceu entre aquele momento e o dia em que recobrei a consciência, sobre uma cama no Templo de Curas. Fiquei surpreso ao notar que estava cercado de sacerdotes e – diabos! – metade do Conselho de Arquimagos devia estar ali. Desorientado pelo longo período de inconsciência, senti a mão de minha irmã Irianna sobre o meu rosto enquanto sua voz distante dizia coisas que não faziam sentido – que eu era um herói e o regente em pessoa desejava falar-me.

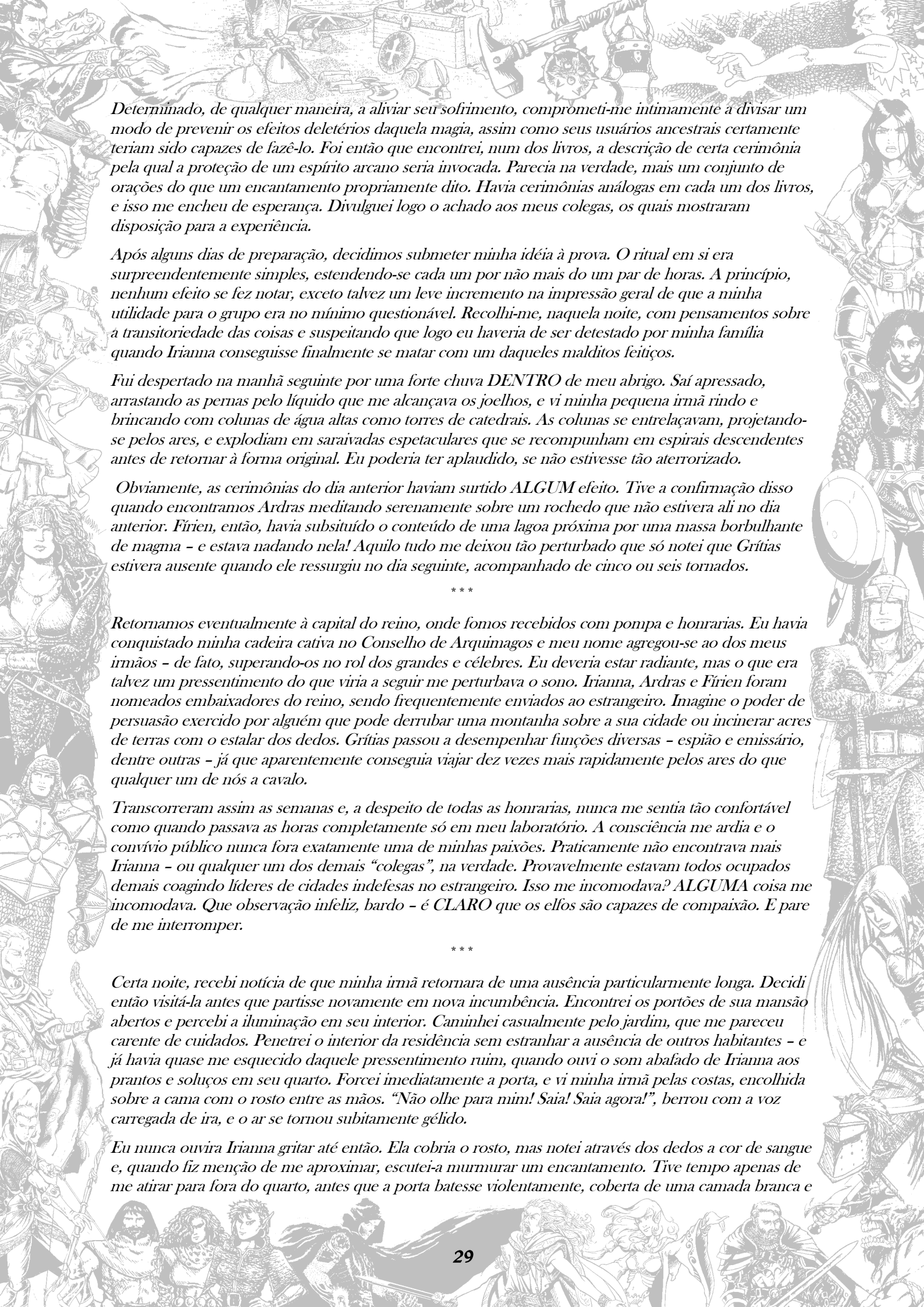
Foram dias bons para mim. Talvez pelo aspecto dramático do meu retorno, ou então pelo conteúdo do pacote que eu arrastara de volta comigo – quatro livros, escritos naquela forma antiga do idioma élfico, livros de magia! O fato é que, acidentalmente, eu me tornara uma celebridade. Obviamente, não divulguei todas as circunstâncias sob as quais aqueles itens haviam sido adquiridos. Não me olhe assim, rapaz. Você, que vive de contar estórias, deveria saber como a verdade é elástica. É possível que eu tenha omitido alguns pontos secundários do que ocorreu, obtendo benefícios indiretos do crédito absolutamente justo que me cabia por aquela descoberta singular. Era MINHA expedição, afinal. Obviamente, a situação não demorou a fugir do meu controle. Fui instantaneamente nomeado membro temporário do Conselho de Arquimagos, com a tarefa de coordenar o estudo dos tomos encontrados e já vislumbrando a possibilidade de me tornar um membro permanente, dependendo dos resultados.

Curiosamente, ocorreu que a análise dos livros já se iniciara ao largo do meu arbítrio e, a despeito da responsabilidade confiada a mim, tive a impressão de que o andamento daquela pesquisa estava em curtíssima medida submetido à minha liderança. Grítias Nendúril, celebrado estudioso de idiomas mortos, tomou as rédeas da tradução. Assim, coube a ele confirmar que os volumes em questão descreviam técnicas empregadas por nossos ancestrais para desencadear “convulsões naturais de ampla magnitude”. Isso, meu caro, é uma forma acadêmica de dizer “magia elemental do tipo que altera a paisagem”. Mais uma vez, que ironia! – eu ter inadvertidamente alcançando a notoriedade através de algo a que renunciara em princípio.

Previsivelmente, cada livro tratava de um dos aspectos fundamentais do elementalismo, e cada um deles foi confiada a um membro do Conselho: Ardras Trilence, arquimago-chefe do reino, ocupou-se do que tratava da terra. Fírien Nîênîr, célebre bruxo ígneo, a ele foi confiada o volume do fogo. Grítias incumbiu-se do que dizia respeito ao ar – e à minha irmã Irianna (o orgulho da família, diga-se) foi designado o elemento de sua especialidade, água. Eu, Dírtan Galatór, passei então a funcionar como uma espécie de consultor, efetivamente mais um observador do que participando dos experimentos. Engraçado como a política tem o poder de subverter a ordem das ciências... Ressentimento? Ora, não seja tolo, bardo.

\*\*\*

No princípio, infelizmente, as coisas não correram tão bem. Após vários meses de estudo e experimentação em localidades remotas, os encantamentos mais simples ainda causavam inúmeros efeitos adversos aos praticantes – vômitos, náuseas, ulcerações e queimaduras graves. Tais reverses, ainda assim, eram frequentemente eclipsados pela euforia de cada pequeno progresso. A única coisa que me causava real pesar era assistir ao suplício de minha irmã, cujo corpo sofria mais do que os outros os efeitos da busca obstinada por conhecimento e poder. Mais de uma vez procurei dissuadi-la de prosseguir com aqueles estudos. Nessas ocasiões, ela me retribuía com uma frieza em nada condizente com sua índole habitualmente suave e afetuosa.



*Determinado, de qualquer maneira, a aliviar seu sofrimento, comprometi-me intimamente a divisar um modo de prevenir os efeitos deletérios daquela magia, assim como seus usuários ancestrais certamente teriam sido capazes de fazê-lo. Foi então que encontrei, num dos livros, a descrição de certa cerimônia pela qual a proteção de um espírito arcano seria invocada. Parecia na verdade, mais um conjunto de orações do que um encantamento propriamente dito. Havia cerimônias análogas em cada um dos livros, e isso me encheu de esperança. Divulguei logo o achado aos meus colegas, os quais mostraram disposição para a experiência.*

*Após alguns dias de preparação, decidimos submeter minha idéia à prova. O ritual em si era surpreendentemente simples, estendendo-se cada um por não mais do um par de horas. A princípio, nenhum efeito se fez notar, exceto talvez um leve incremento na impressão geral de que a minha utilidade para o grupo era no mínimo questionável. Recolhi-me, naquela noite, com pensamentos sobre a transitoriedade das coisas e suspeitando que logo eu haveria de ser detestado por minha família quando Irianna conseguisse finalmente se matar com um daqueles malditos feitiços.*

*Fui despertado na manhã seguinte por uma forte chuva DENTRO de meu abrigo. Saí apressado, arrastando as pernas pelo líquido que me alcançava os joelhos, e vi minha pequena irmã rindo e brincando com colunas de água altas como torres de catedrais. As colunas se entrelaçavam, projetando-se pelos ares, e explodiam em saraivadas espetaculares que se recompunham em espirais descendentes antes de retornar à forma original. Eu poderia ter aplaudido, se não estivesse tão aterrorizado.*

*Obviamente, as cerimônias do dia anterior haviam surtido ALGUM efeito. Tive a confirmação disso quando encontramos Ardras meditando serenamente sobre um rochedo que não estivera ali no dia anterior. Fíriën, então, havia substituído o conteúdo de uma lagoa próxima por uma massa borbulhante de magma - e estava nadando nela! Aquilo tudo me deixou tão perturbado que só notei que Grítias estivera ausente quando ele ressurgiu no dia seguinte, acompanhado de cinco ou seis tornados.*

\*\*\*

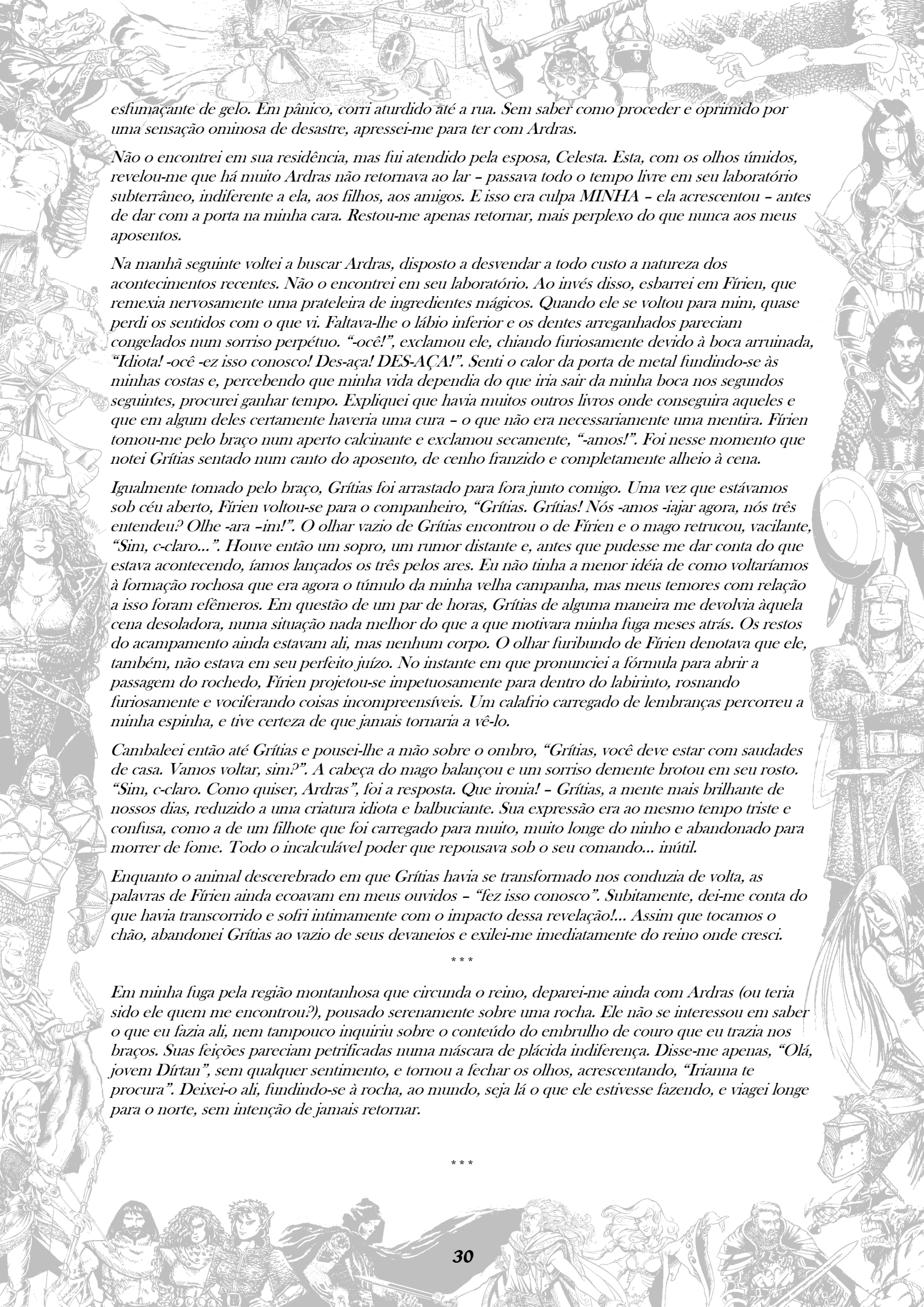
*Retornamos eventualmente à capital do reino, onde fomos recebidos com pompa e honrarias. Eu havia conquistado minha cadeira cativa no Conselho de Arquimagos e meu nome agregou-se ao dos meus irmãos - de fato, superando-os no rol dos grandes e célebres. Eu deveria estar radiante, mas o que era talvez um pressentimento do que viria a seguir me perturbava o sono. Irianna, Ardras e Fíriën foram nomeados embaixadores do reino, sendo frequentemente enviados ao estrangeiro. Imagine o poder de persuasão exercido por alguém que pode derrubar uma montanha sobre a sua cidade ou incinerar acres de terras com o estalar dos dedos. Grítias passou a desempenhar funções diversas - espião e emissário, dentre outras - já que aparentemente conseguia viajar dez vezes mais rapidamente pelos ares do que qualquer um de nós a cavalo.*

*Transcorreram assim as semanas e, a despeito de todas as honrarias, nunca me sentia tão confortável como quando passava as horas completamente só em meu laboratório. A consciência me ardia e o convívio público nunca fora exatamente uma de minhas paixões. Praticamente não encontrava mais Irianna - ou qualquer um dos demais "colegas", na verdade. Provavelmente estavam todos ocupados demais coagindo líderes de cidades indefesas no estrangeiro. Isso me incomodava? ALGUMA coisa me incomodava. Que observação infeliz, bardo - é CLARO que os elfos são capazes de compaixão. E pare de me interromper.*

\*\*\*

*Certa noite, recebi notícia de que minha irmã retornara de uma ausência particularmente longa. Decidi então visitá-la antes que partisse novamente em nova incumbência. Encontrei os portões de sua mansão abertos e percebi a iluminação em seu interior. Caminhei casualmente pelo jardim, que me pareceu carente de cuidados. Penetrei o interior da residência sem estranhar a ausência de outros habitantes - e já havia quase me esquecido daquele pressentimento ruim, quando ouvi o som abafado de Irianna aos prantos e soluços em seu quarto. Forcei imediatamente a porta, e vi minha irmã pelas costas, encolhida sobre a cama com o rosto entre as mãos. "Não olhe para mim! Saia! Saia agora!", berrou com a voz carregada de ira, e o ar se tornou subitamente gélido.*

*Eu nunca ouvira Irianna gritar até então. Ela cobria o rosto, mas notei através dos dedos a cor de sangue e, quando fiz menção de me aproximar, escutei-a murmurar um encantamento. Tive tempo apenas de me atirar para fora do quarto, antes que a porta batesse violentamente, coberta de uma camada branca e*



*esfumaçante de gelo. Em pânico, corri aturdido até a rua. Sem saber como proceder e oprimido por uma sensação ominosa de desastre, apressei-me para ter com Ardras.*

*Não o encontrei em sua residência, mas fui atendido pela esposa, Celesta. Esta, com os olhos úmidos, revelou-me que há muito Ardras não retornava ao lar – passava todo o tempo livre em seu laboratório subterrâneo, indiferente a ela, aos filhos, aos amigos. E isso era culpa MINHA – ela acrescentou – antes de dar com a porta na minha cara. Restou-me apenas retornar, mais perplexo do que nunca aos meus aposentos.*

*Na manhã seguinte voltei a buscar Ardras, disposto a desvendar a todo custo a natureza dos acontecimentos recentes. Não o encontrei em seu laboratório. Ao invés disso, esbarrei em Fírien, que remexia nervosamente uma prateleira de ingredientes mágicos. Quando ele se voltou para mim, quase perdi os sentidos com o que vi. Faltava-lhe o lábio inferior e os dentes arreganhados pareciam congelados num sorriso perpétuo. “-ocê!”, exclamou ele, chiando furiosamente devido à boca arruinada, “Idiota! -ocê -ez isso conosco! Des-ça! DES-AÇA!”. Senti o calor da porta de metal fundindo-se às minhas costas e, percebendo que minha vida dependia do que iria sair da minha boca nos segundos seguintes, procurei ganhar tempo. Expliquei que havia muitos outros livros onde conseguira aqueles e que em algum deles certamente haveria uma cura – o que não era necessariamente uma mentira. Fírien tomou-me pelo braço num aperto calcinante e exclamou secamente, “-amos!”. Foi nesse momento que notei Grítias sentado num canto do aposento, de cenho franzido e completamente alheio à cena.*

*Igualmente tomado pelo braço, Grítias foi arrastado para fora junto comigo. Uma vez que estávamos sob céu aberto, Fírien voltou-se para o companheiro, “Grítias. Grítias! Nós -amos -iajar agora, nós três entendeu? Olhe -ara -ini!”. O olhar vazio de Grítias encontrou o de Fírien e o mago retrucou, vacilante, “Sim, c-claro...”. Houve então um sopro, um rumor distante e, antes que pudesse me dar conta do que estava acontecendo, íamos lançados os três pelos ares. Eu não tinha a menor idéia de como voltaríamos à formação rochosa que era agora o túmulo da minha velha campanha, mas meus temores com relação a isso foram efêmeros. Em questão de um par de horas, Grítias de alguma maneira me devolvia àquela cena desoladora, numa situação nada melhor do que a que motivara minha fuga meses atrás. Os restos do acampamento ainda estavam ali, mas nenhum corpo. O olhar furibundo de Fírien denotava que ele, também, não estava em seu perfeito juízo. No instante em que pronunciei a fórmula para abrir a passagem do rochedo, Fírien projetou-se impetuosamente para dentro do labirinto, rosnando furiosamente e vociferando coisas incompreensíveis. Um calafrio carregado de lembranças percorreu a minha espinha, e tive certeza de que jamais tornaria a vê-lo.*

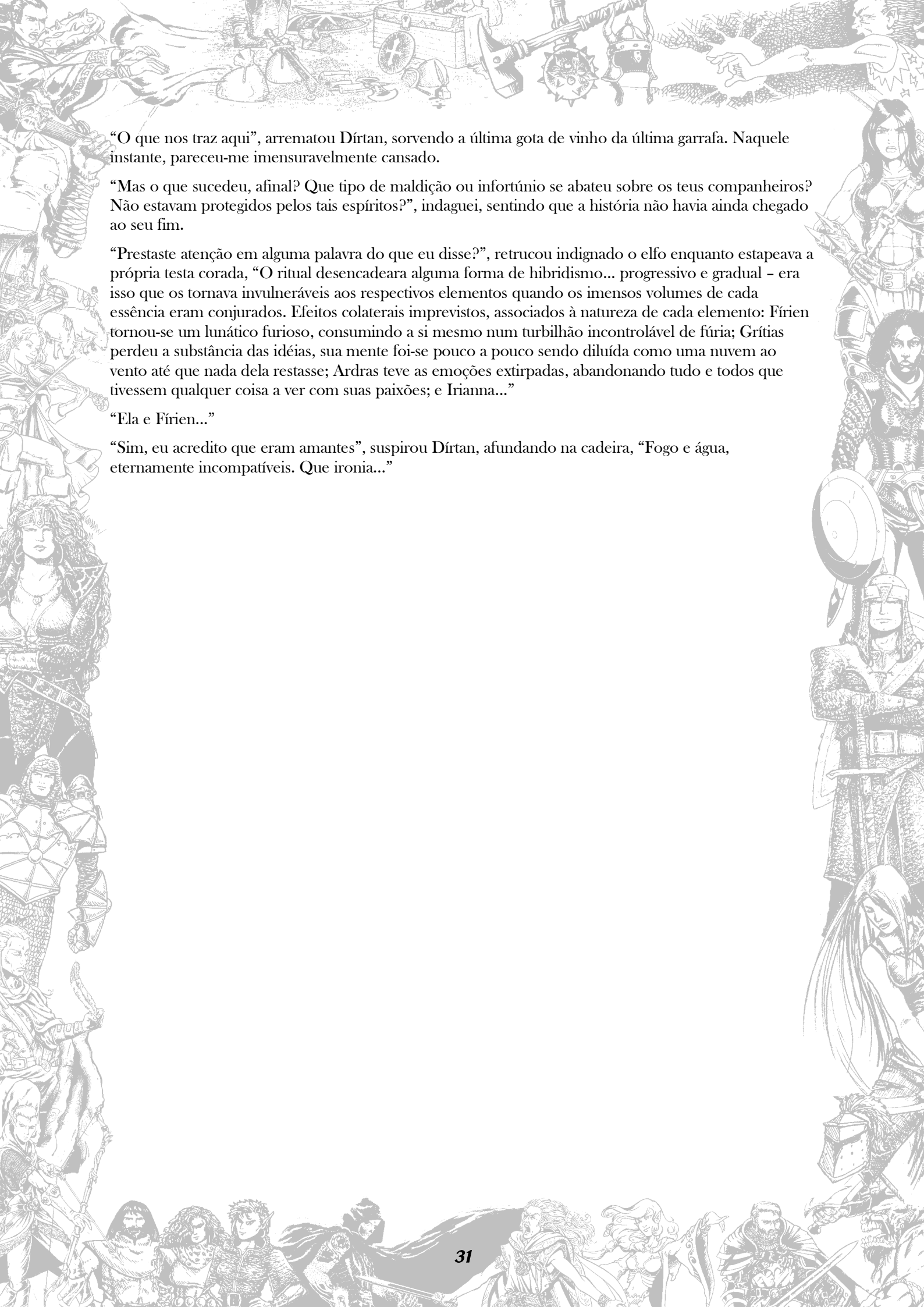
*Cambaleei então até Grítias e pousei-lhe a mão sobre o ombro, “Grítias, você deve estar com saudades de casa. Vamos voltar, sim?”. A cabeça do mago balançou e um sorriso demente brotou em seu rosto. “Sim, c-claro. Como quiser, Ardras”, foi a resposta. Que ironia! – Grítias, a mente mais brilhante de nossos dias, reduzido a uma criatura idiota e balbuciante. Sua expressão era ao mesmo tempo triste e confusa, como a de um filhote que foi carregado para muito, muito longe do ninho e abandonado para morrer de fome. Todo o incalculável poder que repousava sob o seu comando... inútil.*

*Enquanto o animal descerebrado em que Grítias havia se transformado nos conduzia de volta, as palavras de Fírien ainda ecoavam em meus ouvidos – “fez isso conosco”. Subitamente, dei-me conta do que havia transcorrido e sofri intimamente com o impacto dessa revelação!... Assim que tocamos o chão, abandonei Grítias ao vazio de seus devaneios e exilei-me imediatamente do reino onde cresci.*

\*\*\*

*Em minha fuga pela região montanhosa que circunda o reino, deparei-me ainda com Ardras (ou teria sido ele quem me encontrou?), pousado serenamente sobre uma rocha. Ele não se interessou em saber o que eu fazia ali, nem tampouco inquiriu sobre o conteúdo do embrulho de couro que eu trazia nos braços. Suas feições pareciam petrificadas numa máscara de plácida indiferença. Disse-me apenas, “Olá, jovem Dírta”, sem qualquer sentimento, e tornou a fechar os olhos, acrescentando, “Irianna te procura”. Deixei-o ali, fundindo-se à rocha, ao mundo, seja lá o que ele estivesse fazendo, e viagei longe para o norte, sem intenção de jamais retornar.*

\*\*\*



“O que nos traz aqui”, arrematou Dírtan, sorvendo a última gota de vinho da última garrafa. Naquele instante, pareceu-me imensuravelmente cansado.

“Mas o que sucedeu, afinal? Que tipo de maldição ou infortúnio se abateu sobre os teus companheiros? Não estavam protegidos pelos tais espíritos?”, indaguei, sentindo que a história não havia ainda chegado ao seu fim.

“Prestaste atenção em alguma palavra do que eu disse?”, retrucou indignado o elfo enquanto estapeava a própria testa corada, “O ritual desencadeara alguma forma de hibridismo... progressivo e gradual – era isso que os tornava invulneráveis aos respectivos elementos quando os imensos volumes de cada essência eram conjurados. Efeitos colaterais imprevistos, associados à natureza de cada elemento: Fírien tornou-se um lunático furioso, consumindo a si mesmo num turbilhão incontrolável de fúria; Grítias perdeu a substância das idéias, sua mente foi-se pouco a pouco sendo diluída como uma nuvem ao vento até que nada dela restasse; Ardras teve as emoções extirpadas, abandonando tudo e todos que tivessem qualquer coisa a ver com suas paixões; e Irianna...”

“Ela e Fírien...”

“Sim, eu acredito que eram amantes”, suspirou Dírtan, afundando na cadeira, “Fogo e água, eternamente incompatíveis. Que ironia...”





# O Amaldiçoado Seryo de Cruine

Por Nelson Rodrigues Rosa

A lua nunca esteve tão linda, pensou Listam, enquanto observava do alto da amurada do fortim o grande globo branco que pendia imponente no céu negro, salpicado por pontos brilhantes. Todas as noites ele passava horas admirando seus contornos perfeitos, suas mais variadas formas e a influência que exercia para com a natureza de uma forma geral. E hoje, mais do que nunca, a lua estava linda brilhando acima do horizonte, de onde banhava o mundo com seu manto branco-azulado, dando um aspecto sereno a uma terra selvagem, e fazendo as placas de ferro de sua antiga armadura jogadas no chão, reluzirem.

Um vento gélido soprou das montanhas, tocando sua pele nua e fazendo balançar seus longos cabelos negros, mas ele não sentia frio algum. Como não sentia sede, nem dor, nem medo, apenas uma tristeza avassaladora, que já não sabia se era mesmo tristeza ou ódio, pois sua mente abalada resolvera pregar-lhe peças, fazendo com que perdesse os sentidos e trocando a ordem de seus sentimentos. Já não reconhecia seu lugar no mundo e sobrara-lhe apenas a morte como amiga íntima; quase irmã; quase amante. Depois de tantos anos de dedicação, fora obrigado a viver à margem da vida e à sombra do tempo.

A armadura jogada no chão portava o sagrado símbolo de Cruine, o grande deus da morte, responsável pela tênue linha que separa nossas duas existências, que estão sempre tão ligadas e ao mesmo tempo, tão distantes. Seus seguidores são conhecidos por possuírem um ódio insano de tudo que tenta ludibriar aquilo cujo mundo seu deus governa. São os grandes e verdadeiros caçadores de fantasmas, zumbis e mortos-vivos em geral; de tudo o que fere a ordem natural das coisas; de tudo que devia ter partido, mas, por todos os sacrilégios, teimam em permanecer entre nós. Listam já portou esta armadura e empunhou esta espada. Durante muito tempo foi um desses fervorosos seguidores de Cruine - talvez o mais fervoroso de todos - até a tragédia abater sobre sua vida. Até o mundo não lhe parecer outra coisa senão um lugar estranho. Até todas suas crenças e ensinamentos não fazerem mais sentido algum e ele achar que foi abandonado por seu amado e adorado deus. Até o dia em que, no cumprimento de seu dever, Listam caiu em desgraça e foi transformado em um vampiro.

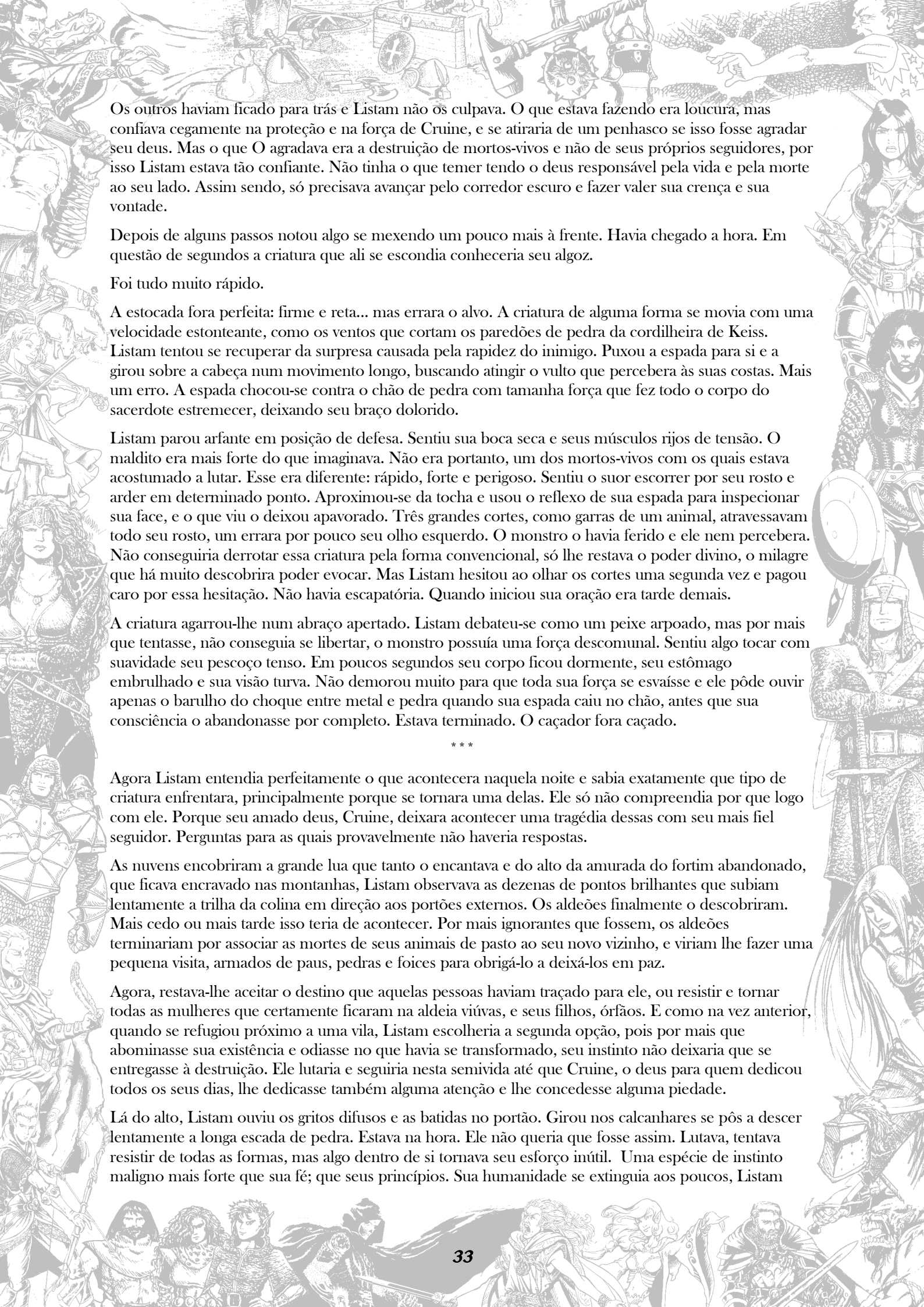
Foi há muito tempo. Numa época em que pouco se sabia da verdade. Quando as mentiras e os mentirosos governavam, e um homem, apenas um homem, personificava toda a esperança. Foram tempos difíceis; quando criaturas infernais caminhavam entre homens de pouca fé. Quando cidades inteiras caíam subjugadas por demônios e os odiados de Cruine se levantavam as centenas dos campos de batalhas, para se juntarem às já numerosas forças inimigas. Parece que foi ontem, pensou Listam. As vozes de seus amigos ainda ecoando em sua mente perturbada; ecos de tempos remotos, de eras passadas, trazidos de volta agarrados a turbilhões de emoções. Não entre aí! Gritava um de seus amigos. Não entre aí! Ninguém conseguira ver ao certo que tipo de mostro havia buscado refúgio no templo antigo, mas certamente era uma criatura maligna e Listam era corajoso demais para recuar, e odiava demais as criaturas malignas para não a perseguir.

E assim, ele a perseguiu.

\*\*\*

A escada terminava em um corredor escuro, com paredes úmidas e cobertas de limo, e escombros podiam ser percebidos espalhados por toda a parte. A podridão tornara o ar pesado, fazendo seus pulmões arderem como se estivessem em brasa. Não havia qualquer sinal de luz, o que o obrigou a acender uma tocha, apenas para descobrir que nas paredes não havia limo, mas sim, sangue, ainda quente, escorrendo lentamente pelas grossas frestas das paredes de alvenaria. Da mesma forma como no chão não havia escombros, mas corpos, muitos, dos mais variados. Os poucos rostos ainda inteiros possuíam expressões assustadas, demonstrando o tipo de horror que presenciaram nos últimos instantes de vida. Um horror que Listam estava prestes a compartilhar.

O que outrora fora um templo sagrado agora não passava de um lugar profano, transformado em covil por uma criatura infernal. Mas ela pagaria esta afronta. Pagaria com a própria existência.



Os outros haviam ficado para trás e Listam não os culpava. O que estava fazendo era loucura, mas confiava cegamente na proteção e na força de Cruine, e se atiraria de um penhasco se isso fosse agradar seu deus. Mas o que O agradava era a destruição de mortos-vivos e não de seus próprios seguidores, por isso Listam estava tão confiante. Não tinha o que temer tendo o deus responsável pela vida e pela morte ao seu lado. Assim sendo, só precisava avançar pelo corredor escuro e fazer valer sua crença e sua vontade.

Depois de alguns passos notou algo se mexendo um pouco mais à frente. Havia chegado a hora. Em questão de segundos a criatura que ali se escondia conheceria seu algoz.

Foi tudo muito rápido.

A estocada fora perfeita: firme e reta... mas errara o alvo. A criatura de alguma forma se movia com uma velocidade estonteante, como os ventos que cortam os paredões de pedra da cordilheira de Keiss. Listam tentou se recuperar da surpresa causada pela rapidez do inimigo. Puxou a espada para si e a girou sobre a cabeça num movimento longo, buscando atingir o vulto que percebera às suas costas. Mais um erro. A espada chocou-se contra o chão de pedra com tamanha força que fez todo o corpo do sacerdote estremecer, deixando seu braço dolorido.

Listam parou arfante em posição de defesa. Sentiu sua boca seca e seus músculos rijos de tensão. O maldito era mais forte do que imaginava. Não era portanto, um dos mortos-vivos com os quais estava acostumado a lutar. Esse era diferente: rápido, forte e perigoso. Sentiu o suor escorrer por seu rosto e arder em determinado ponto. Aproximou-se da tocha e usou o reflexo de sua espada para inspecionar sua face, e o que viu o deixou apavorado. Três grandes cortes, como garras de um animal, atravessavam todo seu rosto, um errara por pouco seu olho esquerdo. O monstro o havia ferido e ele nem percebera. Não conseguiria derrotar essa criatura pela forma convencional, só lhe restava o poder divino, o milagre que há muito descobrira poder evocar. Mas Listam hesitou ao olhar os cortes uma segunda vez e pagou caro por essa hesitação. Não havia escapatória. Quando iniciou sua oração era tarde demais.

A criatura agarrou-lhe num abraço apertado. Listam debateu-se como um peixe arpoado, mas por mais que tentasse, não conseguia se libertar, o monstro possuía uma força descomunal. Sentiu algo tocar com suavidade seu pescoço tenso. Em poucos segundos seu corpo ficou dormente, seu estômago embrulhado e sua visão turva. Não demorou muito para que toda sua força se esvaísse e ele pôde ouvir apenas o barulho do choque entre metal e pedra quando sua espada caiu no chão, antes que sua consciência o abandonasse por completo. Estava terminado. O caçador fora caçado.


\*\*\*

Agora Listam entendia perfeitamente o que acontecera naquela noite e sabia exatamente que tipo de criatura enfrentara, principalmente porque se tornara uma delas. Ele só não compreendia por que logo com ele. Porque seu amado deus, Cruine, deixara acontecer uma tragédia dessas com seu mais fiel seguidor. Perguntas para as quais provavelmente não haveria respostas.

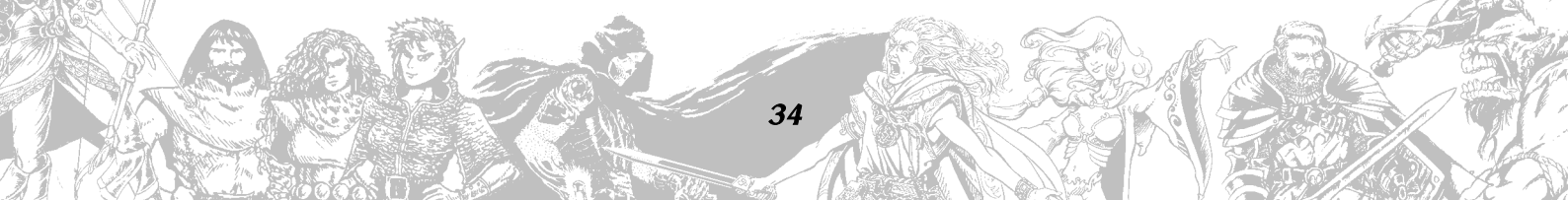
As nuvens encobriram a grande lua que tanto o encantava e do alto da amurada do fortim abandonado, que ficava encravado nas montanhas, Listam observava as dezenas de pontos brilhantes que subiam lentamente a trilha da colina em direção aos portões externos. Os aldeões finalmente o descobriram. Mais cedo ou mais tarde isso teria de acontecer. Por mais ignorantes que fossem, os aldeões terminariam por associar as mortes de seus animais de pasto ao seu novo vizinho, e viriam lhe fazer uma pequena visita, armados de paus, pedras e foices para obrigá-lo a deixá-los em paz.

Agora, restava-lhe aceitar o destino que aquelas pessoas haviam traçado para ele, ou resistir e tornar todas as mulheres que certamente ficaram na aldeia viúvas, e seus filhos, órfãos. E como na vez anterior, quando se refugiou próximo a uma vila, Listam escolheria a segunda opção, pois por mais que abominasse sua existência e odiasse no que havia se transformado, seu instinto não deixaria que se entregasse à destruição. Ele lutaria e seguiria nesta semivida até que Cruine, o deus para quem dedicou todos os seus dias, lhe dedicasse também alguma atenção e lhe concedesse alguma piedade.

Lá do alto, Listam ouviu os gritos difusos e as batidas no portão. Girou nos calcanhares se pôs a descer lentamente a longa escada de pedra. Estava na hora. Ele não queria que fosse assim. Lutava, tentava resistir de todas as formas, mas algo dentro de si tornava seu esforço inútil. Uma espécie de instinto maligno mais forte que sua fé; que seus princípios. Sua humanidade se extinguiu aos poucos, Listam



tinha certeza, e por isso apertou o passo. Afinal, seus vizinhos haviam chegado e não era de bom tom deixá-los esperando.





# Canção dos Sapos

Por Renato de Holanda Cavalcanti

Durante os meus dezessete anos, a minha vida nunca foi fácil. Desde que cheguei à cidade de Tanus, no reino de Portis, sempre tive o sonho de ser uma grande maga. Minha mãe sempre dizia que as cidades são um antro de perdição e ela procurava mostrar as vantagens de ser uma fazendeira. Coisa que sempre repudiei, pois não queria ser uma catadora de milho e parideira de filhos como as minhas irmãs.

Queria ter um destino diferente.

E os Deuses atenderam as minhas preces.

Com toda a coragem do mundo, resolvi tentar a sorte na cidade dita acima e aprender tudo sobre os Arcanos Secretos, que os meus primos contavam para gente quando criança. Eles diziam coisas fantásticas sobre heróis e heroínas que vagavam sobre os reinos atrás de aventuras ou de justiça. Homens e mulheres que faziam os seus próprios destinos.

Eu queria ser como eles.

Quando cheguei na cidade de Tanus, tive a excelente idéia de me empregar numa daquelas famosas tavernas onde se reuniam os heróis que sempre ouvira dos meus primos.

Nunca tive uma mudança tão rápida de opinião.

Ao contrário do que imaginava, os guerreiros, em sua maioria, eram mercenários, não heróis, e me viam não como uma fã, mas sim como alguém para noites de luxúria. Sempre que servia suas bebidas, algum engraçadinho nojento alisava as minhas pernas ou o meu traseiro. Procurei tentar fazer amizade com alguma daquelas mulheres mercenárias que apareciam. Porém, apesar de serem polidas, elas me viam como uma rival em potencial e procuravam me desmotivar. Teve uma que disse que eu teria mais sucesso como meretriz do que sendo aventureira. Afinal, dizia ela, que eu era bonita de corpo, quadris largos, boa para amar e não para lutar.

Eu a odiei por isto.

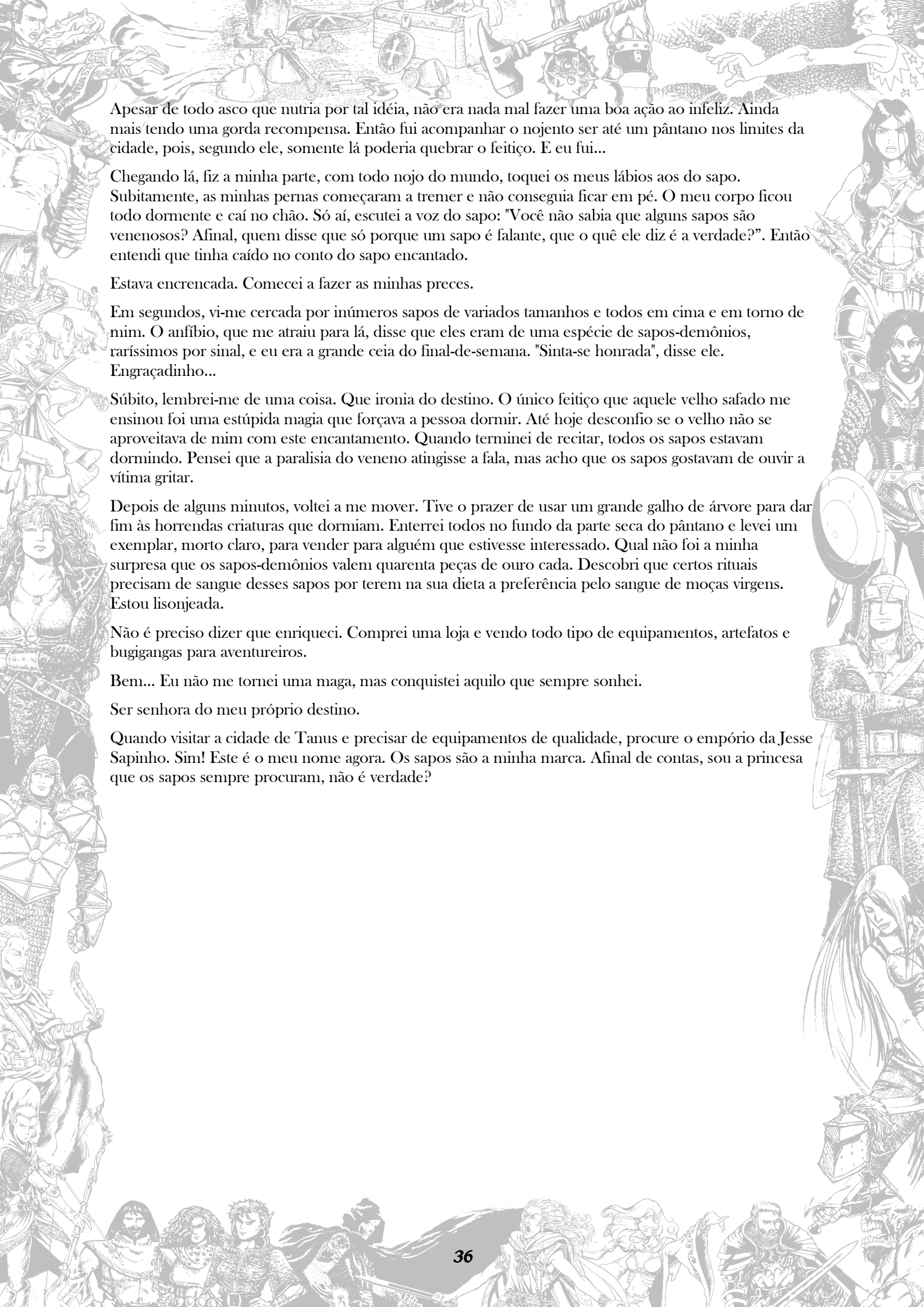
Até que um dia, um arcano de idade muito avançada apareceu e se propôs a me ensinar magia. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Pela primeira vez, a sorte sorriu para mim.

Ledo engano.

Quase um ano se passou. Uma noite ele veio me falar que eu não estava me esforçando o bastante e disse que era necessário que eu me “entregasse de corpo e alma” a seus ensinamentos. Ele então disse que era necessário “dar” mais de mim. Mas eu dei para ele. Dei uma bofetada naquele velho safado e voltei para a taverna. O pior é que em um ano aprendi apenas uma magia inútil.

O local do meu trabalho não era diferente da fazenda, fazia um pouco de tudo. Preparava a comida, vigiava o local onde se fazia àquela bebida, limpava o salão e as latrinas, alimentava as vacas com os restos dos legumes que vinham das fazendas próximas. Apesar do trabalho duro, eu tinha um privilégio, um quarto só para mim. Muito estranho, pois o dono da taverna dormia com a esposa, o filho e um outro infeliz, que como eu, buscava em seus sonhos ser um guerreiro, porém tinha somente dez anos. Acho, opinião minha, que o dono da taverna estava me “reservando” para seu filho. Sei não. Pois acho que o filho do taberneiro não demonstra interesse por mim e sim pelos guerreiros que por ali passam...

A minha vida começou a mudar com o surgimento de um sapo. Sim! Um sapo! E pior, um sapo falante. Eu estava levando a comida para as vacas quando o sapo me chamou. “Ei, moça! Moça!” Disse ele. Lógico que fiquei surpresa, mas com o tempo fui aceitando a idéia de confabular com o sapo. O anfíbio disse que foi vítima de um ataque de uma mulher rancorosa e vingativa e acabou sendo transformado em sapo e só um beijo de uma linda moça poderia reverter a situação, e ele estava disposto a me dar uma boa recompensa.



Apesar de todo asco que nutria por tal idéia, não era nada mal fazer uma boa ação ao infeliz. Ainda mais tendo uma gordá recompensa. Então fui acompanhar o nojento ser até um pântano nos limites da cidade, pois, segundo ele, somente lá poderia quebrar o feitiço. E eu fui...

Chegando lá, fiz a minha parte, com todo nojo do mundo, toquei os meus lábios aos do sapo. Subitamente, as minhas pernas começaram a tremer e não conseguia ficar em pé. O meu corpo ficou todo dormente e caí no chão. Só aí, escutei a voz do sapo: "Você não sabia que alguns sapos são venenosos? Afinal, quem disse que só porque um sapo é falante, que o quê ele diz é a verdade?". Então entendi que tinha caído no conto do sapo encantado.

Estava encrencada. Comecei a fazer as minhas preces.

Em segundos, vi-me cercada por inúmeros sapos de variados tamanhos e todos em cima e em torno de mim. O anfíbio, que me atraiu para lá, disse que eles eram de uma espécie de sapos-demônios, raríssimos por sinal, e eu era a grande ceia do final-de-semana. "Sinta-se honrada", disse ele. Engraçadinho...

Súbito, lembrei-me de uma coisa. Que ironia do destino. O único feitiço que aquele velho safado me ensinou foi uma estúpida magia que forçava a pessoa dormir. Até hoje desconfio se o velho não se aproveitava de mim com este encantamento. Quando terminei de recitar, todos os sapos estavam dormindo. Pensei que a paralisia do veneno atingisse a fala, mas acho que os sapos gostavam de ouvir a vítima gritar.

Depois de alguns minutos, voltei a me mover. Tive o prazer de usar um grande galho de árvore para dar fim às horrendas criaturas que dormiam. Enterrei todos no fundo da parte seca do pântano e levei um exemplar, morto claro, para vender para alguém que estivesse interessado. Qual não foi a minha surpresa que os sapos-demônios valem quarenta peças de ouro cada. Descobri que certos rituais precisam de sangue desses sapos por terem na sua dieta a preferência pelo sangue de moças virgens. Estou lisonjeada.

Não é preciso dizer que enriqueci. Comprei uma loja e vendo todo tipo de equipamentos, artefatos e bugigangas para aventureiros.

Bem... Eu não me tornei uma maga, mas conquistei aquilo que sempre sonhei.

Ser senhora do meu próprio destino.

Quando visitar a cidade de Tanus e precisar de equipamentos de qualidade, procure o empório da Jesse Sapinho. Sim! Este é o meu nome agora. Os sapos são a minha marca. Afinal de contas, sou a princesa que os sapos sempre procuram, não é verdade?



# O Príncipe do Gelo

Por Alexandre Romero Inforzato

O grupo percorreu o leito seco do riacho montanha acima, adentrando a zona nevada e prosseguindo com dificuldade através da tempestade branca. Usando o canal vazio como proteção contra os fortes ventos, percorreram silenciosamente alguns quilômetros pelos aclives sinuosos e encostas pedregosas até chegarem ao auge de um dos flancos rochosos da montanha, onde se havia erguido uma espécie de dique de madeira e rocha com o claro objetivo de represar as águas que teriam em outros tempos por ali escoado. Escalando a barragem, foi possível finalmente vislumbrar o que havia do outro lado: Um imenso lago gelado de vários quilômetros de extensão, cercado de protuberâncias basálticas e em cujo centro destacava-se uma formação de aspecto muito singular, semelhante a uma estalagnite álgida fincada solidamente sobre a superfície rígida do leito lacustre. Apesar do mau tempo e da distância que o separava de seus observadores, o espantoso edifício parecia pulsar com vida própria enquanto o vórtice da nevasca se elevava turbilhonante bem acima, com fúria alarmante e da forma menos natural possível.

“Há aberturas, janelas?” , especulou Thalad, finalmente quebrando o silêncio e apontando para o titânico obelisco de gelo. “Wallace... O que você acha?”.

O cavaleiro limitou-se a erguer as sobrancelhas num misto de dúvida e desânimo. Foi Ludvig quem verbalizou o pensamento geral: “Que tipo de maldita besta ancestral se aloja nesse ninho bizarro?!”.

“Um dragão do gelo, quem sabe...” , arriscou Hudson.

“Ah! Chega de dragões!” , exclamou Hasfor, apertando o capuz contra as orelhas.

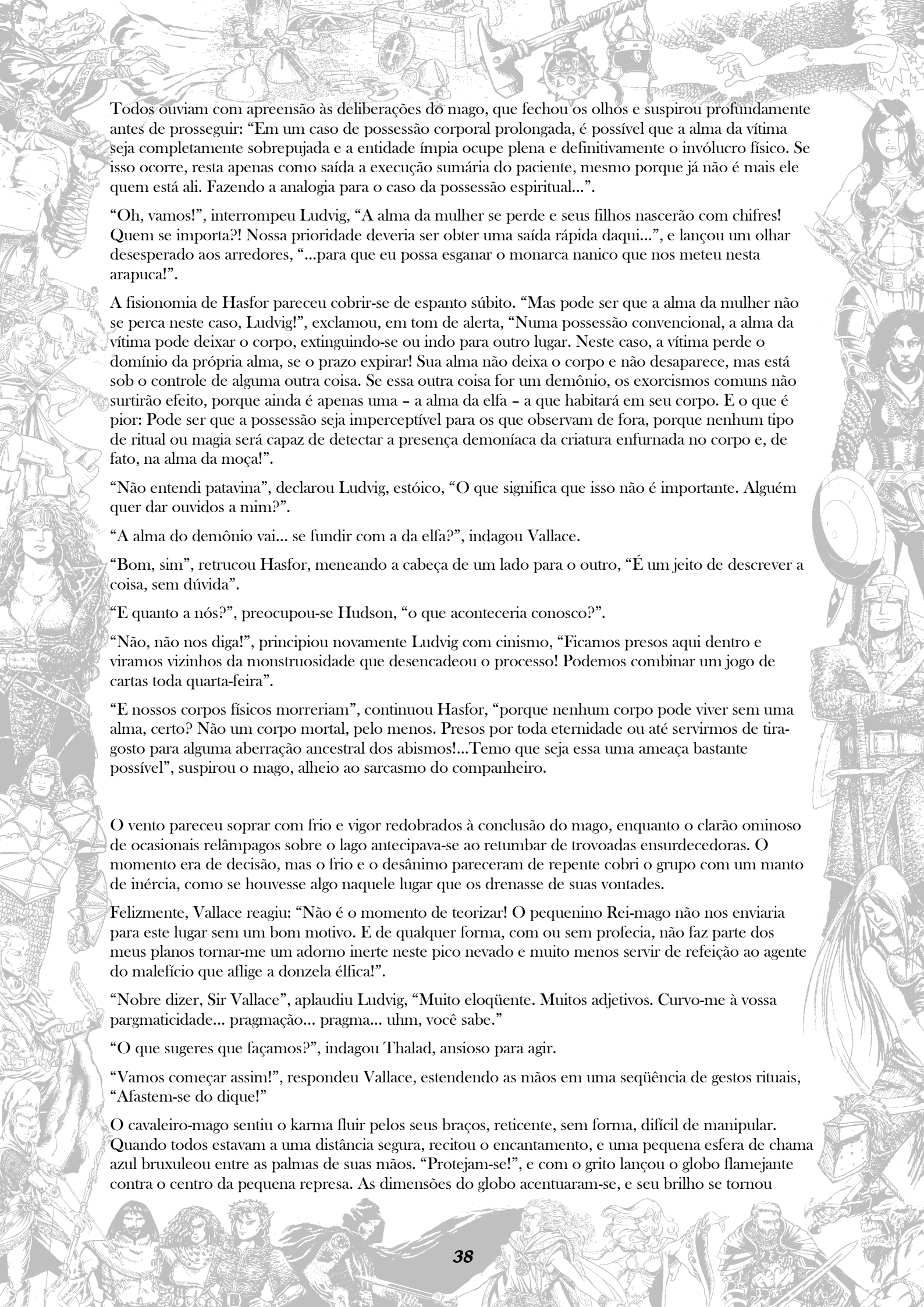
Caíram os cinco em novo silêncio enquanto tentavam decidir qual seria o próximo passo. Marchar através da superfície enrijecida do lago rumo ao monstruoso monumento de gelo era uma das opções, e certamente não a mais agradável, pois a idéia de um encontro com o suposto habitante daquele edifício suscitava possibilidades desastrosas no pensamento de cada um. Ao mesmo tempo, o frio castigava impiedosamente os corpos dos aventureiros, que logo perceberam que suas chances de sobrevivência minguiariam rapidamente quanto mais eles permanecessem estáticos em meio à tempestade.

“Se algo - ou alguém - habita nestes ermos gelados, terá sido o responsável por esta barragem?” , esforçava-se Thalad por compreender o enigma subjacente aos elementos daquele lugar estranho, “Com que propósito?!”.

“Tenho algumas teorias” , respondeu Wallace, que havia se conservado mudo e absorto desde o início da escalada, “O Rei dos pequeninos, de alguma forma, nos projetou para dentro da alma da donzela adormecida. Tudo aqui é uma metáfora que reflete a sua real condição! Lembrem da árvore seca, dos peixes agonizantes... e agora este lago gelado. Não consigo decifrar com exatidão o significado da charada, mas é possível que aqui esteja a fonte de todo o problema” , concluiu, lançando um gesto amplo em direção ao lago.

“Rezo para que seja um delírio causado pelo frio” , emendou Ludvig, insatisfeito com a explicação um tanto quanto fantástica fornecida por Wallace, “Mas se estás correto, devo entender que fomos deliberadamente injetados nesta dimensão bizarra para reverter algum mal que há sabe-se lá quantas eras aflige a elfa dorminhoca? Que falta de sorte, parece que perdi meu Guia Prático do Exorcista™ durante a escalada! E se tentássemos algo diferente? Algo como DAR O FORA DAQUI, por exemplo?!”.

“Exorcismo? É uma idéia interessante...” , ponderou Hasfor, “Uma possessão demoníaca geralmente implica no compartilhamento do corpo por mais de uma alma, mas assim é a possessão do corpo. O que estamos vivendo aqui, se nosso bom amigo Wallace estiver correto, é a invasão da alma, algum tipo de possessão espiritual. O assunto é muito mais delicado e até onde os meus conhecimentos alcançam, sem precedentes”.



Todos ouviam com apreensão às deliberações do mago, que fechou os olhos e suspirou profundamente antes de prosseguir: “Em um caso de possessão corporal prolongada, é possível que a alma da vítima seja completamente sobrepujada e a entidade ímpia ocupe plena e definitivamente o invólucro físico. Se isso ocorre, resta apenas como saída a execução sumária do paciente, mesmo porque já não é mais ele quem está ali. Fazendo a analogia para o caso da possessão espiritual...”.

“Oh, vamos!”, interrompeu Ludvig, “A alma da mulher se perde e seus filhos nascerão com chifres! Quem se importa?! Nossa prioridade deveria ser obter uma saída rápida daqui...”, e lançou um olhar desesperado aos arredores, “...para que eu possa esganar o monarca nanico que nos meteu nesta arapuca!”.

A fisionomia de Hasfor pareceu cobrir-se de espanto súbito. “Mas pode ser que a alma da mulher não se perca neste caso, Ludvig!”, exclamou, em tom de alerta, “Numa possessão convencional, a alma da vítima pode deixar o corpo, extinguindo-se ou indo para outro lugar. Neste caso, a vítima perde o domínio da própria alma, se o prazo expirar! Sua alma não deixa o corpo e não desaparece, mas está sob o controle de alguma outra coisa. Se essa outra coisa for um demônio, os exorcismos comuns não surtirão efeito, porque ainda é apenas uma – a alma da elfa – a que habitará em seu corpo. E o que é pior: Pode ser que a possessão seja imperceptível para os que observam de fora, porque nenhum tipo de ritual ou magia será capaz de detectar a presença demoníaca da criatura enfurnada no corpo e, de fato, na alma da moça!”.

“Não entendi patavina”, declarou Ludvig, estóico, “O que significa que isso não é importante. Alguém quer dar ouvidos a mim?”.

“A alma do demônio vai... se fundir com a da elfa?”, indagou Vallace.

“Bom, sim”, retrucou Hasfor, meneando a cabeça de um lado para o outro, “É um jeito de descrever a coisa, sem dúvida”.

“E quanto a nós?”, preocupou-se Hudson, “o que aconteceria conosco?”.

“Não, não nos diga!”, principiou novamente Ludvig com cinismo, “Ficamos presos aqui dentro e viramos vizinhos da monstruosidade que desencadeou o processo! Podemos combinar um jogo de cartas toda quarta-feira”.

“E nossos corpos físicos morreriam”, continuou Hasfor, “porque nenhum corpo pode viver sem uma alma, certo? Não um corpo mortal, pelo menos. Presos por toda eternidade ou até servirmos de tiragosto para alguma aberração ancestral dos abismos!...Temo que seja essa uma ameaça bastante possível”, suspirou o mago, alheio ao sarcasmo do companheiro.

O vento pareceu soprar com frio e vigor redobrados à conclusão do mago, enquanto o clarão ominoso de ocasionais relâmpagos sobre o lago antecipava-se ao retumbar de trovoadas ensurdecadoras. O momento era de decisão, mas o frio e o desânimo pareceram de repente cobrir o grupo com um manto de inércia, como se houvesse algo naquele lugar que os drenasse de suas vontades.

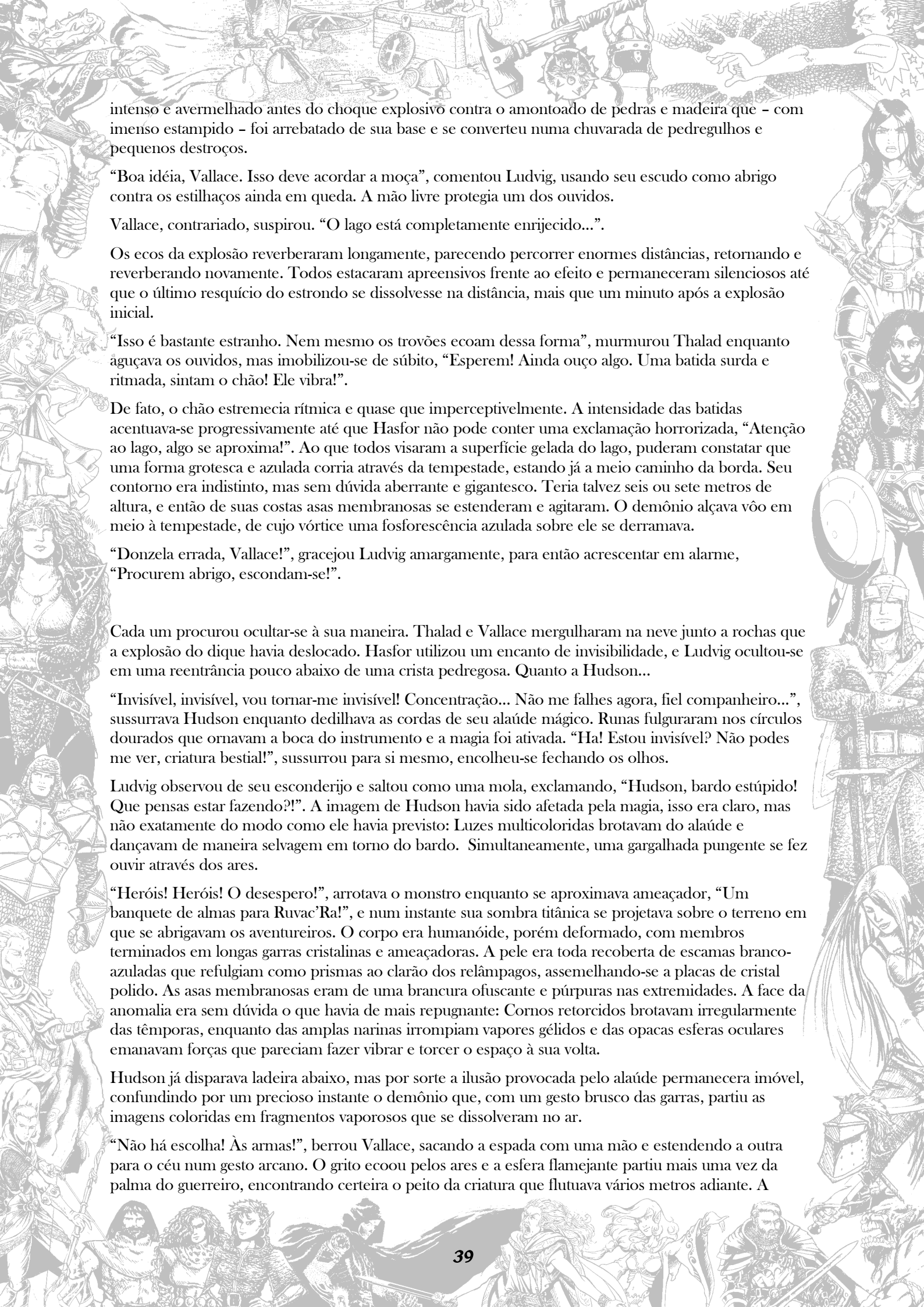
Felizmente, Vallace reagiu: “Não é o momento de teorizar! O pequenino Rei-mago não nos enviaria para este lugar sem um bom motivo. E de qualquer forma, com ou sem profecia, não faz parte dos meus planos tornar-me um adorno inerte neste pico nevado e muito menos servir de refeição ao agente do malefício que aflige a donzela élfica!”.

“Nobre dizer, Sir Vallace”, aplaudiu Ludvig, “Muito eloquente. Muitos adjetivos. Curvo-me à vossa pragmaticidade... pragmatismo... pragma... uhm, você sabe.”

“O que sugeres que façamos?”, indagou Thalad, ansioso para agir.

“Vamos começar assim!”, respondeu Vallace, estendendo as mãos em uma seqüência de gestos rituais, “Afastem-se do dique!”

O cavaleiro-mago sentiu o karma fluir pelos seus braços, reticente, sem forma, difícil de manipular. Quando todos estavam a uma distância segura, recitou o encantamento, e uma pequena esfera de chama azul bruxuleou entre as palmas de suas mãos. “Protejam-se!”, e com o grito lançou o globo flamejante contra o centro da pequena represa. As dimensões do globo acentuaram-se, e seu brilho se tornou



intenso e avermelhado antes do choque explosivo contra o amontoado de pedras e madeira que – com imenso estampido – foi arrebatado de sua base e se converteu numa chuvarada de pedregulhos e pequenos destroços.

“Boa idéia, Wallace. Isso deve acordar a moça”, comentou Ludvig, usando seu escudo como abrigo contra os estilhaços ainda em queda. A mão livre protegia um dos ouvidos.

Vallace, contrariado, suspirou. “O lago está completamente enrijecido...”.

Os ecos da explosão reverberaram longamente, parecendo percorrer enormes distâncias, retornando e reverberando novamente. Todos estacaram apreensivos frente ao efeito e permaneceram silenciosos até que o último resquício do estrondo se dissolvesse na distância, mais que um minuto após a explosão inicial.

“Isso é bastante estranho. Nem mesmo os trovões ecoam dessa forma”, murmurou Thalad enquanto aguçava os ouvidos, mas imobilizou-se de súbito, “Esperem! Ainda ouço algo. Uma batida surda e ritmada, sintam o chão! Ele vibra!”.

De fato, o chão estremecia rítmica e quase que imperceptivelmente. A intensidade das batidas acentuava-se progressivamente até que Hasfor não pode conter uma exclamação horrorizada, “Atenção ao lago, algo se aproxima!”. Ao que todos visaram a superfície gelada do lago, puderam constatar que uma forma grotesca e azulada corria através da tempestade, estando já a meio caminho da borda. Seu contorno era indistinto, mas sem dúvida aberrante e gigantesco. Teria talvez seis ou sete metros de altura, e então de suas costas asas membranosas se estenderam e agitaram. O demônio alçava vôo em meio à tempestade, de cujo vórtice uma fosforescência azulada sobre ele se derramava.

“Donzela errada, Wallace!”, gracejou Ludvig amargamente, para então acrescentar em alarme, “Procurem abrigo, escondam-se!”.

Cada um procurou ocultar-se à sua maneira. Thalad e Wallace mergulharam na neve junto a rochas que a explosão do dique havia deslocado. Hasfor utilizou um encanto de invisibilidade, e Ludvig ocultou-se em uma reentrância pouco abaixo de uma crista pedregosa. Quanto a Hudson...

“Invisível, invisível, vou tornar-me invisível! Concentração... Não me falhes agora, fiel companheiro...”, sussurrava Hudson enquanto dedilhava as cordas de seu alaúde mágico. Runas fulguraram nos círculos dourados que ornavam a boca do instrumento e a magia foi ativada. “Ha! Estou invisível? Não podes me ver, criatura bestial!”, sussurrou para si mesmo, encolheu-se fechando os olhos.

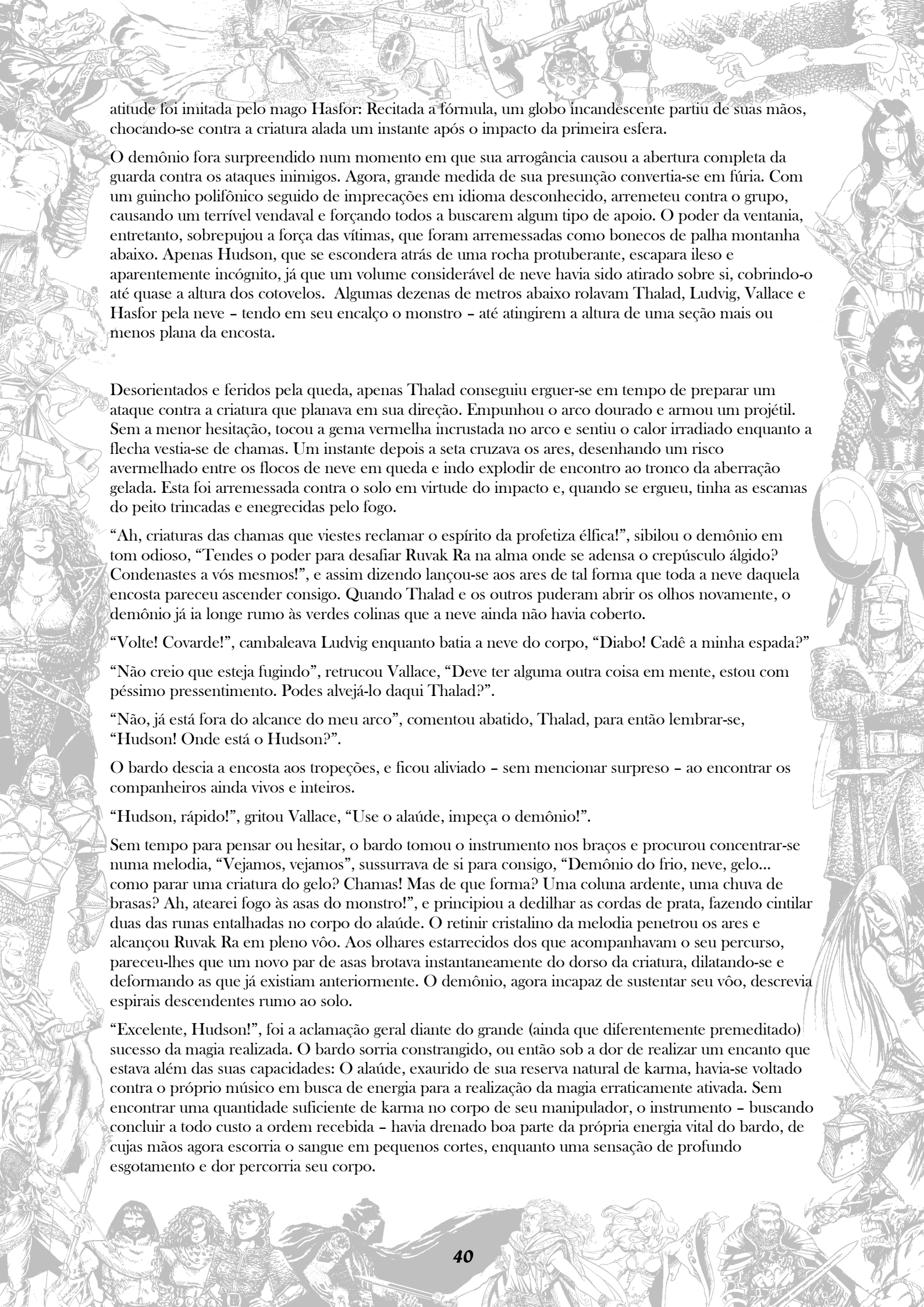
Ludvig observou de seu esconderijo e saltou como uma mola, exclamando, “Hudson, bardo estúpido! Que pensas estar fazendo?!”. A imagem de Hudson havia sido afetada pela magia, isso era claro, mas não exatamente do modo como ele havia previsto: Luzes multicoloridas brotavam do alaúde e dançavam de maneira selvagem em torno do bardo. Simultaneamente, uma gargalhada pungente se fez ouvir através dos ares.

“Heróis! Heróis! O desespero!”, arrotava o monstro enquanto se aproximava ameaçador, “Um banquete de almas para Ruvac’Ra!”, e num instante sua sombra titânica se projetava sobre o terreno em que se abrigavam os aventureiros. O corpo era humanóide, porém deformado, com membros terminados em longas garras cristalinas e ameaçadoras. A pele era toda recoberta de escamas branco-azuladas que refulgiam como prismas ao clarão dos relâmpagos, assemelhando-se a placas de cristal polido. As asas membranosas eram de uma brancura ofuscante e púrpuras nas extremidades. A face da anomalia era sem dúvida o que havia de mais repugnante: Cornos retorcidos brotavam irregularmente das têmporas, enquanto das amplas narinas irrompiam vapores gélidos e das opacas esferas oculares emanavam forças que pareciam fazer vibrar e torcer o espaço à sua volta.

Hudson já disparava ladeira abaixo, mas por sorte a ilusão provocada pelo alaúde permanecera imóvel, confundindo por um precioso instante o demônio que, com um gesto brusco das garras, partiu as imagens coloridas em fragmentos vaporosos que se dissolveram no ar.

“Não há escolha! Às armas!”, berrou Wallace, sacando a espada com uma mão e estendendo a outra para o céu num gesto arcano. O grito ecoou pelos ares e a esfera flamejante partiu mais uma vez da palma do guerreiro, encontrando certa o peito da criatura que flutuava vários metros adiante. A





atitude foi imitada pelo mago Hasfor: Recitada a fórmula, um globo incandescente partiu de suas mãos, chocando-se contra a criatura alada um instante após o impacto da primeira esfera.

O demônio fora surpreendido num momento em que sua arrogância causou a abertura completa da guarda contra os ataques inimigos. Agora, grande medida de sua presunção convertia-se em fúria. Com um guincho polifônico seguido de imprecações em idioma desconhecido, arremeteu contra o grupo, causando um terrível vendaval e forçando todos a buscarem algum tipo de apoio. O poder da ventania, entretanto, sobrepujou a força das vítimas, que foram arremessadas como bonecos de palha montanha abaixo. Apenas Hudson, que se escondera atrás de uma rocha protuberante, escapara ileso e aparentemente incógnito, já que um volume considerável de neve havia sido atirado sobre si, cobrindo-o até quase a altura dos cotovelos. Algumas dezenas de metros abaixo rolavam Thalad, Ludvig, Wallace e Hasfor pela neve – tendo em seu encaço o monstro – até atingirem a altura de uma seção mais ou menos plana da encosta.

Desorientados e feridos pela queda, apenas Thalad conseguiu erguer-se em tempo de preparar um ataque contra a criatura que planava em sua direção. Empunhou o arco dourado e armou um projétil. Sem a menor hesitação, tocou a gema vermelha incrustada no arco e sentiu o calor irradiado enquanto a flecha vestia-se de chamas. Um instante depois a seta cruzava os ares, desenhando um risco avermelhado entre os flocos de neve em queda e indo explodir de encontro ao tronco da aberração gelada. Esta foi arremessada contra o solo em virtude do impacto e, quando se ergueu, tinha as escamas do peito trincadas e enegrecidas pelo fogo.

“Ah, criaturas das chamas que viestes reclamar o espírito da profetiza élfica!”, sibilou o demônio em tom odioso, “Tendes o poder para desafiar Ruvak Ra na alma onde se adensa o crepúsculo álgido? Condenastes a vós mesmos!”, e assim dizendo lançou-se aos ares de tal forma que toda a neve daquela encosta pareceu ascender consigo. Quando Thalad e os outros puderam abrir os olhos novamente, o demônio já ia longe rumo às verdes colinas que a neve ainda não havia coberto.

“Volte! Covarde!”, cambaleava Ludvig enquanto batia a neve do corpo, “Diabo! Cadê a minha espada?”

“Não creio que esteja fugindo”, retrucou Wallace, “Deve ter alguma outra coisa em mente, estou com péssimo pressentimento. Podes alvejá-lo daqui Thalad?”

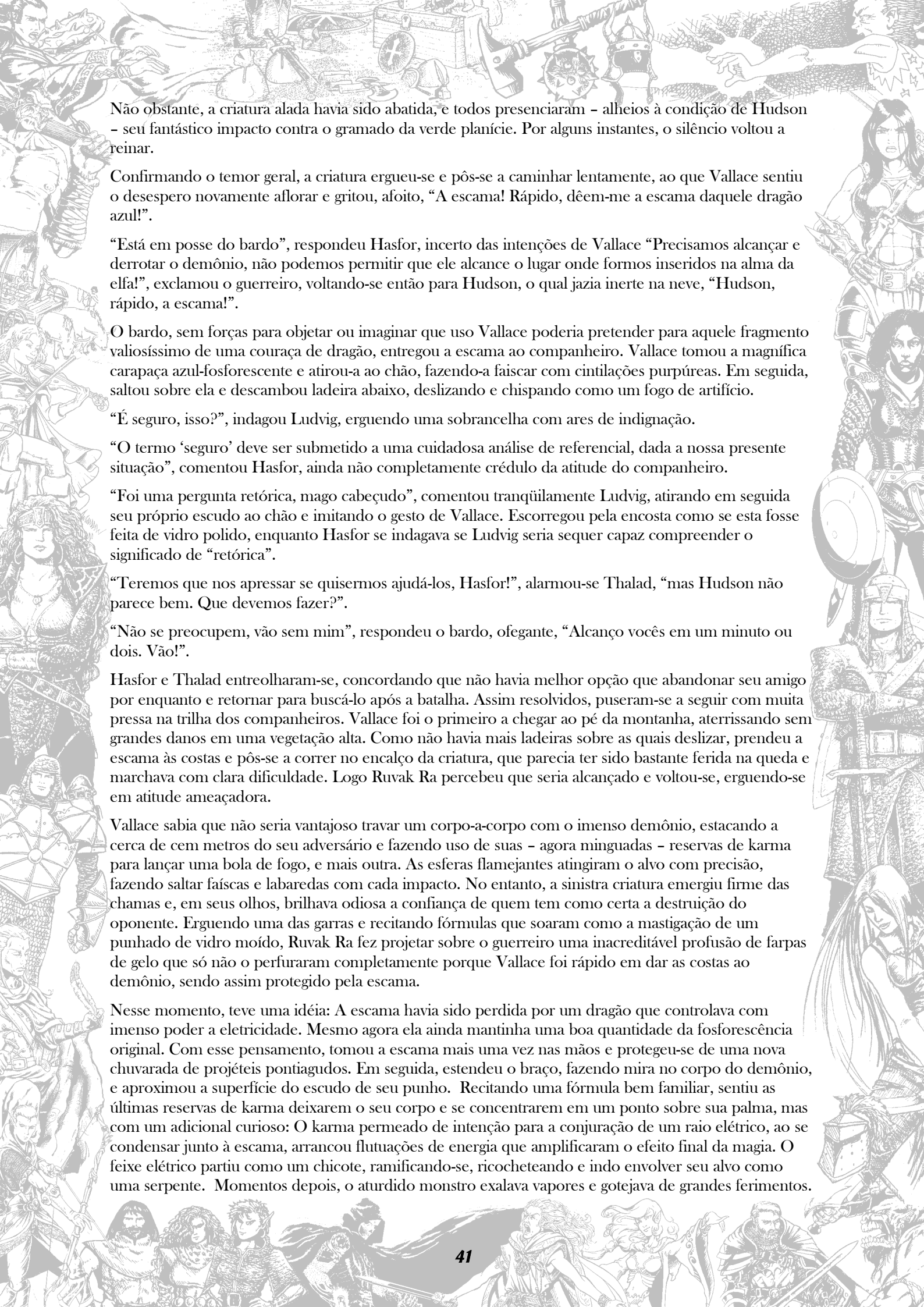
“Não, já está fora do alcance do meu arco”, comentou abatido, Thalad, para então lembrar-se, “Hudson! Onde está o Hudson?”

O bardo descia a encosta aos tropeções, e ficou aliviado – sem mencionar surpreso – ao encontrar os companheiros ainda vivos e inteiros.

“Hudson, rápido!”, gritou Wallace, “Use o alaúde, impeça o demônio!”

Sem tempo para pensar ou hesitar, o bardo tomou o instrumento nos braços e procurou concentrar-se numa melodia, “Vejamos, vejamos”, sussurrava de si para consigo, “Demônio do frio, neve, gelo... como parar uma criatura do gelo? Chamas! Mas de que forma? Uma coluna ardente, uma chuva de brasas? Ah, atarei fogo às asas do monstro!”, e principiou a dedilhar as cordas de prata, fazendo cintilar duas das runas entalhadas no corpo do alaúde. O retinir cristalino da melodia penetrou os ares e alcançou Ruvak Ra em pleno vôo. Aos olhares estarecidos dos que acompanhavam o seu percurso, pareceu-lhes que um novo par de asas brotava instantaneamente do dorso da criatura, dilatando-se e deformando as que já existiam anteriormente. O demônio, agora incapaz de sustentar seu vôo, descrevia espirais descendentes rumo ao solo.

“Excelente, Hudson!”, foi a aclamação geral diante do grande (ainda que diferentemente premeditado) sucesso da magia realizada. O bardo sorria constrangido, ou então sob a dor de realizar um encanto que estava além das suas capacidades: O alaúde, exaurido de sua reserva natural de karma, havia-se voltado contra o próprio músico em busca de energia para a realização da magia erratically ativada. Sem encontrar uma quantidade suficiente de karma no corpo de seu manipulador, o instrumento – buscando concluir a todo custo a ordem recebida – havia drenado boa parte da própria energia vital do bardo, de cujas mãos agora escorria o sangue em pequenos cortes, enquanto uma sensação de profundo esgotamento e dor percorria seu corpo.



Não obstante, a criatura alada havia sido abatida, e todos presenciaram – alheios à condição de Hudson – seu fantástico impacto contra o gramado da verde planície. Por alguns instantes, o silêncio voltou a reinar.

Confirmando o temor geral, a criatura ergueu-se e pôs-se a caminhar lentamente, ao que Wallace sentiu o desespero novamente aflorar e gritou, afoito, “A escama! Rápido, dêem-me a escama daquele dragão azul!”.

“Está em posse do bardo”, respondeu Hasfor, incerto das intenções de Wallace “Precisamos alcançar e derrotar o demônio, não podemos permitir que ele alcance o lugar onde fomos inseridos na alma da elfa!”, exclamou o guerreiro, voltando-se então para Hudson, o qual jazia inerte na neve, “Hudson, rápido, a escama!”.

O bardo, sem forças para objetar ou imaginar que uso Wallace poderia pretender para aquele fragmento valiosíssimo de uma couraça de dragão, entregou a escama ao companheiro. Wallace tomou a magnífica carapaça azul-fosforescente e atirou-a ao chão, fazendo-a faiscar com cintilações purpúreas. Em seguida, saltou sobre ela e descambou ladeira abaixo, deslizando e chismando como um fogo de artifício.

“É seguro, isso?”, indagou Ludvig, erguendo uma sobrancelha com ares de indignação.

“O termo ‘seguro’ deve ser submetido a uma cuidadosa análise de referencial, dada a nossa presente situação”, comentou Hasfor, ainda não completamente crédulo da atitude do companheiro.

“Foi uma pergunta retórica, mago cabeçudo”, comentou tranqüilamente Ludvig, atirando em seguida seu próprio escudo ao chão e imitando o gesto de Wallace. Escorregou pela encosta como se esta fosse feita de vidro polido, enquanto Hasfor se indagava se Ludvig seria sequer capaz compreender o significado de “retórica”.

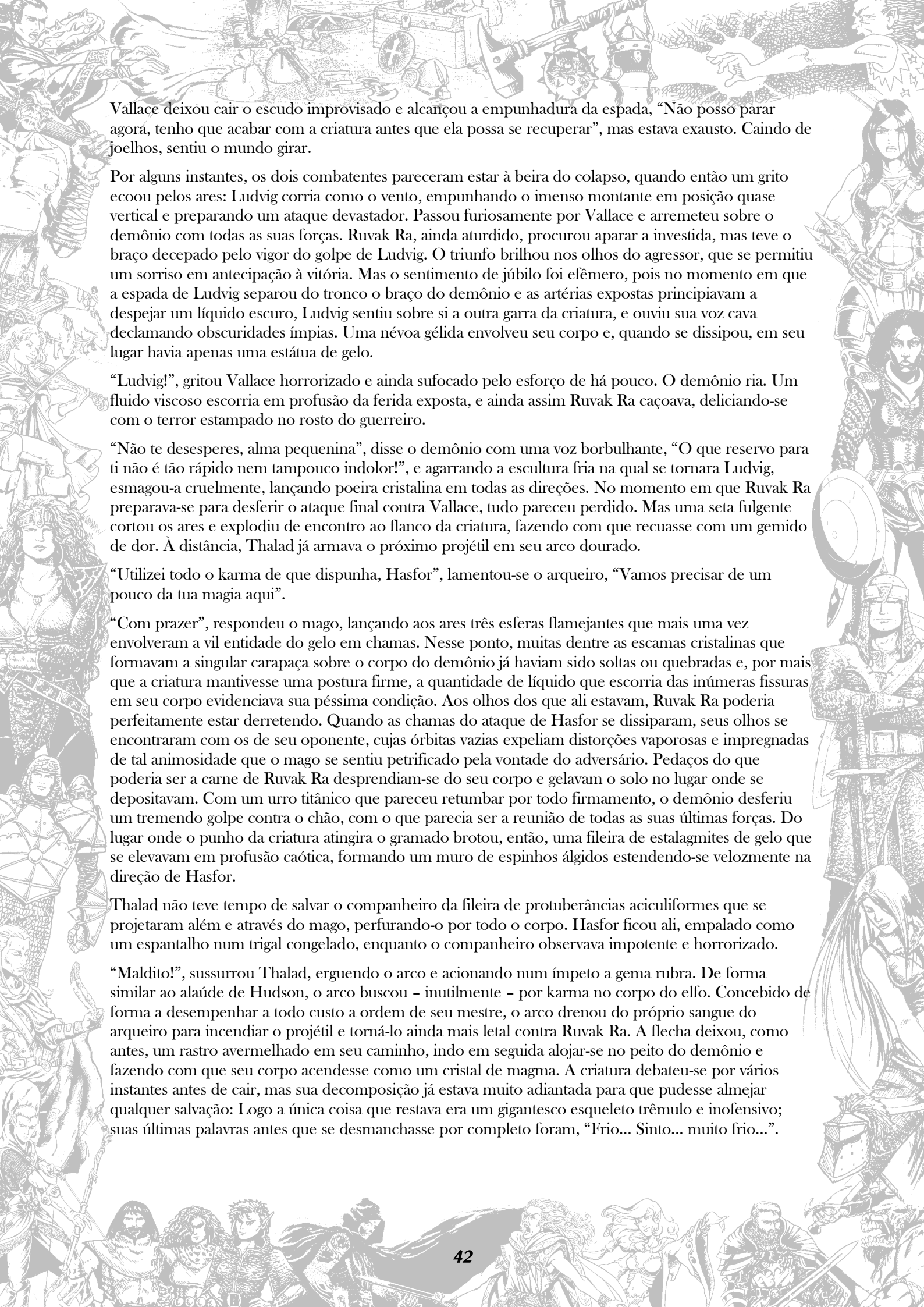
“Teremos que nos apressar se quisermos ajudá-los, Hasfor!”, alarmou-se Thalad, “mas Hudson não parece bem. Que devemos fazer?”.

“Não se preocupem, vão sem mim”, respondeu o bardo, ofegante, “Alcanço vocês em um minuto ou dois. Vão!”.

Hasfor e Thalad entreolharam-se, concordando que não havia melhor opção que abandonar seu amigo por enquanto e retornar para buscá-lo após a batalha. Assim resolvidos, puseram-se a seguir com muita pressa na trilha dos companheiros. Wallace foi o primeiro a chegar ao pé da montanha, aterrissando sem grandes danos em uma vegetação alta. Como não havia mais ladeiras sobre as quais deslizar, prendeu a escama às costas e pôs-se a correr no encaço da criatura, que parecia ter sido bastante ferida na queda e marchava com clara dificuldade. Logo Ruvak Ra percebeu que seria alcançado e voltou-se, erguendo-se em atitude ameaçadora.

Wallace sabia que não seria vantajoso travar um corpo-a-corpo com o imenso demônio, estacando a cerca de cem metros do seu adversário e fazendo uso de suas – agora minguadas – reservas de karma para lançar uma bola de fogo, e mais outra. As esferas flamejantes atingiram o alvo com precisão, fazendo saltar faíscas e labaredas com cada impacto. No entanto, a sinistra criatura emergiu firme das chamas e, em seus olhos, brilhava odiosa a confiança de quem tem como certa a destruição do oponente. Erguendo uma das garras e recitando fórmulas que soaram como a mastigação de um punhado de vidro moído, Ruvak Ra fez projetar sobre o guerreiro uma inacreditável profusão de farpas de gelo que só não o perfuraram completamente porque Wallace foi rápido em dar as costas ao demônio, sendo assim protegido pela escama.

Nesse momento, teve uma idéia: A escama havia sido perdida por um dragão que controlava com imenso poder a eletricidade. Mesmo agora ela ainda mantinha uma boa quantidade da fosforescência original. Com esse pensamento, tomou a escama mais uma vez nas mãos e protegeu-se de uma nova chuvarada de projéteis pontiagudos. Em seguida, estendeu o braço, fazendo mira no corpo do demônio, e aproximou a superfície do escudo de seu punho. Recitando uma fórmula bem familiar, sentiu as últimas reservas de karma deixarem o seu corpo e se concentrarem em um ponto sobre sua palma, mas com um adicional curioso: O karma permeado de intenção para a conjuração de um raio elétrico, ao se condensar junto à escama, arrancou flutuações de energia que amplificaram o efeito final da magia. O feixe elétrico partiu como um chicote, ramificando-se, ricocheteando e indo envolver seu alvo como uma serpente. Momentos depois, o aturdido monstro exalava vapores e gotejava de grandes ferimentos.



Vallace deixou cair o escudo improvisado e alcançou a empunhadura da espada, “Não posso parar agora, tenho que acabar com a criatura antes que ela possa se recuperar”, mas estava exausto. Caindo de joelhos, sentiu o mundo girar.

Por alguns instantes, os dois combatentes pareceram estar à beira do colapso, quando então um grito ecoou pelos ares: Ludvig corria como o vento, empunhando o imenso montante em posição quase vertical e preparando um ataque devastador. Passou furiosamente por Wallace e arremeteu sobre o demônio com todas as suas forças. Ruvak Ra, ainda aturdido, procurou aparar a investida, mas teve o braço decepado pelo vigor do golpe de Ludvig. O triunfo brilhou nos olhos do agressor, que se permitiu um sorriso em antecipação à vitória. Mas o sentimento de júbilo foi efêmero, pois no momento em que a espada de Ludvig separou do tronco o braço do demônio e as artérias expostas principiavam a despejar um líquido escuro, Ludvig sentiu sobre si a outra garra da criatura, e ouviu sua voz cava declamando obscuridades ímpias. Uma névoa gélida envolveu seu corpo e, quando se dissipou, em seu lugar havia apenas uma estátua de gelo.

“Ludvig!”, gritou Wallace horrorizado e ainda sufocado pelo esforço de há pouco. O demônio ria. Um fluido viscoso escorria em profusão da ferida exposta, e ainda assim Ruvak Ra caçoava, deliciando-se com o terror estampado no rosto do guerreiro.

“Não te desespere, alma pequenina”, disse o demônio com uma voz borbulhante, “O que reservo para ti não é tão rápido nem tampouco indolor!”, e agarrando a escultura fria na qual se tornara Ludvig, esmagou-a cruelmente, lançando poeira cristalina em todas as direções. No momento em que Ruvak Ra preparava-se para desferir o ataque final contra Wallace, tudo pareceu perdido. Mas uma seta fulgente cortou os ares e explodiu de encontro ao flanco da criatura, fazendo com que recuasse com um gemido de dor. À distância, Thalad já armava o próximo projétil em seu arco dourado.

“Utilizei todo o karma de que dispunha, Hasfor”, lamentou-se o arqueiro, “Vamos precisar de um pouco da tua magia aqui”.

“Com prazer”, respondeu o mago, lançando aos ares três esferas flamejantes que mais uma vez envolveram a vil entidade do gelo em chamas. Nesse ponto, muitas dentre as escamas cristalinas que formavam a singular carapaça sobre o corpo do demônio já haviam sido soltas ou quebradas e, por mais que a criatura mantivesse uma postura firme, a quantidade de líquido que escorria das inúmeras fissuras em seu corpo evidenciava sua péssima condição. Aos olhos dos que ali estavam, Ruvak Ra poderia perfeitamente estar derretendo. Quando as chamas do ataque de Hasfor se dissiparam, seus olhos se encontraram com os de seu oponente, cujas órbitas vazias expeliam distorções vaporosas e impregnadas de tal animosidade que o mago se sentiu petrificado pela vontade do adversário. Pedacos do que poderia ser a carne de Ruvak Ra desprendiam-se do seu corpo e gelavam o solo no lugar onde se depositavam. Com um urro titânico que pareceu retumbar por todo firmamento, o demônio desferiu um tremendo golpe contra o chão, com o que parecia ser a reunião de todas as suas últimas forças. Do lugar onde o punho da criatura atingira o gramado brotou, então, uma fileira de estalagmites de gelo que se elevavam em profusão caótica, formando um muro de espinhos álgidos estendendo-se velozmente na direção de Hasfor.

Thalad não teve tempo de salvar o companheiro da fileira de protuberâncias aciculiformes que se projetaram além e através do mago, perfurando-o por todo o corpo. Hasfor ficou ali, empalado como um espantalho num trigal congelado, enquanto o companheiro observava impotente e horrorizado.

“Maldito!”, sussurrou Thalad, erguendo o arco e acionando num ímpeto a gema rubra. De forma similar ao alaúde de Hudson, o arco buscou – inutilmente – por karma no corpo do elfo. Concebido de forma a desempenhar a todo custo a ordem de seu mestre, o arco drenou do próprio sangue do arqueiro para incendiar o projétil e torná-lo ainda mais letal contra Ruvak Ra. A flecha deixou, como antes, um rastro avermelhado em seu caminho, indo em seguida alojar-se no peito do demônio e fazendo com que seu corpo acendesse como um cristal de magma. A criatura debateu-se por vários instantes antes de cair, mas sua decomposição já estava muito adiantada para que pudesse almejar qualquer salvação: Logo a única coisa que restava era um gigantesco esqueleto trêmulo e inofensivo; suas últimas palavras antes que se desmanchasse por completo foram, “Frio... Sinto... muito frio...”.



# O Anel do Golem de Ferro

Por Nelson Rodrigues Rosa

A plataforma em que Josar estava era feita de madeira e junco e possuía cerca de três metros, altura suficiente para que pudesse observar toda a extensão da massa de pessoas que se aglomeravam na rua estreita, disputando a cotoveladas um lugar que lhes proporcionasse o melhor ângulo da apresentação. Era um dia atípico em Runa e todos estavam felizes. Conversavam, riam, apontavam, cantavam, apostavam... Sempre procurando a melhor forma de se distraírem enquanto aguardavam a atração principal.

Havia também muitas crianças presentes e elas tentavam igualmente se divertir. Algumas se ocupavam atirando pedras em um cachorro sarmento, que buscava desesperadamente proteção contra os projéteis se escondendo embaixo do palco. Mas as crianças davam a volta e encontravam outro espaço, de onde recomeçavam a alvejar e insultar o animal, que fugia novamente emitindo ganidos angustiantes.

Josar viu as crianças se afastarem e estremeceu quando o animal mais uma vez uivou de dor. Transferiu seu olhar para a multidão e deu um longo suspiro. Todos estavam lá para vê-lo. Ele estava acostumado a grandes apresentações, pois como um renomado alquimista, já fizera muitas para os grandes senhores de Runa. E era sempre a mesma coisa: Josar inventava uma nova solução que ajudava na colheita e os senhores da cidade ficavam embasbacados; imbuía em um item algum novo encanto e eles ficavam igualmente extasiados. Tudo que Josar criava era motivo para aclamação. Agora, como em tantas outras vezes, o jovem alquimista tinha um novo espetáculo pela frente, onde seria novamente o personagem principal. Mas desta vez não demonstraria nenhum novo óleo ou elixir, nem algum invento criativo. Estrelaria um espetáculo de dança: a dança sob o cadafalso. Sim, porque Josar fora condenado à forca.

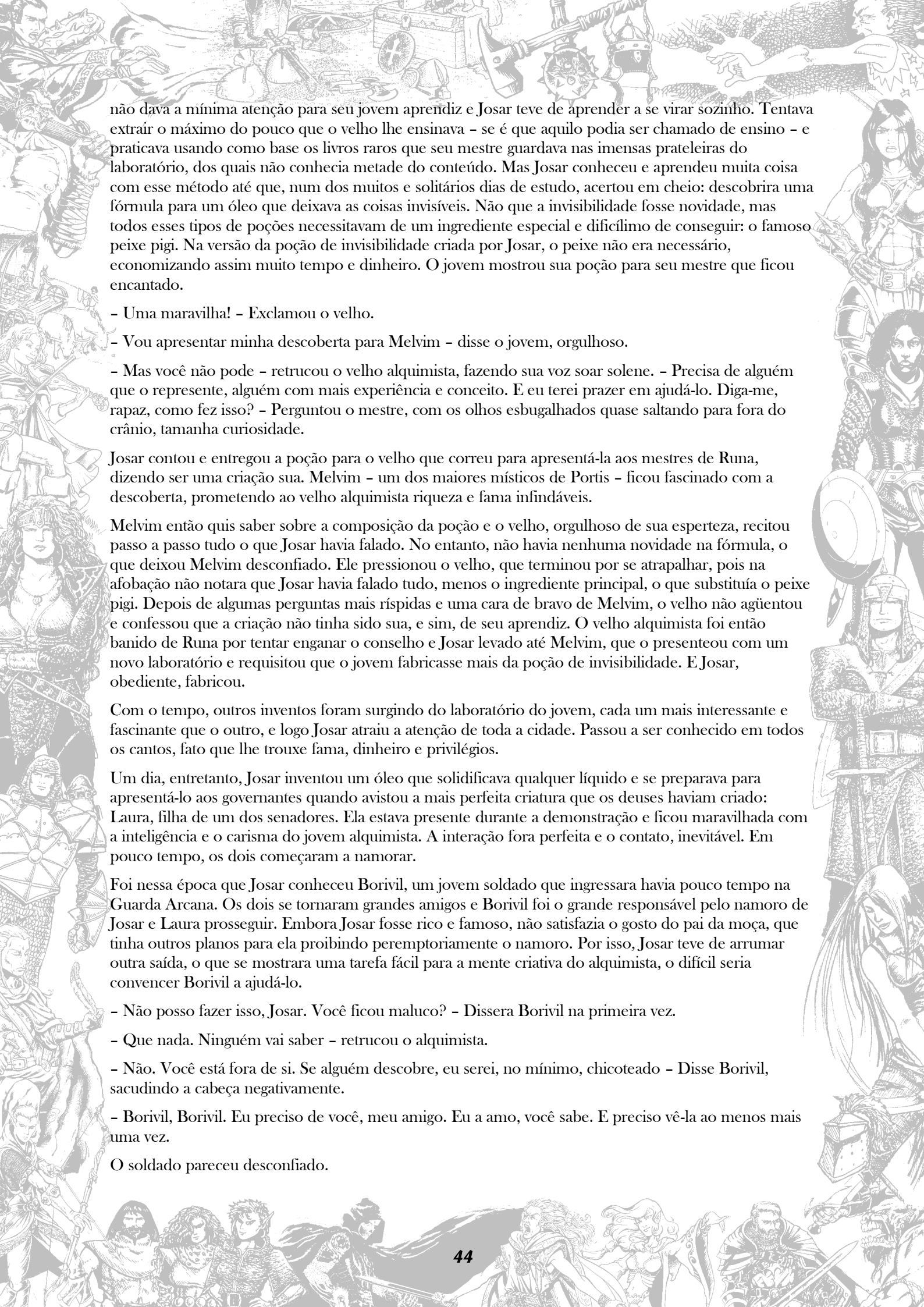
Suas pernas e braços estavam acorrentados e usava um manto preto por baixo de uma cota de malha surrada, onde parecia derreter devido ao calor. O suor fazia seu rosto brilhar, encharcando a gola de seu manto e sua calça na altura da cintura. Não estava acostumado com armaduras e o peso incomodava seus ombros, mas no fim, dera graças por estar vestido com quase vinte quilos de ferro. A armadura tinha sido posta para evitar que proferisse algum encanto, e estava sendo eficiente nisso, o que era um problema. Por outro lado, quando a portinhola sob seus pés fosse aberta, talvez desse a sorte de o peso acentuar a queda, quebrando seu pescoço e evitando que demorasse muito para morrer. Já ouvira casos de homens que ficaram quase uma hora debatendo-se sob o cadafalso, e essa idéia o apavorava.

Olhou para seu lado direito e avistou um homem alto e corpulento, tinha o peito nu e um longo capuz preto ocultava seu rosto. Mantinha-se parado, com os braços cruzados e olhando a multidão, apenas aguardando sua vez de agir. Ao seu lado esquerdo estava Borivil, o soldado da Guarda Arcana responsável por sua captura, além de ser seu melhor amigo. Estava sério e com uma expressão triste, como se o mundo estivesse prestes a acabar. Josar compreendia sua dor, mas não houvera escolha, e o alquimista estava feliz por ter sido do jeito que foi.

O homenzarrão se moveu atraindo a atenção de todos. Josar o viu se abaixar e pegar uma corda, em cuja ponta fora feito um grande laço. A multidão vibrou com o momento. O carrasco caminhou até o centro do tablado e colocou calmamente o laço em volta do pescoço do condenado, provocando uma grande ovação. O homem estava tão perto que Josar podia ouvir sua respiração, sentir o cheiro de seu suor, e perceber que ele também estava nervoso. Seu coração disparou. Ele inclinou o pescoço para o lado e observou a multidão que assistia eufórica ao seu enforcamento. As mulheres riam enquanto os homens colocavam seus filhos nas costas para que não perdessem nenhum lance. “O povo mais civilizado” era o que diziam. “Uma ova!”, pensou.

Fitou Borivil uma última vez e pode ver lágrimas escorrerem por seu rosto fino. Josar pensou então em sua vida e nos motivos que o trouxeram a essa situação, procurando algum fato que o fizesse sentir-se culpado, arrependido, mas não encontrou nenhum. E teve a certeza de que faria tudo de novo se fosse preciso. Tudo.

Há cerca de três anos não passava de mais um jovem aprendiz de feiticeiro em Runa. Seu mestre era um alquimista medíocre, que nunca conseguira um grande invento e vivia frustrado. Por conseqüência,



não dava a mínima atenção para seu jovem aprendiz e Josar teve de aprender a se virar sozinho. Tentava extrair o máximo do pouco que o velho lhe ensinava – se é que aquilo podia ser chamado de ensino – e praticava usando como base os livros raros que seu mestre guardava nas imensas prateleiras do laboratório, dos quais não conhecia metade do conteúdo. Mas Josar conheceu e aprendeu muita coisa com esse método até que, num dos muitos e solitários dias de estudo, acertou em cheio: descobrira uma fórmula para um óleo que deixava as coisas invisíveis. Não que a invisibilidade fosse novidade, mas todos esses tipos de poções necessitavam de um ingrediente especial e difícil de conseguir: o famoso peixe pigi. Na versão da poção de invisibilidade criada por Josar, o peixe não era necessário, economizando assim muito tempo e dinheiro. O jovem mostrou sua poção para seu mestre que ficou encantado.

- Uma maravilha! – Exclamou o velho.

- Vou apresentar minha descoberta para Melvim – disse o jovem, orgulhoso.

- Mas você não pode – retrucou o velho alquimista, fazendo sua voz soar solene. – Precisa de alguém que o represente, alguém com mais experiência e conceito. E eu terei prazer em ajudá-lo. Diga-me, rapaz, como fez isso? – Perguntou o mestre, com os olhos esbugalhados quase saltando para fora do crânio, tamanha curiosidade.

Josar contou e entregou a poção para o velho que correu para apresentá-la aos mestres de Runa, dizendo ser uma criação sua. Melvim – um dos maiores místicos de Portis – ficou fascinado com a descoberta, prometendo ao velho alquimista riqueza e fama infundáveis.

Melvim então quis saber sobre a composição da poção e o velho, orgulhoso de sua esperteza, recitou passo a passo tudo o que Josar havia falado. No entanto, não havia nenhuma novidade na fórmula, o que deixou Melvim desconfiado. Ele pressionou o velho, que terminou por se atrapalhar, pois na afobação não notara que Josar havia falado tudo, menos o ingrediente principal, o que substituiu o peixe pigi. Depois de algumas perguntas mais ríspidas e uma cara de bravo de Melvim, o velho não agüentou e confessou que a criação não tinha sido sua, e sim, de seu aprendiz. O velho alquimista foi então banido de Runa por tentar enganar o conselho e Josar levado até Melvim, que o presenteou com um novo laboratório e requisitou que o jovem fabricasse mais da poção de invisibilidade. E Josar, obediente, fabricou.

Com o tempo, outros inventos foram surgindo do laboratório do jovem, cada um mais interessante e fascinante que o outro, e logo Josar atraiu a atenção de toda a cidade. Passou a ser conhecido em todos os cantos, fato que lhe trouxe fama, dinheiro e privilégios.

Um dia, entretanto, Josar inventou um óleo que solidificava qualquer líquido e se preparava para apresentá-lo aos governantes quando avistou a mais perfeita criatura que os deuses haviam criado: Laura, filha de um dos senadores. Ela estava presente durante a demonstração e ficou maravilhada com a inteligência e o carisma do jovem alquimista. A interação fora perfeita e o contato, inevitável. Em pouco tempo, os dois começaram a namorar.

Foi nessa época que Josar conheceu Borivil, um jovem soldado que ingressara havia pouco tempo na Guarda Arcana. Os dois se tornaram grandes amigos e Borivil foi o grande responsável pelo namoro de Josar e Laura prosseguir. Embora Josar fosse rico e famoso, não satisfazia o gosto do pai da moça, que tinha outros planos para ela proibindo peremptoriamente o namoro. Por isso, Josar teve de arrumar outra saída, o que se mostrara uma tarefa fácil para a mente criativa do alquimista, o difícil seria convencer Borivil a ajudá-lo.

- Não posso fazer isso, Josar. Você ficou maluco? – Dissera Borivil na primeira vez.

- Que nada. Ninguém vai saber – retrucou o alquimista.

- Não. Você está fora de si. Se alguém descobre, eu serei, no mínimo, chicoteado – Disse Borivil, sacudindo a cabeça negativamente.

- Borivil, Borivil. Eu preciso de você, meu amigo. Eu a amo, você sabe. E preciso vê-la ao menos mais uma vez.

O soldado pareceu desconfiado.



- Só mais uma vez?

- Só mais uma vez - prometeu Josar, levantando as mãos para mostrar que não tinha os dedos cruzados. - Só mais uma vez e eu nunca mais irei sequer olhar para ela.

- Tá bom. Mas se descobrirem, você me paga! - Ameaçou Borivil, cômico de que estava fazendo uma coisa muito errada.

Naquela mesma noite Borivil deixou que Josar atravessasse a guarda para que - utilizando um de seus feitiços - flutuasse sobre os muros da casa de Laura e entrasse pela janela do quarto da moça. Entrou muito depois do anoitecer e saiu bem antes do dia clarear. Embora tenha prometido a Borivil que aquela seria a primeira e a última vez que arriscaria o pescoço dos dois entrando no quarto da moça, no dia seguinte lá estava ele, e depois de uma pequena discussão com Borivil, escalara os muros e invadira novamente o quarto de Laura. E em todas as noites a partir daquele dia Josar dormiu com sua amada, enquanto Borivil redobrava a vigilância para que ninguém descobrisse a pequena travessura dos dois.

O amor faz coisas incríveis, disse o alquimista tinha certeza. Desde que começara o romance secreto com Laura sua produção havia triplicado. Josar produzia muitas poções sob encomenda dos grandes comerciantes de Runa, trabalhava em várias pesquisas para o Senado e ainda encontrava tempo e inspiração para criar novas fórmulas. Certo dia, em reconhecimento aos seus grandes feitos, chegou a ser recompensado com um grande presente dos sacerdotes do templo de Palier. Um presente que, segundo os próprios sacerdotes, valia muito mais que um castelo cheio de ouro. As pessoas ficavam impressionadas com seu desempenho e sempre que perguntavam qual seu segredo, o alquimista desconversava, dizendo que a paixão pelo que fazia o estimulava. Com isso, Josar era um homem feliz. Tinha dinheiro, prestígio e a mulher que amava.

No entanto, a felicidade de Josar não era compartilhada por Laura, que gostaria de se casar e ter filhos. Certa vez propôs fugir com o alquimista, argumentando que ele já tinha dinheiro suficiente para não trabalhar pelo resto da vida, e que os dois amantes poderiam ir pra algum reino ao sul, ou a oeste, onde seu pai não os encontrasse.

- Que tal, meu amor? - Perguntara-lhe Laura, certa vez. - Podemos ir para Saravossa, por exemplo. Ou quem sabe outra cidade mais ao sul.

Josar olhou a mulher com desânimo, pois a amava, mas não gostava da idéia. Tinha uma ótima vida em Runa e não queria largar tudo o que havia conquistado até aquele momento. Se fugisse com Laura para outro reino, além de ter que começar tudo de novo, a partir do zero, viveria sempre preocupado com que alguém os encontrasse. Por outro lado, amava Laura mais que tudo, e sabia que ela não aceitaria uma resposta negativa. Por isso, tentou ganhar tempo.

- Vamos ver - terminou dizendo. - Eu não tenho tanto dinheiro como você pensa. Mas assim que eu tiver, nós fugiremos.

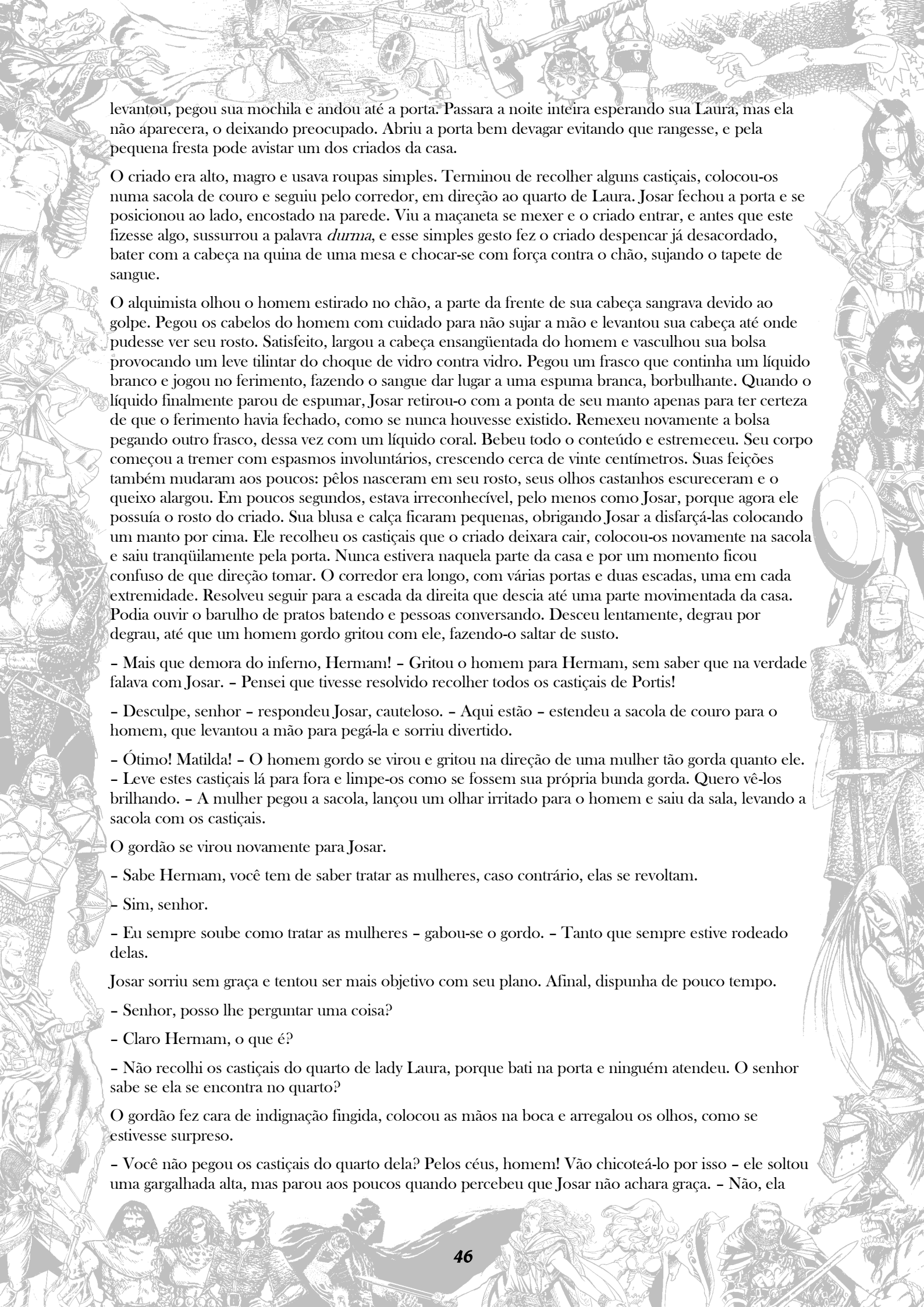
Ela claramente esperava outra resposta, mas se contentou em aguardar por mais algumas semanas. Com isso, dois anos se passaram.

\*\*\*

Foi numa noite estrelada de verão que Josar chegou mais uma vez para visitar Laura. Borivil não estava mais lá, pois seus ótimos trabalhos e a recomendação de Josar fizeram com que o jovem soldado fosse elevado de função. Embora isso não significasse uma patente maior, ele ganharia mais e se livraria do exaustivo trabalho noturno. Mas antes de sair de seu posto, Borivil deixara seu sucessor ciente do trato com Josar, e após uma boa barganha - e algumas moedas de ouro - o novo guarda ficara feliz em ajudar o casal.

Assim, o alquimista, como sempre fazia, flutuou sobre o muro até a janela do quarto de Laura, empurrou a janela e entrou sorrateiro, mas para sua surpresa o aposento estava vazio. Estranho, pensou. Ela sempre o esperava àquela hora. Josar resolveu relaxar, sua amada logo chegaria para que os dois passassem mais uma maravilhosa noite juntos. Deitou-se na cama macia, se recostou numa grande almofada de seda bordada e esperou.

Josar acordou assustado com o sol batendo em seu rosto. A claridade transpassava a cortina de seda tingida e deixava o ar colorido como nas grandes capelas que possuíam bonitos vitrais. O alquimista se



levantou, pegou sua mochila e andou até a porta. Passara a noite inteira esperando sua Laura, mas ela não aparecera, o deixando preocupado. Abriu a porta bem devagar evitando que rangesse, e pela pequena fresta pode avistar um dos criados da casa.

O criado era alto, magro e usava roupas simples. Terminou de recolher alguns castiçais, colocou-os numa sacola de couro e seguiu pelo corredor, em direção ao quarto de Laura. Josar fechou a porta e se posicionou ao lado, encostado na parede. Viu a maçaneta se mexer e o criado entrar, e antes que este fizesse algo, sussurrou a palavra *durma*, e esse simples gesto fez o criado despencar já desacordado, bater com a cabeça na quina de uma mesa e chocar-se com força contra o chão, sujando o tapete de sangue.

O alquimista olhou o homem estirado no chão, a parte da frente de sua cabeça sangrava devido ao golpe. Pegou os cabelos do homem com cuidado para não sujar a mão e levantou sua cabeça até onde pudesse ver seu rosto. Satisfeito, largou a cabeça ensangüentada do homem e vasculhou sua bolsa provocando um leve tilintar do choque de vidro contra vidro. Pegou um frasco que continha um líquido branco e jogou no ferimento, fazendo o sangue dar lugar a uma espuma branca, borbulhante. Quando o líquido finalmente parou de espumar, Josar retirou-o com a ponta de seu manto apenas para ter certeza de que o ferimento havia fechado, como se nunca houvesse existido. Remexeu novamente a bolsa pegando outro frasco, dessa vez com um líquido coral. Bebeu todo o conteúdo e estremeceu. Seu corpo começou a tremer com espasmos involuntários, crescendo cerca de vinte centímetros. Suas feições também mudaram aos poucos: pêlos nasceram em seu rosto, seus olhos castanhos escureceram e o queixo alargou. Em poucos segundos, estava irreconhecível, pelo menos como Josar, porque agora ele possuía o rosto do criado. Sua blusa e calça ficaram pequenas, obrigando Josar a disfarçá-las colocando um manto por cima. Ele recolheu os castiçais que o criado deixara cair, colocou-os novamente na sacola e saiu tranqüilamente pela porta. Nunca estivera naquela parte da casa e por um momento ficou confuso de que direção tomar. O corredor era longo, com várias portas e duas escadas, uma em cada extremidade. Resolveu seguir para a escada da direita que descia até uma parte movimentada da casa. Podia ouvir o barulho de pratos batendo e pessoas conversando. Desceu lentamente, degrau por degrau, até que um homem gordo gritou com ele, fazendo-o saltar de susto.

- Mais que demora do inferno, Hermam! - Gritou o homem para Hermam, sem saber que na verdade falava com Josar. - Pensei que tivesse resolvido recolher todos os castiçais de Portis!

- Desculpe, senhor - respondeu Josar, cauteloso. - Aqui estão - estendeu a sacola de couro para o homem, que levantou a mão para pegá-la e sorriu divertido.

- Ótimo! Matilda! - O homem gordo se virou e gritou na direção de uma mulher tão gorda quanto ele. - Leve estes castiçais lá para fora e limpe-os como se fossem sua própria bunda gorda. Quero vê-los brilhando. - A mulher pegou a sacola, lançou um olhar irritado para o homem e saiu da sala, levando a sacola com os castiçais.

O gordão se virou novamente para Josar.

- Sabe Hermam, você tem de saber tratar as mulheres, caso contrário, elas se revoltam.

- Sim, senhor.

- Eu sempre soube como tratar as mulheres - gabou-se o gordo. - Tanto que sempre estive rodeado delas.

Josar sorriu sem graça e tentou ser mais objetivo com seu plano. Afinal, dispunha de pouco tempo.

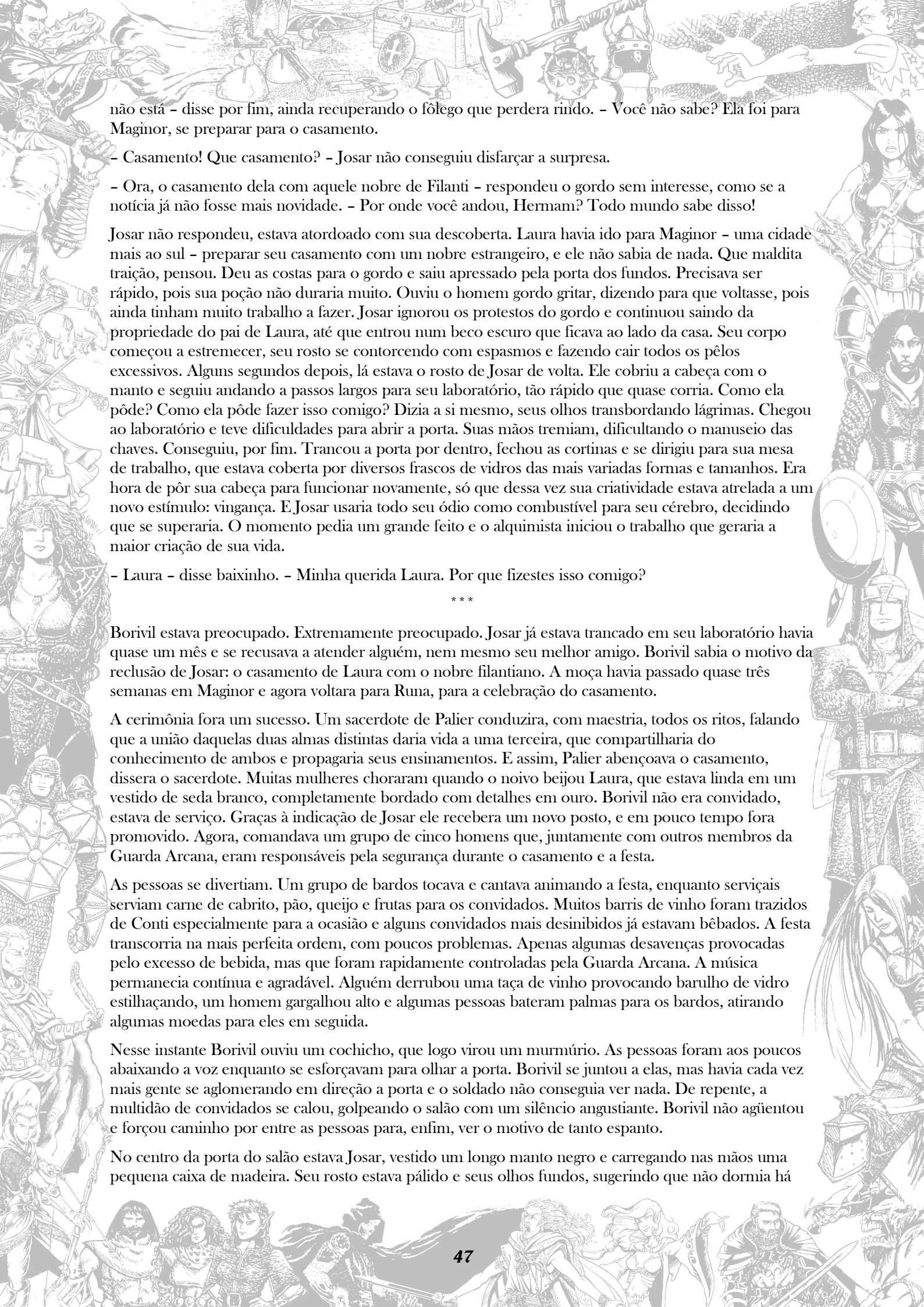
- Senhor, posso lhe perguntar uma coisa?

- Claro Hermam, o que é?

- Não recolhi os castiçais do quarto de lady Laura, porque bati na porta e ninguém atendeu. O senhor sabe se ela se encontra no quarto?

O gordão fez cara de indignação fingida, colocou as mãos na boca e arregalou os olhos, como se estivesse surpreso.

- Você não pegou os castiçais do quarto dela? Pelos céus, homem! Vão chicoteá-lo por isso - ele soltou uma gargalhada alta, mas parou aos poucos quando percebeu que Josar não achara graça. - Não, ela



não está - disse por fim, ainda recuperando o fôlego que perdera rindo. - Você não sabe? Ela foi para Maginor, se preparar para o casamento.

- Casamento! Que casamento? - Josar não conseguiu disfarçar a surpresa.

- Ora, o casamento dela com aquele nobre de Filanti - respondeu o gordo sem interesse, como se a notícia já não fosse mais novidade. - Por onde você andou, Herman? Todo mundo sabe disso!

Josar não respondeu, estava atordoado com sua descoberta. Laura havia ido para Maginor - uma cidade mais ao sul - preparar seu casamento com um nobre estrangeiro, e ele não sabia de nada. Que maldita traição, pensou. Deu as costas para o gordo e saiu apressado pela porta dos fundos. Precisava ser rápido, pois sua poção não duraria muito. Ouviu o homem gordo gritar, dizendo para que voltasse, pois ainda tinham muito trabalho a fazer. Josar ignorou os protestos do gordo e continuou saindo da propriedade do pai de Laura, até que entrou num beco escuro que ficava ao lado da casa. Seu corpo começou a estremecer, seu rosto se contorcendo com espasmos e fazendo cair todos os pêlos excessivos. Alguns segundos depois, lá estava o rosto de Josar de volta. Ele cobriu a cabeça com o manto e seguiu andando a passos largos para seu laboratório, tão rápido que quase corria. Como ela pôde? Como ela pôde fazer isso comigo? Dizia a si mesmo, seus olhos transbordando lágrimas. Chegou ao laboratório e teve dificuldades para abrir a porta. Suas mãos tremiam, dificultando o manuseio das chaves. Conseguiu, por fim. Trancou a porta por dentro, fechou as cortinas e se dirigiu para sua mesa de trabalho, que estava coberta por diversos frascos de vidros das mais variadas formas e tamanhos. Era hora de pôr sua cabeça para funcionar novamente, só que dessa vez sua criatividade estava atrelada a um novo estímulo: vingança. E Josar usaria todo seu ódio como combustível para seu cérebro, decidindo que se superaria. O momento pedia um grande feito e o alquimista iniciou o trabalho que geraria a maior criação de sua vida.

- Laura - disse baixinho. - Minha querida Laura. Por que fizestes isso comigo?

\*\*\*

Borivil estava preocupado. Extremamente preocupado. Josar já estava trancado em seu laboratório havia quase um mês e se recusava a atender alguém, nem mesmo seu melhor amigo. Borivil sabia o motivo da reclusão de Josar: o casamento de Laura com o nobre filantiano. A moça havia passado quase três semanas em Maginor e agora voltara para Runa, para a celebração do casamento.

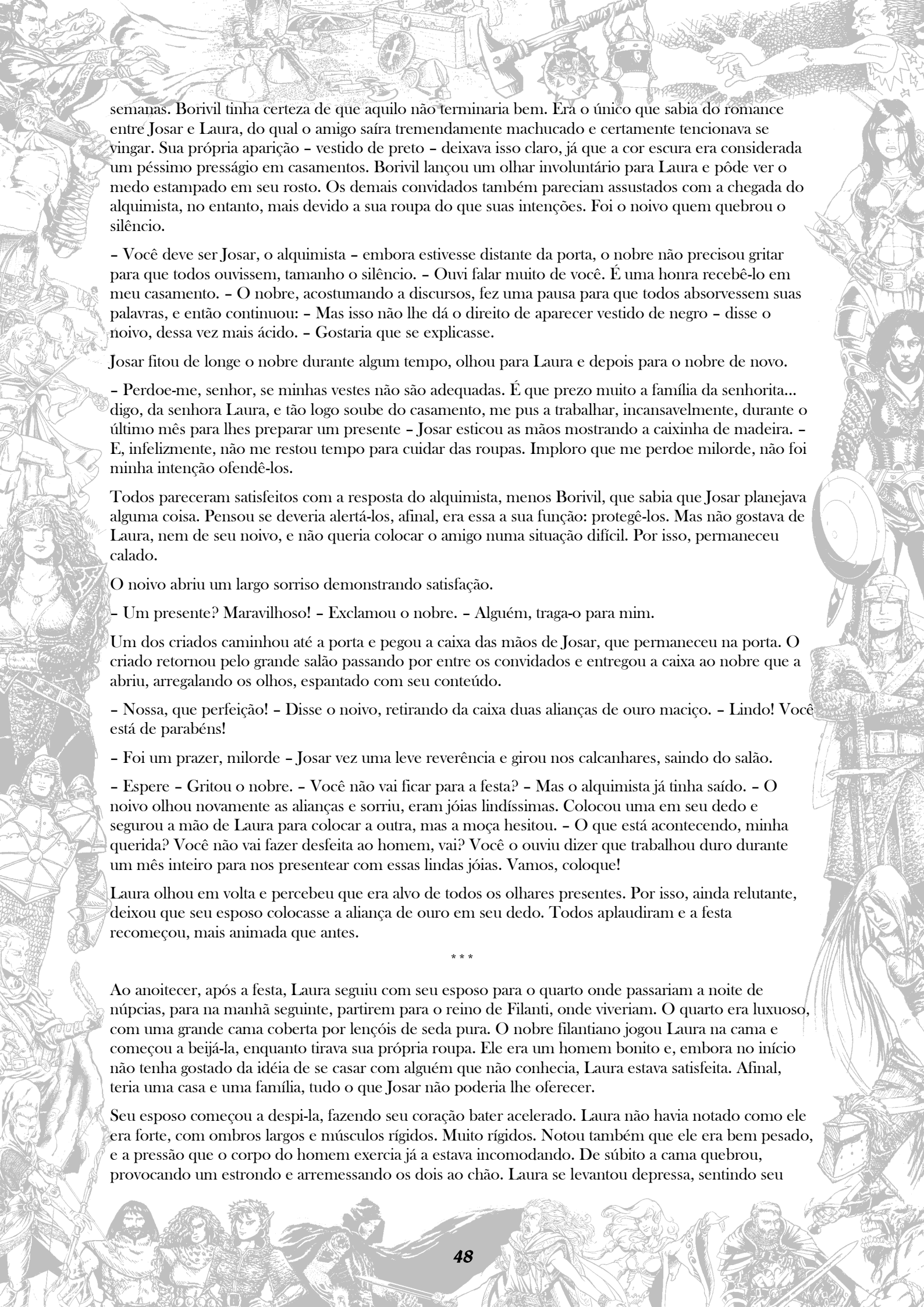
A cerimônia fora um sucesso. Um sacerdote de Palier conduzira, com maestria, todos os ritos, falando que a união daquelas duas almas distintas daria vida a uma terceira, que compartilharia do conhecimento de ambos e propagaria seus ensinamentos. E assim, Palier abençoava o casamento, dissera o sacerdote. Muitas mulheres choraram quando o noivo beijou Laura, que estava linda em um vestido de seda branco, completamente bordado com detalhes em ouro. Borivil não era convidado, estava de serviço. Graças à indicação de Josar ele recebera um novo posto, e em pouco tempo fora promovido. Agora, comandava um grupo de cinco homens que, juntamente com outros membros da Guarda Arcana, eram responsáveis pela segurança durante o casamento e a festa.

As pessoas se divertiam. Um grupo de bardos tocava e cantava animando a festa, enquanto serviçais serviam carne de cabrito, pão, queijo e frutas para os convidados. Muitos barris de vinho foram trazidos de Conti especialmente para a ocasião e alguns convidados mais desinibidos já estavam bêbados. A festa transcorria na mais perfeita ordem, com poucos problemas. Apenas algumas desavenças provocadas pelo excesso de bebida, mas que foram rapidamente controladas pela Guarda Arcana. A música permanecia contínua e agradável. Alguém derrubou uma taça de vinho provocando barulho de vidro estilhaçando, um homem gargalhou alto e algumas pessoas bateram palmas para os bardos, atirando algumas moedas para eles em seguida.

Nesse instante Borivil ouviu um cochicho, que logo virou um murmúrio. As pessoas foram aos poucos abaixando a voz enquanto se esforçavam para olhar a porta. Borivil se juntou a elas, mas havia cada vez mais gente se aglomerando em direção a porta e o soldado não conseguia ver nada. De repente, a multidão de convidados se calou, golpeando o salão com um silêncio angustiante. Borivil não agüentou e forçou caminho por entre as pessoas para, enfim, ver o motivo de tanto espanto.

No centro da porta do salão estava Josar, vestido um longo manto negro e carregando nas mãos uma pequena caixa de madeira. Seu rosto estava pálido e seus olhos fundos, sugerindo que não dormia há





semanas. Borivil tinha certeza de que aquilo não terminaria bem. Era o único que sabia do romance entre Josar e Laura, do qual o amigo saíra tremendamente machucado e certamente tencionava se vingar. Sua própria aparição – vestido de preto – deixava isso claro, já que a cor escura era considerada um péssimo presságio em casamentos. Borivil lançou um olhar involuntário para Laura e pôde ver o medo estampado em seu rosto. Os demais convidados também pareciam assustados com a chegada do alquimista, no entanto, mais devido a sua roupa do que suas intenções. Foi o noivo quem quebrou o silêncio.

– Você deve ser Josar, o alquimista – embora estivesse distante da porta, o nobre não precisou gritar para que todos ouvissem, tamanho o silêncio. – Ouvi falar muito de você. É uma honra recebê-lo em meu casamento. – O nobre, acostumando a discursos, fez uma pausa para que todos absorvessem suas palavras, e então continuou: – Mas isso não lhe dá o direito de aparecer vestido de negro – disse o noivo, dessa vez mais ácido. – Gostaria que se explicasse.

Josar fitou de longe o nobre durante algum tempo, olhou para Laura e depois para o nobre de novo.

– Perdoo-me, senhor, se minhas vestes não são adequadas. É que prezo muito a família da senhorita... digo, da senhora Laura, e tão logo soube do casamento, me pus a trabalhar, incansavelmente, durante o último mês para lhes preparar um presente – Josar esticou as mãos mostrando a caixinha de madeira. – E, infelizmente, não me restou tempo para cuidar das roupas. Imploro que me perdoe milorde, não foi minha intenção ofendê-los.

Todos pareceram satisfeitos com a resposta do alquimista, menos Borivil, que sabia que Josar planejava alguma coisa. Pensou se deveria alertá-los, afinal, era essa a sua função: protegê-los. Mas não gostava de Laura, nem de seu noivo, e não queria colocar o amigo numa situação difícil. Por isso, permaneceu calado.

O noivo abriu um largo sorriso demonstrando satisfação.

– Um presente? Maravilhoso! – Exclamou o nobre. – Alguém, traga-o para mim.

Um dos criados caminhou até a porta e pegou a caixa das mãos de Josar, que permaneceu na porta. O criado retornou pelo grande salão passando por entre os convidados e entregou a caixa ao nobre que a abriu, arregalando os olhos, espantado com seu conteúdo.

– Nossa, que perfeição! – Disse o noivo, retirando da caixa duas alianças de ouro maciço. – Lindo! Você está de parabéns!

– Foi um prazer, milorde – Josar fez uma leve reverência e girou nos calcanhares, saindo do salão.

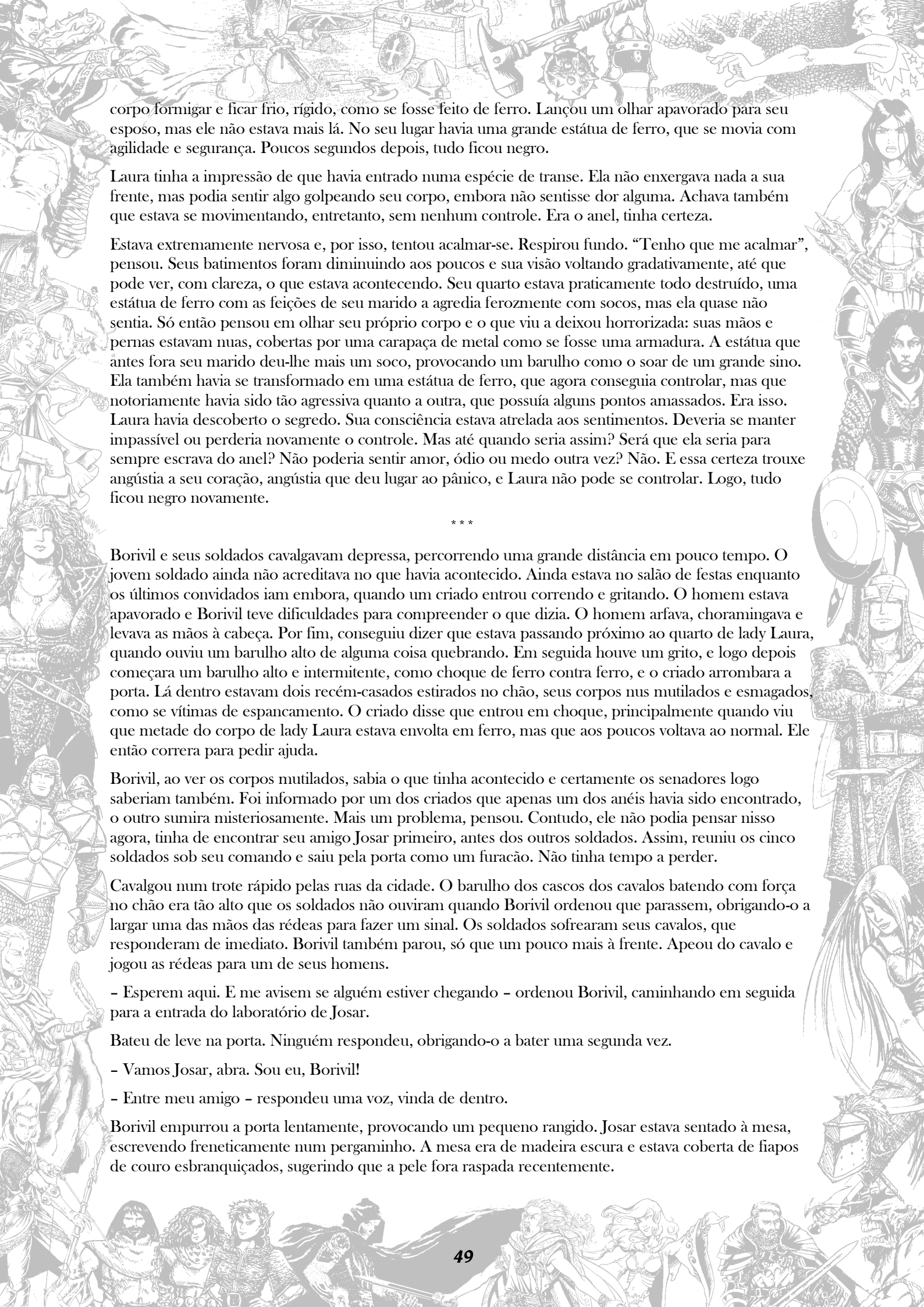
– Espere – Gritou o nobre. – Você não vai ficar para a festa? – Mas o alquimista já tinha saído. – O noivo olhou novamente as alianças e sorriu, eram jóias lindíssimas. Colocou uma em seu dedo e segurou a mão de Laura para colocar a outra, mas a moça hesitou. – O que está acontecendo, minha querida? Você não vai fazer desfeita ao homem, vai? Você o ouviu dizer que trabalhou duro durante um mês inteiro para nos presentear com essas lindas jóias. Vamos, coloque!

Laura olhou em volta e percebeu que era alvo de todos os olhares presentes. Por isso, ainda relutante, deixou que seu esposo colocasse a aliança de ouro em seu dedo. Todos aplaudiram e a festa recomeçou, mais animada que antes.

\*\*\*

Ao anoitecer, após a festa, Laura seguiu com seu esposo para o quarto onde passariam a noite de núpcias, para na manhã seguinte, partirem para o reino de Filanti, onde viveriam. O quarto era luxuoso, com uma grande cama coberta por lençóis de seda pura. O nobre filantiano jogou Laura na cama e começou a beijá-la, enquanto tirava sua própria roupa. Ele era um homem bonito e, embora no início não tenha gostado da idéia de se casar com alguém que não conhecia, Laura estava satisfeita. Afinal, teria uma casa e uma família, tudo o que Josar não poderia lhe oferecer.

Seu esposo começou a despi-la, fazendo seu coração bater acelerado. Laura não havia notado como ele era forte, com ombros largos e músculos rígidos. Muito rígidos. Notou também que ele era bem pesado, e a pressão que o corpo do homem exercia já a estava incomodando. De súbito a cama quebrou, provocando um estrondo e arremessando os dois ao chão. Laura se levantou depressa, sentindo seu



corpo formigar e ficar frio, rígido, como se fosse feito de ferro. Lançou um olhar apavorado para seu esposo, mas ele não estava mais lá. No seu lugar havia uma grande estátua de ferro, que se movia com agilidade e segurança. Poucos segundos depois, tudo ficou negro.

Laura tinha a impressão de que havia entrado numa espécie de transe. Ela não enxergava nada a sua frente, mas podia sentir algo golpeando seu corpo, embora não sentisse dor alguma. Achava também que estava se movimentando, entretanto, sem nenhum controle. Era o anel, tinha certeza.

Estava extremamente nervosa e, por isso, tentou acalmar-se. Respirou fundo. “Tenho que me acalmar”, pensou. Seus batimentos foram diminuindo aos poucos e sua visão voltando gradativamente, até que pode ver, com clareza, o que estava acontecendo. Seu quarto estava praticamente todo destruído, uma estátua de ferro com as feições de seu marido a agredia ferozmente com socos, mas ela quase não sentia. Só então pensou em olhar seu próprio corpo e o que viu a deixou horrorizada: suas mãos e pernas estavam nuas, cobertas por uma carapaça de metal como se fosse uma armadura. A estátua que antes fora seu marido deu-lhe mais um soco, provocando um barulho como o soar de um grande sino. Ela também havia se transformado em uma estátua de ferro, que agora conseguia controlar, mas que notoriamente havia sido tão agressiva quanto a outra, que possuía alguns pontos amassados. Era isso. Laura havia descoberto o segredo. Sua consciência estava atrelada aos sentimentos. Deveria se manter impassível ou perderia novamente o controle. Mas até quando seria assim? Será que ela seria para sempre escrava do anel? Não poderia sentir amor, ódio ou medo outra vez? Não. E essa certeza trouxe angústia a seu coração, angústia que deu lugar ao pânico, e Laura não pode se controlar. Logo, tudo ficou negro novamente.

\*\*\*

Borivil e seus soldados cavalgavam depressa, percorrendo uma grande distância em pouco tempo. O jovem soldado ainda não acreditava no que havia acontecido. Ainda estava no salão de festas enquanto os últimos convidados iam embora, quando um criado entrou correndo e gritando. O homem estava apavorado e Borivil teve dificuldades para compreender o que dizia. O homem arfava, choramingava e levava as mãos à cabeça. Por fim, conseguiu dizer que estava passando próximo ao quarto de lady Laura, quando ouviu um barulho alto de alguma coisa quebrando. Em seguida houve um grito, e logo depois começara um barulho alto e intermitente, como choque de ferro contra ferro, e o criado arrombara a porta. Lá dentro estavam dois recém-casados estirados no chão, seus corpos nus mutilados e esmagados, como se vítimas de espancamento. O criado disse que entrou em choque, principalmente quando viu que metade do corpo de lady Laura estava envolta em ferro, mas que aos poucos voltava ao normal. Ele então correria para pedir ajuda.

Borivil, ao ver os corpos mutilados, sabia o que tinha acontecido e certamente os senadores logo saberiam também. Foi informado por um dos criados que apenas um dos anéis havia sido encontrado, o outro sumira misteriosamente. Mais um problema, pensou. Contudo, ele não podia pensar nisso agora, tinha de encontrar seu amigo Josar primeiro, antes dos outros soldados. Assim, reuniu os cinco soldados sob seu comando e saiu pela porta como um furacão. Não tinha tempo a perder.

Cavalgou num trote rápido pelas ruas da cidade. O barulho dos cascos dos cavalos batendo com força no chão era tão alto que os soldados não ouviram quando Borivil ordenou que parassem, obrigando-o a largar uma das mãos das rédeas para fazer um sinal. Os soldados sofriaram seus cavalos, que responderam de imediato. Borivil também parou, só que um pouco mais à frente. Apeou do cavalo e jogou as rédeas para um de seus homens.

- Esperem aqui. E me avisem se alguém estiver chegando - ordenou Borivil, caminhando em seguida para a entrada do laboratório de Josar.

Bateu de leve na porta. Ninguém respondeu, obrigando-o a bater uma segunda vez.

- Vamos Josar, abra. Sou eu, Borivil!

- Entre meu amigo - respondeu uma voz, vinda de dentro.

Borivil empurrou a porta lentamente, provocando um pequeno rangido. Josar estava sentado à mesa, escrevendo freneticamente num pergaminho. A mesa era de madeira escura e estava coberta de fiapos de couro esbranquiçados, sugerindo que a pele fora raspada recentemente.



- Você sabe o que eu vim fazer aqui? - Inquiriu Borivil, fechando a porta e trancando-a por dentro.

- Me prender?

- Não, te ajudar a fugir.

Josar parou de escrever e olhou para o amigo com o cenho franzido.

- Não tive escolha, Borivil - confessou. - Ela me traiu! O que você queria que eu fizesse?

- Não sei, mas com certeza assassinar a mulher e seu esposo não foi a melhor idéia. Por todos os deuses, Josar, ela era filha de um senador e o homem o filho de um nobre estrangeiro! - Borivil fez uma pausa, esfregando o rosto com as duas mãos. - Você tem noção da encrenca em que se meteu? Com sorte será apenas condenado à forca!

- Eles morreram? - Josar parecia chocado.

- Sim, eles morreram.

- Não era para acontecer isso! Eu só não queria que os dois se tocassem, mas não que agredissem um ao outro!

- Mas se agrediram e se mataram. E você será enforcado por isso!

- Eu sei, meu amigo. Eu sei. - Josar se levantou, enrolou o pergaminho e estendeu-o a Borivil. Seus olhos estavam úmidos. - Tome, este é o meu testamento.

Borivil não pegou o pergaminho.

- Você não vai morrer, homem. Irá fugir. - Ele atravessou o laboratório, olhou pela janela e a fechou. Pegou uma mochila de couro que estava jogada em cima de uma cadeira e a estendeu para Josar. - Coloque tudo o que acha que precisará para sair do reino. Tenho amigos que o ajudarão a seguir para oeste até o rio Lara. Lá, pegue um barco e vá para as Cidades-Estados, onde estará seguro e poderá reconstruir sua vida.

Agora foi a vez de Josar não obedecer.

- Borivil, ouça. Todos sabem que somos grandes amigos, se eu fugir, vão desconfiar de você. Eu já estou condenado, mas você não, poderá sair ileso dessa bagunça toda. Ou melhor, poderá se tornar um herói!

- Um herói? - Borivil pareceu desconfiado.

- Sim, um herói. Respondeu Josar, com confiança. - Me prenda.

- Prender você? Só pode estar brincado! - O jovem soldado ficou irado. - Você não entendeu. Eu vim aqui ajudá-lo a fugir!

- Eu entendi perfeitamente. Mas estou dizendo que se me prender se tornará o herói de Portis; o homem que capturou o responsável pela morte de duas pessoas importantes.

- Você está delirando - Borivil caminhou em direção a porta como para dar a questão por encerrada, mas alguém bateu forte na porta, esmurrando a madeira como se fosse um inimigo.

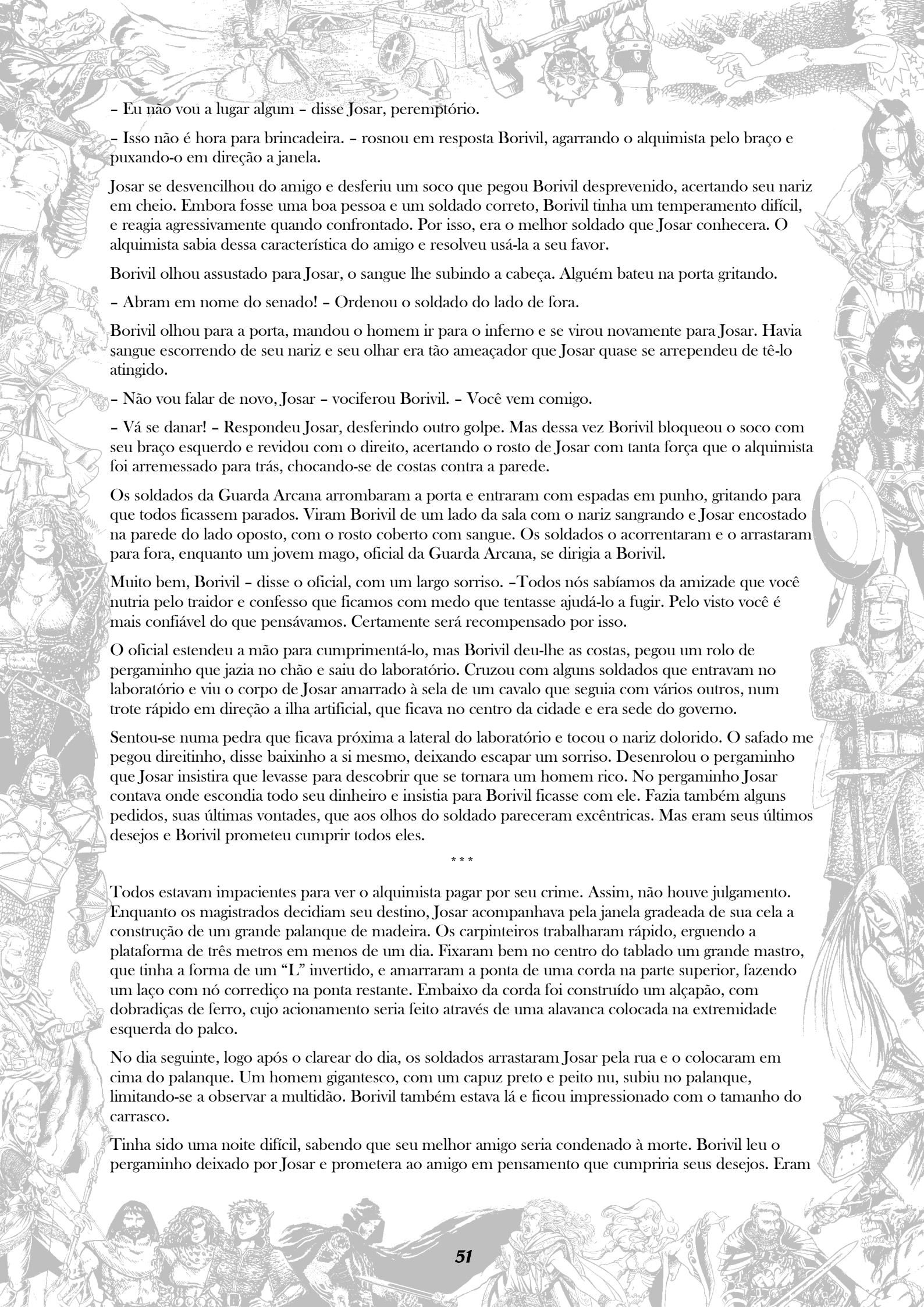
- Borivil! Borivil! - Gritava um soldado do lado de fora.

- O que foi?

- Outros soldados da Guarda Arcana estão vindo e existem oficiais com eles!

Que grande porcaria, pensou Borivil. Os oficiais da Guarda Arcana eram magos, que comandavam os brutamontes como ele. Por isso, por não usar magias, Borivil nunca poderia ser um oficial. Mas ele não se importava com isso, tinha coisas mais urgentes para pensar agora. Lutar contra guerreiros era uma coisa, mas contra magos... Borivil não poderia expor seus companheiros a tamanho perigo.

- Muito bem, rapazes. Deixem que passem! - Gritou Borivil de dentro do laboratório, e se virou para Josar. - Pronto, satisfeito? Agora tem um monte de magos vindo para cá. Temos que sair agora. Pela janela, rápido!



- Eu não vou a lugar algum - disse Josar, peremptório.

- Isso não é hora para brincadeira. - rosnou em resposta Borivil, agarrando o alquimista pelo braço e puxando-o em direção a janela.

Josar se desvencilhou do amigo e desferiu um soco que pegou Borivil desprevenido, acertando seu nariz em cheio. Embora fosse uma boa pessoa e um soldado correto, Borivil tinha um temperamento difícil, e reagia agressivamente quando confrontado. Por isso, era o melhor soldado que Josar conhecera. O alquimista sabia dessa característica do amigo e resolveu usá-la a seu favor.

Borivil olhou assustado para Josar, o sangue lhe subindo a cabeça. Alguém bateu na porta gritando.

- Abram em nome do senado! - Ordenou o soldado do lado de fora.

Borivil olhou para a porta, mandou o homem ir para o inferno e se virou novamente para Josar. Havia sangue escorrendo de seu nariz e seu olhar era tão ameaçador que Josar quase se arrependeu de tê-lo atingido.

- Não vou falar de novo, Josar - vociferou Borivil. - Você vem comigo.

- Vá se danar! - Respondeu Josar, desferindo outro golpe. Mas dessa vez Borivil bloqueou o soco com seu braço esquerdo e revidou com o direito, acertando o rosto de Josar com tanta força que o alquimista foi arremessado para trás, chocando-se de costas contra a parede.

Os soldados da Guarda Arcana arrombaram a porta e entraram com espadas em punho, gritando para que todos ficassem parados. Viram Borivil de um lado da sala com o nariz sangrando e Josar encostado na parede do lado oposto, com o rosto coberto com sangue. Os soldados o acorrentaram e o arrastaram para fora, enquanto um jovem mago, oficial da Guarda Arcana, se dirigia a Borivil.

Muito bem, Borivil - disse o oficial, com um largo sorriso. - Todos nós sabíamos da amizade que você nutria pelo traidor e confesso que ficamos com medo que tentasse ajudá-lo a fugir. Pelo visto você é mais confiável do que pensávamos. Certamente será recompensado por isso.

O oficial estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas Borivil deu-lhe as costas, pegou um rolo de pergaminho que jazia no chão e saiu do laboratório. Cruzou com alguns soldados que entravam no laboratório e viu o corpo de Josar amarrado à sela de um cavalo que seguia com vários outros, num trote rápido em direção a ilha artificial, que ficava no centro da cidade e era sede do governo.

Sentou-se numa pedra que ficava próxima a lateral do laboratório e tocou o nariz dolorido. O safado me pegou direitinho, disse baixinho a si mesmo, deixando escapar um sorriso. Desenrolou o pergaminho que Josar insistira que levasse para descobrir que se tornara um homem rico. No pergaminho Josar contava onde escondia todo seu dinheiro e insistia para Borivil ficasse com ele. Fazia também alguns pedidos, suas últimas vontades, que aos olhos do soldado pareceram excêntricas. Mas eram seus últimos desejos e Borivil prometeu cumprir todos eles.

\*\*\*

Todos estavam impacientes para ver o alquimista pagar por seu crime. Assim, não houve julgamento. Enquanto os magistrados decidiam seu destino, Josar acompanhava pela janela gradeada de sua cela a construção de um grande palanque de madeira. Os carpinteiros trabalharam rápido, erguendo a plataforma de três metros em menos de um dia. Fixaram bem no centro do tablado um grande mastro, que tinha a forma de um "L" invertido, e amarraram a ponta de uma corda na parte superior, fazendo um laço com nó corrediço na ponta restante. Embaixo da corda foi construído um alçapão, com dobradiças de ferro, cujo acionamento seria feito através de uma alavanca colocada na extremidade esquerda do palco.

No dia seguinte, logo após o clarear do dia, os soldados arrastaram Josar pela rua e o colocaram em cima do palanque. Um homem gigantesco, com um capuz preto e peito nu, subiu no palanque, limitando-se a observar a multidão. Borivil também estava lá e ficou impressionado com o tamanho do carrasco.

Tinha sido uma noite difícil, sabendo que seu melhor amigo seria condenado à morte. Borivil leu o pergaminho deixado por Josar e prometera ao amigo em pensamento que cumpriria seus desejos. Eram



desejos simples, embora totalmente sem sentido, e Borivil não teria dificuldade em conseguir tudo o que seu amigo desejava.

Antes de seguir para o local da execução o soldado passara no laboratório de Josar e recolhera algumas coisas. Depois seguiu para a ilha artificial, onde foi homenageado e recebeu a promessa que logo após a execução, seria promovido a líder-de-praça, uma patente superior à de soldado, que lhe dava o comando de trinta homens.

Mas nem isso alegrara seu dia, estava tremendamente triste por Josar e, se não fosse pelo último desejo de seu amigo, teria pedido para não acompanhar o enforcamento. Mas precisava estar perto do corpo assim que o soltassem da corda, caso contrário, talvez não tivesse chance de levá-lo. O pergaminho de Josar dizia para Borivil não deixar que cremassem seu corpo, e para conduzi-lo em segurança para fora da cidade. Borivil teve dificuldade para convencer seus superiores, mas dissera que o alquimista traidor não deveria ser cremado, e sim, enterrado fora da cidade para que seu corpo apodrecesse e fosse devorado pelos vermes. O magistrado pareceu divertir-se com a idéia e concedera a guarda do cadáver a Borivil.

Uma ovação da multidão arrancou Borivil de seus devaneios, o trazendo de volta à realidade. Ele olhou de soslaio e percebeu que o carrasco havia colocado a corda envolta do pescoço de Josar. Notou que seu amigo o fitava, mas não teve coragem de olhar em seus olhos, preferindo manter-se virado para a multidão, mas não foi capaz de evitar que uma lágrima deslizesse por seu rosto.

Borivil fechou os olhos, rezando para que tudo terminasse logo. Ouviu a multidão gritar e aplaudir extasiada com o momento, e pode sentir a vibração dos passos do homenzarrão caminhando pelo tablado, em direção a alavanca. Em algum lugar um cachorro ganiu. Mais ovação. De súbito, as pessoas se calaram e um silêncio sufocante tomou conta do lugar, fazendo Borivil achar que era capaz de ouvir o coração de Josar batendo. Pouco tempo depois, ouviu o rangido da alavanca sendo puxada; o estalo do alçapão abrindo e o ruído de espinha se quebrando. Obrigado Cruine, agradeceu Borivil ao deus da morte, em pensamento, por evitar que seu amigo sofresse. A multidão xingou, indignada pela morte prematura, que não lhes dera tempo de apreciar o momento raro de uma execução. Borivil abriu os olhos e viu as pessoas se dispersando, algumas que haviam apostado na morte rápida, estavam recolhendo seu dinheiro. Dois soldados seguraram o corpo, enquanto um terceiro cortou a corda para liberar Josar do cadafalso. Agora estava tudo acabado, ou quase tudo.

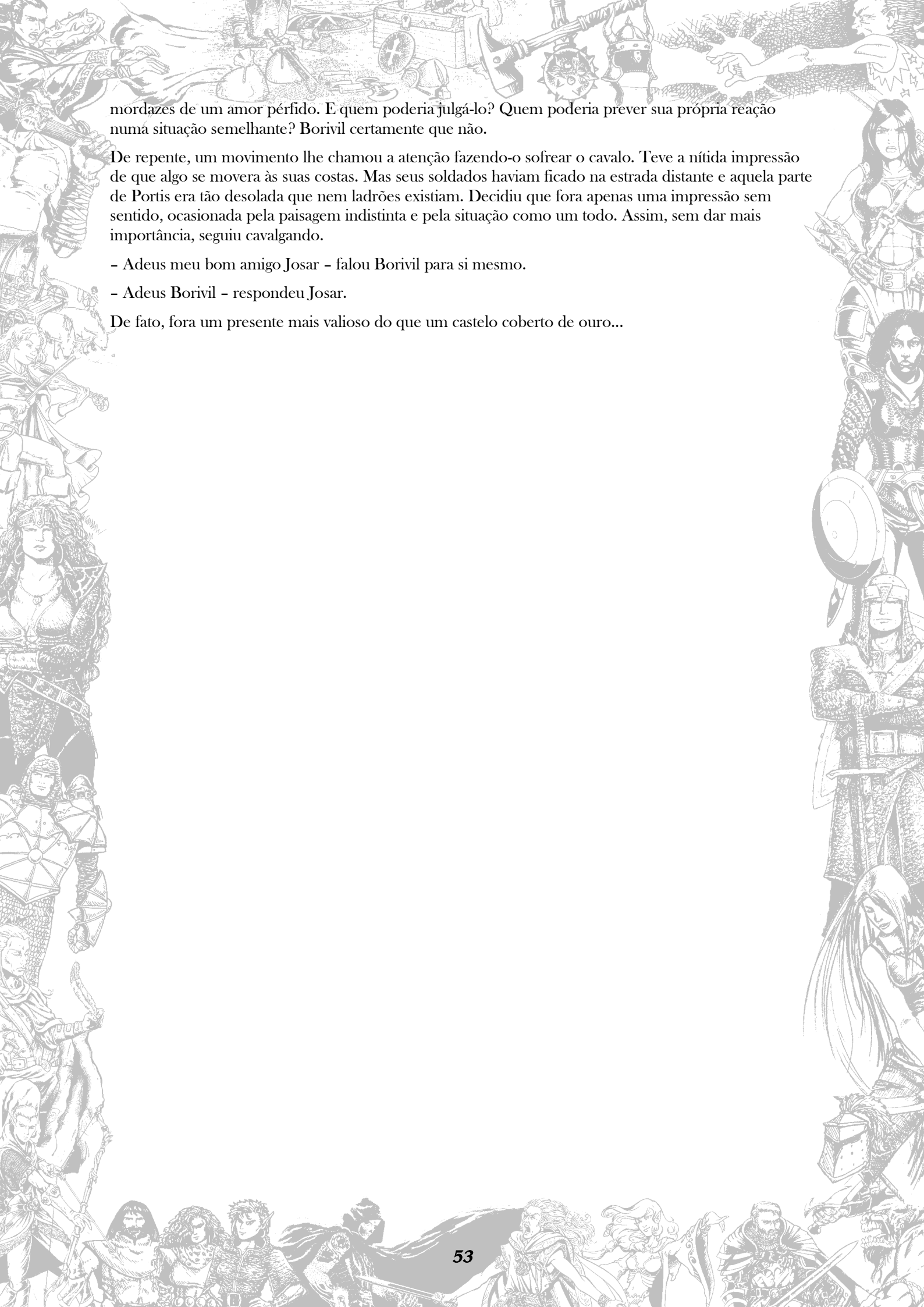
\*\*\*

Três soldados aguardavam Borivil retornar a estrada, para que pudessem escoltá-lo de volta a Runa. Borivil não podia vê-los, pois havia cavalgado para muito além da estrada, rebocando outro cavalo pelas rédeas e entrando num terreno rochoso que marcava o início dos Montes Raltril. Cavalgara por quase três dias, assim como Josar instruíra no pergaminho e, enfim, chegara num ponto suficientemente distante.

Apeou do cavalo e retirou Josar do lombo do animal, sopesando seu corpo para que não despencassem no chão. Deitou o cadáver devagar no terreno pedregoso, pousou sua mochila ao lado e revirou-a procurando o frasco indicado. Era um recipiente de vidro transparente, que armazenava um líquido prateado e viscoso. Borivil retirou a rolha que vedava a boca do frasco e derramou todo o líquido sobre o corpo já malcheiroso do amigo. Conferiu na mochila se não estava faltando nada: trouxera uma algibeira com moedas de ouro e prata, dois odres, um manto limpo, uma lanterna a óleo e duas pederneiras. No alforje do cavalo reserva, ainda tinha ferraduras sobressalentes e carne salgada.

Borivil achava tudo aquilo uma tremenda loucura. No começo, ao ler o pergaminho pela primeira vez, pensou que Josar tivesse usado mais um de seus truques e que não teria sido ele o enforcado àquela tarde. Contudo, analisando melhor e com mais calma, Borivil teve certeza de que fora Josar quem balançara na forca e decidiu que isso deveria ser alguma oferenda a Palier, já que o líder-de-praça da Guarda Arcana não conhecia os ritos e cultos ao deus do conhecimento e da magia.

Montou no cavalo e seguiu para a estrada que o conduziria de volta a Runa. Estava triste pela perda de seu amigo que fizera tanto por ele. Chegou à conclusão de que Josar fora um bom homem. Um alquimista brilhante, um amigo fantástico e um humano normal, suscetível a erros e às conseqüências



mordazes de um amor pérfido. E quem poderia julgá-lo? Quem poderia prever sua própria reação numa situação semelhante? Borivil certamente que não.

De repente, um movimento lhe chamou a atenção fazendo-o soffrear o cavalo. Teve a nítida impressão de que algo se movera às suas costas. Mas seus soldados haviam ficado na estrada distante e aquela parte de Portis era tão desolada que nem ladrões existiam. Decidiu que fora apenas uma impressão sem sentido, ocasionada pela paisagem indistinta e pela situação como um todo. Assim, sem dar mais importância, seguiu cavalgando.

- Adeus meu bom amigo Josar - falou Borivil para si mesmo.

- Adeus Borivil - respondeu Josar.

De fato, fora um presente mais valioso do que um castelo coberto de ouro...

# *Segundo Volume*





# Nasce um Aventureiro

por Luiz Antônio Salgueiro

Piotre era pescador, assim como seu pai. Natural de Calco, vivia no vilarejo de Barn, às margens do Frefo, o grande rio que serve de fronteira oeste com Plana, e onde desenvolvem suas atividades. Apesar da pouca renda, Piotre conseguia escrever seu nome e ler as palavras com certa dificuldade – um fato não tão incomum em Calco. Apesar da atividade familiar, Piotre não estava feliz. Ele queria conhecer o mundo, como a maioria dos jovens, mas não tinha coragem de abandonar seus pais, especialmente sua mãe doente.

Entretanto, logo após seu 17º aniversário, Piotre surpreendeu-se quando ia, pela manhã, até o barco com seu pai para mais um dia de trabalho. Enquanto se preparavam para zarpar, como se fosse a coisa mais natural do mundo, seu pai lhe disse:

- Piotre, eu e sua mãe achamos que já está na hora de você viajar até Saravossa e visitar a Grande Biblioteca.

Aquele foi um grande dia para Piotre. A Grande Biblioteca, dizem, concentra todo o conhecimento do mundo conhecido, e muito mais... ela se localiza em Saravossa, a capital de Calco. E Piotre nunca estivera numa grande cidade.

Dias depois, após excitação crescente, Piotre estava pronto para partir. Sua mãe lhe preparara um farnel com peixe seco, pão e uma botija de vinho. Seu pai lhe deu 7 moedas de prata e 5 de cobre, produto de mais de um mês de trabalho. Então ele finalmente se preparou para a longa viagem.

Arrumou sua muda de roupa na pequena bolsa que levava a tiracolo, onde levava também sua pederneira, colocou no cinto seu punhal e o pequeno gládio usado que seu pai lhe dera para a viagem. Despediu-se de sua vida e, em passos largos, abandonou a vila que chamava de lar.

Seus pais não sabiam, mas Piotre não pretendia retornar. Aquilo era um adeus definitivo e, de costas para eles, Piotre chorou enquanto caminhava rumo à sua nova vida.

\*\*\*

No segundo dia de caminhada, já deixara para trás o caminho que levava à Floresta de Aberdin, onde viviam os meio-elfos e era intensa a movimentação. Piotre preferira seguir a pequena trilha à esquerda, que o mantinha mais próximo do Frefo e o deixava mais seguro. Qualquer problema, acreditava ele, era só virar a oeste e buscar socorro numa das vilas de pescadores dali.

O sol começara a se pôr e Piotre decidira preparar alguma coisa para comer e descansar, pois teria um longo dia de caminhada. Afastando-se um pouco do caminho, em busca de gravetos para acender uma fogueira, Piotre ouviu um bufar grave e o ruído de patas pesadas escavando o chão. Cauteloso, ele afastou os arbustos pesados para ver o que se passava e viu-se surpreendido por um belíssimo e enorme corcel negro.

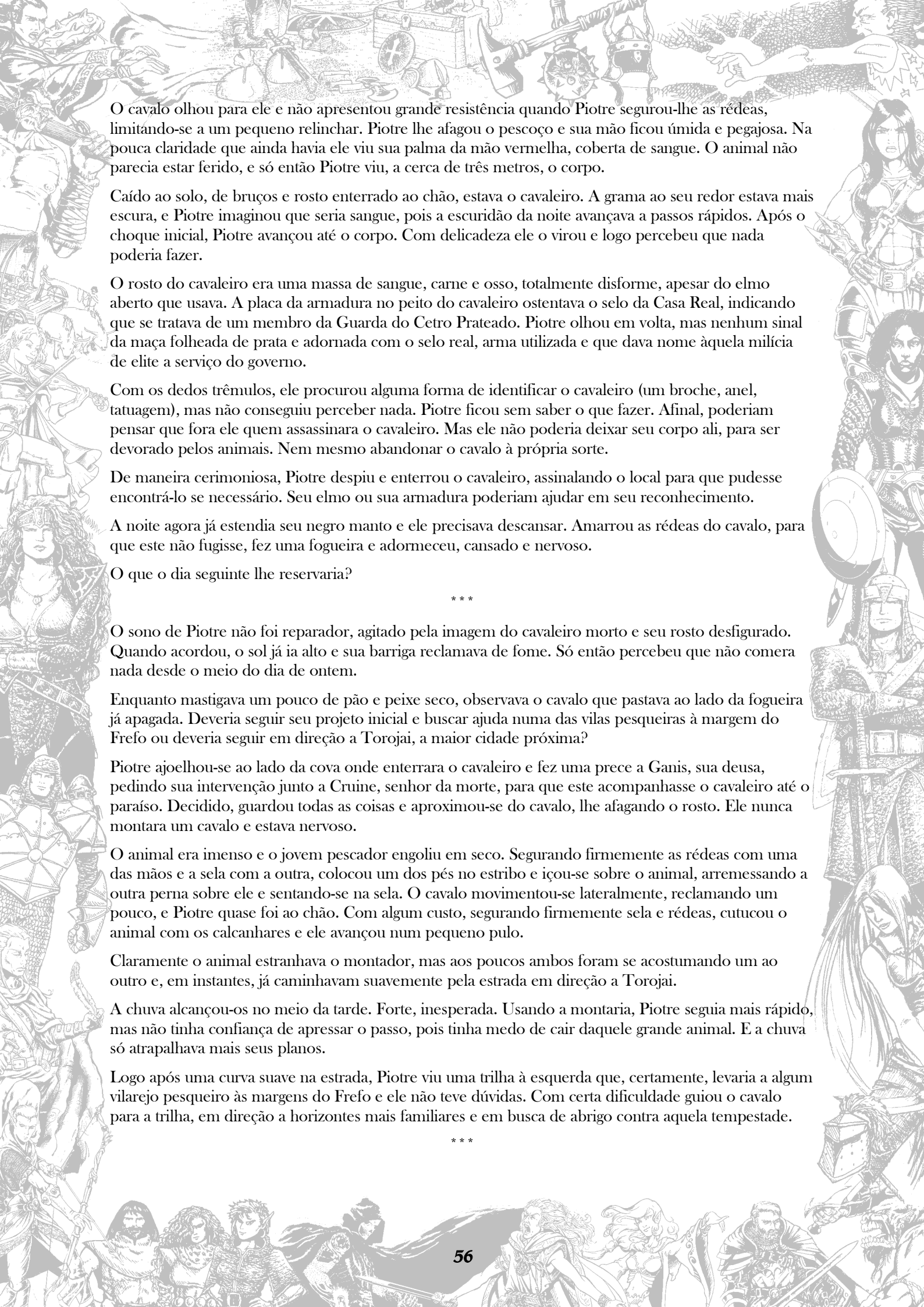
De crina espessa, completamente selado e com arreios decorados com botões de prata, estava bufando e escavando o solo com sua pata direita. Afora o movimento ritmado da pata e o bufar do animal, ele não se movia, exceção feita quando balançava sua cabeçorra de cima para baixo para, em seguida, sacudi-la lateralmente.

- Ele seria ótimo para minha viagem – pensou Piotre – mas como pegá-lo?

Com cuidado, Piotre pousou a bolsa que levava a tiracolo na grama e desafivelou seu cinto para que o gládio que o pai lhe dera não fizesse barulho. Manteve apenas o pequeno punhal na cintura e, com bastante cautela, foi avançando por entre os arbustos, evitando o mínimo estalar de gravetos.

O belo animal parecia não notar ou não se importar com sua presença, e Piotre foi se aproximando cada vez mais. A sela e os arreios indicavam que o cavalo era domado e não deveria apresentar grande resistência, uma vez que deveria estar acostumado à presença humana. Lentamente ele continuou avançando até o animal.





O cavalo olhou para ele e não apresentou grande resistência quando Piotre segurou-lhe as rédeas, limitando-se a um pequeno relinchar. Piotre lhe afagou o pescoço e sua mão ficou úmida e pegajosa. Na pouca claridade que ainda havia ele viu sua palma da mão vermelha, coberta de sangue. O animal não parecia estar ferido, e só então Piotre viu, a cerca de três metros, o corpo.

Caído ao solo, de bruços e rosto enterrado ao chão, estava o cavaleiro. A grama ao seu redor estava mais escura, e Piotre imaginou que seria sangue, pois a escuridão da noite avançava a passos rápidos. Após o choque inicial, Piotre avançou até o corpo. Com delicadeza ele o virou e logo percebeu que nada poderia fazer.

O rosto do cavaleiro era uma massa de sangue, carne e osso, totalmente disforme, apesar do elmo aberto que usava. A placa da armadura no peito do cavaleiro ostentava o selo da Casa Real, indicando que se tratava de um membro da Guarda do Cetro Prateado. Piotre olhou em volta, mas nenhum sinal da maça folheada de prata e adornada com o selo real, arma utilizada e que dava nome àquela milícia de elite a serviço do governo.

Com os dedos trêmulos, ele procurou alguma forma de identificar o cavaleiro (um broche, anel, tatuagem), mas não conseguiu perceber nada. Piotre ficou sem saber o que fazer. Afinal, poderiam pensar que fora ele quem assassinara o cavaleiro. Mas ele não poderia deixar seu corpo ali, para ser devorado pelos animais. Nem mesmo abandonar o cavalo à própria sorte.

De maneira cerimoniosa, Piotre despiu e enterrou o cavaleiro, assinalando o local para que pudesse encontrá-lo se necessário. Seu elmo ou sua armadura poderiam ajudar em seu reconhecimento.

A noite agora já estendia seu negro manto e ele precisava descansar. Amarrou as rédeas do cavalo, para que este não fugisse, fez uma fogueira e adormeceu, cansado e nervoso.

O que o dia seguinte lhe reservaria?

\*\*\*

O sono de Piotre não foi reparador, agitado pela imagem do cavaleiro morto e seu rosto desfigurado. Quando acordou, o sol já ia alto e sua barriga reclamava de fome. Só então percebeu que não comera nada desde o meio do dia de ontem.

Enquanto mastigava um pouco de pão e peixe seco, observava o cavalo que pastava ao lado da fogueira já apagada. Deveria seguir seu projeto inicial e buscar ajuda numa das vilas pesqueiras à margem do Frefo ou deveria seguir em direção a Torojai, a maior cidade próxima?

Piotre ajoelhou-se ao lado da cova onde enterrara o cavaleiro e fez uma prece a Ganis, sua deusa, pedindo sua intervenção junto a Cruine, senhor da morte, para que este acompanhasse o cavaleiro até o paraíso. Decidido, guardou todas as coisas e aproximou-se do cavalo, lhe afagando o rosto. Ele nunca montara um cavalo e estava nervoso.

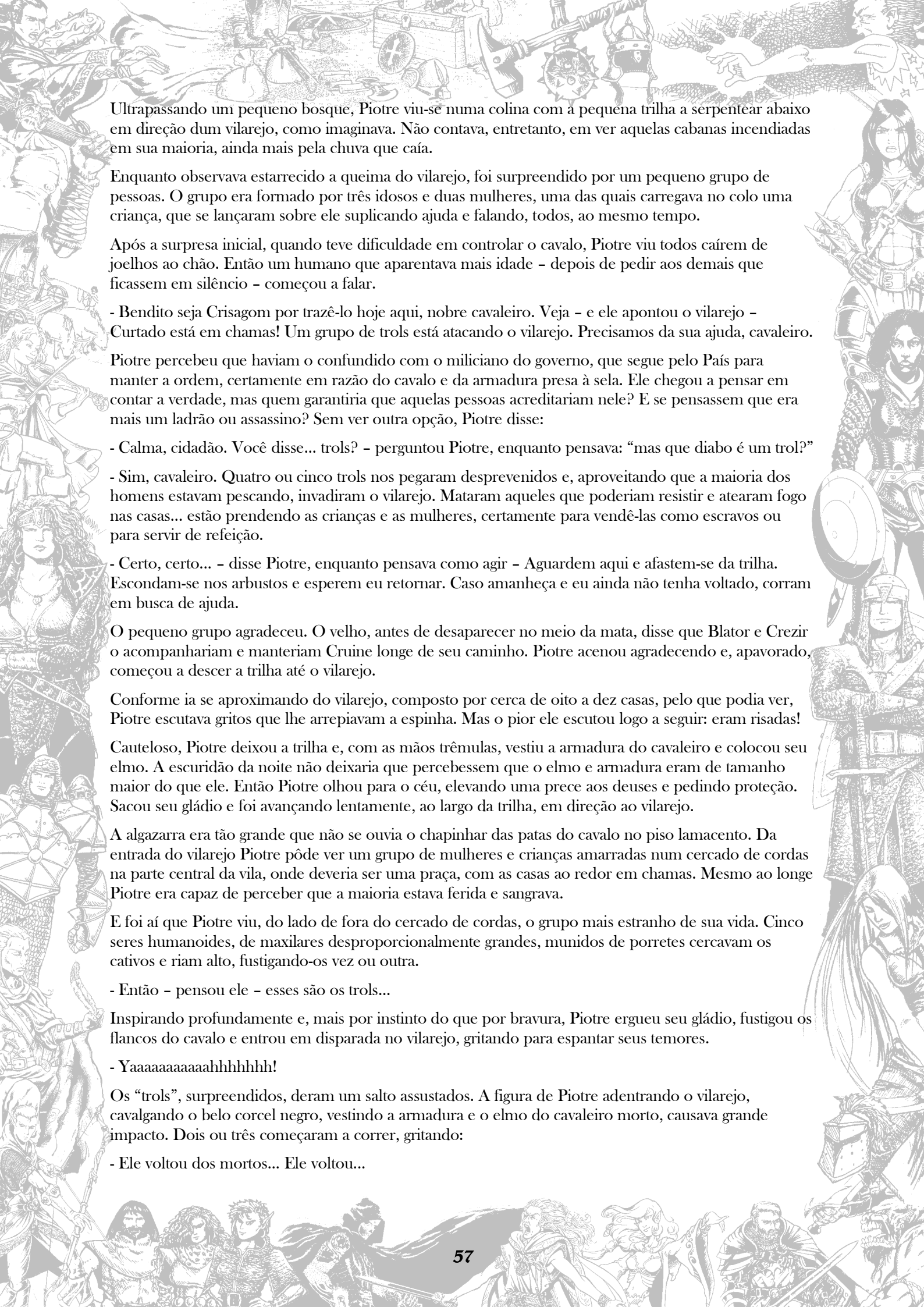
O animal era imenso e o jovem pescador engoliu em seco. Segurando firmemente as rédeas com uma das mãos e a sela com a outra, colocou um dos pés no estribo e içou-se sobre o animal, arremessando a outra perna sobre ele e sentando-se na sela. O cavalo movimentou-se lateralmente, reclamando um pouco, e Piotre quase foi ao chão. Com algum custo, segurando firmemente sela e rédeas, cutucou o animal com os calcanhares e ele avançou num pequeno pulo.

Claramente o animal estranhava o montador, mas aos poucos ambos foram se acostumando um ao outro e, em instantes, já caminhavam suavemente pela estrada em direção a Torojai.

A chuva alcançou-os no meio da tarde. Forte, inesperada. Usando a montaria, Piotre seguia mais rápido, mas não tinha confiança de apressar o passo, pois tinha medo de cair daquele grande animal. E a chuva só atrapalhava mais seus planos.

Logo após uma curva suave na estrada, Piotre viu uma trilha à esquerda que, certamente, levaria a algum vilarejo pesqueiro às margens do Frefo e ele não teve dúvidas. Com certa dificuldade guiou o cavalo para a trilha, em direção a horizontes mais familiares e em busca de abrigo contra aquela tempestade.

\*\*\*



Ultrapassando um pequeno bosque, Piotre viu-se numa colina com a pequena trilha a serpentear abaixo em direção dum vilarejo, como imaginava. Não contava, entretanto, em ver aquelas cabanas incendiadas em sua maioria, ainda mais pela chuva que caía.

Enquanto observava estarecido a queima do vilarejo, foi surpreendido por um pequeno grupo de pessoas. O grupo era formado por três idosos e duas mulheres, uma das quais carregava no colo uma criança, que se lançaram sobre ele suplicando ajuda e falando, todos, ao mesmo tempo.

Após a surpresa inicial, quando teve dificuldade em controlar o cavalo, Piotre viu todos caírem de joelhos ao chão. Então um humano que aparentava mais idade – depois de pedir aos demais que ficassem em silêncio – começou a falar.

- Bendito seja Crisagom por trazê-lo hoje aqui, nobre cavaleiro. Veja – e ele apontou o vilarejo – Curtado está em chamas! Um grupo de trols está atacando o vilarejo. Precisamos da sua ajuda, cavaleiro.

Piotre percebeu que haviam o confundido com o miliciano do governo, que segue pelo País para manter a ordem, certamente em razão do cavalo e da armadura presa à sela. Ele chegou a pensar em contar a verdade, mas quem garantiria que aquelas pessoas acreditariam nele? E se pensassem que era mais um ladrão ou assassino? Sem ver outra opção, Piotre disse:

- Calma, cidadão. Você disse... trols? – perguntou Piotre, enquanto pensava: “mas que diabo é um trol?”

- Sim, cavaleiro. Quatro ou cinco trols nos pegaram desprevenidos e, aproveitando que a maioria dos homens estavam pescando, invadiram o vilarejo. Mataram aqueles que poderiam resistir e atearam fogo nas casas... estão prendendo as crianças e as mulheres, certamente para vendê-las como escravos ou para servir de refeição.

- Certo, certo... – disse Piotre, enquanto pensava como agir – Aguardem aqui e afastem-se da trilha. Escondam-se nos arbustos e esperem eu retornar. Caso amanheça e eu ainda não tenha voltado, corram em busca de ajuda.

O pequeno grupo agradeceu. O velho, antes de desaparecer no meio da mata, disse que Blator e Crezir o acompanhariam e manteriam Cruine longe de seu caminho. Piotre acenou agradecendo e, apavorado, começou a descer a trilha até o vilarejo.

Conforme ia se aproximando do vilarejo, composto por cerca de oito a dez casas, pelo que podia ver, Piotre escutava gritos que lhe arrepiavam a espinha. Mas o pior ele escutou logo a seguir: eram risadas!

Cauteloso, Piotre deixou a trilha e, com as mãos trêmulas, vestiu a armadura do cavaleiro e colocou seu elmo. A escuridão da noite não deixaria que percebessem que o elmo e armadura eram de tamanho maior do que ele. Então Piotre olhou para o céu, elevando uma prece aos deuses e pedindo proteção. Sacou seu gládio e foi avançando lentamente, ao largo da trilha, em direção ao vilarejo.

A algazarra era tão grande que não se ouvia o chapinhar das patas do cavalo no piso lamacento. Da entrada do vilarejo Piotre pôde ver um grupo de mulheres e crianças amarradas num cercado de cordas na parte central da vila, onde deveria ser uma praça, com as casas ao redor em chamas. Mesmo ao longe Piotre era capaz de perceber que a maioria estava ferida e sangrava.

E foi aí que Piotre viu, do lado de fora do cercado de cordas, o grupo mais estranho de sua vida. Cinco seres humanoides, de maxilares desproporcionalmente grandes, munidos de porretes cercavam os cativos e riam alto, fustigando-os vez ou outra.

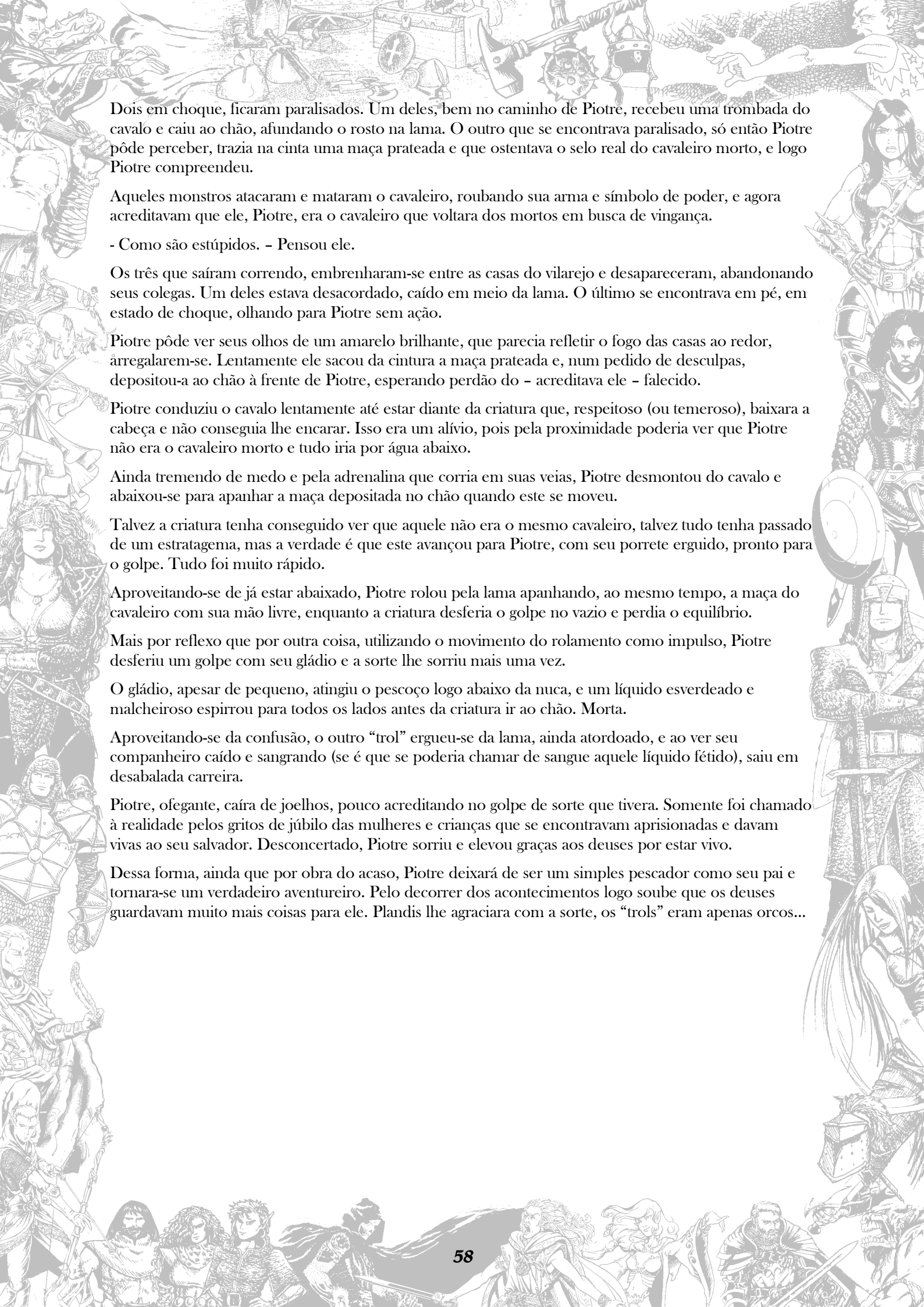
- Então – pensou ele – esses são os trols...

Inspirando profundamente e, mais por instinto do que por bravura, Piotre ergueu seu gládio, fustigou os flancos do cavalo e entrou em disparada no vilarejo, gritando para espantar seus temores.

- Yaaaaaaaahhhhhhh!

Os “trols”, surpreendidos, deram um salto assustados. A figura de Piotre adentrando o vilarejo, cavalgando o belo corcel negro, vestindo a armadura e o elmo do cavaleiro morto, causava grande impacto. Dois ou três começaram a correr, gritando:

- Ele voltou dos mortos... Ele voltou...



Dois em choque, ficaram paralisados. Um deles, bem no caminho de Piotre, recebeu uma trombada do cavalo e caiu ao chão, afundando o rosto na lama. O outro que se encontrava paralisado, só então Piotre pôde perceber, trazia na cinta uma maça prateada e que ostentava o selo real do cavaleiro morto, e logo Piotre compreendeu.

Aqueles monstros atacaram e mataram o cavaleiro, roubando sua arma e símbolo de poder, e agora acreditavam que ele, Piotre, era o cavaleiro que voltara dos mortos em busca de vingança.

- Como são estúpidos. - Pensou ele.

Os três que saíram correndo, embrenharam-se entre as casas do vilarejo e desapareceram, abandonando seus colegas. Um deles estava desacordado, caído em meio da lama. O último se encontrava em pé, em estado de choque, olhando para Piotre sem ação.

Piotre pôde ver seus olhos de um amarelo brilhante, que parecia refletir o fogo das casas ao redor, arregalarem-se. Lentamente ele sacou da cintura a maça prateada e, num pedido de desculpas, depositou-a ao chão à frente de Piotre, esperando perdão do - acreditava ele - falecido.

Piotre conduziu o cavalo lentamente até estar diante da criatura que, respeitoso (ou temeroso), baixara a cabeça e não conseguia lhe encarar. Isso era um alívio, pois pela proximidade poderia ver que Piotre não era o cavaleiro morto e tudo iria por água abaixo.

Ainda tremendo de medo e pela adrenalina que corria em suas veias, Piotre desmontou do cavalo e abaixou-se para apanhar a maça depositada no chão quando este se moveu.

Talvez a criatura tenha conseguido ver que aquele não era o mesmo cavaleiro, talvez tudo tenha passado de um estratagemas, mas a verdade é que este avançou para Piotre, com seu porrete erguido, pronto para o golpe. Tudo foi muito rápido.

Aproveitando-se de já estar abaixado, Piotre rolou pela lama apanhando, ao mesmo tempo, a maça do cavaleiro com sua mão livre, enquanto a criatura desferia o golpe no vazio e perdia o equilíbrio.

Mais por reflexo que por outra coisa, utilizando o movimento do rolamento como impulso, Piotre desferiu um golpe com seu gládio e a sorte lhe sorriu mais uma vez.

O gládio, apesar de pequeno, atingiu o pescoço logo abaixo da nuca, e um líquido esverdeado e malcheiroso espirrou para todos os lados antes da criatura ir ao chão. Morta.

Aproveitando-se da confusão, o outro "trol" ergueu-se da lama, ainda atordoado, e ao ver seu companheiro caído e sangrando (se é que se poderia chamar de sangue aquele líquido fétido), saiu em desabalada carreira.

Piotre, ofegante, caíra de joelhos, pouco acreditando no golpe de sorte que tivera. Somente foi chamado à realidade pelos gritos de júbilo das mulheres e crianças que se encontravam aprisionadas e davam vivas ao seu salvador. Desconcertado, Piotre sorriu e elevou graças aos deuses por estar vivo.

Dessa forma, ainda que por obra do acaso, Piotre deixará de ser um simples pescador como seu pai e tornara-se um verdadeiro aventureiro. Pelo decorrer dos acontecimentos logo soube que os deuses guardavam muito mais coisas para ele. Plandis lhe agradara com a sorte, os "trols" eram apenas orcos...



# A Joyem Cega

por Rafael Pedro Barbosa Quadros

O gélido sopro da brisa a fez arrepiar. O pio da coruja que ecoou das profundezas da mata a estremeceu. O odor pungente de terra, folhas e madeira que espreitava em volta a sufocava. E o salobro das lágrimas era amargo em seus lábios. Um lobo uivou próximo dali, quebrando o silêncio arauto da noite vindoura. A quietude crescente era perturbadora.

Ela arrastou os pés hesitantes pela esteira áspera e malcheirosa que recobria o chão. Três passos até a janela. As mãos tateavam o vazio à frente em busca de algum obstáculo. Percebeu então o toque úmido do batente de madeira. Apalpou novamente o ar, agora em busca das venezianas. As puxou gentilmente quando as encontrou, girou a tramela e se virou. Cinco passos até a lareira apagada. Sentiu sob os pés a textura felpuda e engordurada duma pele de urso que atapetava o chão ali. Esbarrrou na velha cadeira fazendo cair algo de metal, que retiniu surdo, abafado pela pele. O atiçador, ela se lembrou. Virou-se desajeitadamente e se sentou. Abaixou-se para apalpar o chão até sentir o beijo gelado do ferro aninhado na pele de urso. O pegou e colocou no colo.

Da cozinha, vinha o incessante chamado do vento, fazendo trepidar as venezianas fechadas, como um visitante inconveniente. Ficou ali sentada e desolada, ouvindo o murmúrio lúgubre do zéfiro, pranteando a vida com angústia.

Em meio ao turbilhão de tristeza que inundava sua alma, fechou os olhos. Por puro hábito, pois não lhe fazia diferença fechá-los ou não. Ouviu gargalhadas doces e puras de crianças ecoando na memória, sentiu o cheiro de queijo temperado exalando duma barraca próxima e o toque morno do sol... E pôde ver! Como era belo aquele mundo preenchido de cores e formas! O mundo dos dias inocentes em que vivia com os pais em Omarge, correndo livremente pelas ruas tumultuadas do mercado, por entre barracas de toldos coloridos, armazéns fedendo a peixe e casebres de taipa tomados pelo líquen.

— Está com você — exclamou alegremente um garoto entre as gargalhadas, e então correu em disparada, se afastando.

Ela, menina, compartilhou aquela risada e correu atrás das outras crianças.

— Vou pegá-los!

Todos fugiam dela, rodeando barracas de mascates, se esgueirando através da multidão, saltando poças d'água. Ouvia o latido exultante dos sarmentos cachorros que corriam com ela e com as outras crianças.

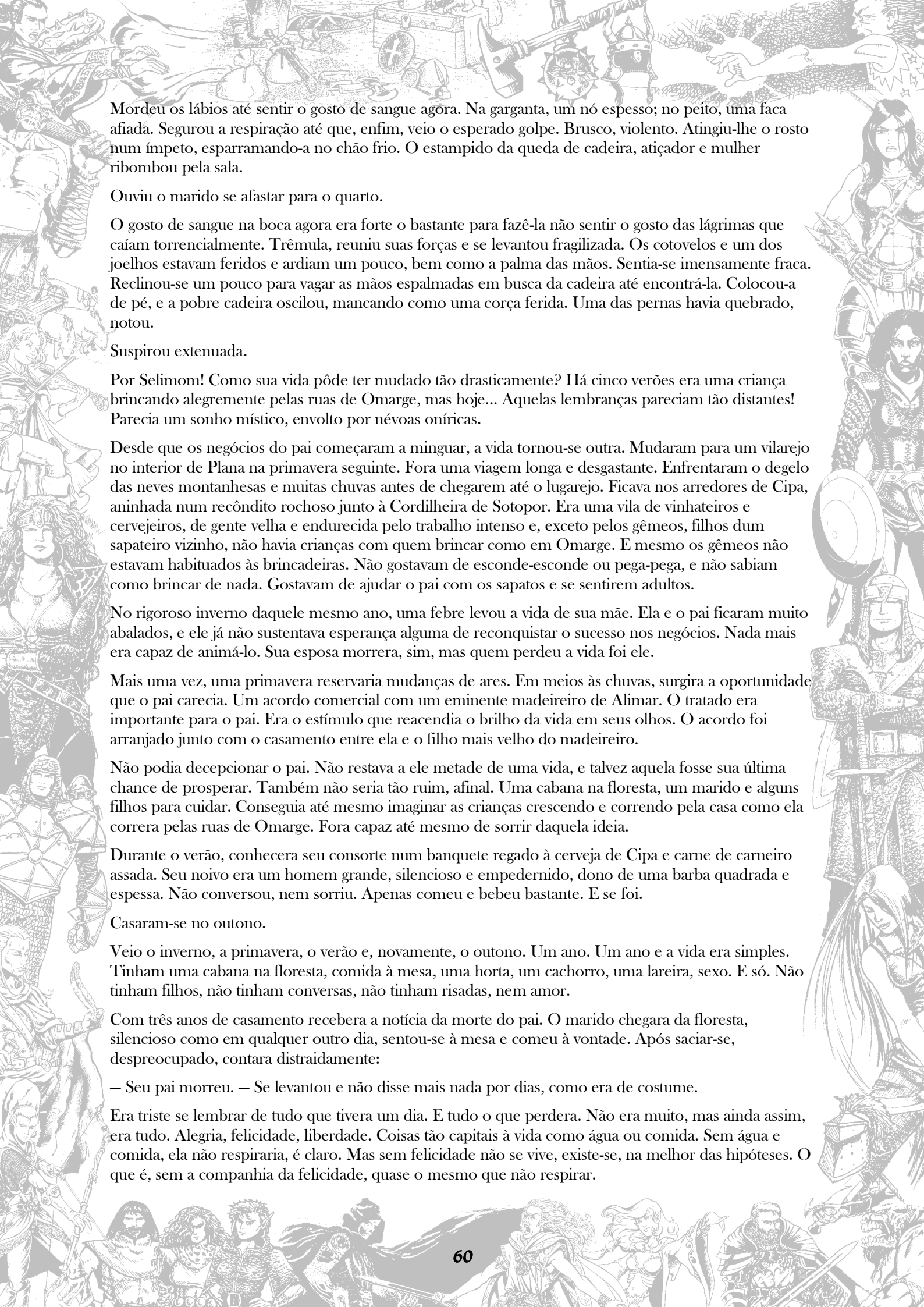
Outro latido, porém, despertou-a daquele mundo de lembranças agradáveis. Estava de volta àquelas trevas amorfas e enfadonhas. Era seu cão ladrando euforicamente do lado de fora da cabana à chegada do marido.

As lágrimas agora escorriam em profusão, e ela se engasgava debilmente na tentativa de reprimir o choro. Ouviu o ranger da porta se abrindo. O frio que batia insistentemente à janela correu para se aninhar nas frinchas de sua puída túnica de lã como uma criança mimada. Junto com o frio, veio o odor abjeto de cerveja. O cão latia alegremente fazendo tilintar sua pesada corrente de ferro. Vinte longas batidas de coração depois, a porta se fechou bruscamente.

Os passos pesados do marido cambalearam até a cozinha. Ouviu-o remexer as panelas vazias e resmungar algo. Depois veio o silêncio. Ela mordeu o lábio, e então o violento barulho da panela ao se chocar contra a parede após ser arremessada ecoou. Ela teve de lutar novamente para refrear o choro que insistia em lhe apertar a garganta. Ainda mordida os lábios na vã tentativa de despistar a dor que apunhalava o peito.

Quando os passos trôpegos do marido se aproximaram, e junto com eles o cheiro acre da cerveja, prendeu a respiração. Sentiu o olhar do marido pesado, tangível sobre si, e aquela voz rouca, embargada de bebida.

— Perdeu a visão, mas parece ter perdido as mãos, vagabunda.



Mordeu os lábios até sentir o gosto de sangue agora. Na garganta, um nó espesso; no peito, uma faca afiada. Segurou a respiração até que, enfim, veio o esperado golpe. Brusco, violento. Atingiu-lhe o rosto num ímpeto, esparramando-a no chão frio. O estampido da queda de cadeira, atizador e mulher ribombou pela sala.

Ouviu o marido se afastar para o quarto.

O gosto de sangue na boca agora era forte o bastante para fazê-la não sentir o gosto das lágrimas que caíam torrencialmente. Trêmula, reuniu suas forças e se levantou fragilizada. Os cotovelos e um dos joelhos estavam feridos e ardiam um pouco, bem como a palma das mãos. Sentia-se imensamente fraca. Reclinou-se um pouco para vagar as mãos espalmadas em busca da cadeira até encontrá-la. Colocou-a de pé, e a pobre cadeira oscilou, mancando como uma corça ferida. Uma das pernas havia quebrado, notou.

Suspirou extenuada.

Por Selimom! Como sua vida pôde ter mudado tão drasticamente? Há cinco verões era uma criança brincando alegremente pelas ruas de Omarge, mas hoje... Aquelas lembranças pareciam tão distantes! Parecia um sonho místico, envolto por névoas oníricas.

Desde que os negócios do pai começaram a minguar, a vida tornou-se outra. Mudaram para um vilarejo no interior de Plana na primavera seguinte. Fora uma viagem longa e desgastante. Enfrentaram o degelo das neves montanhosas e muitas chuvas antes de chegarem até o lugarejo. Ficava nos arredores de Cipa, aninhada num recôndito rochoso junto à Cordilheira de Sotopor. Era uma vila de vinhateiros e cervejeiros, de gente velha e endurecida pelo trabalho intenso e, exceto pelos gêmeos, filhos dum sapateiro vizinho, não havia crianças com quem brincar como em Omarge. E mesmo os gêmeos não estavam habituados às brincadeiras. Não gostavam de esconde-esconde ou pega-pega, e não sabiam como brincar de nada. Gostavam de ajudar o pai com os sapatos e se sentirem adultos.

No rigoroso inverno daquele mesmo ano, uma febre levou a vida de sua mãe. Ela e o pai ficaram muito abalados, e ele já não sustentava esperança alguma de reconquistar o sucesso nos negócios. Nada mais era capaz de animá-lo. Sua esposa morrera, sim, mas quem perdeu a vida foi ele.

Mais uma vez, uma primavera reservaria mudanças de ares. Em meios às chuvas, surgira a oportunidade que o pai carecia. Um acordo comercial com um eminente madeireiro de Alimar. O tratado era importante para o pai. Era o estímulo que reacendia o brilho da vida em seus olhos. O acordo foi arranjado junto com o casamento entre ela e o filho mais velho do madeireiro.

Não podia decepcionar o pai. Não restava a ele metade de uma vida, e talvez aquela fosse sua última chance de prosperar. Também não seria tão ruim, afinal. Uma cabana na floresta, um marido e alguns filhos para cuidar. Conseguia até mesmo imaginar as crianças crescendo e correndo pela casa como ela corra pelas ruas de Omarge. Fora capaz até mesmo de sorrir daquela ideia.

Durante o verão, conhecera seu consorte num banquete regado à cerveja de Cipa e carne de carneiro assada. Seu noivo era um homem grande, silencioso e empedernido, dono de uma barba quadrada e espessa. Não conversou, nem sorriu. Apenas comeu e bebeu bastante. E se foi.

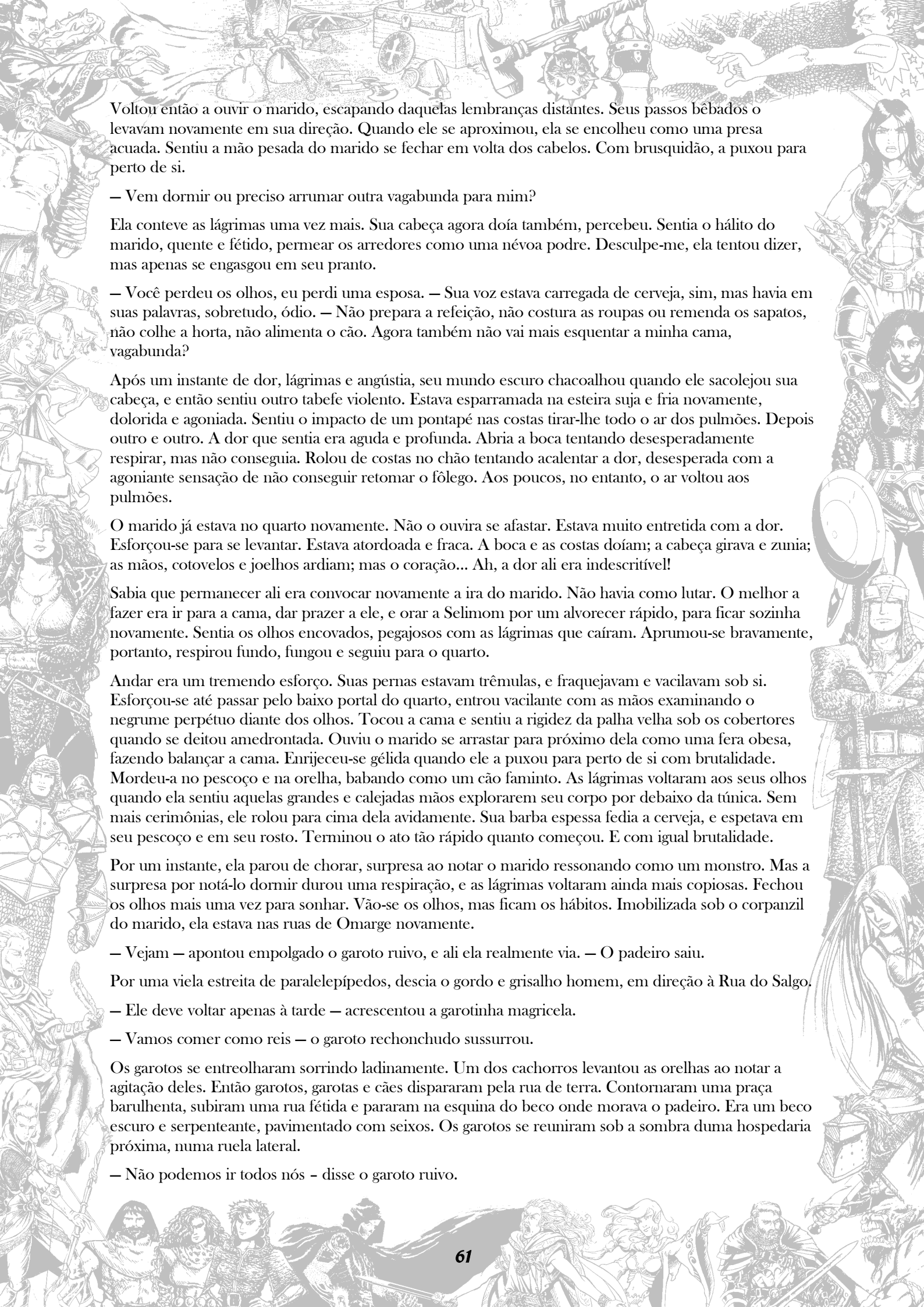
Casaram-se no outono.

Veio o inverno, a primavera, o verão e, novamente, o outono. Um ano. Um ano e a vida era simples. Tinham uma cabana na floresta, comida à mesa, uma horta, um cachorro, uma lareira, sexo. E só. Não tinham filhos, não tinham conversas, não tinham risadas, nem amor.

Com três anos de casamento recebera a notícia da morte do pai. O marido chegara da floresta, silencioso como em qualquer outro dia, sentou-se à mesa e comeu à vontade. Após saciar-se, despreocupado, contara distraidamente:

— Seu pai morreu. — Se levantou e não disse mais nada por dias, como era de costume.

Era triste se lembrar de tudo que tivera um dia. E tudo o que perdera. Não era muito, mas ainda assim, era tudo. Alegria, felicidade, liberdade. Coisas tão capitais à vida como água ou comida. Sem água e comida, ela não respiraria, é claro. Mas sem felicidade não se vive, existe-se, na melhor das hipóteses. O que é, sem a companhia da felicidade, quase o mesmo que não respirar.



Voltoou então a ouvir o marido, escapando daquelas lembranças distantes. Seus passos bêbados o levavam novamente em sua direção. Quando ele se aproximou, ela se encolheu como uma presa acuada. Sentiu a mão pesada do marido se fechar em volta dos cabelos. Com brusquidão, a puxou para perto de si.

— Vem dormir ou preciso arrumar outra vagabunda para mim?

Ela conteve as lágrimas uma vez mais. Sua cabeça agora doía também, percebeu. Sentia o hálito do marido, quente e fétido, permear os arredores como uma névoa podre. Desculpe-me, ela tentou dizer, mas apenas se engasgou em seu pranto.

— Você perdeu os olhos, eu perdi uma esposa. — Sua voz estava carregada de cerveja, sim, mas havia em suas palavras, sobretudo, ódio. — Não prepara a refeição, não costura as roupas ou remenda os sapatos, não colhe a horta, não alimenta o cão. Agora também não vai mais esquentar a minha cama, vagabunda?

Após um instante de dor, lágrimas e angústia, seu mundo escuro chacoalhou quando ele sacolejou sua cabeça, e então sentiu outro tabefe violento. Estava esparramada na esteira suja e fria novamente, dolorida e agoniada. Sentiu o impacto de um pontapé nas costas tirar-lhe todo o ar dos pulmões. Depois outro e outro. A dor que sentia era aguda e profunda. Abria a boca tentando desesperadamente respirar, mas não conseguia. Rolou de costas no chão tentando acalantar a dor, desesperada com a agonizante sensação de não conseguir retomar o fôlego. Aos poucos, no entanto, o ar voltou aos pulmões.

O marido já estava no quarto novamente. Não o ouvira se afastar. Estava muito entretida com a dor. Esforçou-se para se levantar. Estava atordoada e fraca. A boca e as costas doíam; a cabeça girava e zunia; as mãos, cotovelos e joelhos ardiam; mas o coração... Ah, a dor ali era indescritível!

Sabia que permanecer ali era convocar novamente a ira do marido. Não havia como lutar. O melhor a fazer era ir para a cama, dar prazer a ele, e orar a Selimom por um alvorecer rápido, para ficar sozinha novamente. Sentia os olhos encovados, pegajosos com as lágrimas que caíam. Aprumou-se bravamente, portanto, respirou fundo, fungou e seguiu para o quarto.

Andar era um tremendo esforço. Suas pernas estavam trêmulas, e fraquejavam e vacilavam sob si. Esforçou-se até passar pelo baixo portal do quarto, entrou vacilante com as mãos examinando o negrume perpétuo diante dos olhos. Tocou a cama e sentiu a rigidez da palha velha sob os cobertores quando se deitou amedrontada. Ouvia o marido se arrastar para próximo dela como uma fera obesa, fazendo balançar a cama. Enrijeceu-se gélida quando ele a puxou para perto de si com brutalidade. Mordeu-a no pescoço e na orelha, babando como um cão faminto. As lágrimas voltaram aos seus olhos quando ela sentiu aquelas grandes e calejadas mãos explorarem seu corpo por debaixo da túnica. Sem mais cerimônias, ele rolou para cima dela avidamente. Sua barba espessa fedia a cerveja, e espetava em seu pescoço e em seu rosto. Terminou o ato tão rápido quanto começou. E com igual brutalidade.

Por um instante, ela parou de chorar, surpresa ao notar o marido ressonando como um monstro. Mas a surpresa por notá-lo dormir durou uma respiração, e as lágrimas voltaram ainda mais copiosas. Fechou os olhos mais uma vez para sonhar. Vão-se os olhos, mas ficam os hábitos. Imobilizada sob o corpanzil do marido, ela estava nas ruas de Omarge novamente.

— Vejam — apontou empolgado o garoto ruivo, e ali ela realmente via. — O padeiro saiu.

Por uma viela estreita de paralelepípedos, descia o gordo e grisalho homem, em direção à Rua do Salgo.

— Ele deve voltar apenas à tarde — acrescentou a garotinha magricela.

— Vamos comer como reis — o garoto rechonchudo sussurrou.

Os garotos se entreolharam sorrindo ladinamente. Um dos cachorros levantou as orelhas ao notar a agitação deles. Então garotos, garotas e cães dispararam pela rua de terra. Contornaram uma praça barulhenta, subiram uma rua fétida e pararam na esquina do beco onde morava o padeiro. Era um beco escuro e serpenteante, pavimentado com seixos. Os garotos se reuniram sob a sombra duma hospedaria próxima, numa ruela lateral.

— Não podemos ir todos nós — disse o garoto ruivo.



Todos concordaram.

— Acho que apenas as garotas devem ir — sugeriu o garoto sujo. — Se forem pegas, ninguém vai fazer nada a elas.

A garotinha magricela cruzou os braços e franziu o cenho, belicosa.

— E carregaremos tudo sozinhas, seu preguiçoso?

— Ele deve ter preparado tortas de figo e empadas de galinha — imaginou o gorducho, alheio à discussão, com as mãos espalmadas por sobre a pança.

— Seu pai tem dinheiro o suficiente para comprar uma torta e uma empada para cada pessoa de Plana — ela mesma repreendeu.

— Mas as que roubamos são tão mais gostosas — objetou o gordo, manhosa e tristonhamente.

Todos riram e um dos cães ladrrou agitado.

— Eu vou com as garotas — disse corajosamente o garoto ruivo.

Todos o olharam, entreolharam-se e concordaram.

O trio então se esgueirou pelo beco escuro, até a lateral da casa do padeiro. Era baixa, feita de pedra e taipa, e os feixes de palha de centeio do telhado haviam sido recentemente trocados. Os cachorros latiam instigados, e foram prontamente repreendidos com uma pedra. Recuaram ganindo.

O garoto ruivo sacou das calças uma roca de fiar, para surpresa das garotas.

— Vocês meninas nunca serão tão espertas quanto nós garotos. — E sorriu, orgulhoso.

A menina magricela mostrou-lhe a língua.

Ele então enfiou a roca por entre as folhas das venezianas e a ergueu cuidadosamente, fazendo girar a trâmela. Sorriu novamente, e, cauteloso, abriu uma das venezianas. E o trio se abaixou com sincronia, recostando-se contra o peitoril da janela, repentinamente acovardados.

— E se tiver alguém lá dentro e dermos de cara com ele? — ela perguntara.

— Deixe de ser medrosa — censurou a garota magricela.

— A chama de medrosa — disse o garoto ruivo —, mas está aqui escondida, como ela. Se for tão corajosa, entre primeiro?

— Se você olhar pela janela — desafiou belicosa, pueril —, eu entro.

O garoto suspirou apreensivo.

— Tudo bem — disse e se levantou para espreitar a janela. — Não tem ninguém lá — relatou após se abaixar novamente. — Agora vá!

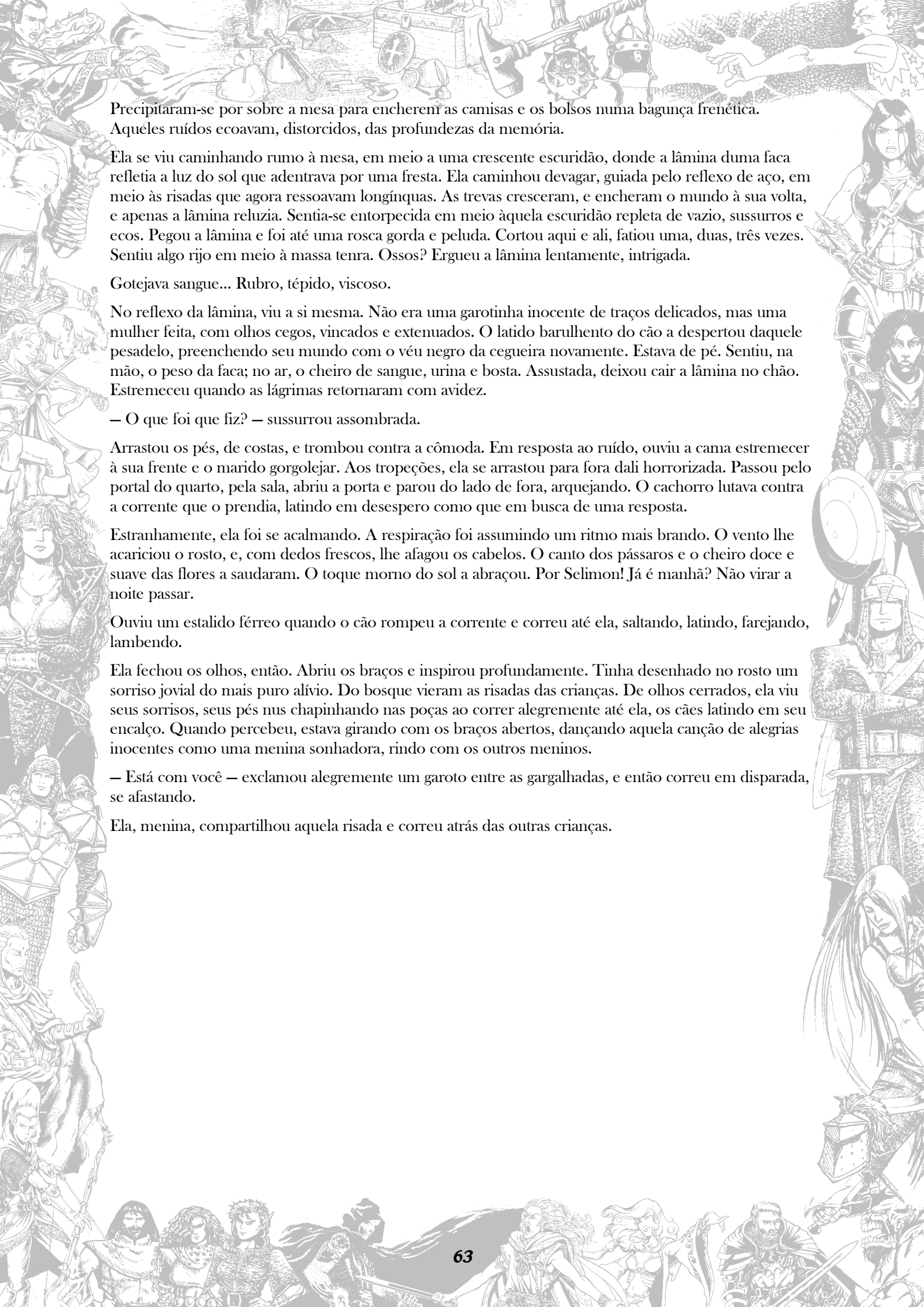
Após desferir-lhe um soco no braço pela petulância, a garotinha magricela se levantou e saltou por sobre o batente da janela. Do lado de fora, os dois trocaram um olhar expectante, e ficaram imóveis. Mal respiravam, tamanho o nervosismo. Viam as pessoas passando pela rua no fim do beco ou as ouvia conversando numa casa próxima. Ouviram também um mascate aos berros vendendo ameixas frescas e uma velha esvaziando o penico pela janela.

— Venham aqui — soou uma voz e ambos se enrijeceram. — Não conseguirei levar tudo sozinha.

A garotinha magricela gargalhou quando eles se levantaram pálidos.

Olharam para os dois lados do beco antes de saltarem janela adentro. Esgueiraram-se pela casa até chegarem à cozinha. Havia uma comprida mesa de tábuas, dois armários baixos e velhos, e um fuliginoso fogão recheado com tocos de lenha queimada. Em todo lugar, havia manchas brancas de farinha, fôrmas, rolos de massa, tabuleiros, jarros de barro cheios de leite, sacos de farinha, grãos, cestos com ovos, caixotes de frutas, teias de aranha e merda de rato. Mas seus olhos repararam apenas nos montes de tortas, pães, roscas e bolos por sobre a mesa, exalando um aroma morno e apetitoso.

— Temos de ser rápidos — exasperou, num sussurro, o garoto ruivo.



Precipitaram-se por sobre a mesa para encherem as camisas e os bolsos numa bagunça frenética. Aqueles ruídos ecoavam, distorcidos, das profundezas da memória.

Ela se viu caminhando rumo à mesa, em meio a uma crescente escuridão, donde a lâmina duma faca refletia a luz do sol que adentrava por uma fresta. Ela caminhou devagar, guiada pelo reflexo de aço, em meio às risadas que agora ressoavam longínquas. As trevas cresceram, e encheram o mundo à sua volta, e apenas a lâmina reluzia. Sentia-se entorpecida em meio àquela escuridão repleta de vazio, sussurros e ecos. Pegou a lâmina e foi até uma rosca gorda e peluda. Cortou aqui e ali, fatiou uma, duas, três vezes. Sentiu algo rijo em meio à massa tenra. Ossos? Ergueu a lâmina lentamente, intrigada.

Gotejava sangue... Rubro, tépido, viscoso.

No reflexo da lâmina, viu a si mesma. Não era uma garotinha inocente de traços delicados, mas uma mulher feita, com olhos cegos, vincados e extenuados. O latido barulhento do cão a despertou daquele pesadelo, preenchendo seu mundo com o véu negro da cegueira novamente. Estava de pé. Sentiu, na mão, o peso da faca; no ar, o cheiro de sangue, urina e bosta. Assustada, deixou cair a lâmina no chão. Estremeceu quando as lágrimas retornaram com avidez.

— O que foi que fiz? — sussurrou assombrada.

Arrastou os pés, de costas, e trombou contra a cômoda. Em resposta ao ruído, ouviu a cama estremecer à sua frente e o marido gorgolejar. Aos tropeções, ela se arrastou para fora dali horrorizada. Passou pelo portal do quarto, pela sala, abriu a porta e parou do lado de fora, arquejando. O cachorro lutava contra a corrente que o prendia, latindo em desespero como que em busca de uma resposta.

Estranhamente, ela foi se acalmando. A respiração foi assumindo um ritmo mais brando. O vento lhe acariciou o rosto, e, com dedos frescos, lhe afagou os cabelos. O canto dos pássaros e o cheiro doce e suave das flores a saudaram. O toque morno do sol a abraçou. Por Selimon! Já é manhã? Não virar a noite passar.

Ouviu um estalido férreo quando o cão rompeu a corrente e correu até ela, saltando, latindo, farejando, lambendo.

Ela fechou os olhos, então. Abriu os braços e inspirou profundamente. Tinha desenhado no rosto um sorriso jovial do mais puro alívio. Do bosque vieram as risadas das crianças. De olhos cerrados, ela viu seus sorrisos, seus pés nus chapinhando nas poças ao correr alegremente até ela, os cães latindo em seu encalço. Quando percebeu, estava girando com os braços abertos, dançando aquela canção de alegrias inocentes como uma menina sonhadora, rindo com os outros meninos.

— Está com você — exclamou alegremente um garoto entre as gargalhadas, e então correu em disparada, se afastando.

Ela, menina, compartilhou aquela risada e correu atrás das outras crianças.





# Liberdade, Aventuras, Recursos e Disciplina

Por João Paulo M. de Castro

Calmaria... O barco mal se movimentava, as velas estavam murchas. O sol queimava a estibordo no azul límpido. No convés da embarcação encontrava-se uma figura solitária deitada com os braços por detrás da cabeça e com os olhos perdidos no infinito. De longe, alguém poderia confundir-la com um garoto vadiando. De perto, via-se que se tratava de uma mulher, bonita, de olhos castanhos e cabelos curtos, lisos e negros. “É raro as águas de Plana oferecerem um tempo como esse.” Pensou Auril consigo. Ela não se lembrava da última vez que se deitou no convés para refletir sobre a vida e olhar para o céu. Além do mais, tinha prazer singular em ver o contraste do tremular de sua bandeira negra contra o azul da imensidão do céu. Mas naquele dia a bandeira quase não tremulava, pois o mar estava em calmaria.

Como era de se esperar, o silêncio dura pouco em um navio pirata, e logo foi quebrado por uma voz nem muito grave e nem muito aguda, mas potente:

– O que faz deitada aí, Sem-sorte? Faça algo!

A ordem veio de Pé-pequeno – o apelido é uma ironia com a realidade, esse humano tem quase dois metros de altura. Trata-se de um verrogari desertor, visto como covarde em suas terras, que andava perdido em Abadom quando entrou para tripulação.

- Fazer algo? - Replicou Auril – É justamente pelo mar estar nesta calmaria que a tripulação está descansando!

Pé-pequeno sorriu, e completou:

- Ué, mas não são as formigas que trabalham até morrer? - A gargalhada veio de imediato.

Ouvindo o guerreiro rir, Auril voltou a olhar para o céu deixando escapar um leve sorriso com um ar de “me pegou”. Ele caçava de seu tamanho desde que chegou, ela deveria ter previsto. O humor de Verrogari é um tanto áspero, diferente das terras do Norte. Pé-pequeno completa:

- De qualquer forma, é bom não ficar tão desleixada aí, alguém pode não te ver e tropeçar!

Esta foi sem graça e forçada. Ela sabia que a piada veio mais pelo fato de ser uma mulher do que pelo próprio tamanho, também sabia que é preciso tempo até que um novo tripulante aceite a existência de uma veterana na tripulação. Se é raro encontrar uma mulher como tripulante de uma embarcação, mais raro é tê-la como superior. Normalmente, as piadas são para deixar a situação mais confortável. Mas existem coisas que ela não deixaria passar em branco:

- Sabe o que é pior que uma pedra no sapato?

- O quê? Um verrogari falante? - Respondeu o guerreiro;

- Um punhal no sapato... De quem pega no meu pé.

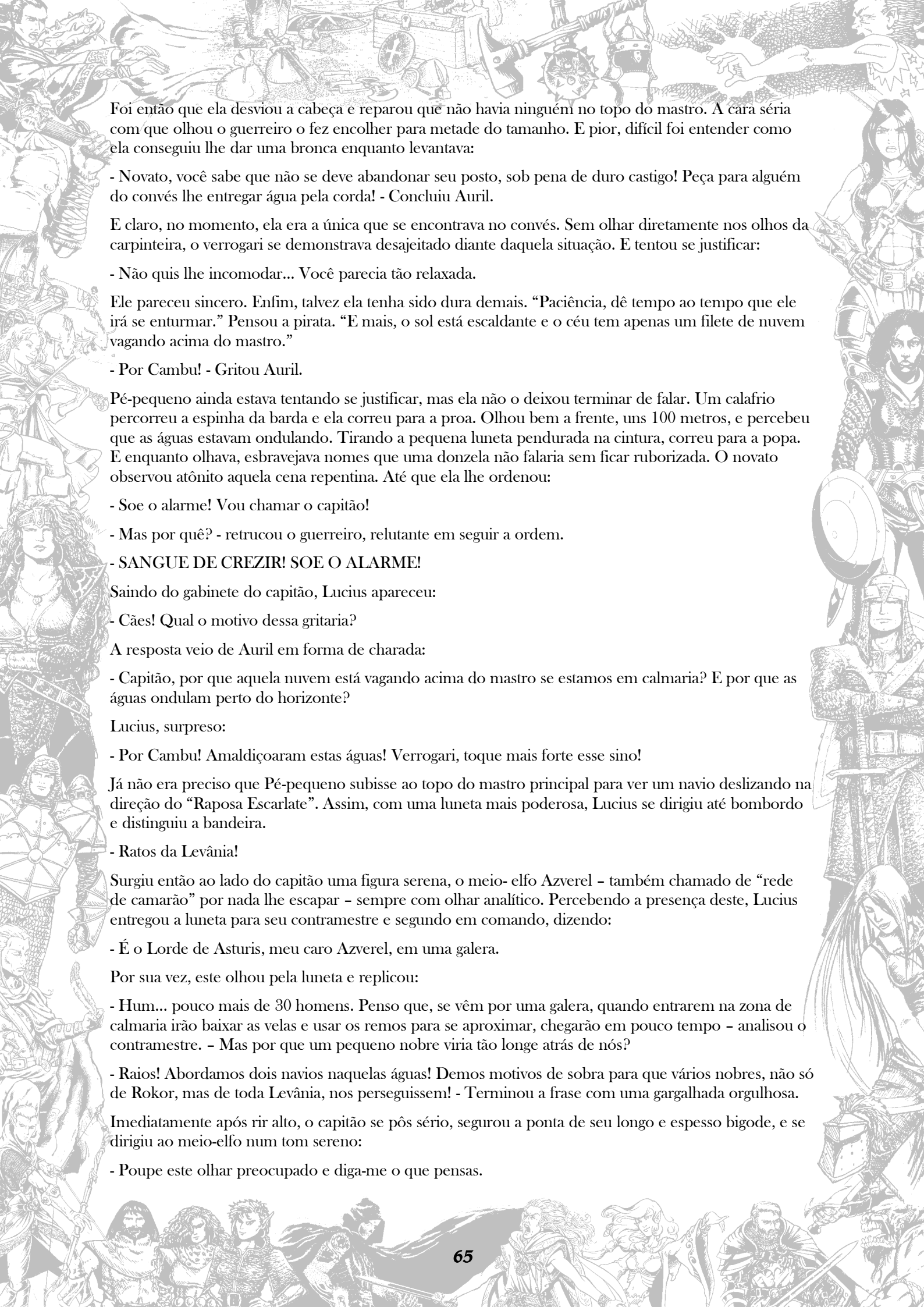
O sorriso sarcástico acompanhando o comentário disfarçou a seriedade da ameaça. E para Pé-pequeno é difícil imaginar que uma mulher de sorriso tão lindo e deitada de maneira tão displicente poderia fazer algo tão incisivo. Mas preferiu não arriscar, afinal estava em um navio pirata.

Mudando o assunto, Auril franziu a sobrancelha:

- E você, o que faz aqui?

Pé-pequeno ficou desconcertado com a pergunta, mas respondeu à barda:

- Estava de vigia no mastro principal. A água acabou, tive sede e aproveitei a calmaria para encher o balde de água e voltar ao meu posto.



Foi então que ela desviou a cabeça e reparou que não havia ninguém no topo do mastro. A cara séria com que olhou o guerreiro o fez encolher para metade do tamanho. E pior, difícil foi entender como ela conseguiu lhe dar uma bronca enquanto levantava:

- Novato, você sabe que não se deve abandonar seu posto, sob pena de duro castigo! Peça para alguém do convés lhe entregar água pela corda! - Concluiu Auril.

E claro, no momento, ela era a única que se encontrava no convés. Sem olhar diretamente nos olhos da carpinteira, o verrogari se demonstrava desajeitado diante daquela situação. E tentou se justificar:

- Não quis lhe incomodar... Você parecia tão relaxada.

Ele pareceu sincero. Enfim, talvez ela tenha sido dura demais. “Paciência, dê tempo ao tempo que ele irá se enturmar.” Pensou a pirata. “E mais, o sol está escaldante e o céu tem apenas um filete de nuvem vagando acima do mastro.”

- Por Cambu! - Gritou Auril.

Pé-pequeno ainda estava tentando se justificar, mas ela não o deixou terminar de falar. Um calafrio percorreu a espinha da barda e ela correu para a proa. Olhou bem a frente, uns 100 metros, e percebeu que as águas estavam ondulando. Tirando a pequena luneta pendurada na cintura, correu para a popa. E enquanto olhava, esbravejava nomes que uma donzela não falaria sem ficar ruborizada. O novato observou atônito aquela cena repentina. Até que ela lhe ordenou:

- Soe o alarme! Vou chamar o capitão!

- Mas por quê? - retrucou o guerreiro, relutante em seguir a ordem.

- SANGUE DE CREZIR! SOE O ALARME!

Saindo do gabinete do capitão, Lucius apareceu:

- Cães! Qual o motivo dessa gritaria?

A resposta veio de Auril em forma de charada:

- Capitão, por que aquela nuvem está vagando acima do mastro se estamos em calmaria? E por que as águas ondulam perto do horizonte?

Lucius, surpreso:

- Por Cambu! Amaldiçoaram estas águas! Verrogari, toque mais forte esse sino!

Já não era preciso que Pé-pequeno subisse ao topo do mastro principal para ver um navio deslizando na direção do “Raposa Escarlate”. Assim, com uma luneta mais poderosa, Lucius se dirigiu até bombordo e distinguiu a bandeira.

- Ratos da Levânia!

Surgiu então ao lado do capitão uma figura serena, o meio-elfo Azverel – também chamado de “rede de camarão” por nada lhe escapar – sempre com olhar analítico. Percebendo a presença deste, Lucius entregou a luneta para seu contramestre e segundo em comando, dizendo:

- É o Lorde de Asturis, meu caro Azverel, em uma galera.

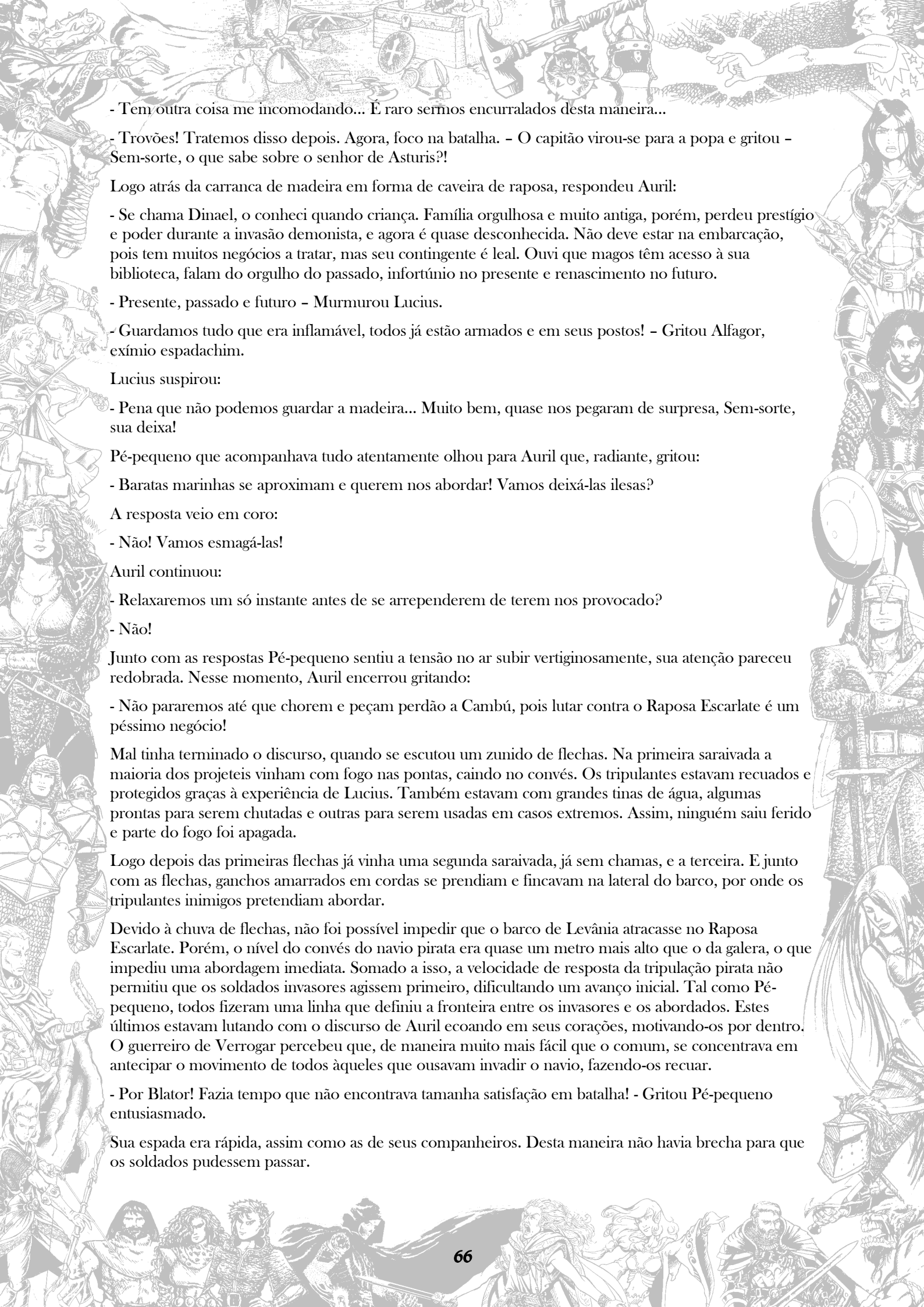
Por sua vez, este olhou pela luneta e replicou:

- Hum... pouco mais de 30 homens. Penso que, se vêm por uma galera, quando entrarem na zona de calmaria irão baixar as velas e usar os remos para se aproximar, chegarão em pouco tempo – analisou o contramestre. – Mas por que um pequeno nobre viria tão longe atrás de nós?

- Raios! Abordamos dois navios naquelas águas! Demos motivos de sobra para que vários nobres, não só de Rokor, mas de toda Levânia, nos perseguissem! - Terminou a frase com uma gargalhada orgulhosa.

Imediatamente após rir alto, o capitão se pôs sério, segurou a ponta de seu longo e espesso bigode, e se dirigiu ao meio-elfo num tom sereno:

- Poupe este olhar preocupado e diga-me o que pensa.



- Tem outra coisa me incomodando... É raro sermos encurralados desta maneira...

- Trovões! Tratemos disso depois. Agora, foco na batalha. - O capitão virou-se para a popa e gritou - Sem-sorte, o que sabe sobre o senhor de Asturis?!

Logo atrás da carranca de madeira em forma de caveira de raposa, respondeu Auril:

- Se chama Dinael, o conheci quando criança. Família orgulhosa e muito antiga, porém, perdeu prestígio e poder durante a invasão demonista, e agora é quase desconhecida. Não deve estar na embarcação, pois tem muitos negócios a tratar, mas seu contingente é leal. Ouvi que magos têm acesso à sua biblioteca, falam do orgulho do passado, infortúnio no presente e renascimento no futuro.

- Presente, passado e futuro - Murmurou Lucius.

- Guardamos tudo que era inflamável, todos já estão armados e em seus postos! - Gritou Alfagor, exímio espadachim.

Lucius suspirou:

- Pena que não podemos guardar a madeira... Muito bem, quase nos pegaram de surpresa, Sem-sorte, sua deixa!

Pé-pequeno que acompanhava tudo atentamente olhou para Auril que, radiante, gritou:

- Baratas marinhas se aproximam e querem nos abordar! Vamos deixá-las ilesas?

A resposta veio em coro:

- Não! Vamos esmagá-las!

Auril continuou:

- Relaxaremos um só instante antes de se arrependerem de terem nos provocado?

- Não!

Junto com as respostas Pé-pequeno sentiu a tensão no ar subir vertiginosamente, sua atenção pareceu redobrada. Nesse momento, Auril encerrou gritando:

- Não pararemos até que chorem e peçam perdão a Cambú, pois lutar contra o Raposa Escarlate é um péssimo negócio!

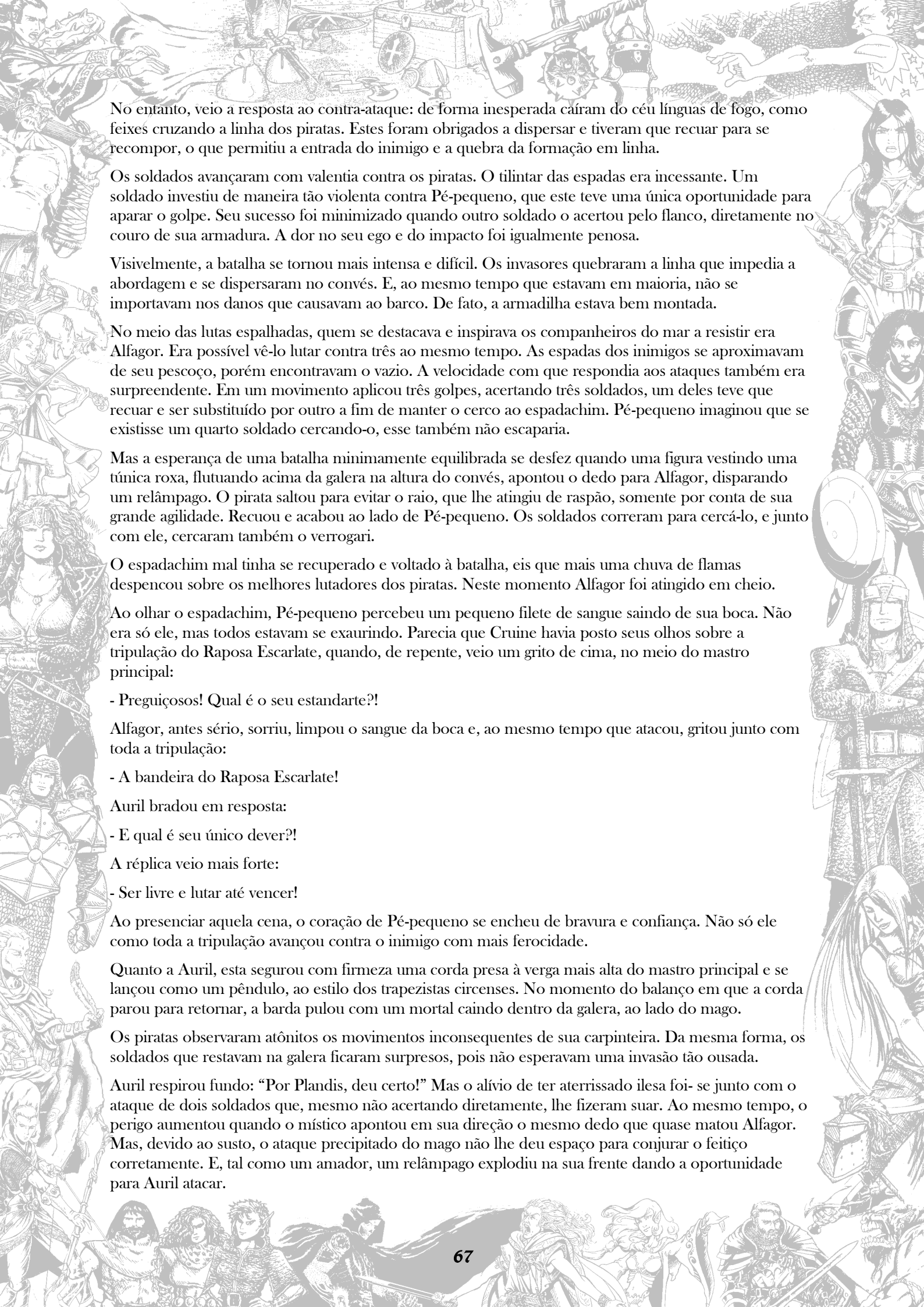
Mal tinha terminado o discurso, quando se escutou um zunido de flechas. Na primeira saraivada a maioria dos projeteis vinham com fogo nas pontas, caindo no convés. Os tripulantes estavam recuados e protegidos graças à experiência de Lucius. Também estavam com grandes tinas de água, algumas prontas para serem chutadas e outras para serem usadas em casos extremos. Assim, ninguém saiu ferido e parte do fogo foi apagada.

Logo depois das primeiras flechas já vinha uma segunda saraivada, já sem chamas, e a terceira. E junto com as flechas, ganchos amarrados em cordas se prendiam e fincavam na lateral do barco, por onde os tripulantes inimigos pretendiam abordar.

Devido à chuva de flechas, não foi possível impedir que o barco de Levânia atracasse no Raposa Escarlate. Porém, o nível do convés do navio pirata era quase um metro mais alto que o da galera, o que impediu uma abordagem imediata. Somado a isso, a velocidade de resposta da tripulação pirata não permitiu que os soldados invasores agissem primeiro, dificultando um avanço inicial. Tal como Pé-pequeno, todos fizeram uma linha que definiu a fronteira entre os invasores e os abordados. Estes últimos estavam lutando com o discurso de Auril ecoando em seus corações, motivando-os por dentro. O guerreiro de Verrogar percebeu que, de maneira muito mais fácil que o comum, se concentrava em antecipar o movimento de todos àqueles que ousavam invadir o navio, fazendo-os recuar.

- Por Blator! Fazia tempo que não encontrava tamanha satisfação em batalha! - Gritou Pé-pequeno entusiasmado.

Sua espada era rápida, assim como as de seus companheiros. Desta maneira não havia brecha para que os soldados pudessem passar.



No entanto, veio a resposta ao contra-ataque: de forma inesperada caíram do céu línguas de fogo, como feixes cruzando a linha dos piratas. Estes foram obrigados a dispersar e tiveram que recuar para se recompor, o que permitiu a entrada do inimigo e a quebra da formação em linha.

Os soldados avançaram com valentia contra os piratas. O tilintar das espadas era incessante. Um soldado investiu de maneira tão violenta contra Pé-pequeno, que este teve uma única oportunidade para aparar o golpe. Seu sucesso foi minimizado quando outro soldado o acertou pelo flanco, diretamente no couro de sua armadura. A dor no seu ego e do impacto foi igualmente penosa.

Visivelmente, a batalha se tornou mais intensa e difícil. Os invasores quebraram a linha que impedia a abordagem e se dispersaram no convés. E, ao mesmo tempo que estavam em maioria, não se importavam nos danos que causavam ao barco. De fato, a armadilha estava bem montada.

No meio das lutas espalhadas, quem se destacava e inspirava os companheiros do mar a resistir era Alfagor. Era possível vê-lo lutar contra três ao mesmo tempo. As espadas dos inimigos se aproximavam de seu pescoço, porém encontravam o vazio. A velocidade com que respondia aos ataques também era surpreendente. Em um movimento aplicou três golpes, acertando três soldados, um deles teve que recuar e ser substituído por outro a fim de manter o cerco ao espadachim. Pé-pequeno imaginou que se existisse um quarto soldado cercando-o, esse também não escaparia.

Mas a esperança de uma batalha minimamente equilibrada se desfez quando uma figura vestindo uma túnica roxa, flutuando acima da galera na altura do convés, apontou o dedo para Alfagor, disparando um relâmpago. O pirata saltou para evitar o raio, que lhe atingiu de raspão, somente por conta de sua grande agilidade. Recuou e acabou ao lado de Pé-pequeno. Os soldados correram para cercá-lo, e junto com ele, cercaram também o verrogari.

O espadachim mal tinha se recuperado e voltado à batalha, eis que mais uma chuva de flamas despencou sobre os melhores lutadores dos piratas. Neste momento Alfagor foi atingido em cheio.

Ao olhar o espadachim, Pé-pequeno percebeu um pequeno filete de sangue saindo de sua boca. Não era só ele, mas todos estavam se exaurindo. Parecia que Cruine havia posto seus olhos sobre a tripulação do Raposa Escarlata, quando, de repente, veio um grito de cima, no meio do mastro principal:

- Preguiçosos! Qual é o seu estandarte?!

Alfagor, antes sério, sorriu, limpou o sangue da boca e, ao mesmo tempo que atacou, gritou junto com toda a tripulação:

- A bandeira do Raposa Escarlata!

Auril bradou em resposta:

- E qual é seu único dever?!

A réplica veio mais forte:

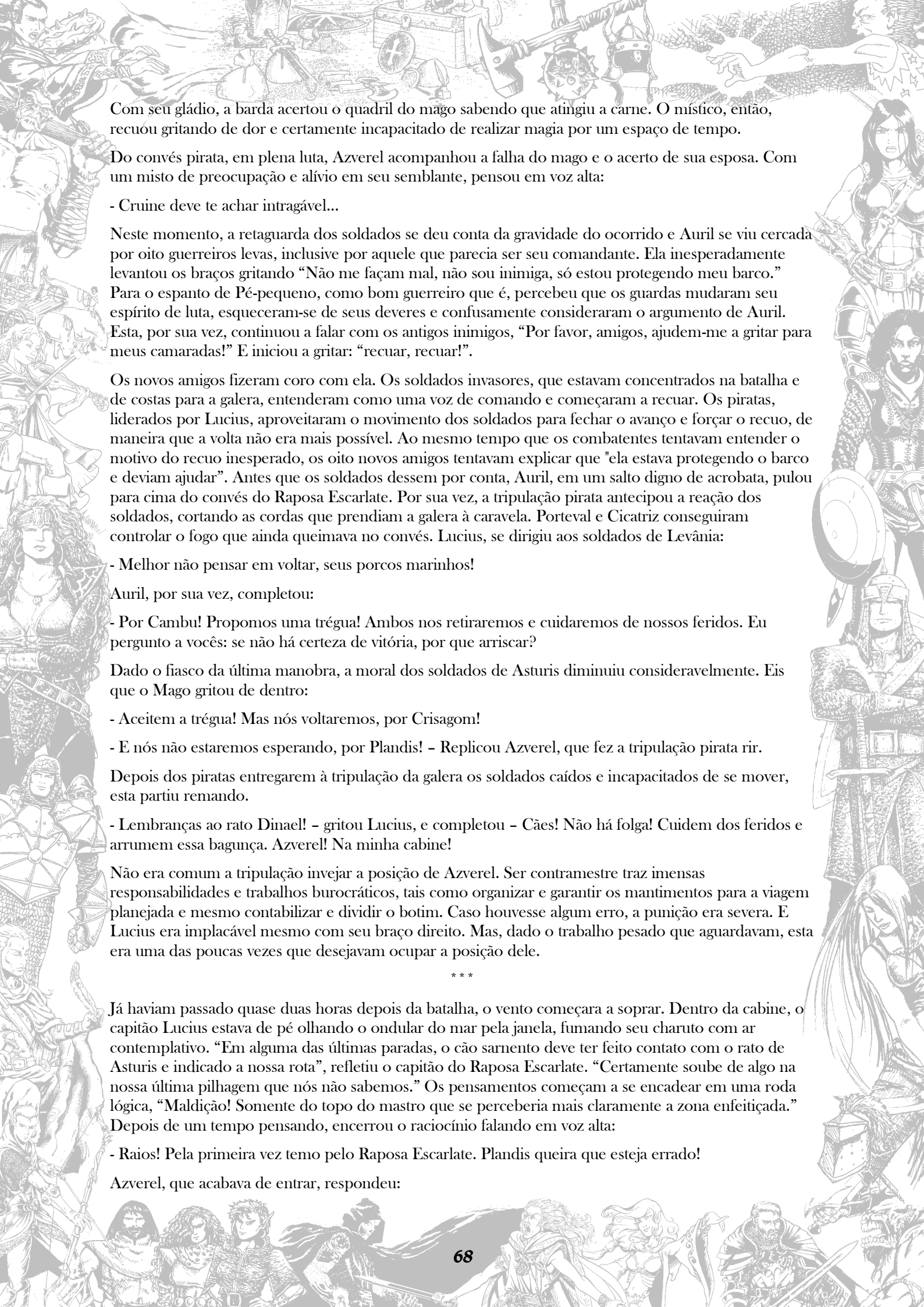
- Ser livre e lutar até vencer!

Ao presenciar aquela cena, o coração de Pé-pequeno se encheu de bravura e confiança. Não só ele como toda a tripulação avançou contra o inimigo com mais ferocidade.

Quanto a Auril, esta segurou com firmeza uma corda presa à verga mais alta do mastro principal e se lançou como um pêndulo, ao estilo dos trapezistas circenses. No momento do balanço em que a corda parou para retornar, a barda pulou com um mortal caindo dentro da galera, ao lado do mago.

Os piratas observaram atônitos os movimentos inconsequentes de sua carpinteira. Da mesma forma, os soldados que restavam na galera ficaram surpresos, pois não esperavam uma invasão tão ousada.

Auril respirou fundo: “Por Plandis, deu certo!” Mas o alívio de ter aterrissado ileso foi-se junto com o ataque de dois soldados que, mesmo não acertando diretamente, lhe fizeram suar. Ao mesmo tempo, o perigo aumentou quando o místico apontou em sua direção o mesmo dedo que quase matou Alfagor. Mas, devido ao susto, o ataque precipitado do mago não lhe deu espaço para conjurar o feitiço corretamente. E, tal como um amador, um relâmpago explodiu na sua frente dando a oportunidade para Auril atacar.



Com seu gládio, a barda acertou o quadril do mago sabendo que atingiu a carne. O místico, então, recuou gritando de dor e certamente incapacitado de realizar magia por um espaço de tempo.

Do convés pirata, em plena luta, Azverel acompanhou a falha do mago e o acerto de sua esposa. Com um misto de preocupação e alívio em seu semblante, pensou em voz alta:

- Cruine deve te achar intragável...

Neste momento, a retaguarda dos soldados se deu conta da gravidade do ocorrido e Auril se viu cercada por oito guerreiros levas, inclusive por aquele que parecia ser seu comandante. Ela inesperadamente levantou os braços gritando “Não me façam mal, não sou inimiga, só estou protegendo meu barco.” Para o espanto de Pé-pequeno, como bom guerreiro que é, percebeu que os guardas mudaram seu espírito de luta, esqueceram-se de seus deveres e confusamente consideraram o argumento de Auril. Esta, por sua vez, continuou a falar com os antigos inimigos, “Por favor, amigos, ajudem-me a gritar para meus camaradas!” E iniciou a gritar: “recuar, recuar!”.

Os novos amigos fizeram coro com ela. Os soldados invasores, que estavam concentrados na batalha e de costas para a galera, entenderam como uma voz de comando e começaram a recuar. Os piratas, liderados por Lucius, aproveitaram o movimento dos soldados para fechar o avanço e forçar o recuo, de maneira que a volta não era mais possível. Ao mesmo tempo que os combatentes tentavam entender o motivo do recuo inesperado, os oito novos amigos tentavam explicar que “ela estava protegendo o barco e deviam ajudar”. Antes que os soldados dessem por conta, Auril, em um salto digno de acrobata, pulou para cima do convés do Raposa Escarlate. Por sua vez, a tripulação pirata antecipou a reação dos soldados, cortando as cordas que prendiam a galera à caravela. Porteval e Cicatriz conseguiram controlar o fogo que ainda queimava no convés. Lucius, se dirigiu aos soldados de Levânia:

- Melhor não pensar em voltar, seus porcos marinhos!

Auril, por sua vez, completou:

- Por Cambu! Propomos uma trégua! Ambos nos retiraremos e cuidaremos de nossos feridos. Eu pergunto a vocês: se não há certeza de vitória, por que arriscar?

Dado o fiasco da última manobra, a moral dos soldados de Asturis diminuiu consideravelmente. Eis que o Mago gritou de dentro:

- Aceitem a trégua! Mas nós voltaremos, por Crisagom!

- E nós não estaremos esperando, por Plandis! - Replicou Azverel, que fez a tripulação pirata rir.

Depois dos piratas entregarem à tripulação da galera os soldados caídos e incapacitados de se mover, esta partiu remando.

- Lembranças ao rato Dinael! - gritou Lucius, e completou - Cães! Não há folga! Cuidem dos feridos e arrumem essa bagunça. Azverel! Na minha cabine!

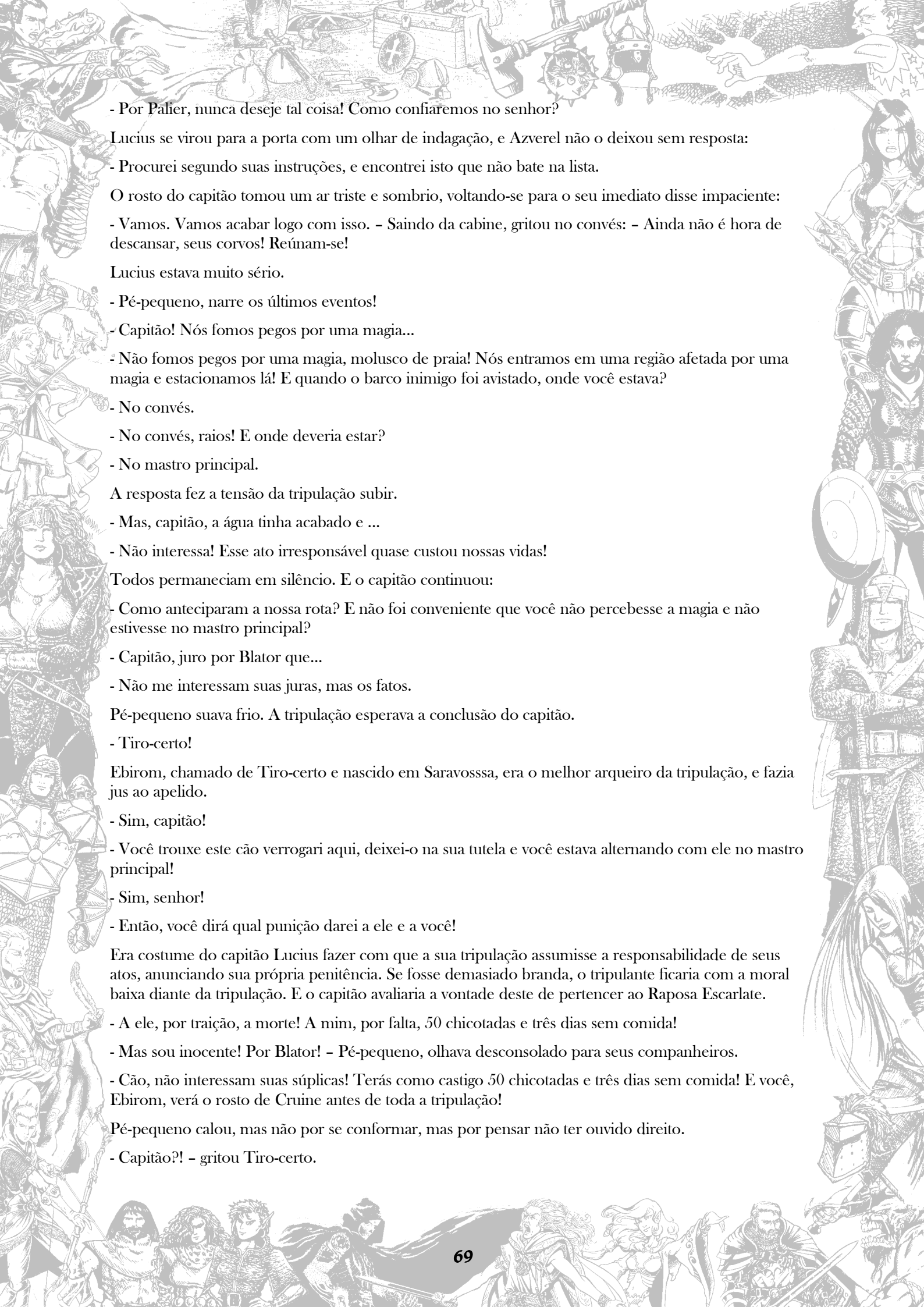
Não era comum a tripulação invejar a posição de Azverel. Ser contramestre traz imensas responsabilidades e trabalhos burocráticos, tais como organizar e garantir os mantimentos para a viagem planejada e mesmo contabilizar e dividir o botim. Caso houvesse algum erro, a punição era severa. E Lucius era implacável mesmo com seu braço direito. Mas, dado o trabalho pesado que aguardavam, esta era uma das poucas vezes que desejavam ocupar a posição dele.

\*\*\*

Já haviam passado quase duas horas depois da batalha, o vento começara a soprar. Dentro da cabine, o capitão Lucius estava de pé olhando o ondular do mar pela janela, fumando seu charuto com ar contemplativo. “Em alguma das últimas paradas, o cão sarnento deve ter feito contato com o rato de Asturis e indicado a nossa rota”, refletiu o capitão do Raposa Escarlate. “Certamente soube de algo na nossa última pilhagem que nós não sabemos.” Os pensamentos começam a se encadear em uma roda lógica, “Maldição! Somente do topo do mastro que se perceberia mais claramente a zona enfeitada.” Depois de um tempo pensando, encerrou o raciocínio falando em voz alta:

- Raios! Pela primeira vez temo pelo Raposa Escarlate. Plandis queira que esteja errado!

Azverel, que acabava de entrar, respondeu:



- Por Palier, nunca deseje tal coisa! Como confiaremos no senhor?

Lucius se virou para a porta com um olhar de indagação, e Azverel não o deixou sem resposta:

- Procurei segundo suas instruções, e encontrei isto que não bate na lista.

O rosto do capitão tomou um ar triste e sombrio, voltando-se para o seu imediato disse impaciente:

- Vamos. Vamos acabar logo com isso. - Saindo da cabine, gritou no convés: - Ainda não é hora de descansar, seus corvos! Reúnam-se!

Lucius estava muito sério.

- Pé-pequeno, narre os últimos eventos!

- Capitão! Nós fomos pegos por uma magia...

- Não fomos pegos por uma magia, molusco de praia! Nós entramos em uma região afetada por uma magia e estacionamos lá! E quando o barco inimigo foi avistado, onde você estava?

- No convés.

- No convés, raios! E onde deveria estar?

- No mastro principal.

A resposta fez a tensão da tripulação subir.

- Mas, capitão, a água tinha acabado e ...

- Não interessa! Esse ato irresponsável quase custou nossas vidas!

Todos permaneciam em silêncio. E o capitão continuou:

- Como anteciparam a nossa rota? E não foi conveniente que você não percebesse a magia e não estivesse no mastro principal?

- Capitão, juro por Blator que...

- Não me interessam suas juras, mas os fatos.

Pé-pequeno suava frio. A tripulação esperava a conclusão do capitão.

- Tiro-certo!

Ebirom, chamado de Tiro-certo e nascido em Saravossa, era o melhor arqueiro da tripulação, e fazia jus ao apelido.

- Sim, capitão!

- Você trouxe este cão verrogari aqui, deixei-o na sua tutela e você estava alternando com ele no mastro principal!

- Sim, senhor!

- Então, você dirá qual punição darei a ele e a você!

Era costume do capitão Lucius fazer com que a sua tripulação assumisse a responsabilidade de seus atos, anunciando sua própria penitência. Se fosse demasiado branda, o tripulante ficaria com a moral baixa diante da tripulação. E o capitão avaliaria a vontade deste de pertencer ao Raposa Escarlate.

- A ele, por traição, a morte! A mim, por falta, 50 chicotadas e três dias sem comida!

- Mas sou inocente! Por Blator! - Pé-pequeno, olhava desconsolado para seus companheiros.

- Cão, não interessam suas súplicas! Terás como castigo 50 chicotadas e três dias sem comida! E você, Ebirom, verá o rosto de Cruine antes de toda a tripulação!

Pé-pequeno calou, mas não por se conformar, mas por pensar não ter ouvido direito.

- Capitão?! - gritou Tiro-certo.



No mesmo momento, Ebirom foi imobilizado por Azverel. Lucius olhou para o arqueiro com um misto de raiva e indignação:

- Seu verme! Você acusou Pé-pequeno de traidor antes mesmo de mim! Você contratou o filhote de terra firme para ser o bode expiatório! Você, verme marinho, deixou a água do balde para acabar!

- Isso é loucura, por Selimon! - Respondeu Tiro-certo com voz desesperada.

- Seria, seu porco, diga agora qual a origem deste anel que estava em suas posses!

Alfagor espantou-se:

- É o mesmo anel usado pelo mago!

- Faz parte da coleção de Asturis! - disse Auril com surpresa - existem apenas 5 iguais a este!

Toda a tripulação olhou embasbacada para o tesouro em forma de anel. Lucius estava vermelho:

- Traidor! Covarde! Parasita do Mar! - lhe faltavam adjetivos para chamar Tiro-certo. - Não será morto por nenhum de nós! Não terá essa honra! Andará na prancha!

Não havia mais o que fazer. Tiro-certo olhou nos olhos de seus antigos camaradas e começou a chorar. A soluçar de tanto chorar. As lágrimas do sentenciado eram a única coisa que quebravam o silêncio fúnebre que tomou o barco enquanto Azverel encaminhava o arqueiro com as mãos amarradas para a prancha. Pé-pequeno não sabia como se sentir, triste, aliviado, ofendido, traído, admirado. Talvez tudo de uma vez.

- Que Ganis aceite seu corpo e Cruine a sua alma.

O barulho do corpo caindo na água pôs fim ao pranto. E o silêncio perdurou por muito tempo.

Finalmente Lucius falou:

- Tomemos como lição. Não sintam raiva e nem pena, nosso companheiro Tiro-certo foi morto por Ebirom quando decidiu nos trair.

Terminando essa frase e com um rosto carregado, se virou para a cabine e deu a ordem:

- Zarpemos para Calco! Entregaremos os pertences de Tiro-certo aos familiares mais próximos.

Alguns notaram algo como um choro contido na voz do capitão, que antes de entrar em sua cabine levantou sua espada e gritou:

- Cães! Àqueles que estiverem insatisfeitos com o caminho escolhido pelo Raposa Escarlate devem nos abandonar na próxima ancoragem. Aos que ficarem: liberdade, aventuras, tesouros e disciplina!



# O Medalhão de Prata

Por Alan Emmanuel

Simeão bebeu o último gole da sétima caneca de cerveja que tomava aquele dia. Costumava se orgulhar e contar vantagem da incrível capacidade de resistir à embriaguez. Também pudera; para um “pequenino” ele realmente resistia incrivelmente aos efeitos do álcool. Podia beber por horas a fio e ainda manter-se plenamente consciente. “Benefícios de ser filho de um grande cervejeiro”, dizia orgulhoso, quando finalmente ficava “de pileque”. Mas não era o caso hoje, ainda. Quando o humano ruivo e alto, extremamente magro e com cara de patife aproximou-se da mesa ajeitando um desses “mantos de bruxo” antes de sentar-se, Simeão ainda estava bem sóbrio e atento.

— Ouvi por aí que você é um grande ladrão. — Disse, sem nenhum rodeio, o tal bruxo. Simeão gostava disso.

— “Grande” não é o termo exatamente apropriado em se tratando de um pequenino... Mas, sim, sou realmente muito bom no que faço. — Retrucou Simeão com voz quase infantil.

— Tenho um serviço para você. — O mago jogou um saquinho sobre a mesa. O som que se propagou chegou como música aos ouvidos apurados de Simeão: moedas, o bastante pelo volume. Numa fração de segundo o saquinho sumiu de cima da mesa para reaparecer nas mãos de Simeão. Dedos hábeis conferiram o conteúdo e fecharam o saquinho novamente.

— Do que precisa, senhor...

— Edreanor — completou o bruxo. — Preciso que recupere um artefato que foi roubado de mim. Um medalhão. De ouro. Preso numa corrente de prata.

O taberneiro, um sujeito tão grande quanto gordo que atendia pelo nome singular de Pancada, aproximou-se a um sinal de Simeão e, prestativo, encheu-lhe novamente a caneca.

— Bom, mestre Edreanor, e onde posso encontrar esse ratinho? Simeão perguntou enquanto dava um belo gole na caneca de cerveja.

— Ele está acomodado num barco. O Rainha. Está ancorado aqui na cidade até esta noite. Amanhã eles partem com destino a Diam, em Eredra. E de lá para o Fim-do-Mundo.

— Hum... o Rainha, não? É um navio afamado, sua tripulação é experiente e seu capitão é reconhecido em muitas águas. Não se envolve com um grupo desses por pouco, mestre Edreanor.

— O sujeito que me roubou não faz parte da tripulação do Rainha. Pagou para embarcar e ir até Dantsem, onde vai desfazer-se do meu medalhão. Além do mais, a tripulação do Rainha está quase toda em terra hoje. E, caso aceite o serviço, outras duas sacolinhas dessa estarão à sua espera amanhã.

Simeão brincou com uma das moedas entre os dedos.

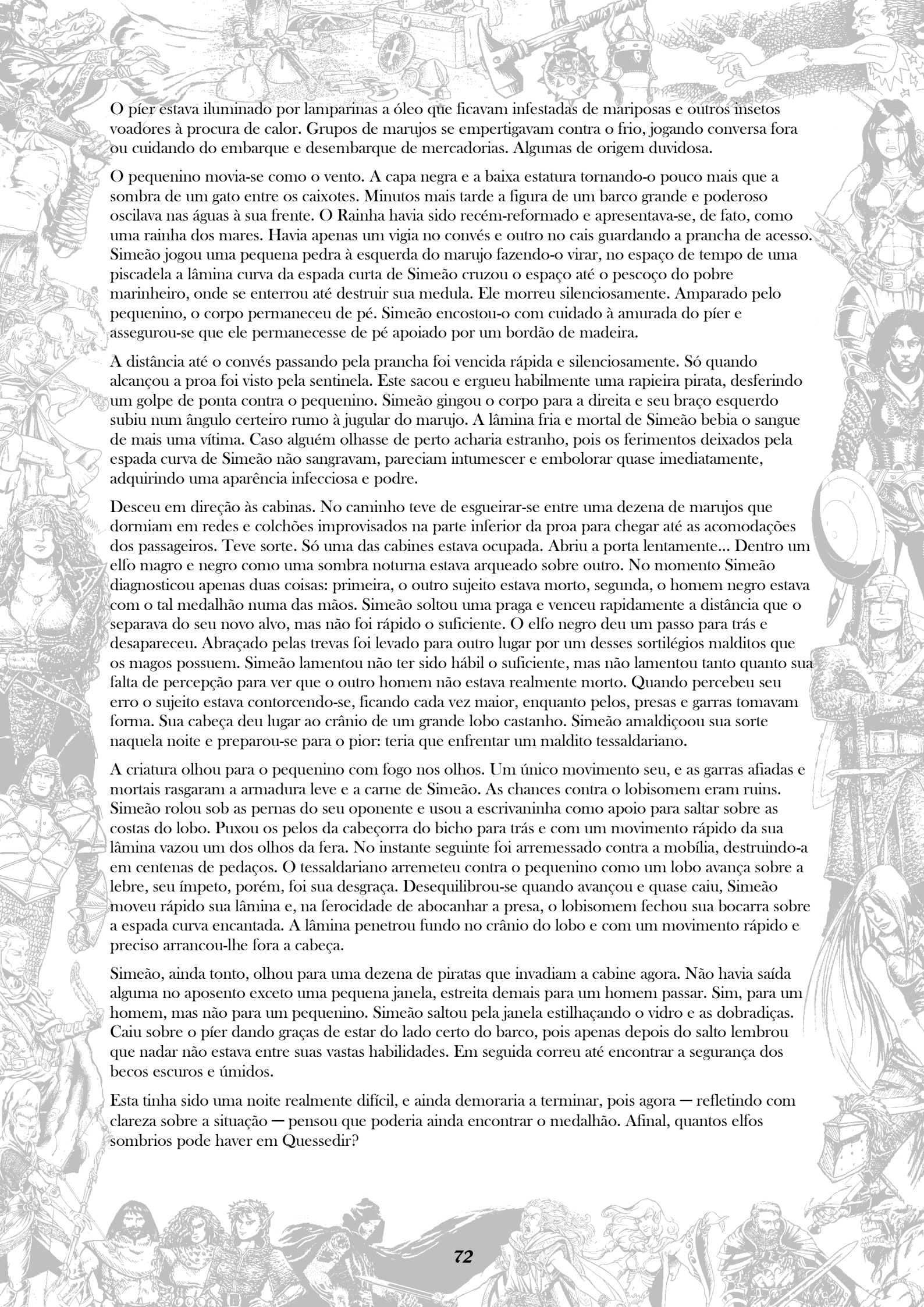
— Qual o nome do sujeito? — Perguntou.

— Lucius. — Respondeu o outro.

\*\*\*

Se alguém perguntasse a que horas Simeão deixou a taberna ninguém saberia dizer, e a maioria teria dificuldade até de lembrar-se se ele esteve lá. Tinha essa capacidade de passar quase despercebido mesmo que não quisesse. Horas mais tarde, ainda aquela noite, estava descendo pelas vielas escuras e tortuosas de Quessedir. O cheiro da maresia vinha acompanhado com o odor acre de peixe fresco. A noite era de lua cheia e o caminho estava iluminado com aquela aura azulada que provoca arrepios nas criaturas diurnas. O vento frio soprava forte, soerguia o manto escuro de Simeão e deixava à mostra a bainha da espada curta com cabo de prata presa em sua cintura. Essa arma era a única coisa na vida da qual Simeão realmente gostava. Não apenas pelo fato de ser uma arma excepcional, mas havia sido dada por um amigo muito querido, que há anos já havia partido para o seio de Cruine, o deus impiedoso da morte que jamais inocenta o culpado ou retarda seu julgamento.





O píer estava iluminado por lamparinas a óleo que ficavam infestadas de mariposas e outros insetos voadores à procura de calor. Grupos de marujos se empertigavam contra o frio, jogando conversa fora ou cuidando do embarque e desembarque de mercadorias. Algumas de origem duvidosa.

O pequenino movia-se como o vento. A capa negra e a baixa estatura tornando-o pouco mais que a sombra de um gato entre os caixotes. Minutos mais tarde a figura de um barco grande e poderoso oscilava nas águas à sua frente. O Rainha havia sido recém-reformado e apresentava-se, de fato, como uma rainha dos mares. Havia apenas um vigia no convés e outro no cais guardando a prancha de acesso. Simeão jogou uma pequena pedra à esquerda do marujo fazendo-o virar, no espaço de tempo de uma piscadela a lâmina curva da espada curta de Simeão cruzou o espaço até o pescoço do pobre marinheiro, onde se enterrou até destruir sua medula. Ele morreu silenciosamente. Amparado pelo pequenino, o corpo permaneceu de pé. Simeão encostou-o com cuidado à amurada do píer e assegurou-se que ele permanecesse de pé apoiado por um bordão de madeira.

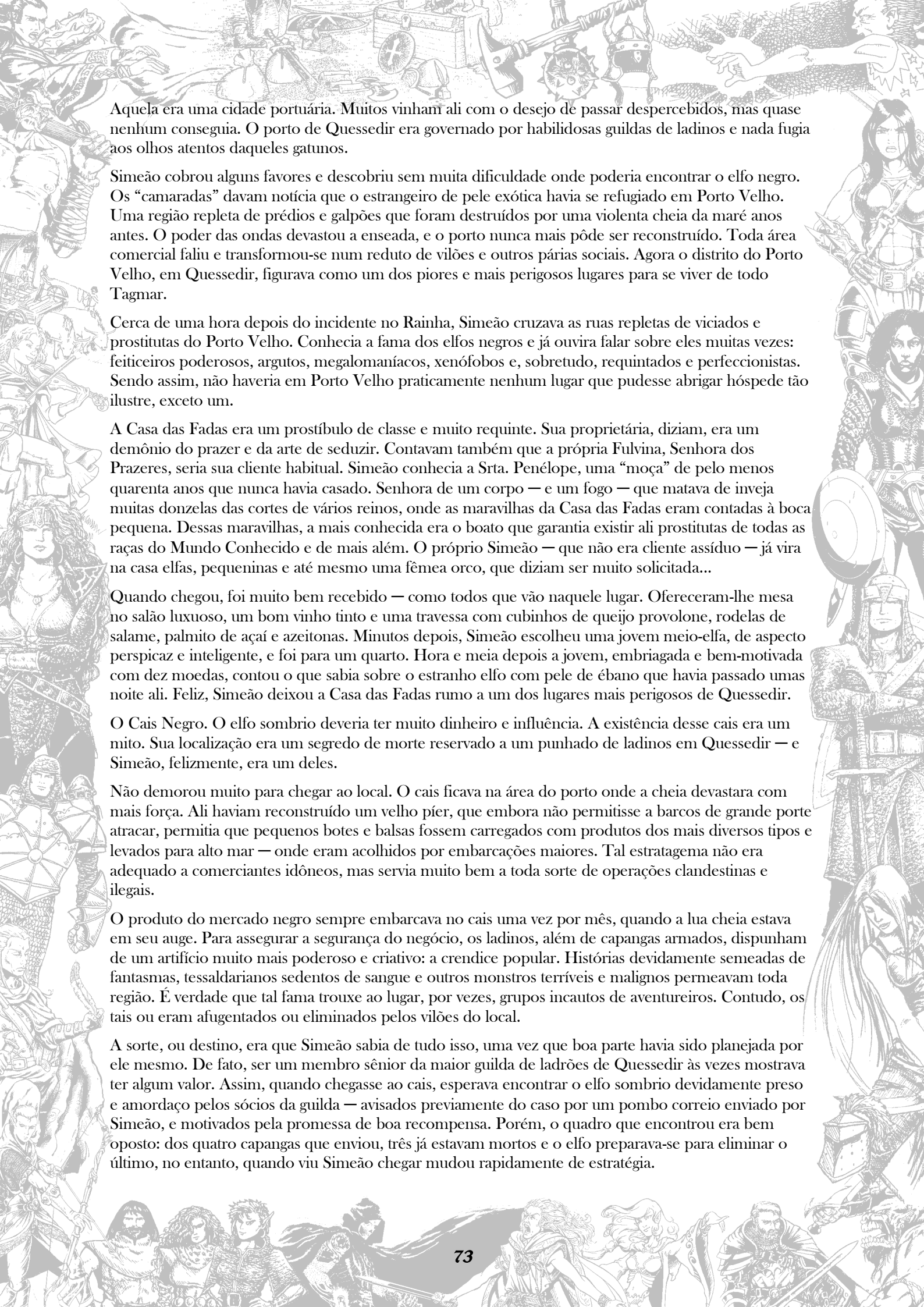
A distância até o convés passando pela prancha foi vencida rápida e silenciosamente. Só quando alcançou a proa foi visto pela sentinela. Este sacou e ergueu habilmente uma rapieira pirata, desferindo um golpe de ponta contra o pequenino. Simeão gingou o corpo para a direita e seu braço esquerdo subiu num ângulo certo rumo à jugular do marujo. A lâmina fria e mortal de Simeão bebia o sangue de mais uma vítima. Caso alguém olhasse de perto acharia estranho, pois os ferimentos deixados pela espada curva de Simeão não sangravam, pareciam intumescer e embolorar quase imediatamente, adquirindo uma aparência infecciosa e podre.

Desceu em direção às cabinas. No caminho teve de esgueirar-se entre uma dezena de marujos que dormiam em redes e colchões improvisados na parte inferior da proa para chegar até as acomodações dos passageiros. Teve sorte. Só uma das cabines estava ocupada. Abriu a porta lentamente... Dentro um elfo magro e negro como uma sombra noturna estava arqueado sobre outro. No momento Simeão diagnosticou apenas duas coisas: primeira, o outro sujeito estava morto, segunda, o homem negro estava com o tal medalhão numa das mãos. Simeão soltou uma praga e venceu rapidamente a distância que o separava do seu novo alvo, mas não foi rápido o suficiente. O elfo negro deu um passo para trás e desapareceu. Abraçado pelas trevas foi levado para outro lugar por um desses sortilégios malditos que os magos possuem. Simeão lamentou não ter sido hábil o suficiente, mas não lamentou tanto quanto sua falta de percepção para ver que o outro homem não estava realmente morto. Quando percebeu seu erro o sujeito estava contorcendo-se, ficando cada vez maior, enquanto pelos, presas e garras tomavam forma. Sua cabeça deu lugar ao crânio de um grande lobo castanho. Simeão amaldiçoou sua sorte naquela noite e preparou-se para o pior: teria que enfrentar um maldito tessaldariano.

A criatura olhou para o pequenino com fogo nos olhos. Um único movimento seu, e as garras afiadas e mortais rasgaram a armadura leve e a carne de Simeão. As chances contra o lobisomem eram ruins. Simeão rolou sob as pernas do seu oponente e usou a escrivinha como apoio para saltar sobre as costas do lobo. Puxou os pelos da cabeçorra do bicho para trás e com um movimento rápido da sua lâmina vazou um dos olhos da fera. No instante seguinte foi arremessado contra a mobília, destruindo-a em centenas de pedaços. O tessaldariano arremeteu contra o pequenino como um lobo avança sobre a lebre, seu ímpeto, porém, foi sua desgraça. Desequilíbrio-se quando avançou e quase caiu, Simeão moveu rápido sua lâmina e, na ferocidade de abocanhar a presa, o lobisomem fechou sua bocarra sobre a espada curva encantada. A lâmina penetrou fundo no crânio do lobo e com um movimento rápido e preciso arrancou-lhe fora a cabeça.

Simeão, ainda tonto, olhou para uma dezena de piratas que invadiam a cabine agora. Não havia saída alguma no aposento exceto uma pequena janela, estreita demais para um homem passar. Sim, para um homem, mas não para um pequenino. Simeão saltou pela janela estilhaçando o vidro e as dobradiças. Caiu sobre o píer dando graças de estar do lado certo do barco, pois apenas depois do salto lembrou que nadar não estava entre suas vastas habilidades. Em seguida correu até encontrar a segurança dos becos escuros e úmidos.

Esta tinha sido uma noite realmente difícil, e ainda demoraria a terminar, pois agora — refletindo com clareza sobre a situação — pensou que poderia ainda encontrar o medalhão. Afinal, quantos elfos sombrios pode haver em Quessedir?



Aquela era uma cidade portuária. Muitos vinham ali com o desejo de passar despercebidos, mas quase nenhum conseguia. O porto de Quessedir era governado por habilidosas guildas de ladinos e nada fugia aos olhos atentos daqueles gatumos.

Simeão cobrou alguns favores e descobriu sem muita dificuldade onde poderia encontrar o elfo negro. Os “camaradas” davam notícia que o estrangeiro de pele exótica havia se refugiado em Porto Velho. Uma região repleta de prédios e galpões que foram destruídos por uma violenta cheia da maré anos antes. O poder das ondas devastou a enseada, e o porto nunca mais pôde ser reconstruído. Toda área comercial faliu e transformou-se num reduto de vilões e outros párias sociais. Agora o distrito do Porto Velho, em Quessedir, figurava como um dos piores e mais perigosos lugares para se viver de todo Tagmar.

Cerca de uma hora depois do incidente no Rainha, Simeão cruzava as ruas repletas de viciados e prostitutas do Porto Velho. Conhecía a fama dos elfos negros e já ouvira falar sobre eles muitas vezes: feiticeiros poderosos, argutos, megalomaniacos, xenófobos e, sobretudo, requintados e perfeccionistas. Sendo assim, não haveria em Porto Velho praticamente nenhum lugar que pudesse abrigar hóspede tão ilustre, exceto um.

A Casa das Fadas era um prostíbulo de classe e muito requinte. Sua proprietária, diziam, era um demônio do prazer e da arte de seduzir. Contavam também que a própria Fulvina, Senhora dos Prazeres, seria sua cliente habitual. Simeão conhecia a Srta. Penélope, uma “moça” de pelo menos quarenta anos que nunca havia casado. Senhora de um corpo — e um fogo — que matava de inveja muitas donzelas das cortes de vários reinos, onde as maravilhas da Casa das Fadas eram contadas à boca pequena. Dessas maravilhas, a mais conhecida era o boato que garantia existir ali prostitutas de todas as raças do Mundo Conhecido e de mais além. O próprio Simeão — que não era cliente assíduo — já vira na casa elfas, pequeninas e até mesmo uma fêmea orco, que diziam ser muito solicitada...

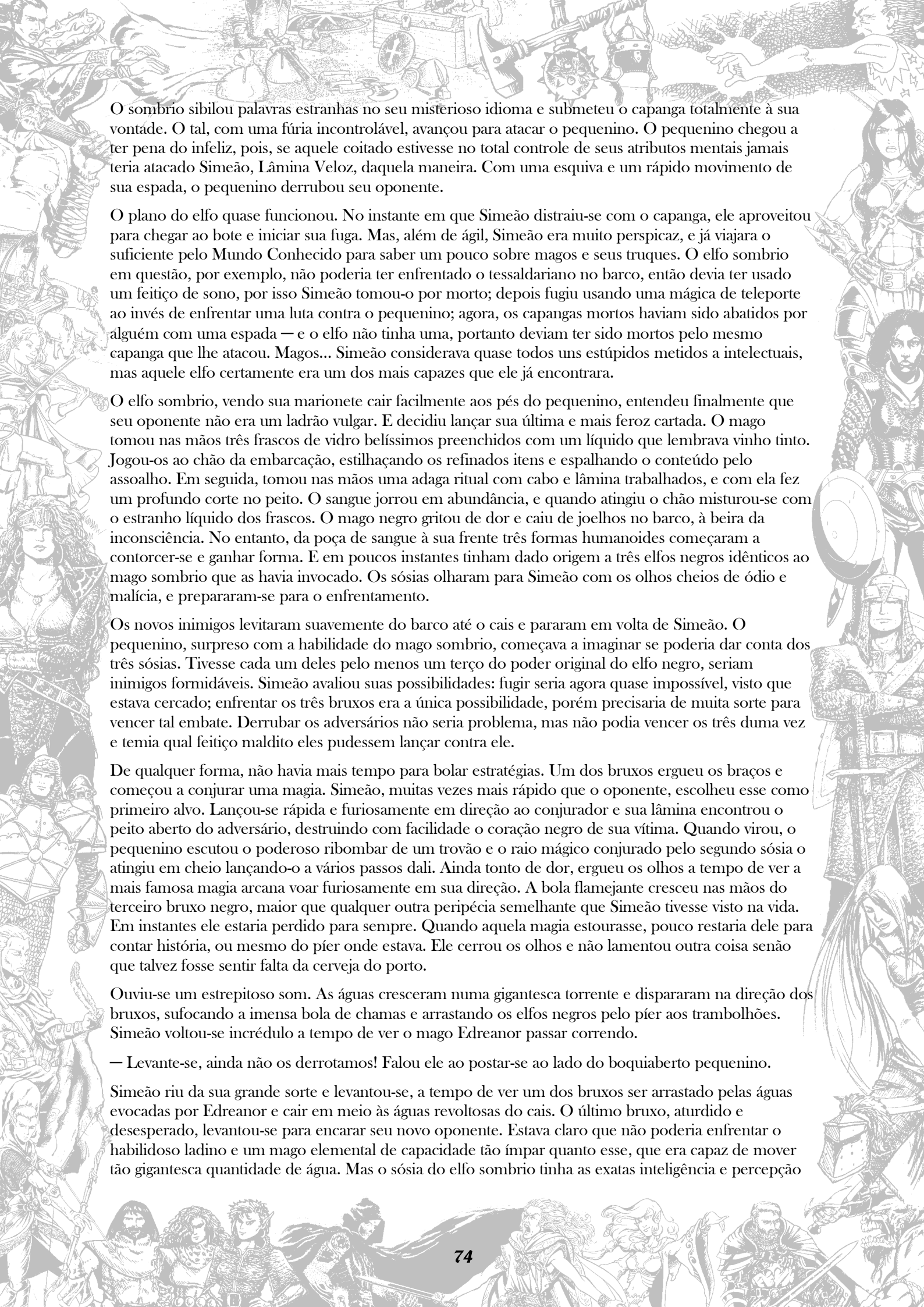
Quando chegou, foi muito bem recebido — como todos que vão naquele lugar. Ofereceram-lhe mesa no salão luxuoso, um bom vinho tinto e uma travessa com cubinhos de queijo provolone, rodelas de salame, palmito de açaí e azeitonas. Minutos depois, Simeão escolheu uma jovem meio-elfa, de aspecto perspicaz e inteligente, e foi para um quarto. Hora e meia depois a jovem, embriagada e bem-motivada com dez moedas, contou o que sabia sobre o estranho elfo com pele de ébano que havia passado umas noites ali. Feliz, Simeão deixou a Casa das Fadas rumo a um dos lugares mais perigosos de Quessedir.

O Cais Negro. O elfo sombrio deveria ter muito dinheiro e influência. A existência desse cais era um mito. Sua localização era um segredo de morte reservado a um punhado de ladinos em Quessedir — e Simeão, felizmente, era um deles.

Não demorou muito para chegar ao local. O cais ficava na área do porto onde a cheia devastara com mais força. Ali haviam reconstruído um velho píer, que embora não permitisse a barcos de grande porte atracar, permitia que pequenos botes e balsas fossem carregados com produtos dos mais diversos tipos e levados para alto mar — onde eram acolhidos por embarcações maiores. Tal estratégia não era adequado a comerciantes idôneos, mas servia muito bem a toda sorte de operações clandestinas e ilegais.

O produto do mercado negro sempre embarcava no cais uma vez por mês, quando a lua cheia estava em seu auge. Para assegurar a segurança do negócio, os ladinos, além de capangas armados, dispunham de um artifício muito mais poderoso e criativo: a credence popular. Histórias devidamente semeadas de fantasmas, tessaldarianos sedentos de sangue e outros monstros terríveis e malignos permeavam toda região. É verdade que tal fama trouxe ao lugar, por vezes, grupos incautos de aventureiros. Contudo, os tais ou eram afugentados ou eliminados pelos vilões do local.

A sorte, ou destino, era que Simeão sabia de tudo isso, uma vez que boa parte havia sido planejada por ele mesmo. De fato, ser um membro sênior da maior guilda de ladrões de Quessedir às vezes mostrava ter algum valor. Assim, quando chegasse ao cais, esperava encontrar o elfo sombrio devidamente preso e amordaço pelos sócios da guilda — avisados previamente do caso por um pombo correio enviado por Simeão, e motivados pela promessa de boa recompensa. Porém, o quadro que encontrou era bem oposto: dos quatro capangas que enviou, três já estavam mortos e o elfo preparava-se para eliminar o último, no entanto, quando viu Simeão chegar mudou rapidamente de estratégia.



O sombrio sibilou palavras estranhas no seu misterioso idioma e submeteu o capanga totalmente à sua vontade. O tal, com uma fúria incontrolável, avançou para atacar o pequenino. O pequenino chegou a ter pena do infeliz, pois, se aquele coitado estivesse no total controle de seus atributos mentais jamais teria atacado Simeão, Lâmina Veloz, daquela maneira. Com uma esquiva e um rápido movimento de sua espada, o pequenino derrubou seu oponente.

O plano do elfo quase funcionou. No instante em que Simeão distraiu-se com o capanga, ele aproveitou para chegar ao bote e iniciar sua fuga. Mas, além de ágil, Simeão era muito perspicaz, e já viajara o suficiente pelo Mundo Conhecido para saber um pouco sobre magos e seus truques. O elfo sombrio em questão, por exemplo, não poderia ter enfrentado o tessaldariano no barco, então devia ter usado um feitiço de sono, por isso Simeão tomou-o por morto; depois fugiu usando uma magia de teleporte ao invés de enfrentar uma luta contra o pequenino; agora, os capangas mortos haviam sido abatidos por alguém com uma espada — e o elfo não tinha uma, portanto deviam ter sido mortos pelo mesmo capanga que lhe atacou. Magos... Simeão considerava quase todos uns estúpidos metidos a intelectuais, mas aquele elfo certamente era um dos mais capazes que ele já encontrara.

O elfo sombrio, vendo sua marionete cair facilmente aos pés do pequenino, entendeu finalmente que seu oponente não era um ladrão vulgar. E decidiu lançar sua última e mais feroz cartada. O mago tomou nas mãos três frascos de vidro belíssimos preenchidos com um líquido que lembrava vinho tinto. Jogou-os ao chão da embarcação, estilhaçando os refinados itens e espalhando o conteúdo pelo assoalho. Em seguida, tomou nas mãos uma adaga ritual com cabo e lâmina trabalhados, e com ela fez um profundo corte no peito. O sangue jorrou em abundância, e quando atingiu o chão misturou-se com o estranho líquido dos frascos. O mago negro gritou de dor e caiu de joelhos no barco, à beira da inconsciência. No entanto, da poça de sangue à sua frente três formas humanoides começaram a contorcer-se e ganhar forma. E em poucos instantes tinham dado origem a três elfos negros idênticos ao mago sombrio que as havia invocado. Os sócias olharam para Simeão com os olhos cheios de ódio e malícia, e prepararam-se para o enfrentamento.

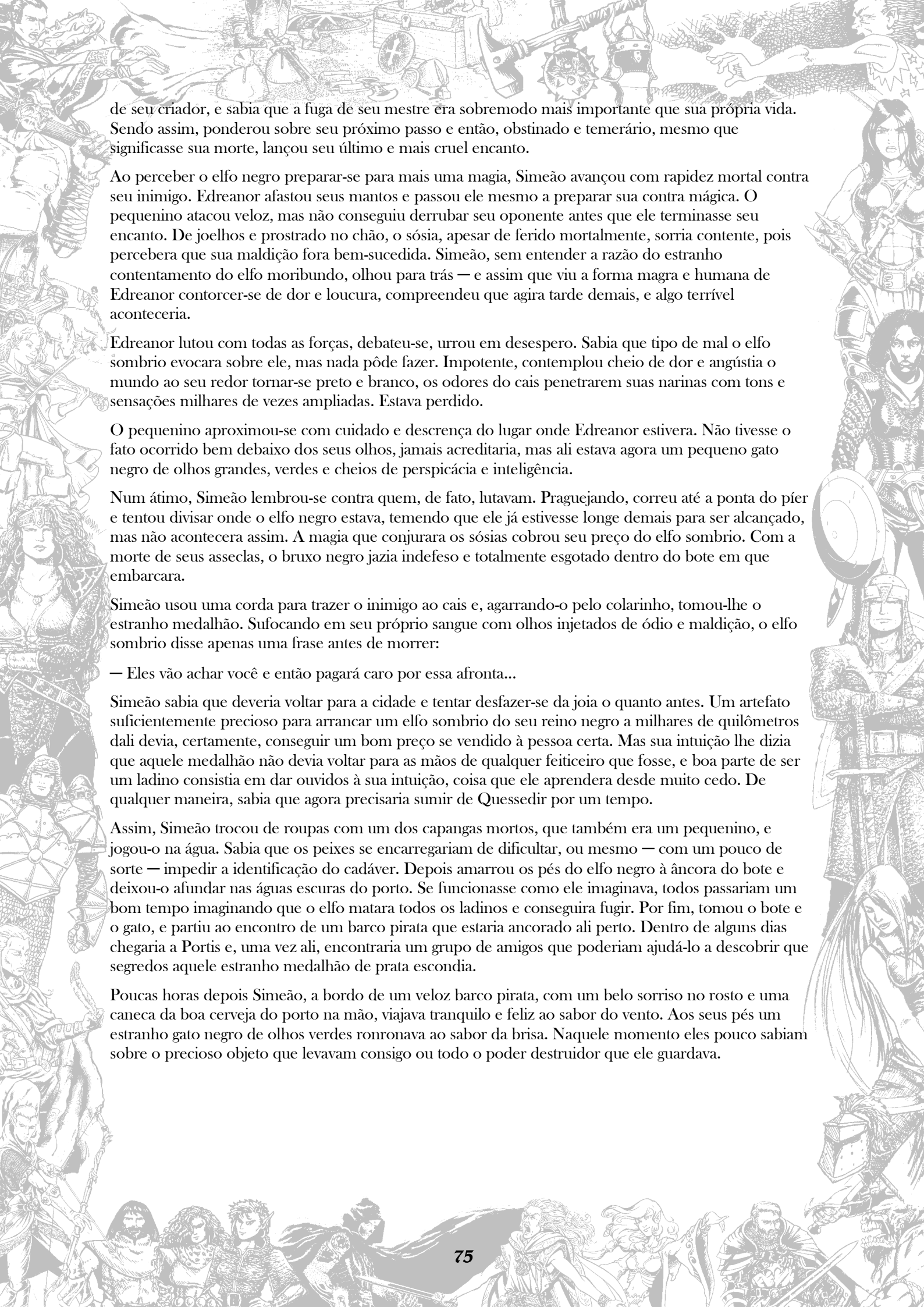
Os novos inimigos levitaram suavemente do barco até o cais e pararam em volta de Simeão. O pequenino, surpreso com a habilidade do mago sombrio, começava a imaginar se poderia dar conta dos três sócias. Tivesse cada um deles pelo menos um terço do poder original do elfo negro, seriam inimigos formidáveis. Simeão avaliou suas possibilidades: fugir seria agora quase impossível, visto que estava cercado; enfrentar os três bruxos era a única possibilidade, porém precisaria de muita sorte para vencer tal embate. Derrubar os adversários não seria problema, mas não podia vencer os três duma vez e temia qual feitiço maldito eles pudessem lançar contra ele.

De qualquer forma, não havia mais tempo para bolar estratégias. Um dos bruxos ergueu os braços e começou a conjurar uma magia. Simeão, muitas vezes mais rápido que o oponente, escolheu esse como primeiro alvo. Lançou-se rápida e furiosamente em direção ao conjurador e sua lâmina encontrou o peito aberto do adversário, destruindo com facilidade o coração negro de sua vítima. Quando virou, o pequenino escutou o poderoso ribombar de um trovão e o raio mágico conjurado pelo segundo sócia o atingiu em cheio lançando-o a vários passos dali. Ainda tonto de dor, ergueu os olhos a tempo de ver a mais famosa magia arcana voar furiosamente em sua direção. A bola flamejante cresceu nas mãos do terceiro bruxo negro, maior que qualquer outra peripécia semelhante que Simeão tivesse visto na vida. Em instantes ele estaria perdido para sempre. Quando aquela magia estourasse, pouco restaria dele para contar história, ou mesmo do pier onde estava. Ele cerrou os olhos e não lamentou outra coisa senão que talvez fosse sentir falta da cerveja do porto.

Ouviu-se um estrepitoso som. As águas cresceram numa gigantesca torrente e dispararam na direção dos bruxos, sufocando a imensa bola de chamas e arrastando os elfos negros pelo pier aos trambolhões. Simeão voltou-se incrédulo a tempo de ver o mago Edreanor passar correndo.

— Levante-se, ainda não os derrotamos! Falou ele ao postar-se ao lado do boquiaberto pequenino.

Simeão riu da sua grande sorte e levantou-se, a tempo de ver um dos bruxos ser arrastado pelas águas evocadas por Edreanor e cair em meio às águas revoltosas do cais. O último bruxo, aturdido e desesperado, levantou-se para encarar seu novo oponente. Estava claro que não poderia enfrentar o habilidoso ladino e um mago elemental de capacidade tão ímpar quanto esse, que era capaz de mover tão gigantesca quantidade de água. Mas o sócia do elfo sombrio tinha as exatas inteligência e percepção



de seu criador, e sabia que a fuga de seu mestre era sobremodo mais importante que sua própria vida. Sendo assim, ponderou sobre seu próximo passo e então, obstinado e temerário, mesmo que significasse sua morte, lançou seu último e mais cruel encanto.

Ao perceber o elfo negro preparar-se para mais uma magia, Simeão avançou com rapidez mortal contra seu inimigo. Edreanor afastou seus mantos e passou ele mesmo a preparar sua contra mágica. O pequenino atacou veloz, mas não conseguiu derrubar seu oponente antes que ele terminasse seu encanto. De joelhos e prostrado no chão, o sósia, apesar de ferido mortalmente, sorria contente, pois percebera que sua maldição fora bem-sucedida. Simeão, sem entender a razão do estranho contentamento do elfo moribundo, olhou para trás — e assim que viu a forma magra e humana de Edreanor contorcer-se de dor e loucura, compreendeu que agira tarde demais, e algo terrível aconteceria.

Edreanor lutou com todas as forças, debateu-se, urrou em desespero. Sabia que tipo de mal o elfo sombrio evocara sobre ele, mas nada pôde fazer. Impotente, contemplou cheio de dor e angústia o mundo ao seu redor tornar-se preto e branco, os odores do cais penetrarem suas narinas com tons e sensações milhares de vezes ampliadas. Estava perdido.

O pequenino aproximou-se com cuidado e descrença do lugar onde Edreanor estivera. Não tivesse o fato ocorrido bem debaixo dos seus olhos, jamais acreditaria, mas ali estava agora um pequeno gato negro de olhos grandes, verdes e cheios de perspicácia e inteligência.

Num átimo, Simeão lembrou-se contra quem, de fato, lutavam. Praguejando, correu até a ponta do píer e tentou divisar onde o elfo negro estava, temendo que ele já estivesse longe demais para ser alcançado, mas não acontecera assim. A magia que conjurara os sósias cobrou seu preço do elfo sombrio. Com a morte de seus asseclas, o bruxo negro jazia indefeso e totalmente esgotado dentro do bote em que embarcara.

Simeão usou uma corda para trazer o inimigo ao cais e, agarrando-o pelo colarinho, tomou-lhe o estranho medalhão. Sufocando em seu próprio sangue com olhos injetados de ódio e maldição, o elfo sombrio disse apenas uma frase antes de morrer:

— Eles vão achar você e então pagará caro por essa afronta...

Simeão sabia que deveria voltar para a cidade e tentar desfazer-se da joia o quanto antes. Um artefato suficientemente precioso para arrancar um elfo sombrio do seu reino negro a milhares de quilômetros dali devia, certamente, conseguir um bom preço se vendido à pessoa certa. Mas sua intuição lhe dizia que aquele medalhão não devia voltar para as mãos de qualquer feiticeiro que fosse, e boa parte de ser um ladino consistia em dar ouvidos à sua intuição, coisa que ele aprendera desde muito cedo. De qualquer maneira, sabia que agora precisaria sumir de Quessedir por um tempo.

Assim, Simeão trocou de roupas com um dos capangas mortos, que também era um pequenino, e jogou-o na água. Sabia que os peixes se encarregariam de dificultar, ou mesmo — com um pouco de sorte — impedir a identificação do cadáver. Depois amarrrou os pés do elfo negro à âncora do bote e deixou-o afundar nas águas escuras do porto. Se funcionasse como ele imaginava, todos passariam um bom tempo imaginando que o elfo matara todos os ladinos e conseguira fugir. Por fim, tomou o bote e o gato, e partiu ao encontro de um barco pirata que estaria ancorado ali perto. Dentro de alguns dias chegaria a Portis e, uma vez ali, encontraria um grupo de amigos que poderiam ajudá-lo a descobrir que segredos aquele estranho medalhão de prata escondia.

Poucas horas depois Simeão, a bordo de um veloz barco pirata, com um belo sorriso no rosto e uma caneca da boa cerveja do porto na mão, viajava tranquilo e feliz ao sabor do vento. Aos seus pés um estranho gato negro de olhos verdes ronronava ao sabor da brisa. Naquele momento eles pouco sabiam sobre o precioso objeto que levavam consigo ou todo o poder destruidor que ele guardava.



# O Círculo se Fecha

Por Airton França Diniz Junior

“O inverno deste ano promete... Ainda bem que amanhã estarei longe de tudo isso!”.

O pensamento lampejou na mente de Tanos enquanto ele erguia mais uma caneca de cerveja. A espelunca do velho Robam, àquela hora da noite e com o tempo que fazia lá fora, parecia anormalmente cheia. A tempestade de neve que rugia em Brual não espantara a clientela fiel do sexagenário taberneiro. Elas não eram incomuns no inverno do sul de Eredra, mas a daquela noite estava mais forte que o habitual.

Antes de pedir mais uma dose, ele já se decidira, seria sua última caneca por aquela noite. Tinha de se deitar logo, pois o dia seguinte seria atarefado. Chamou a atendente, uma bonita jovem de cabelos escuros, corpo sinuoso e olhos negros, que ele nunca tinha visto por aquelas bandas e que despertara olhares cobiçosos em vários fregueses, inclusive nele mesmo. Será que o velho Robam estava dormindo com ela? E, a propósito, ele não vira o taberneiro no local naquela noite...

– Minha querida beldade, me veja mais uma cerveja, sim?

A jovem olhou-o profundamente e sorriu.

– Tem certeza de que quer beber mais uma, senhor? Não parece estar muito bem.

Tanos deu uma gargalhada. Encorajado pelos humores do álcool, estendeu suas mãos calejadas e tocou no braço da atendente. A pele dela era deliciosamente macia.

– Minha querida, como se chama?

Ela encolheu-se ante o toque daquelas mãos ríspidas e grossas.

– Arine, meu senhor.

Ele chegou-se à moça e falou com uma voz ébria e arrastada:

- Pois saiba, Arine... que não será uma simples caneca de cerveja que irá dar cabo de um homem como eu. Já sobrevivi a coisas muito piores... Fique tranquila. Agora me veja logo esta bebida que eu quero ir embora.

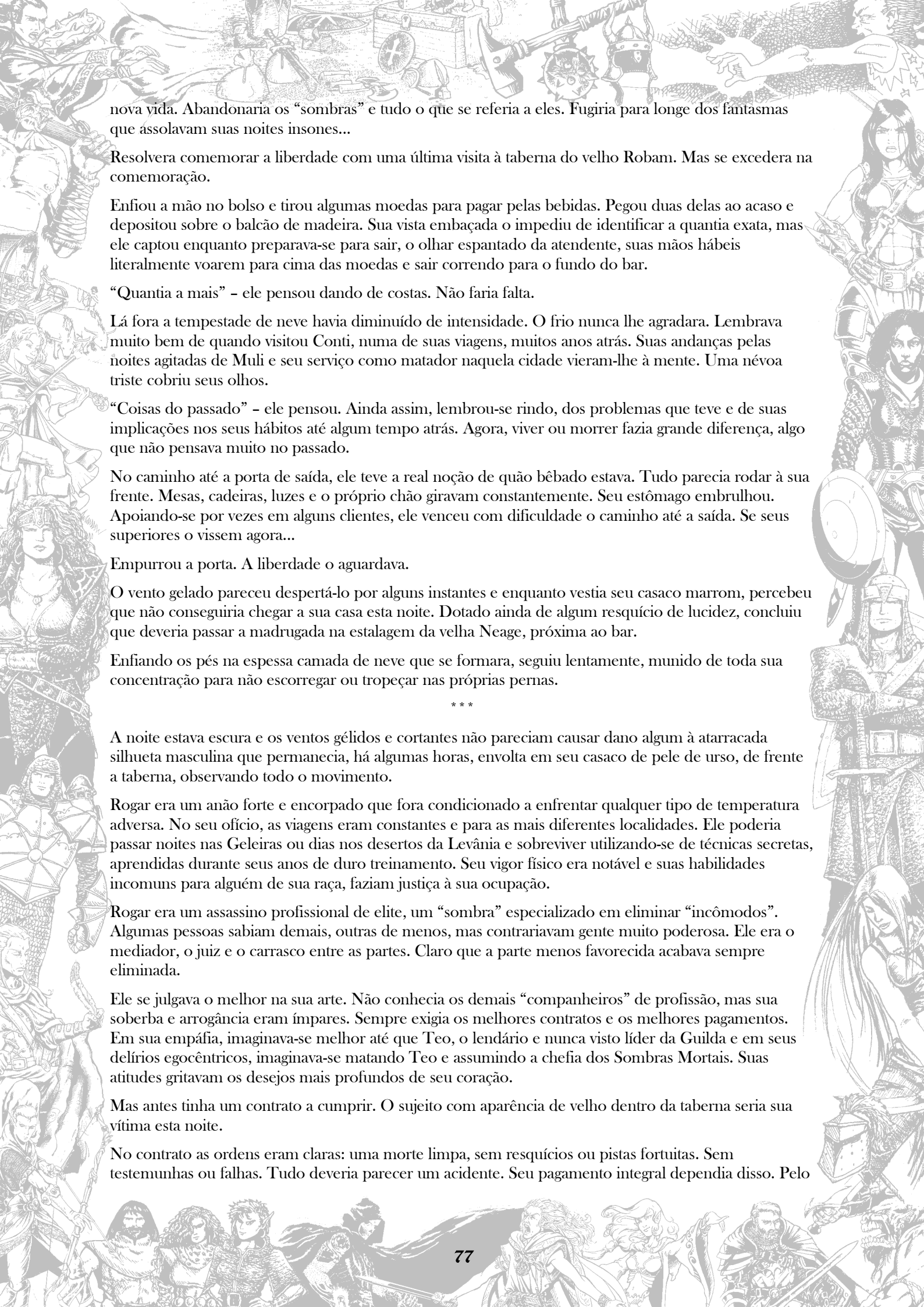
A atendente serviu a caneca do líquido espumante com uma expressão indecifrável no rosto e virou-se para atender outro cliente.

Rindo da atitude da moça, ele pegou o grande copo de vidro com certa dificuldade. Ela tinha razão. Já estava embriagado. Depois de tantas doses, até gestos simples requeriam um pouco mais de concentração. Levou o copo até a boca e virou num único gole, garganta abaixo. O líquido desceu lentamente provocando uma sensação de calor e prazer por todo o seu corpo.

A sensação lembrava vagamente a excitação que sentia quando ainda era um matador profissional, um assassino, um “sombra mortal”. Aquele calor que lhe percorria o corpo, a sensação de poder, de domínio, que aguçava seus instintos frente à vítima. Prazeres diferentes, mas igualmente inebriantes para ele.

Apesar de lembrar como se sentia, Tanos não era mais o mesmo. Estava ficando velho e cansado demais para esses antigos costumes. Cansado daquela vida, das mortes, das fugas, das faces pálidas e sem vida de suas inúmeras vítimas. Um dos únicos prazeres disponíveis naquela altura da vida, ele encontrava em alguns copos de cerveja nas noites frias e insípidas de Brual.

Como um dos “sombras”, ele se tornara um dos mais habilidosos de todo o grupo. Conhecia segredos e informações que envolviam a podridão política de vários governos e membros da sociedade. Também sabia coisas demais da Guilda. Já dera cabo de um sem-número de pessoas, importantes ou nem tanto. Escapara de inúmeros ardis e colecionara algumas cicatrizes profundas, tanto no corpo como na alma. Durante sua vida conseguira juntar uma quantia razoável que lhe garantiria uma velhice tranquila, se sobrevivesse para usufruí-la. E era o que ele pretendia a partir do dia seguinte. Resolvera dar um basta. Em segredo absoluto, arranjava um meio de partir na primeira caravana para Plana e lá iniciaria uma



nova vida. Abandonaria os “sombros” e tudo o que se referia a eles. Fugiria para longe dos fantasmas que assolavam suas noites insones...

Resolvera comemorar a liberdade com uma última visita à taberna do velho Robam. Mas se excedera na comemoração.

Enfiou a mão no bolso e tirou algumas moedas para pagar pelas bebidas. Pegou duas delas ao acaso e depositou sobre o balcão de madeira. Sua vista embaçada o impediu de identificar a quantia exata, mas ele captou enquanto preparava-se para sair, o olhar espantado da atendente, suas mãos hábeis literalmente voarem para cima das moedas e sair correndo para o fundo do bar.

“Quantia a mais” – ele pensou dando de costas. Não faria falta.

Lá fora a tempestade de neve havia diminuído de intensidade. O frio nunca lhe agradara. Lembrava muito bem de quando visitou Conti, numa de suas viagens, muitos anos atrás. Suas andanças pelas noites agitadas de Muli e seu serviço como matador naquela cidade vieram-lhe à mente. Uma névoa triste cobriu seus olhos.

“Coisas do passado” – ele pensou. Ainda assim, lembrou-se rindo, dos problemas que teve e de suas implicações nos seus hábitos até algum tempo atrás. Agora, viver ou morrer fazia grande diferença, algo que não pensava muito no passado.

No caminho até a porta de saída, ele teve a real noção de quão bêbado estava. Tudo parecia rodar à sua frente. Mesas, cadeiras, luzes e o próprio chão giravam constantemente. Seu estômago embrulhou. Apoiando-se por vezes em alguns clientes, ele venceu com dificuldade o caminho até a saída. Se seus superiores o vissem agora...

Empurrou a porta. A liberdade o aguardava.

O vento gelado pareceu despertá-lo por alguns instantes e enquanto vestia seu casaco marrom, percebeu que não conseguiria chegar a sua casa esta noite. Dotado ainda de algum resquício de lucidez, concluiu que deveria passar a madrugada na estalagem da velha Neage, próxima ao bar.

Enfiando os pés na espessa camada de neve que se formara, seguiu lentamente, munido de toda sua concentração para não escorregar ou tropeçar nas próprias pernas.

\*\*\*

A noite estava escura e os ventos gélidos e cortantes não pareciam causar dano algum à atarracada silhueta masculina que permanecia, há algumas horas, envolta em seu casaco de pele de urso, de frente a taberna, observando todo o movimento.

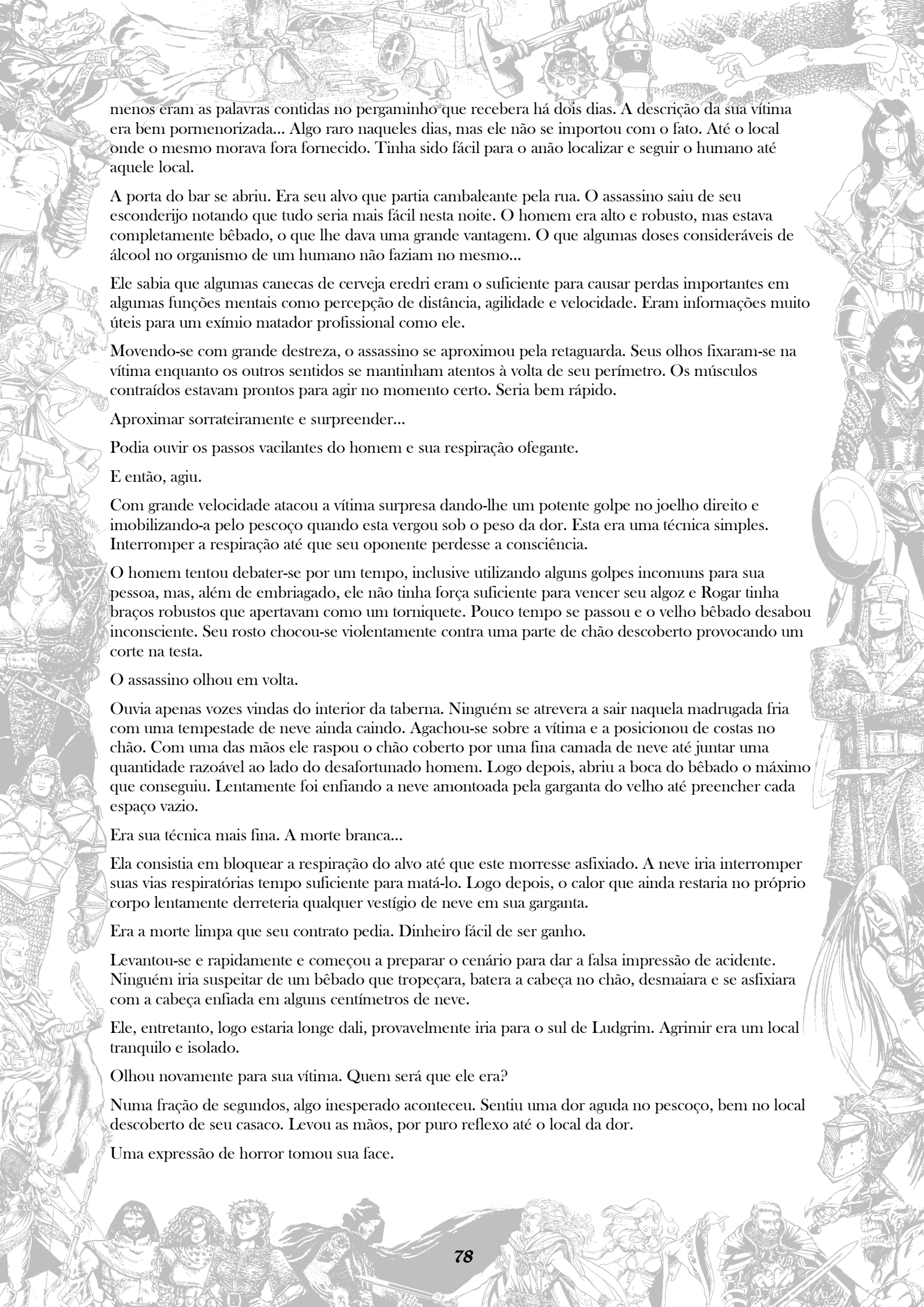
Rogar era um anão forte e encorpado que fora condicionado a enfrentar qualquer tipo de temperatura adversa. No seu ofício, as viagens eram constantes e para as mais diferentes localidades. Ele poderia passar noites nas Geleiras ou dias nos desertos da Levânia e sobreviver utilizando-se de técnicas secretas, aprendidas durante seus anos de duro treinamento. Seu vigor físico era notável e suas habilidades incomuns para alguém de sua raça, faziam justiça à sua ocupação.

Rogar era um assassino profissional de elite, um “sombra” especializado em eliminar “incômodos”. Algumas pessoas sabiam demais, outras de menos, mas contrariavam gente muito poderosa. Ele era o mediador, o juiz e o carrasco entre as partes. Claro que a parte menos favorecida acabava sempre eliminada.

Ele se julgava o melhor na sua arte. Não conhecia os demais “companheiros” de profissão, mas sua soberba e arrogância eram ímpares. Sempre exigia os melhores contratos e os melhores pagamentos. Em sua empáfia, imaginava-se melhor até que Teo, o lendário e nunca visto líder da Guilda e em seus delírios egocêntricos, imaginava-se matando Teo e assumindo a chefia dos Sombras Mortais. Suas atitudes gritavam os desejos mais profundos de seu coração.

Mas antes tinha um contrato a cumprir. O sujeito com aparência de velho dentro da taberna seria sua vítima esta noite.

No contrato as ordens eram claras: uma morte limpa, sem resquícios ou pistas fortuitas. Sem testemunhas ou falhas. Tudo deveria parecer um acidente. Seu pagamento integral dependia disso. Pelo



menos eram as palavras contidas no pergaminho que recebera há dois dias. A descrição da sua vítima era bem pormenorizada... Algo raro naqueles dias, mas ele não se importou com o fato. Até o local onde o mesmo morava fora fornecido. Tinha sido fácil para o anão localizar e seguir o humano até aquele local.

A porta do bar se abriu. Era seu alvo que partia cambaleante pela rua. O assassino saiu de seu esconderijo notando que tudo seria mais fácil nesta noite. O homem era alto e robusto, mas estava completamente bêbado, o que lhe dava uma grande vantagem. O que algumas doses consideráveis de álcool no organismo de um humano não faziam no mesmo...

Ele sabia que algumas canecas de cerveja ereditri eram o suficiente para causar perdas importantes em algumas funções mentais como percepção de distância, agilidade e velocidade. Eram informações muito úteis para um exímio matador profissional como ele.

Movendo-se com grande destreza, o assassino se aproximou pela retaguarda. Seus olhos fixaram-se na vítima enquanto os outros sentidos se mantinham atentos à volta de seu perímetro. Os músculos contraídos estavam prontos para agir no momento certo. Seria bem rápido.

Aproximar sorrateiramente e surpreender...

Podia ouvir os passos vacilantes do homem e sua respiração ofegante.

E então, agiu.

Com grande velocidade atacou a vítima surpresa dando-lhe um potente golpe no joelho direito e imobilizando-a pelo pescoço quando esta vergou sob o peso da dor. Esta era uma técnica simples. Interromper a respiração até que seu oponente perdesse a consciência.

O homem tentou debater-se por um tempo, inclusive utilizando alguns golpes incomuns para sua pessoa, mas, além de embriagado, ele não tinha força suficiente para vencer seu algoz e Rogar tinha braços robustos que apertavam como um torniquete. Pouco tempo se passou e o velho bêbado desabou inconsciente. Seu rosto chocou-se violentamente contra uma parte de chão descoberto provocando um corte na testa.

O assassino olhou em volta.

Ouvia apenas vozes vindas do interior da taberna. Ninguém se atrevera a sair naquela madrugada fria com uma tempestade de neve ainda caindo. Agachou-se sobre a vítima e a posicionou de costas no chão. Com uma das mãos ele raspou o chão coberto por uma fina camada de neve até juntar uma quantidade razoável ao lado do desafortunado homem. Logo depois, abriu a boca do bêbado o máximo que conseguiu. Lentamente foi enfiando a neve amontoada pela garganta do velho até preencher cada espaço vazio.

Era sua técnica mais fina. A morte branca...

Ela consistia em bloquear a respiração do alvo até que este morresse asfixiado. A neve iria interromper suas vias respiratórias tempo suficiente para matá-lo. Logo depois, o calor que ainda restaria no próprio corpo lentamente derreteria qualquer vestígio de neve em sua garganta.

Era a morte limpa que seu contrato pedia. Dinheiro fácil de ser ganho.

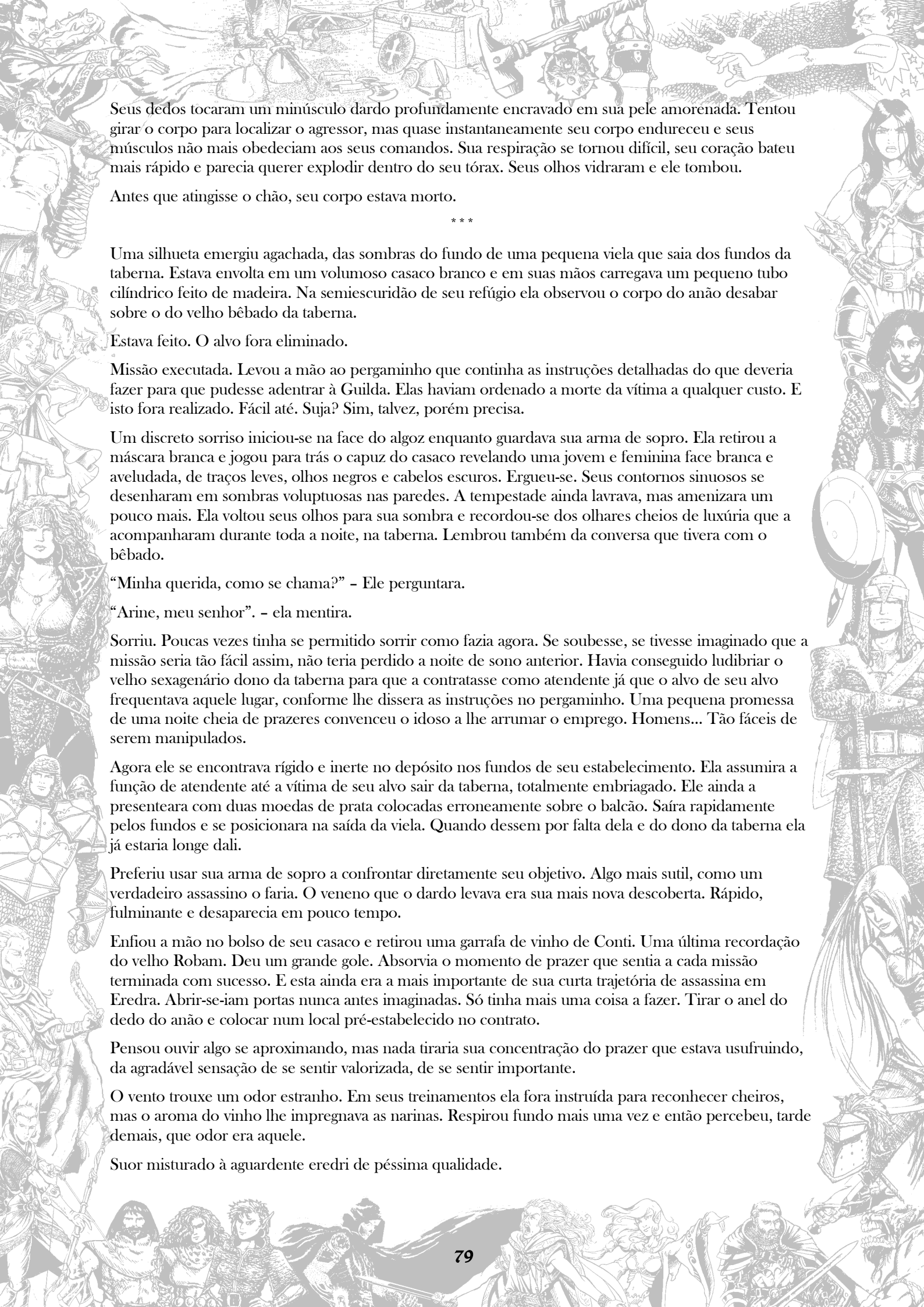
Levantou-se e rapidamente e começou a preparar o cenário para dar a falsa impressão de acidente. Ninguém iria suspeitar de um bêbado que tropeçara, batera a cabeça no chão, desmaiara e se asfixiara com a cabeça enfiada em alguns centímetros de neve.

Ele, entretanto, logo estaria longe dali, provavelmente iria para o sul de Ludgrim. Agrimir era um local tranquilo e isolado.

Olhou novamente para sua vítima. Quem será que ele era?

Numa fração de segundos, algo inesperado aconteceu. Sentiu uma dor aguda no pescoço, bem no local descoberto de seu casaco. Levou as mãos, por puro reflexo até o local da dor.

Uma expressão de horror tomou sua face.



Seus dedos tocaram um minúsculo dardo profundamente encravado em sua pele amorenada. Tentou girar o corpo para localizar o agressor, mas quase instantaneamente seu corpo endureceu e seus músculos não mais obedeciam aos seus comandos. Sua respiração se tornou difícil, seu coração bateu mais rápido e parecia querer explodir dentro do seu tórax. Seus olhos vidraram e ele tombou.

Antes que atingisse o chão, seu corpo estava morto.

\*\*\*

Uma silhueta emergiu agachada, das sombras do fundo de uma pequena viela que saía dos fundos da taberna. Estava envolta em um volumoso casaco branco e em suas mãos carregava um pequeno tubo cilíndrico feito de madeira. Na semiescuridão de seu refúgio ela observou o corpo do anão desabar sobre o do velho bêbado da taberna.

Estava feito. O alvo fora eliminado.

Missão executada. Levou a mão ao pergaminho que continha as instruções detalhadas do que deveria fazer para que pudesse adentrar à Guilda. Elas haviam ordenado a morte da vítima a qualquer custo. E isto fora realizado. Fácil até. Suja? Sim, talvez, porém precisa.

Um discreto sorriso iniciou-se na face do algoz enquanto guardava sua arma de sopro. Ela retirou a máscara branca e jogou para trás o capuz do casaco revelando uma jovem e feminina face branca e aveludada, de traços leves, olhos negros e cabelos escuros. Ergueu-se. Seus contornos sinuosos se desenharam em sombras voluptuosas nas paredes. A tempestade ainda lavrava, mas amenizara um pouco mais. Ela voltou seus olhos para sua sombra e recordou-se dos olhares cheios de luxúria que a acompanharam durante toda a noite, na taberna. Lembrou também da conversa que tivera com o bêbado.

“Minha querida, como se chama?” – Ele perguntara.

“Arine, meu senhor”. – ela mentira.

Sorriu. Poucas vezes tinha se permitido sorrir como fazia agora. Se soubesse, se tivesse imaginado que a missão seria tão fácil assim, não teria perdido a noite de sono anterior. Havia conseguido ludibriar o velho sexagenário dono da taberna para que a contratasse como atendente já que o alvo de seu alvo frequentava aquele lugar, conforme lhe dissera as instruções no pergaminho. Uma pequena promessa de uma noite cheia de prazeres convenceu o idoso a lhe arrumar o emprego. Homens... Tão fáceis de serem manipulados.

Agora ele se encontrava rígido e inerte no depósito nos fundos de seu estabelecimento. Ela assumira a função de atendente até a vítima de seu alvo sair da taberna, totalmente embriagado. Ele ainda a presenteara com duas moedas de prata colocadas erroneamente sobre o balcão. Saíra rapidamente pelos fundos e se posicionara na saída da viela. Quando dessem por falta dela e do dono da taberna ela já estaria longe dali.

Preferiu usar sua arma de sopro a confrontar diretamente seu objetivo. Algo mais sutil, como um verdadeiro assassino o faria. O veneno que o dardo levava era sua mais nova descoberta. Rápido, fulminante e desaparecia em pouco tempo.

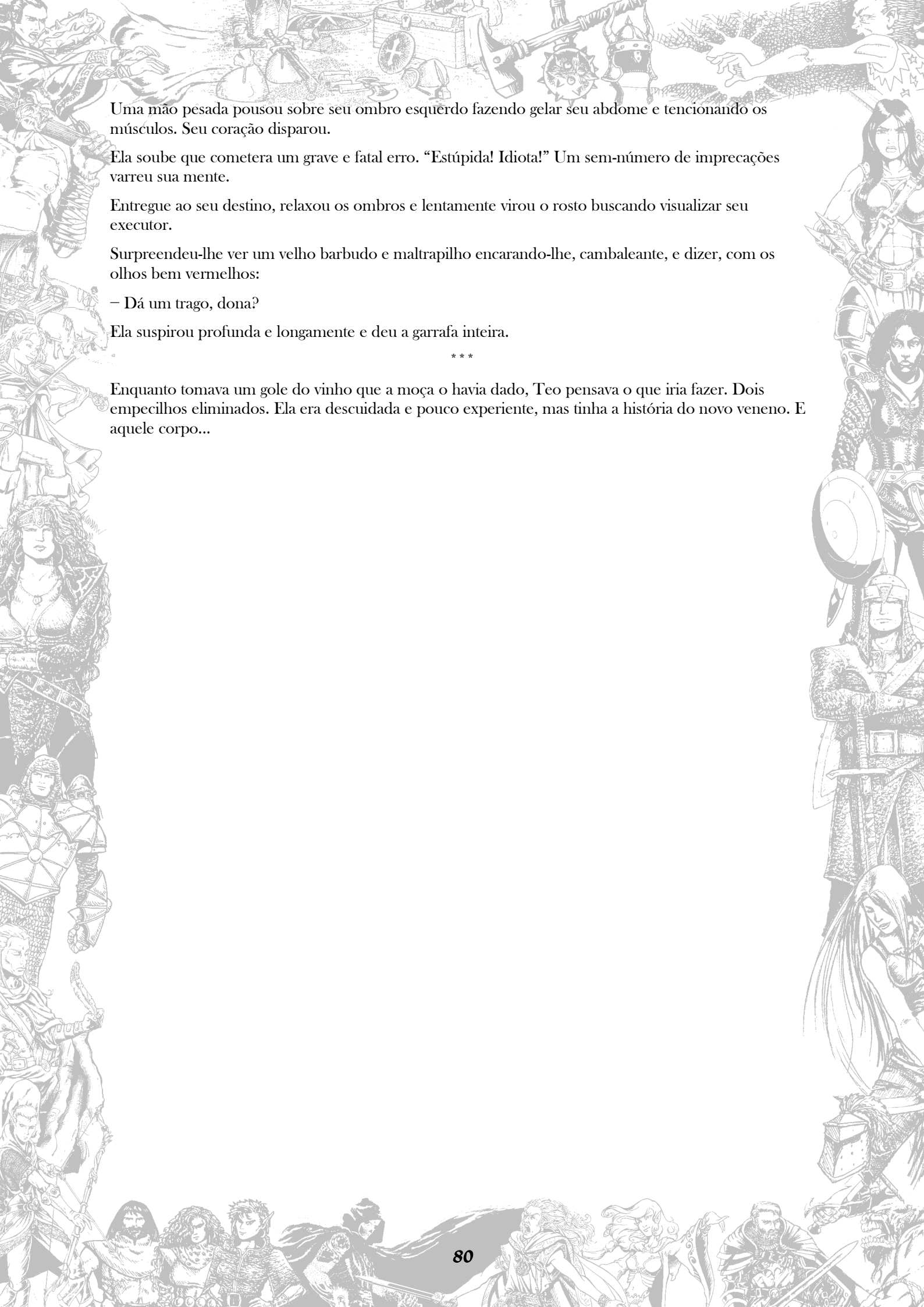
Enfiou a mão no bolso de seu casaco e retirou uma garrafa de vinho de Conti. Uma última recordação do velho Robam. Deu um grande gole. Absorvia o momento de prazer que sentia a cada missão terminada com sucesso. E esta ainda era a mais importante de sua curta trajetória de assassina em Eredra. Abrir-se-iam portas nunca antes imaginadas. Só tinha mais uma coisa a fazer. Tirar o anel do dedo do anão e colocar num local pré-estabelecido no contrato.

Pensou ouvir algo se aproximando, mas nada tiraria sua concentração do prazer que estava usufruindo, da agradável sensação de se sentir valorizada, de se sentir importante.

O vento trouxe um odor estranho. Em seus treinamentos ela fora instruída para reconhecer cheiros, mas o aroma do vinho lhe impregnava as narinas. Respirou fundo mais uma vez e então percebeu, tarde demais, que odor era aquele.

Suor misturado à aguardente eredri de péssima qualidade.





Uma mão pesada pousou sobre seu ombro esquerdo fazendo gelar seu abdome e tencionando os músculos. Seu coração disparou.

Ela soube que cometera um grave e fatal erro. “Estúpida! Idiota!” Um sem-número de imprecções varreu sua mente.

Entregue ao seu destino, relaxou os ombros e lentamente virou o rosto buscando visualizar seu executor.

Surpreendeu-lhe ver um velho barbudo e maltrapilho encarando-lhe, cambaleante, e dizer, com os olhos bem vermelhos:

– Dá um trago, dona?

Ela suspirou profunda e longamente e deu a garrafa inteira.

\* \* \*

Enquanto tomava um gole do vinho que a moça o havia dado, Teo pensava o que iria fazer. Dois empecilhos eliminados. Ela era descuidada e pouco experiente, mas tinha a história do novo veneno. E aquele corpo...



# Noite de Prazeres

Por Lucas Amaro da Costa

— Por que é tão difícil achar uma estalagem decente nesta cidade? — Indagou indignado Arântis, enquanto caminhava pela rua. Sua mão encontrava-se alerta sobre o punho de sua espada de mão e meia.

Já era tarde e, como todos sabiam, nenhuma cidade era segura à noite. Por isso, ele tratou de apressar o passo, mas algo chamou sua atenção. Havia uma mulher parada há alguns metros à frente e estava sorrindo para ele.

— Creio que agora achei um bom lugar para passar a noite... — Murmurou o espadachim para si mesmo, exibindo um sorriso.

A bela jovem pareceu escutar o que fora dito, pois deu uma pequena risada encantadora e desapareceu por uma porta. Arântis seguiu-a.

O lugar era pequeno, provavelmente uma taberna ou estalagem. Havia algumas mesas e cadeiras espalhadas, um pequeno balcão num canto e, ao lado, uma escada. Alguns pequenos barris estavam dispostos atrás do balcão, dos quais os odores de cerveja e vinho enchiam o ar.

Havia três jovens. Uma recostada em uma cadeira e duas sentadas em cima do balcão.

— Bem-vindo à taberna Três Irmãs. — Disse uma delas, com um generoso sorriso no rosto. — O que um guerreiro tão belo quanto você deseja em nosso estabelecimento?

— Bem, desejo um copo de vinho, uma refeição simples e uma boa cama para passar a noite. — Respondeu o espadachim.

— Logo trarei sua refeição e o vinho. Pedirei para que Heliane arrume um quarto para você. — Disse a que parecia ser dona do lugar.

“Os momentos de aguardo não serão desperdiçados”, pensou Arântis ao ver que a jovem que o chamara para dentro da taberna agora vinha em sua direção.

— Olá, viajante. — Ela se sentou ao lado dele. — Tem uma bela espada, guerreiro. Posso vê-la?

O espadachim fitou-a, e assentiu. Ele se ergueu da cadeira, e desembainhou a arma.

A mulher segurou o punho da espada e ergueu-a. — É pesada. É de Mão e Meia? Arântis assentiu mais uma vez. — É muito bela, mas não tanto quanto seu portador. — Elogiou ela com um leve sorriso, devolvendo arma. — Me chamo Arianna.

— Estou honrado em conhecê-la, tens um belo nome. — Ele fez uma reverência e sorriu. — E quem sabe talvez seja de seu desejo... que eu aprecie um pouco mais desta beleza em meu quarto. — Sugeriu ele.

A mulher apenas sorriu e o deixou, voltando momentos depois com o pedido.

— Espero que goste. — Disse ela com uma pequena reverência.

O guerreiro agradeceu e começou a comer.

Logo após terminar sua refeição, ele se levantou.

— Bem, irei para o meu quarto. Amanhã a viagem será longa. — O seu olhar foi para Arianna, que sorriu.

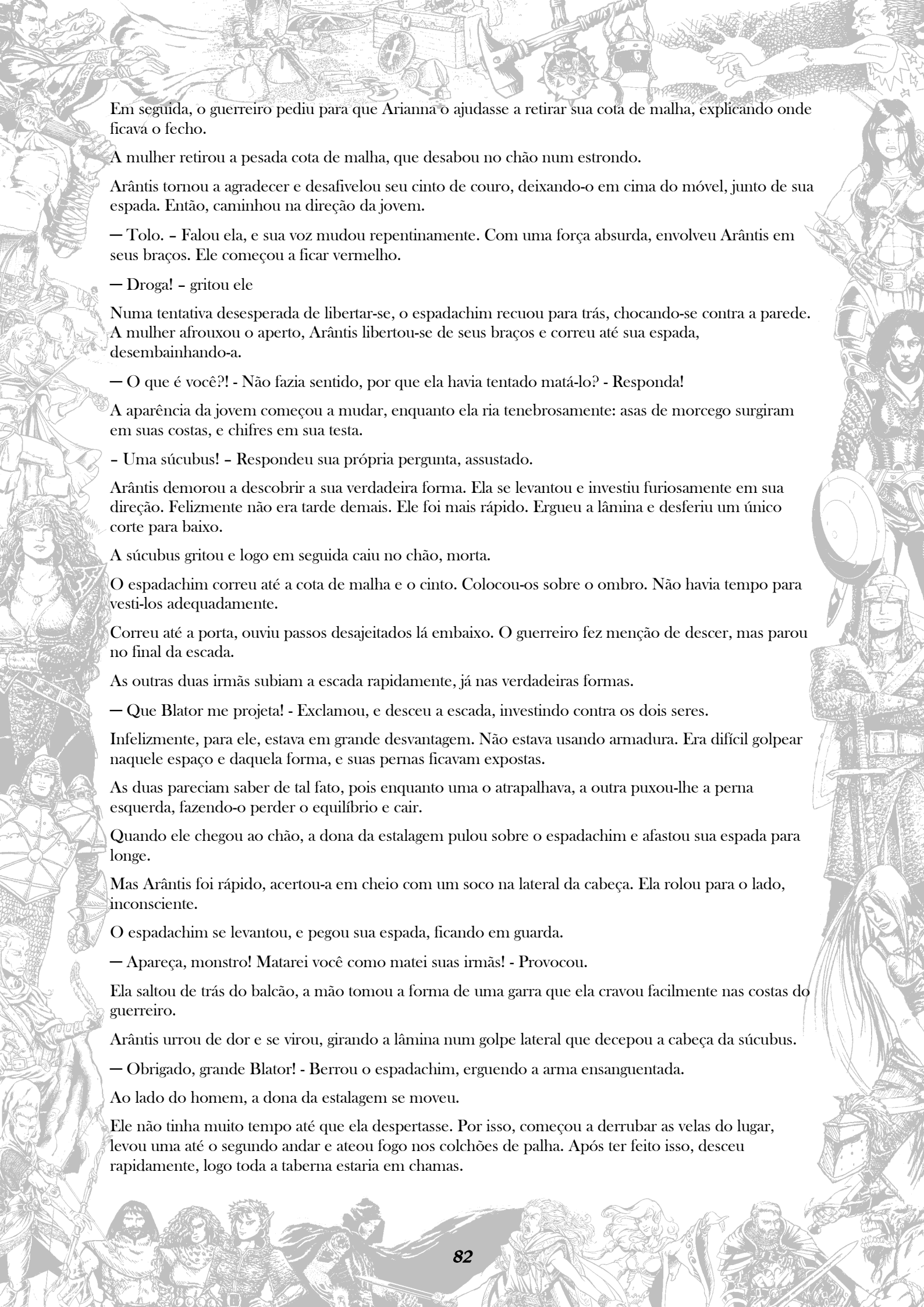
— Senhorita, você poderia me levar ao quarto?

Ela assentiu e indicou para que ele a seguisse, e parou na primeira porta à esquerda.

— Venha, entre.

Era um recinto pequeno e simples, com apenas uma cama, uma janela e dois pequenos móveis, um com uma vela e o outro para pôr os pertences dos viajantes.

— Obrigado.



Em seguida, o guerreiro pediu para que Arianna o ajudasse a retirar sua cota de malha, explicando onde ficava o fecho.

A mulher retirou a pesada cota de malha, que desabou no chão num estrondo.

Arântis tornou a agradecer e desafivelou seu cinto de couro, deixando-o em cima do móvel, junto de sua espada. Então, caminhou na direção da jovem.

— Tolo. - Falou ela, e sua voz mudou repentinamente. Com uma força absurda, envolveu Arântis em seus braços. Ele começou a ficar vermelho.

— Droga! - gritou ele

Numa tentativa desesperada de libertar-se, o espadachim recuou para trás, chocando-se contra a parede. A mulher afrouxou o aperto, Arântis libertou-se de seus braços e correu até sua espada, desembainhando-a.

— O que é você?! - Não fazia sentido, por que ela havia tentado matá-lo? - Responda!

A aparência da jovem começou a mudar, enquanto ela ria tenebrosamente: asas de morcego surgiram em suas costas, e chifres em sua testa.

- Uma súcubus! - Respondeu sua própria pergunta, assustado.

Arântis demorou a descobrir a sua verdadeira forma. Ela se levantou e investiu furiosamente em sua direção. Felizmente não era tarde demais. Ele foi mais rápido. Ergueu a lâmina e desferiu um único corte para baixo.

A súcubus gritou e logo em seguida caiu no chão, morta.

O espadachim correu até a cota de malha e o cinto. Colocou-os sobre o ombro. Não havia tempo para vesti-los adequadamente.

Correu até a porta, ouviu passos desajeitados lá embaixo. O guerreiro fez menção de descer, mas parou no final da escada.

As outras duas irmãs subiam a escada rapidamente, já nas verdadeiras formas.

— Que Blator me projeta! - Exclamou, e desceu a escada, investindo contra os dois seres.

Infelizmente, para ele, estava em grande desvantagem. Não estava usando armadura. Era difícil golpear naquele espaço e daquela forma, e suas pernas ficavam expostas.

As duas pareciam saber de tal fato, pois enquanto uma o atrapalhava, a outra puxou-lhe a perna esquerda, fazendo-o perder o equilíbrio e cair.

Quando ele chegou ao chão, a dona da estalagem pulou sobre o espadachim e afastou sua espada para longe.

Mas Arântis foi rápido, acertou-a em cheio com um soco na lateral da cabeça. Ela rolou para o lado, inconsciente.

O espadachim se levantou, e pegou sua espada, ficando em guarda.

— Apareça, monstro! Matarei você como matei suas irmãs! - Provocou.

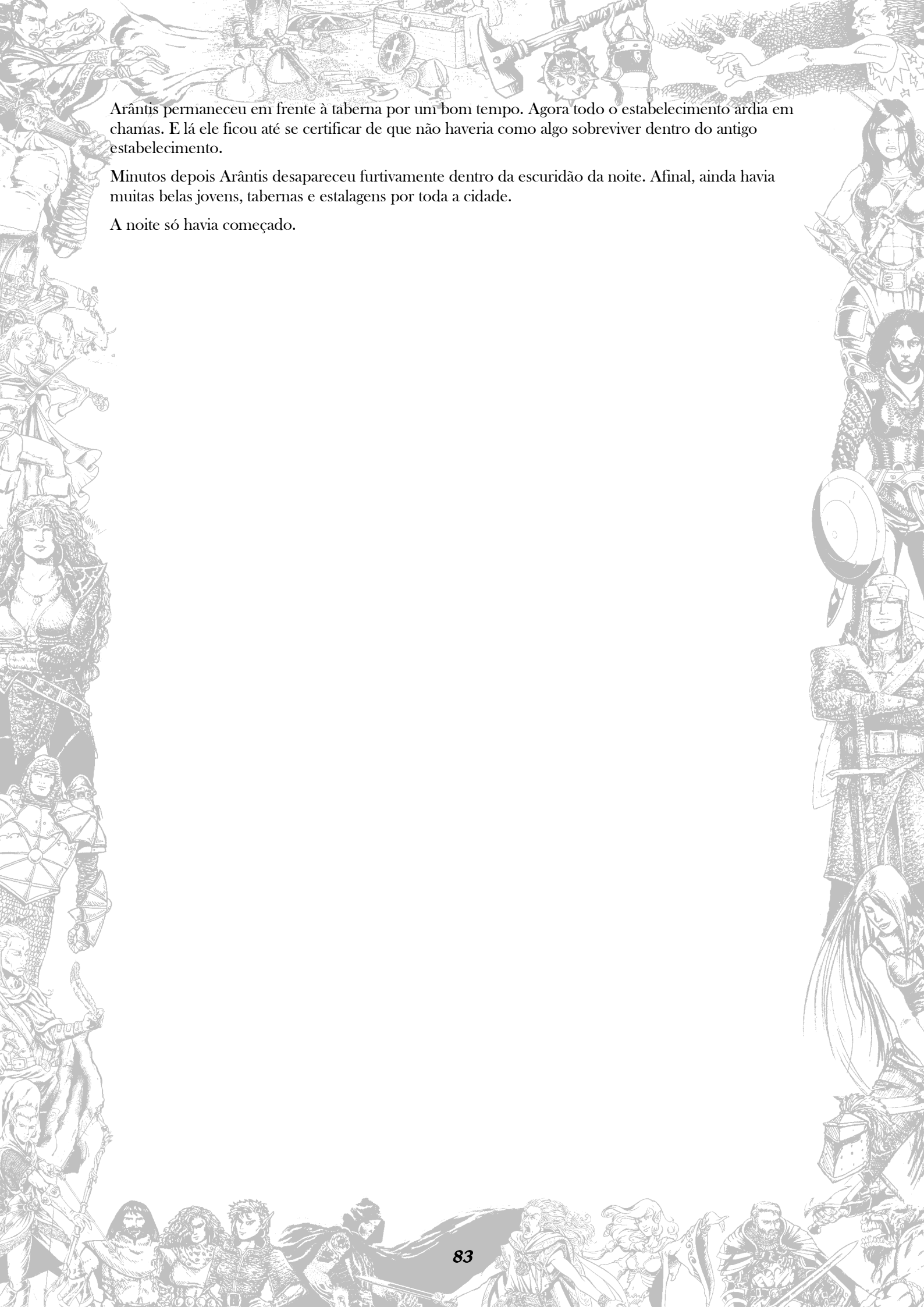
Ela saltou de trás do balcão, a mão tomou a forma de uma garra que ela cravou facilmente nas costas do guerreiro.

Arântis urrou de dor e se virou, girando a lâmina num golpe lateral que decepou a cabeça da súcubus.

— Obrigado, grande Blator! - Berrou o espadachim, erguendo a arma ensanguentada.

Ao lado do homem, a dona da estalagem se moveu.

Ele não tinha muito tempo até que ela despertasse. Por isso, começou a derrubar as velas do lugar, levou uma até o segundo andar e ateou fogo nos colchões de palha. Após ter feito isso, desceu rapidamente, logo toda a taberna estaria em chamas.



Arântis permaneceu em frente à taberna por um bom tempo. Agora todo o estabelecimento ardia em chamas. E lá ele ficou até se certificar de que não haveria como algo sobreviver dentro do antigo estabelecimento.

Minutos depois Arântis desapareceu furtivamente dentro da escuridão da noite. Afinal, ainda havia muitas belas jovens, tabernas e estalagens por toda a cidade.

A noite só havia começado.



# Sobre o Sangue da Arena

Por Claudiney Martins

A escrava untava o seu corpo com um aromático óleo. Endro. Este era o nome daquele franzino arbusto do litoral de Eredra que dava um fruto de gosto amargo, mas tinha a semente cheirosa, e segundo a tradição volin dava força extra para os guerreiros. Em um esporte - como os volins chamavam aquele absurdo derramamento de sangue - que tinha todos os cuidados em não permitir que magia fosse empregada em combates que não fossem mágicos, aquele óleo era uma surpresa. Não que Miro de Verrogar acreditasse realmente no poder creditado ao óleo untado, mas não podia negar que se sentia mais disposto após aquela massagem, e isto era importante para alguém que fosse lutar na arena da cidade de Itéria. Olhou para a bela escrava de cabelos negros, lisos e longos e que volta e meia lhe tocavam seu corpo. A massagem também lhe deixava disposto para outras coisas, mas seria um desperdício de energia naquele momento.

Censurou-se. Como podia pensar em algo assim quando estava condenado à morte? Não esperou que a escrava terminasse de massagear as costas e virou-se. Ela dirigiu-lhe um olhar inquiridor. Estava ali para servir ao guerreiro em qualquer de seus desejos. Ele ignorou a jovem e olhou para o teto de pedra da sala privada onde os mais famosos guerreiros de arena haviam passado antes da glória ou da morte. Para ele não havia dúvida, fora condenado à morte. Por três vezes enganara o enviado do Deus Cruine, mas hoje seria difícil. A escrava voltou a besuntar Miro, agora em seu tórax, em nenhum momento abrira a boca. Naquele quarto e naqueles momentos ele era amo e senhor e pela tradição ela não poderia dirigir a palavra ao guerreiro.

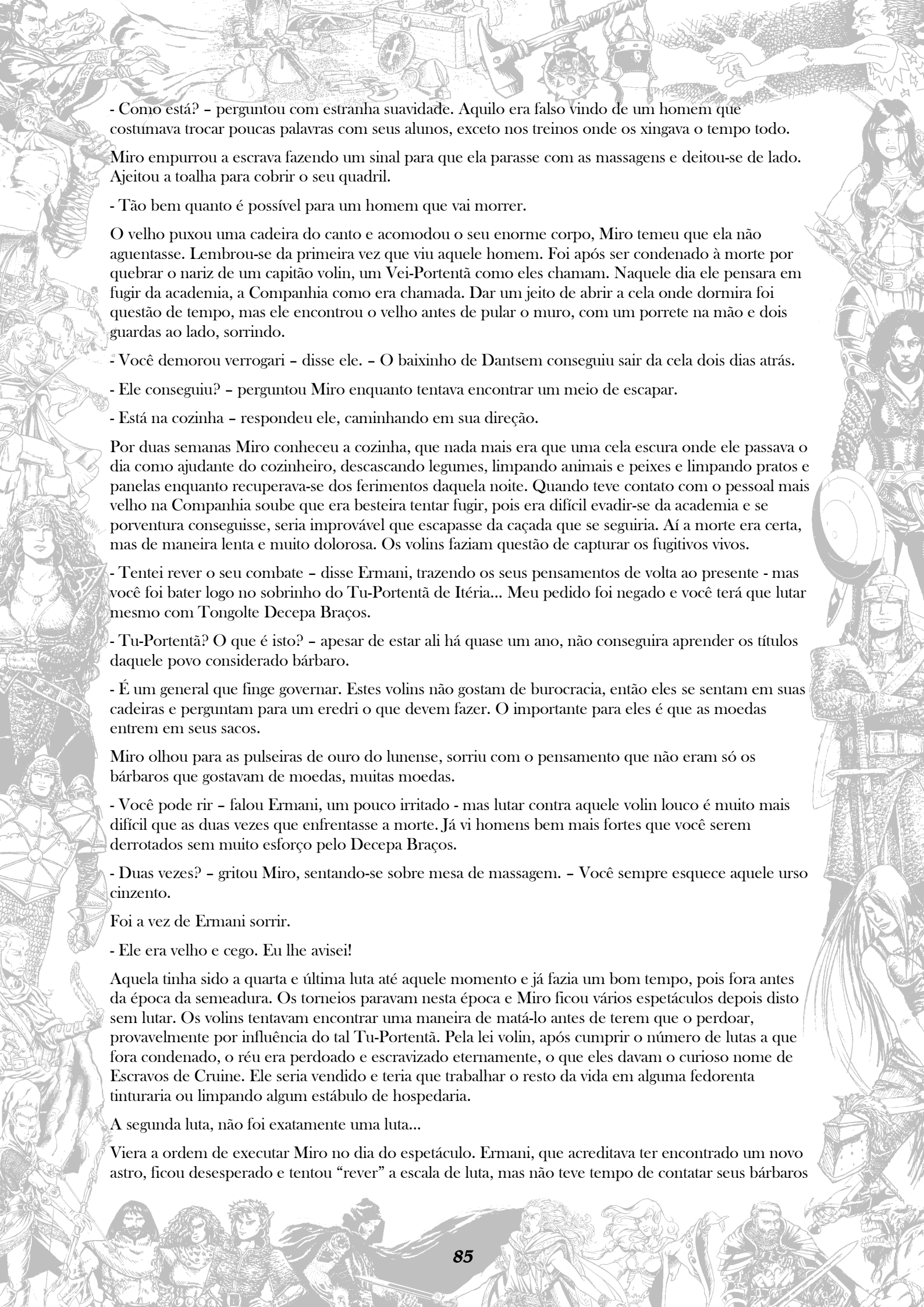
Lá fora outro combate chegava ao fim com os gritos de angústia e dor do derrotado. As cenas do seu primeiro combate lhe vieram à cabeça...

Foi a sua primeira passagem por uma arena volin. Ele foi colocado em uma cela em que dez condenados esperavam a vez de enfrentar a sua sentença. Miro foi quase o último a sair de lá. Quando quatro fortes volins vieram buscá-lo, suas pernas tremiam e uma tremenda vontade de urinar lhe ocorreu. Ele foi vestido com um arremedo de armadura de couro, e uma pequena espada de estocada foi posta em sua mão direita, a espada eredri. Um bracelete de ferro que cobria todo o seu antebraço esquerdo lhe servia de escudo. Desta maneira ele foi empurrado para a arena. Assustador foi ver quem era o adversário: um enorme orco denominado Truu Esmaga Cabeças. Miro viu-o justificando o seu epíteto, isto é, com os pés sobre a cabeça da sua última vítima. O verrogar havia conhecido a fama do orco na escola de guerreiros de arena. Antes do combate iniciar foi obrigado a ir até a tribuna de honra cumprimentar ao Portentã. Tinha esquecido o que dizer e ficou calado. Pensou àquela hora que o Mestre Tovi estaria furioso com ele.

As cornetas tocaram e o combate começou. O orco avançou imediatamente armando o golpe de seu mortal machado. Mas a luta não foi rápida como a criatura imaginava. Não acabou no seu primeiro golpe, nem no segundo. O orco deu inúmeros golpes no ar e Miro conseguiu esquivar-se de todos. Venceu o combate graças a sua agilidade, ao cansaço do adversário que havia combatido algumas vezes antes e a sua capacidade de encontrar um ponto vulnerável na armadura do adversário, que permitiu que ele estocasse a sua pequena espada algumas vezes, enfraquecendo e se tornando descuidado. A multidão que no início gritava: "Esmaga! Esmaga!"; depois do segundo golpe de Miro ficou em silêncio para depois saldar o novo vencedor com entusiasmo. Ele tinha vencido o combate, mas não teria perdão, sua pena de morte ainda seria executada.

...

Ermani entrou no aposento sem bater. Ele era o único que podia fazer isto sem correr o risco de ser morto imediatamente por Miro. O velho e corpulento Lunense era um antigo militar, que em fuga da Peste veio parar em Eredra - onde outro tipo de flagelo ocorria. Todavia a ocupação bárbara volin não foi maléfica para o exilado, muito pelo contrário. Ermani logo se tornou um combatente famoso nas arenas volins, fez fortuna e teve a inteligência de parar antes que a má sorte o atingisse. Montou uma escola de guerreiros de arena e voltou a ganhar muito dinheiro. Hoje vivia coberto de prata e ouro e seu passatempo preferido era comer.



- Como está? - perguntou com estranha suavidade. Aquilo era falso vindo de um homem que costumava trocar poucas palavras com seus alunos, exceto nos treinos onde os xingava o tempo todo.

Miro empurrou a escrava fazendo um sinal para que ela parasse com as massagens e deitou-se de lado. Ajeitou a toalha para cobrir o seu quadril.

- Tão bem quanto é possível para um homem que vai morrer.

O velho puxou uma cadeira do canto e acomodou o seu enorme corpo, Miro temeu que ela não aguentasse. Lembrou-se da primeira vez que viu aquele homem. Foi após ser condenado à morte por quebrar o nariz de um capitão volin, um Vei-Portentã como eles chamam. Naquele dia ele pensara em fugir da academia, a Companhia como era chamada. Dar um jeito de abrir a cela onde dormira foi questão de tempo, mas ele encontrou o velho antes de pular o muro, com um porrete na mão e dois guardas ao lado, sorrindo.

- Você demorou verrogari - disse ele. - O baixinho de Dantsem conseguiu sair da cela dois dias atrás.

- Ele conseguiu? - perguntou Miro enquanto tentava encontrar um meio de escapar.

- Está na cozinha - respondeu ele, caminhando em sua direção.

Por duas semanas Miro conheceu a cozinha, que nada mais era que uma cela escura onde ele passava o dia como ajudante do cozinheiro, descascando legumes, limpando animais e peixes e limpando pratos e panelas enquanto recuperava-se dos ferimentos daquela noite. Quando teve contato com o pessoal mais velho na Companhia soube que era besteira tentar fugir, pois era difícil evadir-se da academia e se porventura conseguisse, seria improvável que escapasse da caçada que se seguiria. Aí a morte era certa, mas de maneira lenta e muito dolorosa. Os volins faziam questão de capturar os fugitivos vivos.

- Tentei rever o seu combate - disse Ermani, trazendo os seus pensamentos de volta ao presente - mas você foi bater logo no sobrinho do Tu-Portentã de Itéria... Meu pedido foi negado e você terá que lutar mesmo com Tongolte Decepa Braços.

- Tu-Portentã? O que é isto? - apesar de estar ali há quase um ano, não conseguira aprender os títulos daquele povo considerado bárbaro.

- É um general que finge governar. Estes volins não gostam de burocracia, então eles se sentam em suas cadeiras e perguntam para um eredri o que devem fazer. O importante para eles é que as moedas entrem em seus sacos.

Miro olhou para as pulseiras de ouro do lunense, sorriu com o pensamento que não eram só os bárbaros que gostavam de moedas, muitas moedas.

- Você pode rir - falou Ermani, um pouco irritado - mas lutar contra aquele volin louco é muito mais difícil que as duas vezes que enfrentasse a morte. Já vi homens bem mais fortes que você serem derrotados sem muito esforço pelo Decepa Braços.

- Duas vezes? - gritou Miro, sentando-se sobre mesa de massagem. - Você sempre esquece aquele urso cinzento.

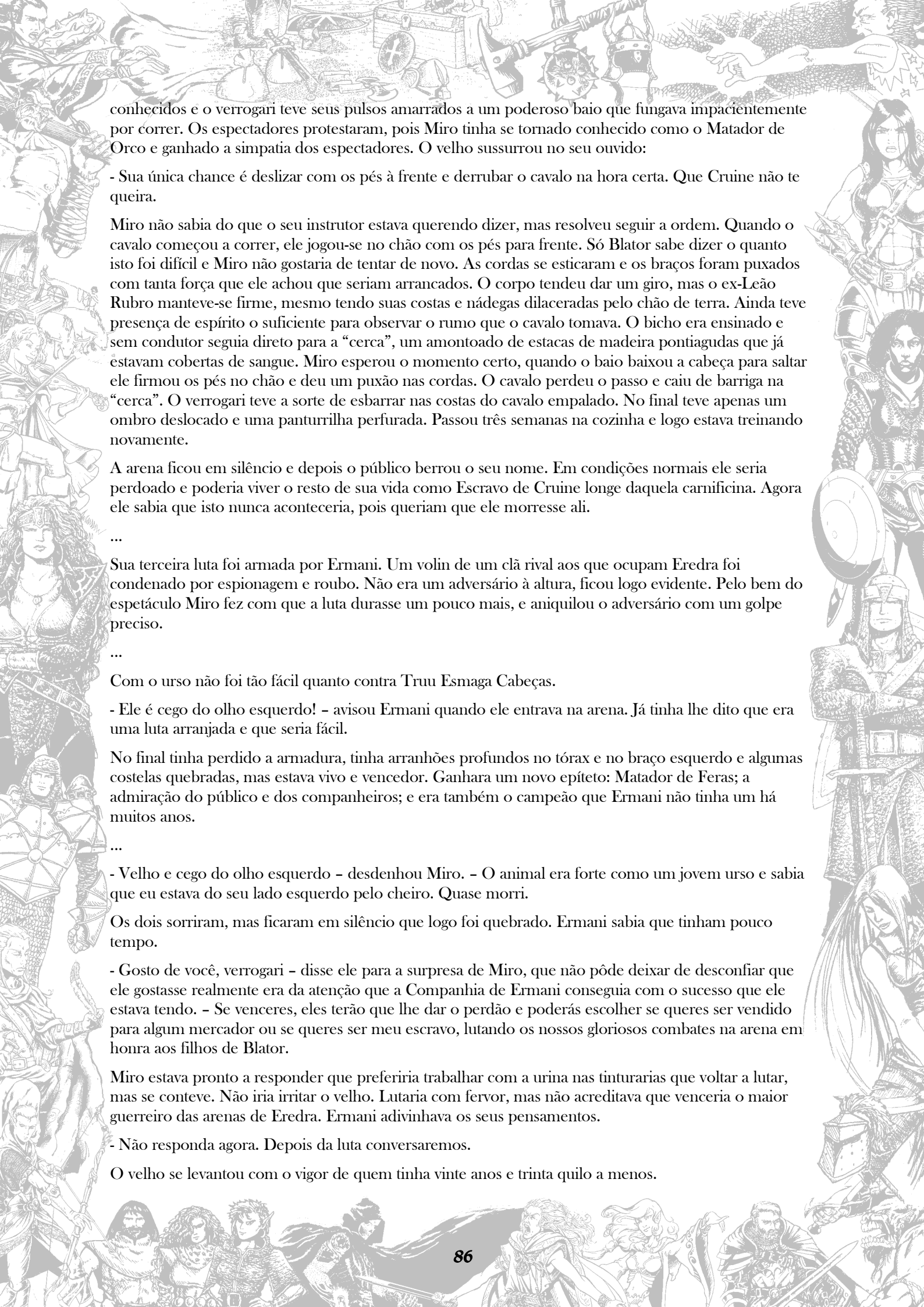
Foi a vez de Ermani sorrir.

- Ele era velho e cego. Eu lhe avisei!

Aquela tinha sido a quarta e última luta até aquele momento e já fazia um bom tempo, pois fora antes da época da sementeira. Os torneios paravam nesta época e Miro ficou vários espetáculos depois disto sem lutar. Os volins tentavam encontrar uma maneira de matá-lo antes de terem que o perdoar, provavelmente por influência do tal Tu-Portentã. Pela lei volin, após cumprir o número de lutas a que fora condenado, o réu era perdoado e escravizado eternamente, o que eles davam o curioso nome de Escravos de Cruine. Ele seria vendido e teria que trabalhar o resto da vida em alguma fedorenta tinturaria ou limpando algum estábulo de hospedaria.

A segunda luta, não foi exatamente uma luta...

Viera a ordem de executar Miro no dia do espetáculo. Ermani, que acreditava ter encontrado um novo astro, ficou desesperado e tentou "rever" a escala de luta, mas não teve tempo de contatar seus bárbaros



conhecidos e o verrogari teve seus pulsos amarrados a um poderoso baio que fungava impacientemente por correr. Os espectadores protestaram, pois Miro tinha se tornado conhecido como o Matador de Orco e ganhado a simpatia dos espectadores. O velho sussurrou no seu ouvido:

- Sua única chance é deslizar com os pés à frente e derrubar o cavalo na hora certa. Que Cruine não te queira.

Miro não sabia do que o seu instrutor estava querendo dizer, mas resolveu seguir a ordem. Quando o cavalo começou a correr, ele jogou-se no chão com os pés para frente. Só Blator sabe dizer o quanto isto foi difícil e Miro não gostaria de tentar de novo. As cordas se esticaram e os braços foram puxados com tanta força que ele achou que seriam arrancados. O corpo tendeu dar um giro, mas o ex-Leão Rubro manteve-se firme, mesmo tendo suas costas e nádegas dilaceradas pelo chão de terra. Ainda teve presença de espírito o suficiente para observar o rumo que o cavalo tomava. O bicho era ensinado e sem condutor seguia direto para a “cerca”, um amontoado de estacas de madeira pontiagudas que já estavam cobertas de sangue. Miro esperou o momento certo, quando o baio baixou a cabeça para saltar ele firmou os pés no chão e deu um puxão nas cordas. O cavalo perdeu o passo e caiu de barriga na “cerca”. O verrogari teve a sorte de esbarrar nas costas do cavalo empalado. No final teve apenas um ombro deslocado e uma panturrilha perfurada. Passou três semanas na cozinha e logo estava treinando novamente.

A arena ficou em silêncio e depois o público berrou o seu nome. Em condições normais ele seria perdoado e poderia viver o resto de sua vida como Escravo de Cruine longe daquela carnificina. Agora ele sabia que isto nunca aconteceria, pois queriam que ele morresse ali.

...

Sua terceira luta foi armada por Ermani. Um volin de um clã rival aos que ocupam Eredra foi condenado por espionagem e roubo. Não era um adversário à altura, ficou logo evidente. Pelo bem do espetáculo Miro fez com que a luta durasse um pouco mais, e aniquilou o adversário com um golpe preciso.

...

Com o urso não foi tão fácil quanto contra Truu Esmaga Cabeças.

- Ele é cego do olho esquerdo! – avisou Ermani quando ele entrava na arena. Já tinha lhe dito que era uma luta arranjada e que seria fácil.

No final tinha perdido a armadura, tinha arranhões profundos no tórax e no braço esquerdo e algumas costelas quebradas, mas estava vivo e vencedor. Ganhara um novo epíteto: Matador de Feras; a admiração do público e dos companheiros; e era também o campeão que Ermani não tinha um há muitos anos.

...

- Velho e cego do olho esquerdo – desdenhou Miro. – O animal era forte como um jovem urso e sabia que eu estava do seu lado esquerdo pelo cheiro. Quase morri.

Os dois sorriram, mas ficaram em silêncio que logo foi quebrado. Ermani sabia que tinham pouco tempo.

- Gosto de você, verrogari – disse ele para a surpresa de Miro, que não pôde deixar de desconfiar que ele gostasse realmente era da atenção que a Companhia de Ermani conseguia com o sucesso que ele estava tendo. – Se venceres, eles terão que lhe dar o perdão e poderás escolher se queres ser vendido para algum mercador ou se queres ser meu escravo, lutando os nossos gloriosos combates na arena em honra aos filhos de Blator.

Miro estava pronto a responder que preferiria trabalhar com a urina nas tinturarias que voltar a lutar, mas se conteve. Não iria irritar o velho. Lutaria com fervor, mas não acreditava que venceria o maior guerreiro das arenas de Eredra. Ermani adivinhava os seus pensamentos.

- Não responda agora. Depois da luta conversaremos.

O velho se levantou com o vigor de quem tinha vinte anos e trinta quilo a menos.



- Você acredita que eu possa vencer?

- Sim - disse sem vacilar enquanto encaminhava-se para a porta, - se não entrarei derrotado na arena.

Duas belas escravas ajudaram-no a vestir a pesada armadura. Hoje lutaria com as cores e armas dos Leões Rubros, a guarda de elite do rei verrogari, honra a qual ele tinha recebido após uma batalha em Dantsem. Quase no final deste combate o rei apontara para ele e dissera alguma coisa para o general que estava ao seu lado. Dois Leões Rubros vieram ao seu encontro e levaram-no para o acampamento da guarda. Em poucas semanas estava usando a púrpura e o dourado e lutando em uma das melhores tropas de todo o Mundo Conhecido.

Enquanto caminhava pelos corredores, recebendo o cumprimento dos outros guerreiros de sua Companhia e o olhar respeitoso de todos aqueles que sabiam o que ele iria enfrentar, seus pensamentos voltaram para a viagem que o trouxe a Eredra e conseqüentemente àquela arena. Quando partiu de Treva, a capital de Verrogar, ele era um dos dezenove outros Leões Rubros que protegiam a irmã de Attos II. A princesa se internou na sede da Ordem do Deus Sevides e sua guarda foi enviada de volta a Verrogar. Na viagem pararam na capital de Eredra, Iteria, e Miro teve a má sorte de bêbado, encontrar com um militar volin e se desentender com ele. Azar maior era este militar ser o filho de um importante líder do povo invasor.

Dobrou à esquerda e com poucos passos alcançou um grande portão de grossa madeira. Ali o barulho da multidão que ocupava todo o envoltório da arena era mais audível. Pela primeira vez ele faria a luta principal, e com certeza teria os espectadores contra ele. A plateia era em sua maioria formada de volins: homens, mulheres e crianças. Os eredris não gostavam dos espetáculos, mesmo assim havia um grande número deles ali. Muitos se obrigavam a vir assistir para agradar seus chefes e garantir seu emprego ou seu negócio. Para um volin, não gostar dos seus “jogos de guerra” era uma ofensa. Como Iteria era uma importante cidade mercantil, o número de estrangeiros era bastante elevado e eles vinham pelos mesmos motivos dos eredris ou mesmo por gostar da carnificina. Porém, uma coisa era comum a todos: eles preferiam os vencedores e iriam torcer por Tongolte.

O portão se abriu e Miro Matador de Feras entrou na poeirenta arena de chão batido. Manchas escuras pontilhavam toda a arena. Sangue e todo o tipo de imundice animal. Apesar de a arena ser limpa depois de cada combate, estes sinais de carnificina permaneciam.

Do portão que ficava exatamente do lado oposto da arena saiu o guerreiro volin conhecido por Decepa Braços. Seu tamanho era assustador mesmo para Miro, que tinha um porte acima da média. Seus olhos negros irradiavam algo. Além de forte o guerreiro parecia inteligente. Este guerreiro Miro não conseguiria derrotar como fez com o orco, ou seja, provocando sua ira.

Os dois caminharam até o centro da arena. Miro aproveitou para examinar a armadura do gigante. Uma cota de malhas cobria seu tórax e abdômen, mas não os braços que tinham apenas algumas faixas de couro e braceletes. Era um ponto fraco a ser explorado. As pernas eram cobertas até a altura do joelho por couro. Seria pouco provável que o corte de sua longa espada conseguisse furar ele. Uma estocada naquela região era uma manobra bastante difícil. Caneleiras de metal escuro, provavelmente ferro, protegiam a parte de baixo das pernas e os pés. O guerreiro não deveria ter muita mobilidade. Os dois trocaram olhares. Tongolte Decepa Braços não escondia o prazer sádico que sentia ao entrar naquela arena para matar.

Seguiram então lado a lado até a tribuna, onde Miro reconheceu entre outras autoridades o Vei-Portentã. Não conseguiu reter um sorriso ao ver o nariz achatado do rapaz.

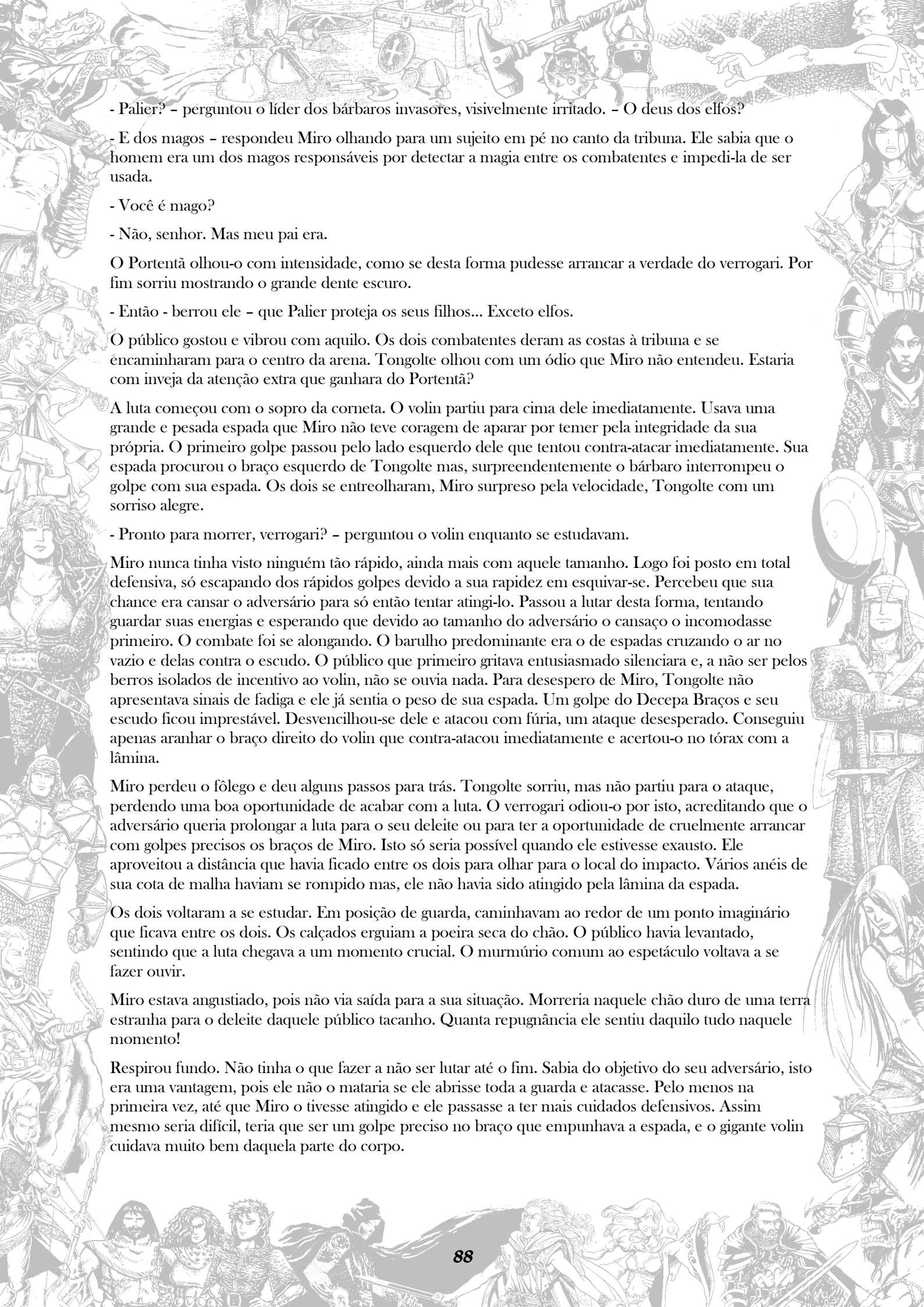
- Que Crezir nos dê uma boa luta e uma boa morte - berrou Tongolte, o que foi repetido por um volin na tribuna, sentado em uma cadeira que o destacava dos demais.

Miro tinha-o visto em outra oportunidade e o reconheceu como o Portentã Veinor devido ao seu dente negro.

- Que Palier proteja os seus filhos - berrou Miro. Sabia que algumas coisas não deviam ser ditas naquele momento. Porém, eles queriam matá-lo, então por que deixar as coisas serem tão doces para eles?

Veinor Dente Negro não repetiu a saudação e a arena ficou em completo silêncio. Tongolte virou-se e encarou-o surpreso.





- Palier? – perguntou o líder dos bárbaros invasores, visivelmente irritado. – O deus dos elfos?

- E dos magos – respondeu Miro olhando para um sujeito em pé no canto da tribuna. Ele sabia que o homem era um dos magos responsáveis por detectar a magia entre os combatentes e impedi-la de ser usada.

- Você é mago?

- Não, senhor. Mas meu pai era.

O Portentã olhou-o com intensidade, como se desta forma pudesse arrancar a verdade do verrogari. Por fim sorriu mostrando o grande dente escuro.

- Então - berrou ele - que Palier proteja os seus filhos... Exceto elfos.

O público gostou e vibrou com aquilo. Os dois combatentes deram as costas à tribuna e se encaminharam para o centro da arena. Tongolte olhou com um ódio que Miro não entendeu. Estaria com inveja da atenção extra que ganhara do Portentã?

A luta começou com o sopro da corneta. O volin partiu para cima dele imediatamente. Usava uma grande e pesada espada que Miro não teve coragem de apurar por temer pela integridade da sua própria. O primeiro golpe passou pelo lado esquerdo dele que tentou contra-atacar imediatamente. Sua espada procurou o braço esquerdo de Tongolte mas, surpreendentemente o bárbaro interrompeu o golpe com sua espada. Os dois se entreolharam, Miro surpreso pela velocidade, Tongolte com um sorriso alegre.

- Pronto para morrer, verrogari? – perguntou o volin enquanto se estudavam.

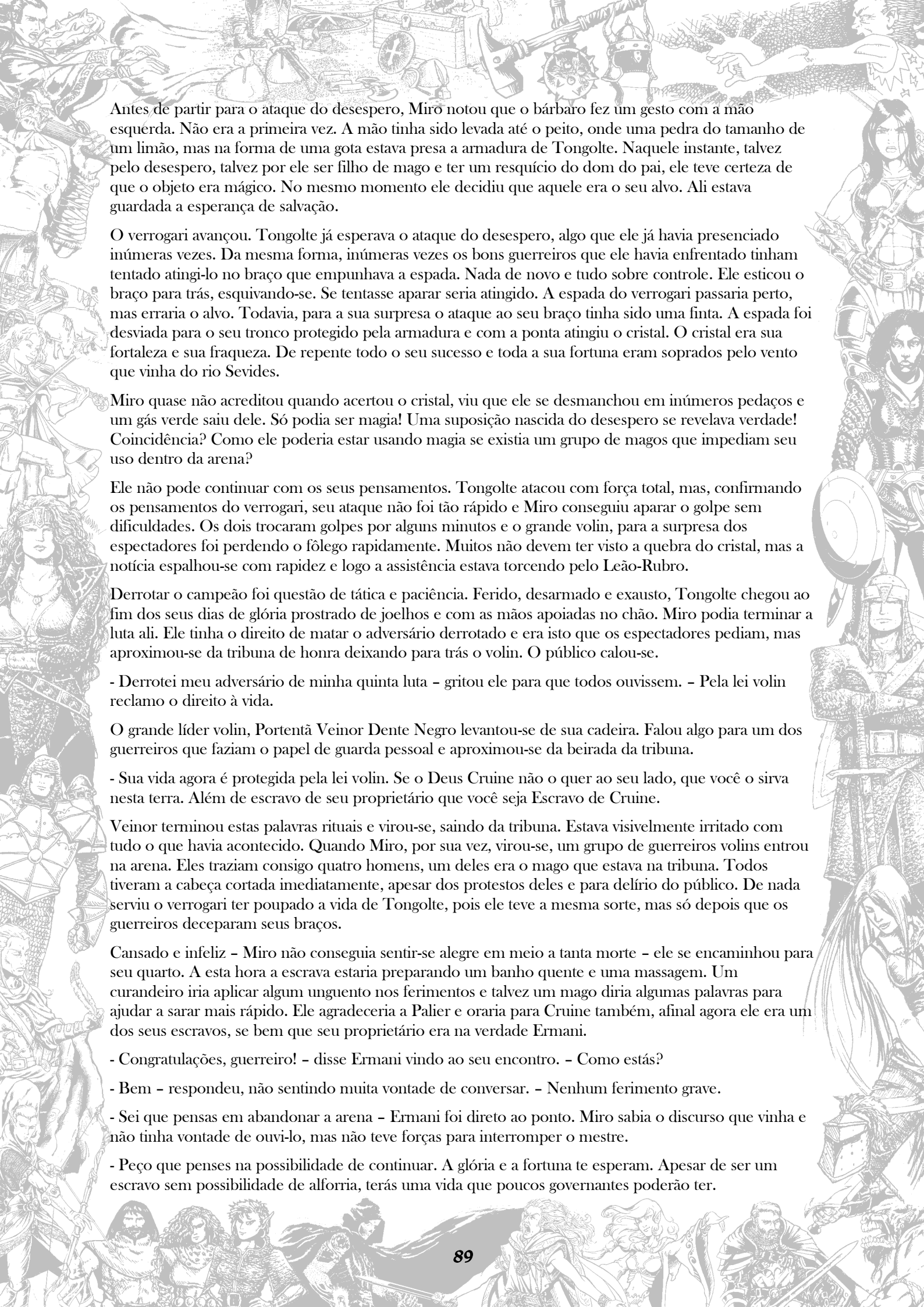
Miro nunca tinha visto ninguém tão rápido, ainda mais com aquele tamanho. Logo foi posto em total defensiva, só escapando dos rápidos golpes devido a sua rapidez em esquivar-se. Percebeu que sua chance era cansar o adversário para só então tentar atingi-lo. Passou a lutar desta forma, tentando guardar suas energias e esperando que devido ao tamanho do adversário o cansaço o incomodasse primeiro. O combate foi se alongando. O barulho predominante era o de espadas cruzando o ar no vazio e delas contra o escudo. O público que primeiro gritava entusiasmado silenciara e, a não ser pelos berros isolados de incentivo ao volin, não se ouvia nada. Para desespero de Miro, Tongolte não apresentava sinais de fadiga e ele já sentia o peso de sua espada. Um golpe do Decepa Braços e seu escudo ficou imprestável. Desvencillhou-se dele e atacou com fúria, um ataque desesperado. Conseguiu apenas arañhar o braço direito do volin que contra-atacou imediatamente e acertou-o no tórax com a lâmina.

Miro perdeu o fôlego e deu alguns passos para trás. Tongolte sorriu, mas não partiu para o ataque, perdendo uma boa oportunidade de acabar com a luta. O verrogari odiou-o por isto, acreditando que o adversário queria prolongar a luta para o seu deleite ou para ter a oportunidade de cruelmente arrancar com golpes precisos os braços de Miro. Isto só seria possível quando ele estivesse exausto. Ele aproveitou a distância que havia ficado entre os dois para olhar para o local do impacto. Vários anéis de sua cota de malha haviam se rompido mas, ele não havia sido atingido pela lâmina da espada.

Os dois voltaram a se estudar. Em posição de guarda, caminhavam ao redor de um ponto imaginário que ficava entre os dois. Os calçados erguiam a poeira seca do chão. O público havia levantado, sentindo que a luta chegava a um momento crucial. O murmúrio comum ao espetáculo voltava a se fazer ouvir.

Miro estava angustiado, pois não via saída para a sua situação. Morreria naquele chão duro de uma terra estranha para o deleite daquele público tacanho. Quanta repugnância ele sentiu daquilo tudo naquele momento!

Respirou fundo. Não tinha o que fazer a não ser lutar até o fim. Sabia do objetivo do seu adversário, isto era uma vantagem, pois ele não o mataria se ele abrisse toda a guarda e atacasse. Pelo menos na primeira vez, até que Miro o tivesse atingido e ele passasse a ter mais cuidados defensivos. Assim mesmo seria difícil, teria que ser um golpe preciso no braço que empunhava a espada, e o gigante volin cuidava muito bem daquela parte do corpo.



Antes de partir para o ataque do desespero, Miró notou que o bárbaro fez um gesto com a mão esquerda. Não era a primeira vez. A mão tinha sido levada até o peito, onde uma pedra do tamanho de um limão, mas na forma de uma gota estava presa a armadura de Tongolte. Naquele instante, talvez pelo desespero, talvez por ele ser filho de mago e ter um resquício do dom do pai, ele teve certeza de que o objeto era mágico. No mesmo momento ele decidiu que aquele era o seu alvo. Ali estava guardada a esperança de salvação.

O verrogari avançou. Tongolte já esperava o ataque do desespero, algo que ele já havia presenciado inúmeras vezes. Da mesma forma, inúmeras vezes os bons guerreiros que ele havia enfrentado tinham tentado atingi-lo no braço que empunhava a espada. Nada de novo e tudo sobre controle. Ele esticou o braço para trás, esquivando-se. Se tentasse aparar seria atingido. A espada do verrogari passaria perto, mas erraria o alvo. Todavia, para a sua surpresa o ataque ao seu braço tinha sido uma finta. A espada foi desviada para o seu tronco protegido pela armadura e com a ponta atingiu o cristal. O cristal era sua fortaleza e sua fraqueza. De repente todo o seu sucesso e toda a sua fortuna eram soprados pelo vento que vinha do rio Sevides.

Miro quase não acreditou quando acertou o cristal, viu que ele se desmanchou em inúmeros pedaços e um gás verde saiu dele. Só podia ser magia! Uma suposição nascida do desespero se revelava verdade! Coincidência? Como ele poderia estar usando magia se existia um grupo de magos que impediam seu uso dentro da arena?

Ele não pode continuar com os seus pensamentos. Tongolte atacou com força total, mas, confirmando os pensamentos do verrogari, seu ataque não foi tão rápido e Miro conseguiu aparar o golpe sem dificuldades. Os dois trocaram golpes por alguns minutos e o grande volin, para a surpresa dos espectadores foi perdendo o fôlego rapidamente. Muitos não devem ter visto a quebra do cristal, mas a notícia espalhou-se com rapidez e logo a assistência estava torcendo pelo Leão-Rubro.

Derrotar o campeão foi questão de tática e paciência. Ferido, desarmado e exausto, Tongolte chegou ao fim dos seus dias de glória prostrado de joelhos e com as mãos apoiadas no chão. Miro podia terminar a luta ali. Ele tinha o direito de matar o adversário derrotado e era isto que os espectadores pediam, mas aproximou-se da tribuna de honra deixando para trás o volin. O público calou-se.

- Derrotei meu adversário de minha quinta luta - gritou ele para que todos ouvissem. - Pela lei volin reclamo o direito à vida.

O grande líder volin, Portentã Veinor Dente Negro levantou-se de sua cadeira. Falou algo para um dos guerreiros que faziam o papel de guarda pessoal e aproximou-se da beirada da tribuna.

- Sua vida agora é protegida pela lei volin. Se o Deus Cruine não o quer ao seu lado, que você o sirva nesta terra. Além de escravo de seu proprietário que você seja Escravo de Cruine.

Veinor terminou estas palavras rituais e virou-se, saindo da tribuna. Estava visivelmente irritado com tudo o que havia acontecido. Quando Miro, por sua vez, virou-se, um grupo de guerreiros volins entrou na arena. Eles traziam consigo quatro homens, um deles era o mago que estava na tribuna. Todos tiveram a cabeça cortada imediatamente, apesar dos protestos deles e para delírio do público. De nada serviu o verrogari ter poupado a vida de Tongolte, pois ele teve a mesma sorte, mas só depois que os guerreiros deceparam seus braços.

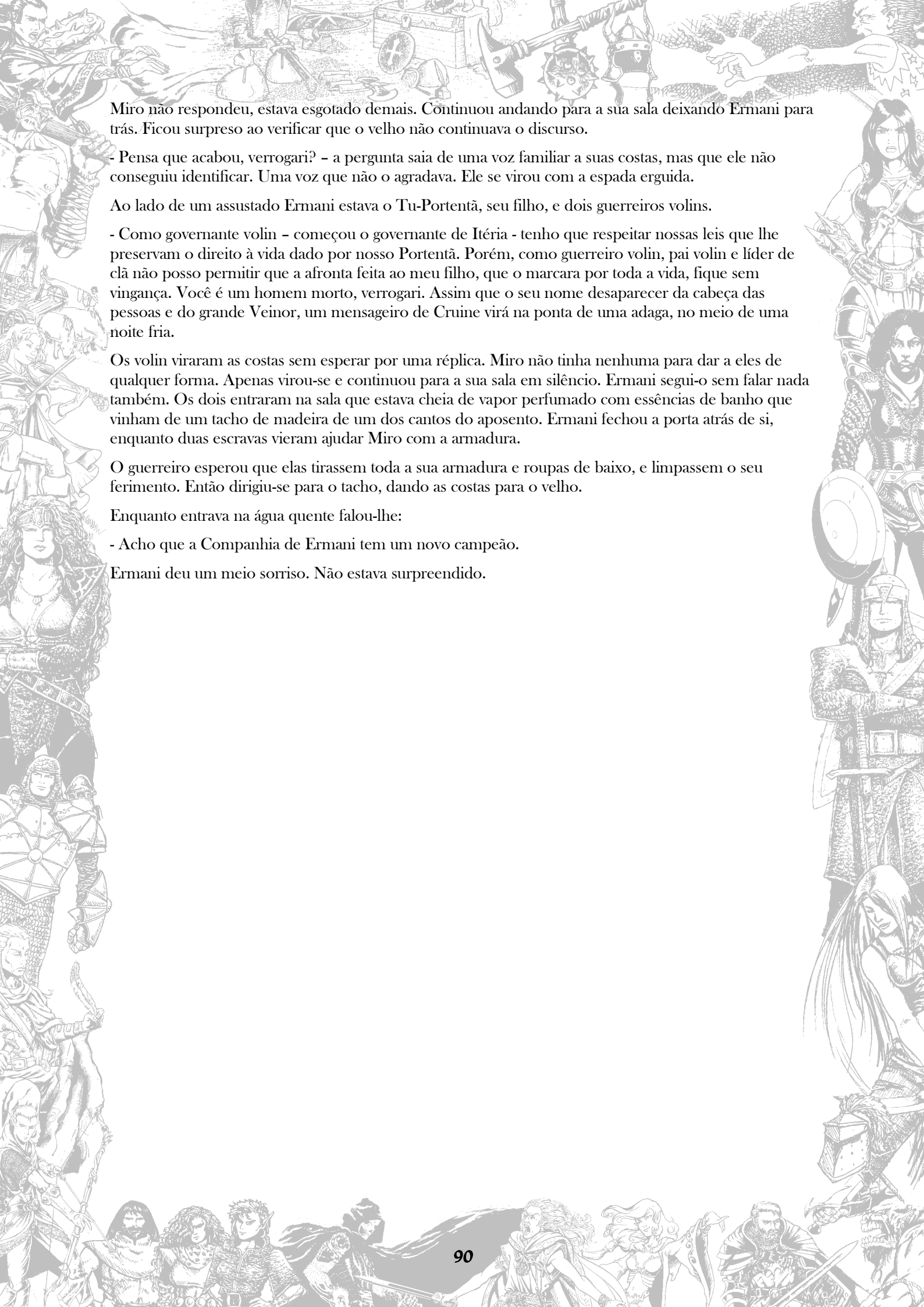
Cansado e infeliz - Miro não conseguia sentir-se alegre em meio a tanta morte - ele se encaminhou para seu quarto. A esta hora a escrava estaria preparando um banho quente e uma massagem. Um curandeiro iria aplicar algum unguento nos ferimentos e talvez um mago diria algumas palavras para ajudar a sarar mais rápido. Ele agradeceria a Palier e oraria para Cruine também, afinal agora ele era um dos seus escravos, se bem que seu proprietário era na verdade Ermani.

- Congratulações, guerreiro! - disse Ermani vindo ao seu encontro. - Como estás?

- Bem - respondeu, não sentindo muita vontade de conversar. - Nenhum ferimento grave.

- Sei que pensas em abandonar a arena - Ermani foi direto ao ponto. Miro sabia o discurso que vinha e não tinha vontade de ouvi-lo, mas não teve forças para interromper o mestre.

- Peça que penses na possibilidade de continuar. A glória e a fortuna te esperam. Apesar de ser um escravo sem possibilidade de alforria, terás uma vida que poucos governantes poderão ter.



Miro não respondeu, estava esgotado demais. Continuou andando para a sua sala deixando Ermani para trás. Ficou surpreso ao verificar que o velho não continuava o discurso.

- Pensa que acabou, verrogari? - a pergunta saía de uma voz familiar a suas costas, mas que ele não conseguiu identificar. Uma voz que não o agradava. Ele se virou com a espada erguida.

Ao lado de um assustado Ermani estava o Tu-Portentã, seu filho, e dois guerreiros volins.

- Como governante volin - começou o governante de Itéria - tenho que respeitar nossas leis que lhe preservam o direito à vida dado por nosso Portentã. Porém, como guerreiro volin, pai volin e líder de clã não posso permitir que a afronta feita ao meu filho, que o marcou por toda a vida, fique sem vingança. Você é um homem morto, verrogari. Assim que o seu nome desaparecer da cabeça das pessoas e do grande Veinor, um mensageiro de Cruine virá na ponta de uma adaga, no meio de uma noite fria.

Os volin viraram as costas sem esperar por uma réplica. Miro não tinha nenhuma para dar a eles de qualquer forma. Apenas virou-se e continuou para a sua sala em silêncio. Ermani seguiu-o sem falar nada também. Os dois entraram na sala que estava cheia de vapor perfumado com essências de banho que vinham de um tacho de madeira de um dos cantos do aposento. Ermani fechou a porta atrás de si, enquanto duas escravas vieram ajudar Miro com a armadura.

O guerreiro esperou que elas tirassem toda a sua armadura e roupas de baixo, e limpassem o seu ferimento. Então dirigiu-se para o tacho, dando as costas para o velho.

Enquanto entrava na água quente falou-lhe:

- Acho que a Companhia de Ermani tem um novo campeão.

Ermani deu um meio sorriso. Não estava surpreso.



# O Necromante

Por Airton França Diniz Junior

– Por que temos de morrer?

A voz do guerreiro terminou a frase quase num sussurro enquanto olhava para mim, sem esperança, no chão, sua vida esvaindo-se ante seus olhos. O que eu era para ele? Um algoz de seus crimes? Um justiceiro que veio pôr fim aos seus dias pecaminosos na terra? Um feiticeiro que por infortúnio do destino cruzou seu caminho?

Eu o observei sem piedade, sem compaixão, esperando que o ceifador cumprisse sua tarefa hedionda e levasse seu espírito ao ciclo infrutífero do esquecimento. Um ciclo que um dia eu iria quebrar. Aguardei até que o véu turvasse seus olhos e o sopro da existência se apagasse de seu corpo. Sentei sobre sua carcaça, peguei minha lâmina e dirigi a adaga para sua garganta enrugada, suja e fedorenta. Penetrei a pálida carne buscando os vasos do pescoço e extraí seu sangue escuro, o outrora líquido vital. Enquanto observava-o preencher o receptáculo do que poderia vir a ser uma poção, entreguei minha mente ao devaneio de como me tornara o que eu era hoje e de quando me transformara naquele pesquisador da imortalidade, da transcendência, da busca pelo elixir da eternidade, do conhecimento da vida e da morte, de descobrir ter a mesma natureza íntima dos primordiais e dos não-nascidos. Quando meus olhos se tornaram frios o suficiente, quando me olhei tão profundamente pela primeira vez e vi um mármore duro e alvo perdido na imensidão gélida de uma nevasca eterna? Quando?

\*\*\*\*

O céu acinzentado das Geleiras foi tomado por uma súbita nuvem escarlate acastanhada. Um trovoar retumbante ecoou pela região. Lonios suava frio, respirava profundamente e lutava contra a teimosia de seus olhos que insistiam em permanecer fechados. A concentração atingiu o máximo. Energias místicas fluíram através de seu corpo.

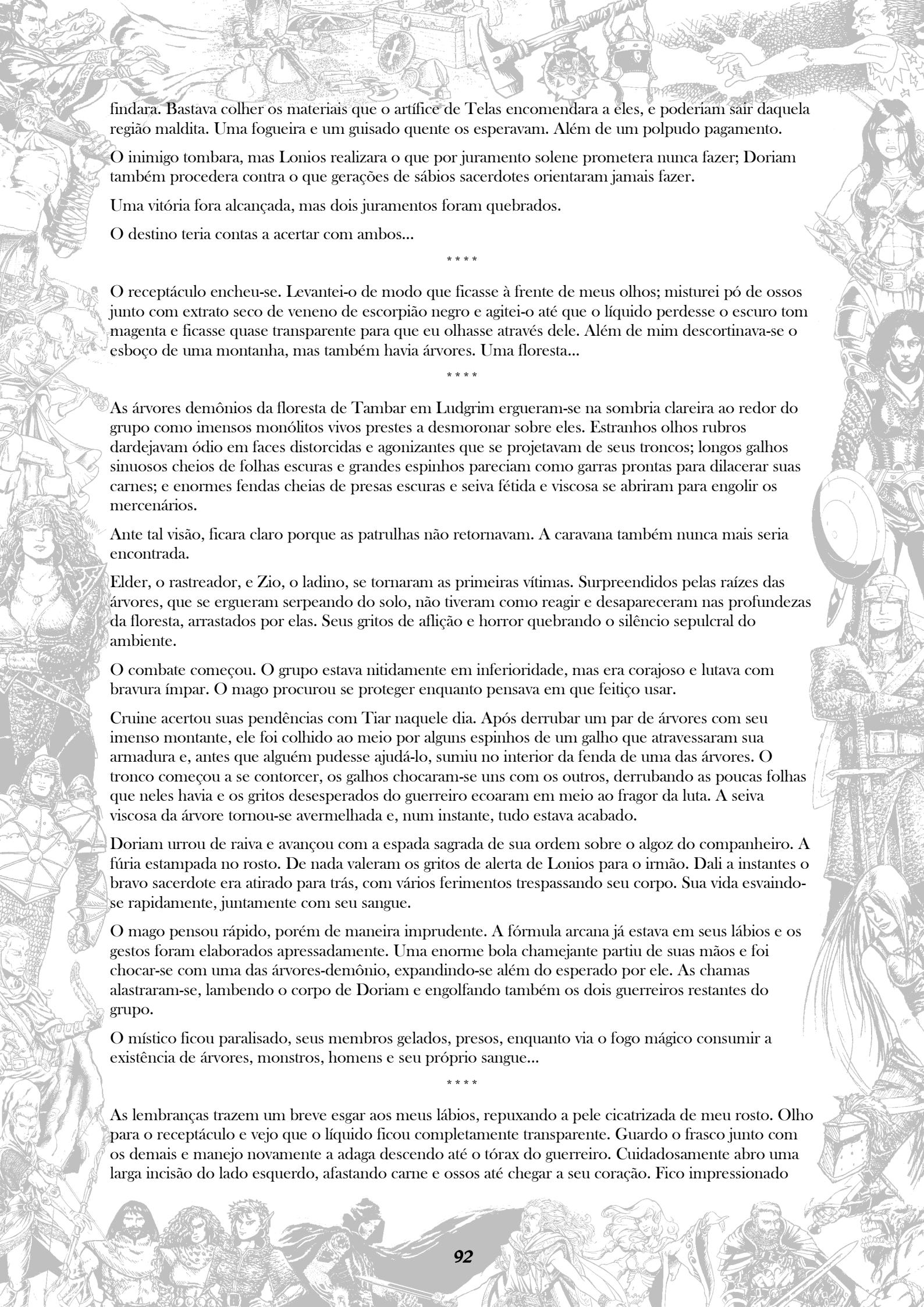
A coloração do céu, que parecera a princípio, uma miragem ilusória, agora se solidificara, como se prestes a despejar alguma praga horrenda sobre os que estavam sob ela.

Lonios executou um elaborado gesto arcano. Súbito, imensos blocos de rocha meio fumegantes caíram literalmente do céu sobre o lagarto gigante de duas cabeças cuspidor de gelo que praticamente devastara seu bando.

O feitiço proibido fora evocado. Um gosto amargo atravessou os lábios do mago; ele jurara ao seu mentor e diante de Palier nunca utilizá-lo, um juramento de sangue, diante do Colégio, como era o costume tendo em vista sua situação. Ele sabia as consequências da quebra deste. Mas de que adiantaria o conhecimento sem os frutos deste? Ainda mais naquela situação crítica. Por que a divindade protetora dos magos e do saber limitaria o seu uso? Mesmo que esse saber viesse da forma que Lonios o adquirira. Seria Palier tão arrogante a ponto de punir seu seguidor simplesmente por usar o conhecimento para se manter vivo e aos seus confrades?

Uma sucessão tonitruante de explosões se seguiu erguendo uma enorme nuvem de gelo que bloqueou a visão. Correntes de vento gélido varreram o local do embate; pequenos fragmentos de rocha e espículas de gelo atingiram a face de Lonios que teve de abrigar-se no chão. O bombardeio continuou enquanto o céu voltava lentamente ao azul cinzento. Ao final, a vil criatura parecia agonizar silenciosamente em meio aos escombros do que outrora fora seu covil. Suas bocas tentando inutilmente livrar-se do sangue, que saía em golfadas intermitentes. Sua respiração nauseabunda bafejando pequenas correntes de ar enregeladas cada vez mais fracas.

A nuvem dissipou-se e por sobre o corpo caído, Lonios viu erguer-se a figura imponente de seu irmão Dorian, o arrogante sacerdote. Na face, um sorriso orgulhoso e presunçoso, como se fora o próprio a derrotar o algoz de seus companheiros caídos. Em suas mãos, a espada sagrada de sua ordem, aquela que as regras de seu credo proibiam de retirar do templo sagrado. Alguns golpes e as cabeças da criatura-demônio rolaram aos pés de Tiar, o guerreiro, coberto de gelo, sangue e sujeira. O último sobrevivente além deles. Ele espetou uma delas com seu montante e sentou-se sobre a outra. A luta



findara. Bastava colher os materiais que o artífice de Telas encomendara a eles, e poderiam sair daquela região maldita. Uma fogueira e um guisado quente os esperavam. Além de um polpudo pagamento.

O inimigo tombara, mas Lonios realizara o que por juramento solene prometera nunca fazer; Dorian também procedera contra o que gerações de sábios sacerdotes orientaram jamais fazer.

Uma vitória fora alcançada, mas dois juramentos foram quebrados.

O destino teria contas a acertar com ambos...

\*\*\*\*

O receptáculo encheu-se. Levantei-o de modo que ficasse à frente de meus olhos; misturei pó de ossos junto com extrato seco de veneno de escorpião negro e agitei-o até que o líquido perdesse o escuro tom magenta e ficasse quase transparente para que eu olhasse através dele. Além de mim descortinava-se o esboço de uma montanha, mas também havia árvores. Uma floresta...

\*\*\*\*

As árvores demônios da floresta de Tambar em Ludgrim ergueram-se na sombria clareira ao redor do grupo como imensos monólitos vivos prestes a desmoronar sobre eles. Estranhos olhos rubros dardejavam ódio em faces distorcidas e agonizantes que se projetavam de seus troncos; longos galhos sinuosos cheios de folhas escuras e grandes espinhos pareciam como garras prontas para dilacerar suas carnes; e enormes fendas cheias de presas escuras e seiva fétida e viscosa se abriram para engolir os mercenários.

Ante tal visão, ficara claro porque as patrulhas não retornavam. A caravana também nunca mais seria encontrada.

Elder, o rastreador, e Zio, o ladino, se tornaram as primeiras vítimas. Surpreendidos pelas raízes das árvores, que se ergueram serpeando do solo, não tiveram como reagir e desapareceram nas profundezas da floresta, arrastados por elas. Seus gritos de aflição e horror quebrando o silêncio sepulcral do ambiente.

O combate começou. O grupo estava nitidamente em inferioridade, mas era corajoso e lutava com bravura ímpar. O mago procurou se proteger enquanto pensava em que feitiço usar.

Cruine acertou suas pendências com Tiar naquele dia. Após derrubar um par de árvores com seu imenso montante, ele foi colhido ao meio por alguns espinhos de um galho que atravessaram sua armadura e, antes que alguém pudesse ajudá-lo, sumiu no interior da fenda de uma das árvores. O tronco começou a se contorcer, os galhos chocaram-se uns com os outros, derrubando as poucas folhas que neles havia e os gritos desesperados do guerreiro ecoaram em meio ao fragor da luta. A seiva viscosa da árvore tornou-se avermelhada e, num instante, tudo estava acabado.

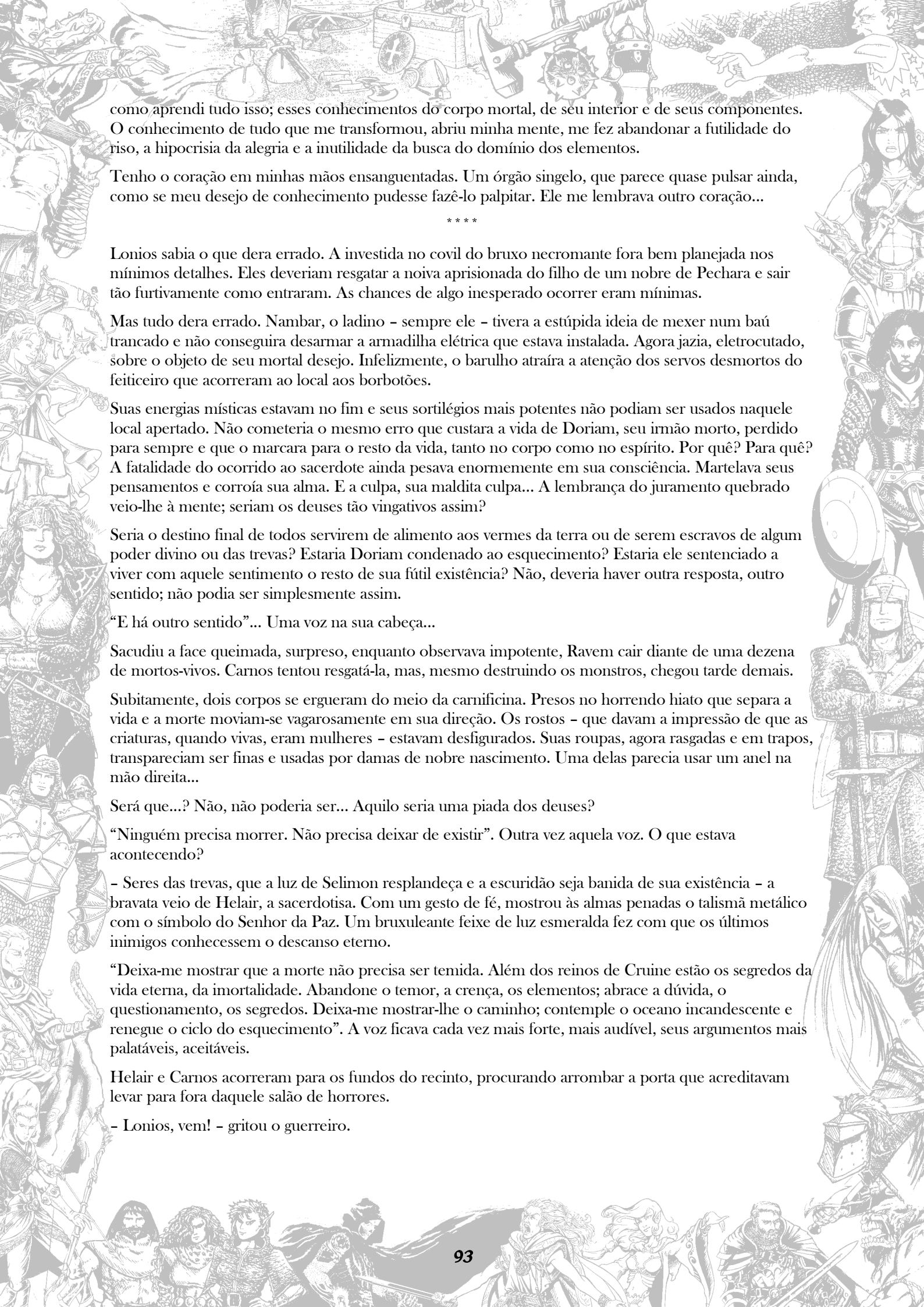
Dorian urrou de raiva e avançou com a espada sagrada de sua ordem sobre o algóz do companheiro. A fúria estampada no rosto. De nada valeram os gritos de alerta de Lonios para o irmão. Dali a instantes o bravo sacerdote era atirado para trás, com vários ferimentos trespassando seu corpo. Sua vida esvaindo-se rapidamente, juntamente com seu sangue.

O mago pensou rápido, porém de maneira imprudente. A fórmula arcana já estava em seus lábios e os gestos foram elaborados apressadamente. Uma enorme bola chamejante partiu de suas mãos e foi chocar-se com uma das árvores-demônio, expandindo-se além do esperado por ele. As chamas alastraram-se, lambendo o corpo de Dorian e engolfando também os dois guerreiros restantes do grupo.

O místico ficou paralisado, seus membros gelados, presos, enquanto via o fogo mágico consumir a existência de árvores, monstros, homens e seu próprio sangue...

\*\*\*\*

As lembranças trazem um breve esgar aos meus lábios, repuxando a pele cicatrizada de meu rosto. Olho para o receptáculo e vejo que o líquido ficou completamente transparente. Guardo o frasco junto com os demais e manejo novamente a adaga descendo até o tórax do guerreiro. Cuidadosamente abro uma larga incisão do lado esquerdo, afastando carne e ossos até chegar a seu coração. Fico impressionado



como aprendi tudo isso; esses conhecimentos do corpo mortal, de seu interior e de seus componentes. O conhecimento de tudo que me transformou, abriu minha mente, me fez abandonar a futilidade do riso, a hipocrisia da alegria e a inutilidade da busca do domínio dos elementos.

Tenho o coração em minhas mãos ensanguentadas. Um órgão singelo, que parece quase pulsar ainda, como se meu desejo de conhecimento pudesse fazê-lo palpitar. Ele me lembrava outro coração...

\*\*\*\*

Lonios sabia o que dera errado. A investida no covil do bruxo necromante fora bem planejada nos mínimos detalhes. Eles deveriam resgatar a noiva aprisionada do filho de um nobre de Pechara e sair tão furtivamente como entraram. As chances de algo inesperado ocorrer eram mínimas.

Mas tudo dera errado. Nambar, o ladino - sempre ele - tivera a estúpida ideia de mexer num baú trancado e não conseguira desarmar a armadilha elétrica que estava instalada. Agora jazia, eletrocutado, sobre o objeto de seu mortal desejo. Infelizmente, o barulho atraía a atenção dos servos desmorts do feiticeiro que acorreram ao local aos borbotões.

Suas energias místicas estavam no fim e seus sortilégios mais potentes não podiam ser usados naquele local apertado. Não cometeria o mesmo erro que custara a vida de Dorian, seu irmão morto, perdido para sempre e que o marcara para o resto da vida, tanto no corpo como no espírito. Por quê? Para quê? A fatalidade do ocorrido ao sacerdote ainda pesava enormemente em sua consciência. Martelava seus pensamentos e corroía sua alma. E a culpa, sua maldita culpa... A lembrança do juramento quebrado veio-lhe à mente; seriam os deuses tão vingativos assim?

Seria o destino final de todos servirem de alimento aos vermes da terra ou de serem escravos de algum poder divino ou das trevas? Estaria Dorian condenado ao esquecimento? Estaria ele sentenciado a viver com aquele sentimento o resto de sua fútil existência? Não, deveria haver outra resposta, outro sentido; não podia ser simplesmente assim.

“E há outro sentido”... Uma voz na sua cabeça...

Sacudiu a face queimada, surpreso, enquanto observava impotente, Ravem cair diante de uma dezena de mortos-vivos. Carnos tentou resgatá-la, mas, mesmo destruindo os monstros, chegou tarde demais.

Subitamente, dois corpos se ergueram do meio da carnificina. Presos no horrendo hiato que separa a vida e a morte moviam-se vagarosamente em sua direção. Os rostos - que davam a impressão de que as criaturas, quando vivas, eram mulheres - estavam desfigurados. Suas roupas, agora rasgadas e em trapos, transpareciam ser finas e usadas por damas de nobre nascimento. Uma delas parecia usar um anel na mão direita...

Será que...? Não, não poderia ser... Aquilo seria uma piada dos deuses?

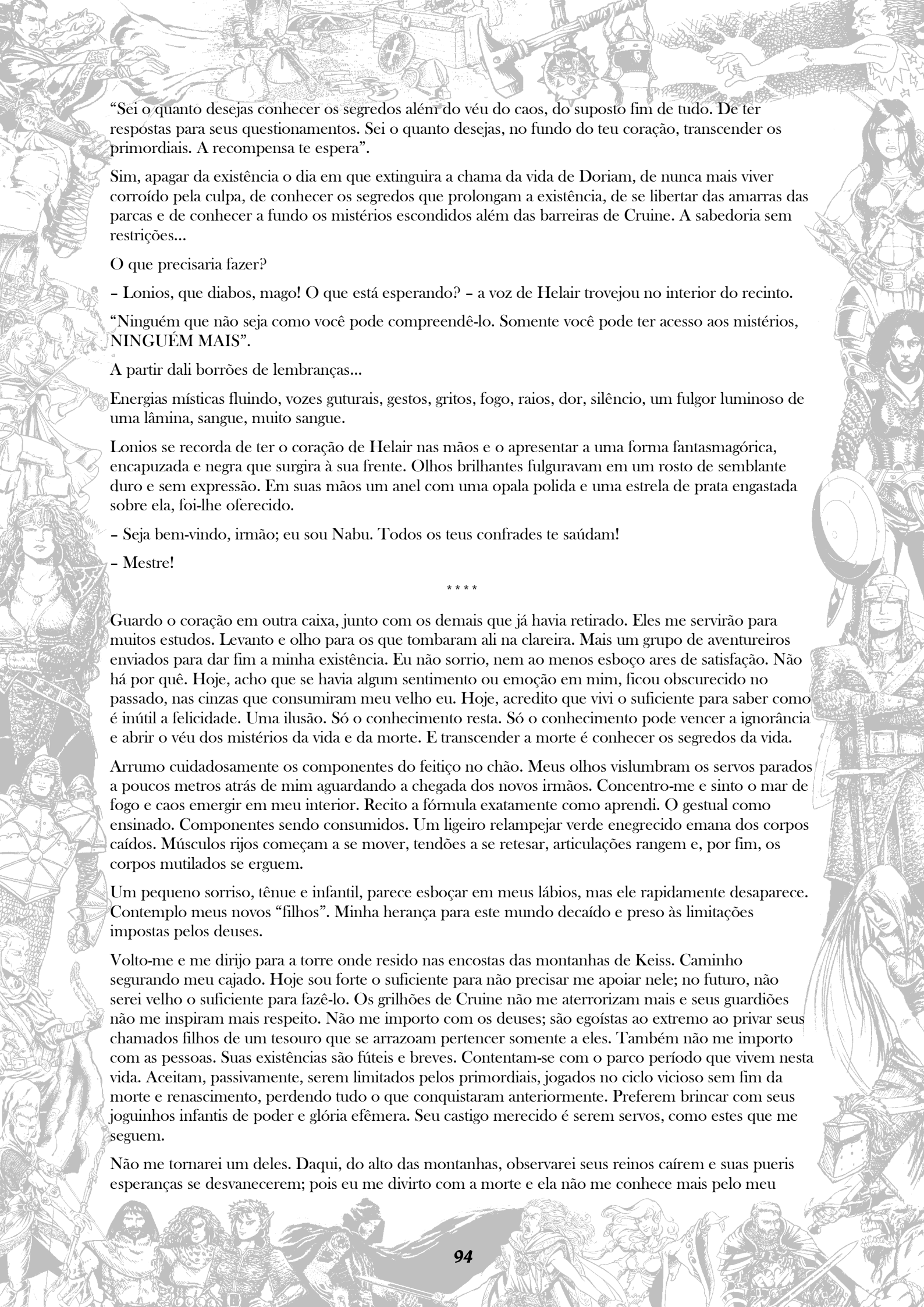
“Ninguém precisa morrer. Não precisa deixar de existir”. Outra vez aquela voz. O que estava acontecendo?

- Seres das trevas, que a luz de Selimon resplandeça e a escuridão seja banida de sua existência - a bravata veio de Helair, a sacerdotisa. Com um gesto de fé, mostrou às almas penadas o talismã metálico com o símbolo do Senhor da Paz. Um bruxuleante feixe de luz esmeralda fez com que os últimos inimigos conhecessem o descanso eterno.

“Deixa-me mostrar que a morte não precisa ser temida. Além dos reinos de Cruine estão os segredos da vida eterna, da imortalidade. Abandone o temor, a crença, os elementos; abrace a dúvida, o questionamento, os segredos. Deixa-me mostrar-lhe o caminho; contemple o oceano incandescente e renegue o ciclo do esquecimento”. A voz ficava cada vez mais forte, mais audível, seus argumentos mais palatáveis, aceitáveis.

Helair e Carnos acorreram para os fundos do recinto, procurando arrombar a porta que acreditavam levar para fora daquele salão de horrores.

- Lonios, vem! - gritou o guerreiro.



“Sei o quanto desejas conhecer os segredos além do véu do caos, do suposto fim de tudo. De ter respostas para seus questionamentos. Sei o quanto desejas, no fundo do teu coração, transcender os primordiais. A recompensa te espera”.

Sim, apagar da existência o dia em que extinguiu a chama da vida de Doriam, de nunca mais viver corroído pela culpa, de conhecer os segredos que prolongam a existência, de se libertar das amarras das parcas e de conhecer a fundo os mistérios escondidos além das barreiras de Cruine. A sabedoria sem restrições...

O que precisaria fazer?

- Lonios, que diabos, mago! O que está esperando? - a voz de Helair tropejou no interior do recinto.

“Ninguém que não seja como você pode compreendê-lo. Somente você pode ter acesso aos mistérios, **NINGUÉM MAIS**”.

A partir dali borrões de lembranças...

Energias místicas fluindo, vozes guturais, gestos, gritos, fogo, raios, dor, silêncio, um fulgor luminoso de uma lâmina, sangue, muito sangue.

Lonios se recorda de ter o coração de Helair nas mãos e o apresentar a uma forma fantasmagórica, encapuzada e negra que surgira à sua frente. Olhos brilhantes fulguravam em um rosto de semblante duro e sem expressão. Em suas mãos um anel com uma opala polida e uma estrela de prata engastada sobre ela, foi-lhe oferecido.

- Seja bem-vindo, irmão; eu sou Nabu. Todos os teus confrades te saúdam!

- Mestre!

\*\*\*\*


Guardo o coração em outra caixa, junto com os demais que já havia retirado. Eles me servirão para muitos estudos. Levanto e olho para os que tombaram ali na clareira. Mais um grupo de aventureiros enviados para dar fim a minha existência. Eu não sorrio, nem ao menos esboço ares de satisfação. Não há por quê. Hoje, acho que se havia algum sentimento ou emoção em mim, ficou obscurecido no passado, nas cinzas que consumiram meu velho eu. Hoje, acredito que vivi o suficiente para saber como é inútil a felicidade. Uma ilusão. Só o conhecimento resta. Só o conhecimento pode vencer a ignorância e abrir o véu dos mistérios da vida e da morte. E transcender a morte é conhecer os segredos da vida.

Arrumo cuidadosamente os componentes do feitiço no chão. Meus olhos vislumbram os servos parados a poucos metros atrás de mim aguardando a chegada dos novos irmãos. Concentro-me e sinto o mar de fogo e caos emergir em meu interior. Recito a fórmula exatamente como aprendi. O gestual como ensinado. Componentes sendo consumidos. Um ligeiro relampejar verde enegrecido emana dos corpos caídos. Músculos rijos começam a se mover, tendões a se retesar, articulações rangem e, por fim, os corpos mutilados se erguem.

Um pequeno sorriso, tênue e infantil, parece esboçar em meus lábios, mas ele rapidamente desaparece. Contemplo meus novos “filhos”. Minha herança para este mundo decaído e preso às limitações impostas pelos deuses.

Volto-me e me dirijo para a torre onde resido nas encostas das montanhas de Keiss. Caminho segurando meu cajado. Hoje sou forte o suficiente para não precisar me apoiar nele; no futuro, não serei velho o suficiente para fazê-lo. Os grilhões de Cruine não me aterrorizam mais e seus guardiões não me inspiram mais respeito. Não me importo com os deuses; são egoístas ao extremo ao privar seus chamados filhos de um tesouro que se arrazoam pertencer somente a eles. Também não me importo com as pessoas. Suas existências são fúteis e breves. Contentam-se com o parco período que vivem nesta vida. Aceitam, passivamente, serem limitados pelos primordiais, jogados no ciclo vicioso sem fim da morte e renascimento, perdendo tudo o que conquistaram anteriormente. Preferem brincar com seus joguinhos infantis de poder e glória efêmera. Seu castigo merecido é serem servos, como estes que me seguem.

Não me tornarei um deles. Daqui, do alto das montanhas, observarei seus reinos caírem e suas pueris esperanças se desvanecerem; pois eu me divirto com a morte e ela não me conhece mais pelo meu



nome. Os mortais também não recordam mais o meu nome, envolto em brumas do desconhecido, pois me tornei mais que um nome poderia ser; tornei-me uma lenda, alguém a ser temido e evitado. Alguém que busca a chave da eternidade. Não sou mais Lonios. Sou apenas O Necromante.





# A Cura

por Bruno Machado

Já estava escurecendo e Mina caminhava a passos acelerados pelas ruas de Franges. Com cerca de um décimo de sua população anterior, a cidade era apenas uma sombra do que costumava ser. Suas praças e ruas, entregues aos ratos e cachorros que se alimentavam dos corpos deixados pela peste, fediam a morte e decomposição. A jovem elfa dourada não podia deixar de sentir um peso em seu coração ao perceber o quanto aquela cidade havia decaído.

Passou pelo largo do meio-dia, uma pequena praça que recebera esse nome por causa das festas que ali aconteciam diariamente, sempre ao meio-dia. Mina lembrava-se de quando era mais jovem – sim, mais jovem, pois ela tinha meros 30 verões, tendo praticamente acabado de sair da adolescência para os padrões élficos – quando costumava frequentar aquela praça e assistir aos bardos fazendo suas apresentações.

Fora lá que ela tomara sua primeira taça de vinho, seu pai havia lhe dado permissão para tomar um gole, no seu aniversário de 20 anos. Fora lá que ela dera seu primeiro beijo, aos 16, com um jovem e belo meio-elfo. Para ela aquilo havia sido apenas uma brincadeira, mas o rapaz se apaixonara e acabara por pintar um retrato dela. Até hoje ela tinha aquele retrato sobre a sua mesa de estudos.

Nada disso restava. Toda a beleza de Franges havia ido embora, sendo substituída pelo que só podia ser descrito como uma verdadeira visão do inferno. Em vez de música havia os gemidos dos doentes, seus corpos cobertos por manchas negras, sangue escorrendo por diversas feridas. Os mortos eram deixados onde caíam, numerosos demais para serem coletados.

- Por favor, me ajude. - Mina tremeu de agonia quando um dos doentes, um velho humano de cabelos cinzas e manto marrom, esbarrou nela. Não que ela tivesse medo de ser contaminada pela doença, pois até aquele momento, a peste não havia afetado nenhum elfo. Porém o cheiro de morte a deixava enojada.

Além disso, ela precisava chegar logo em casa. Seu pai e mentor, Aldriano, a havia enviado ao mercado para comprar alguns ingredientes necessários para seus estudos mágicos. Ele estava no meio de um experimento importante e Mina sabia que seu professor não gostava de ser deixado esperando.

Seus instintos disseram-lhe que algo estava errado e ela saltou antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. O senhor virou-se para ela e apontou-lhe uma varinha. O raio elétrico passou a centímetros do peito de Mina, errando-a por pouco.

Sem nem pensar a elfa murmurou suas palavras de poder e arremessou uma bola de fogo na direção de seu atacante. Mina nem precisou esperar a magia atingir o alvo para perceber que algo estava errado. O inimigo não fizera esforço para evitar o golpe, recebendo a bola de fogo no meio do peito como se não fosse nada.

Em vez de pegar fogo e soltar um grito de dor o velho transformou-se em uma nuvem de fumaça dispersa que desapareceu em menos de um segundo.

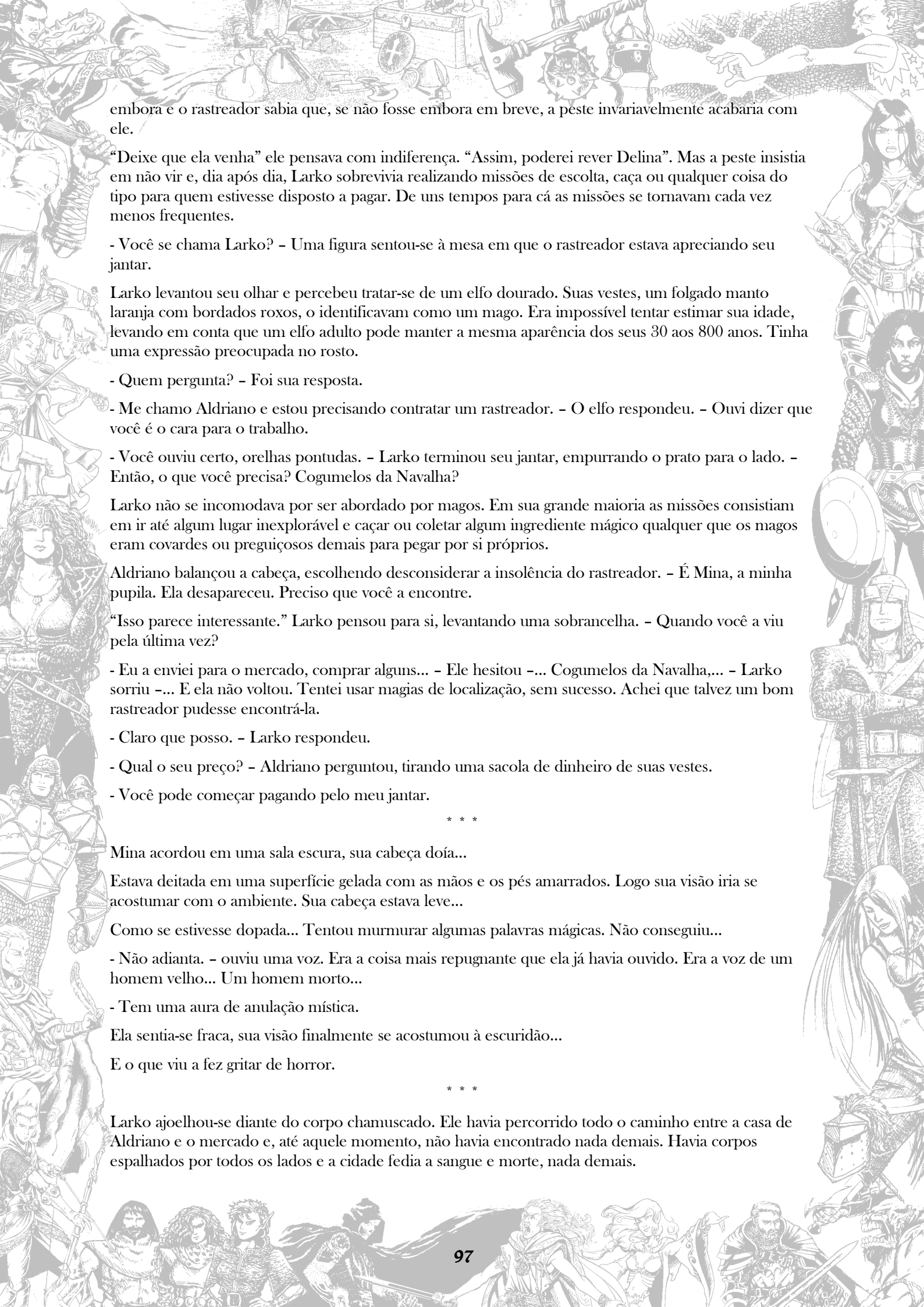
“Droga, era uma réplica mágica”. Foi tudo que Mina foi capaz de pensar antes de desmaiar com uma paulada na cabeça.

\* \* \*

Há menos de um ano Larko estivera pronto para deixar o terror de Franges para trás. Junto com sua esposa, Delina, e seu filho que estava por nascer, eles iriam para Calisto, longe da peste, construir uma nova vida.

Porém o destino tinha outros planos e, na véspera de sua partida, Delina fora contaminada pela peste. Larko dedicou os meses seguintes à busca de uma cura, procurando pelas mais raras ervas e plantas, mas tudo fora em vão. Dois meses depois sua esposa estava morta, bem como seu filho.

Com 32 verões, ele era um homem baixo, porém atarracado, com corpo forte e bem definido. Larko era um dos poucos humanos restantes na cidade. Seus amigos haviam ido embora, sua família havia ido



embora e o rastreador sabia que, se não fosse embora em breve, a peste invariavelmente acabaria com ele.

“Deixe que ela venha” ele pensava com indiferença. “Assim, poderei rever Delina”. Mas a peste insistia em não vir e, dia após dia, Larko sobrevivia realizando missões de escolta, caça ou qualquer coisa do tipo para quem estivesse disposto a pagar. De uns tempos para cá as missões se tornavam cada vez menos frequentes.

- Você se chama Larko? - Uma figura sentou-se à mesa em que o rastreador estava apreciando seu jantar.

Larko levantou seu olhar e percebeu tratar-se de um elfo dourado. Suas vestes, um folgado manto laranja com bordados roxos, o identificavam como um mago. Era impossível tentar estimar sua idade, levando em conta que um elfo adulto pode manter a mesma aparência dos seus 30 aos 800 anos. Tinha uma expressão preocupada no rosto.

- Quem pergunta? - Foi sua resposta.

- Me chamo Aldriano e estou precisando contratar um rastreador. - O elfo respondeu. - Ouvi dizer que você é o cara para o trabalho.

- Você ouviu certo, orelhas pontudas. - Larko terminou seu jantar, empurrando o prato para o lado. - Então, o que você precisa? Cogumelos da Navalha?

Larko não se incomodava por ser abordado por magos. Em sua grande maioria as missões consistiam em ir até algum lugar inexplorável e caçar ou coletar algum ingrediente mágico qualquer que os magos eram covardes ou preguiçosos demais para pegar por si próprios.

Aldriano balançou a cabeça, escolhendo desconsiderar a insolência do rastreador. - É Mina, a minha pupila. Ela desapareceu. Preciso que você a encontre.

“Isso parece interessante.” Larko pensou para si, levantando uma sobrancelha. - Quando você a viu pela última vez?

- Eu a enviei para o mercado, comprar alguns... - Ele hesitou -... Cogumelos da Navalha,... - Larko sorriu -... E ela não voltou. Tentei usar magias de localização, sem sucesso. Achei que talvez um bom rastreador pudesse encontrá-la.

- Claro que posso. - Larko respondeu.

- Qual o seu preço? - Aldriano perguntou, tirando uma sacola de dinheiro de suas vestes.

- Você pode começar pagando pelo meu jantar.

\* \* \*

Mina acordou em uma sala escura, sua cabeça doía...

Estava deitada em uma superfície gelada com as mãos e os pés amarrados. Logo sua visão iria se acostumar com o ambiente. Sua cabeça estava leve...

Como se estivesse dopada... Tentou murmurar algumas palavras mágicas. Não conseguiu...

- Não adianta. - ouviu uma voz. Era a coisa mais repugnante que ela já havia ouvido. Era a voz de um homem velho... Um homem morto...

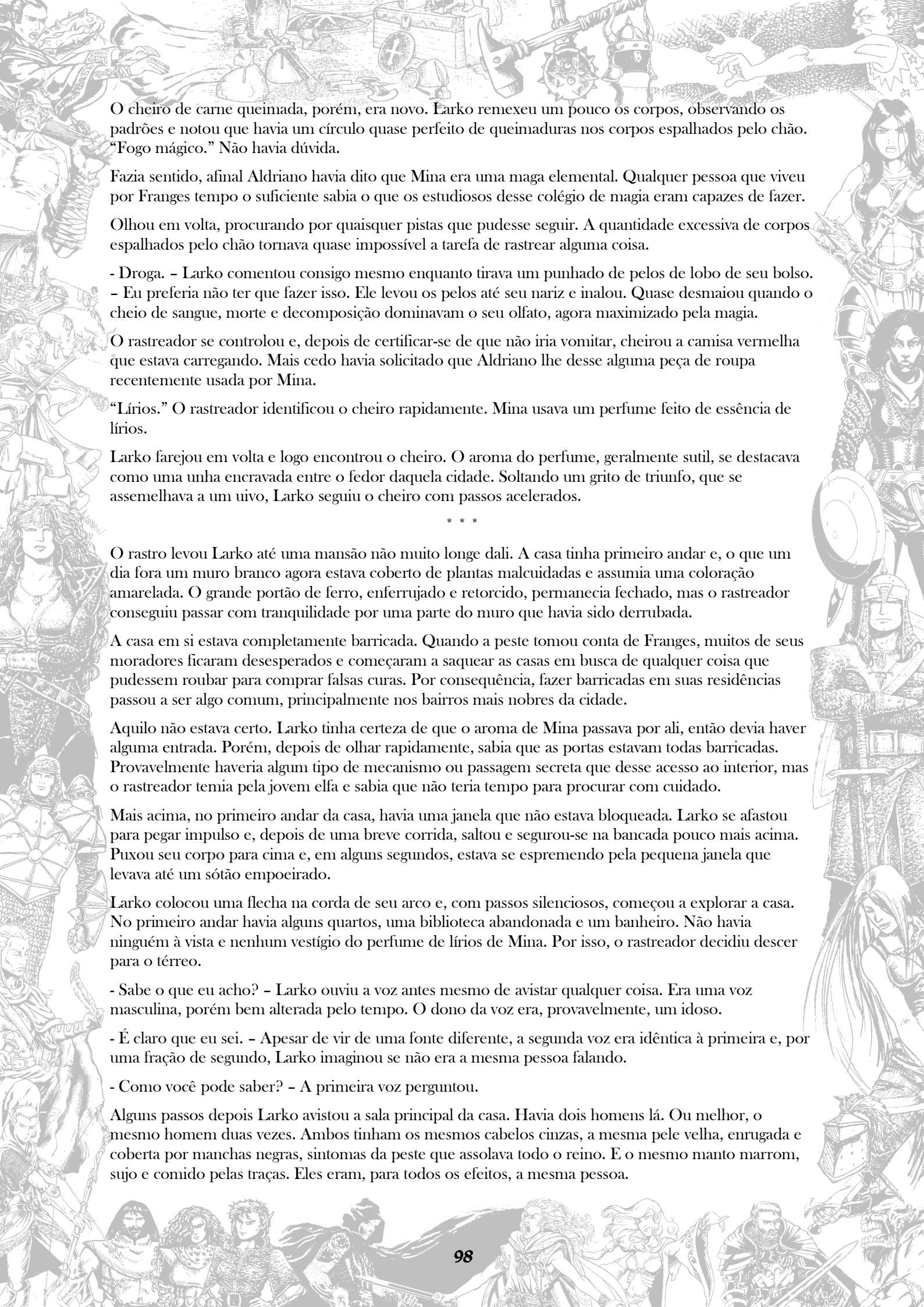
- Tem uma aura de anulação mística.

Ela sentia-se fraca, sua visão finalmente se acostumou à escuridão...

E o que viu a fez gritar de horror.

\* \* \*

Larko ajoelhou-se diante do corpo chamuscado. Ele havia percorrido todo o caminho entre a casa de Aldriano e o mercado e, até aquele momento, não havia encontrado nada demais. Havia corpos espalhados por todos os lados e a cidade fedia a sangue e morte, nada demais.



O cheiro de carne queimada, porém, era novo. Larko remexeu um pouco os corpos, observando os padrões e notou que havia um círculo quase perfeito de queimaduras nos corpos espalhados pelo chão. “Fogo mágico.” Não havia dúvida.

Fazia sentido, afinal Aldriano havia dito que Mina era uma maga elemental. Qualquer pessoa que viveu por Franges tempo o suficiente sabia o que os estudiosos desse colégio de magia eram capazes de fazer.

Olhou em volta, procurando por quaisquer pistas que pudesse seguir. A quantidade excessiva de corpos espalhados pelo chão tornava quase impossível a tarefa de rastrear alguma coisa.

- Droga. - Larko comentou consigo mesmo enquanto tirava um punhado de pelos de lobo de seu bolso. - Eu preferia não ter que fazer isso. Ele levou os pelos até seu nariz e inalou. Quase desmaiou quando o cheio de sangue, morte e decomposição dominavam o seu olfato, agora maximizado pela magia.

O rastreador se controlou e, depois de certificar-se de que não iria vomitar, cheirou a camisa vermelha que estava carregando. Mais cedo havia solicitado que Aldriano lhe desse alguma peça de roupa recentemente usada por Mina.

“Lírios.” O rastreador identificou o cheiro rapidamente. Mina usava um perfume feito de essência de lírios.

Larko farejou em volta e logo encontrou o cheiro. O aroma do perfume, geralmente sutil, se destacava como uma unha encravada entre o fedor daquela cidade. Soltando um grito de triunfo, que se assemelhava a um uivo, Larko seguiu o cheiro com passos acelerados.

\* \* \*

O rastro levou Larko até uma mansão não muito longe dali. A casa tinha primeiro andar e, o que um dia fora um muro branco agora estava coberto de plantas malcuidadas e assumia uma coloração amarelada. O grande portão de ferro, enferrujado e retorcido, permanecia fechado, mas o rastreador conseguiu passar com tranquilidade por uma parte do muro que havia sido derrubada.

A casa em si estava completamente barricada. Quando a peste tomou conta de Franges, muitos de seus moradores ficaram desesperados e começaram a saquear as casas em busca de qualquer coisa que pudessem roubar para comprar falsas curas. Por consequência, fazer barricadas em suas residências passou a ser algo comum, principalmente nos bairros mais nobres da cidade.

Aquilo não estava certo. Larko tinha certeza de que o aroma de Mina passava por ali, então devia haver alguma entrada. Porém, depois de olhar rapidamente, sabia que as portas estavam todas barricadas. Provavelmente haveria algum tipo de mecanismo ou passagem secreta que desse acesso ao interior, mas o rastreador temia pela jovem elfa e sabia que não teria tempo para procurar com cuidado.

Mais acima, no primeiro andar da casa, havia uma janela que não estava bloqueada. Larko se afastou para pegar impulso e, depois de uma breve corrida, saltou e segurou-se na bancada pouco mais acima. Puxou seu corpo para cima e, em alguns segundos, estava se espremendo pela pequena janela que levava até um sótão empoeirado.

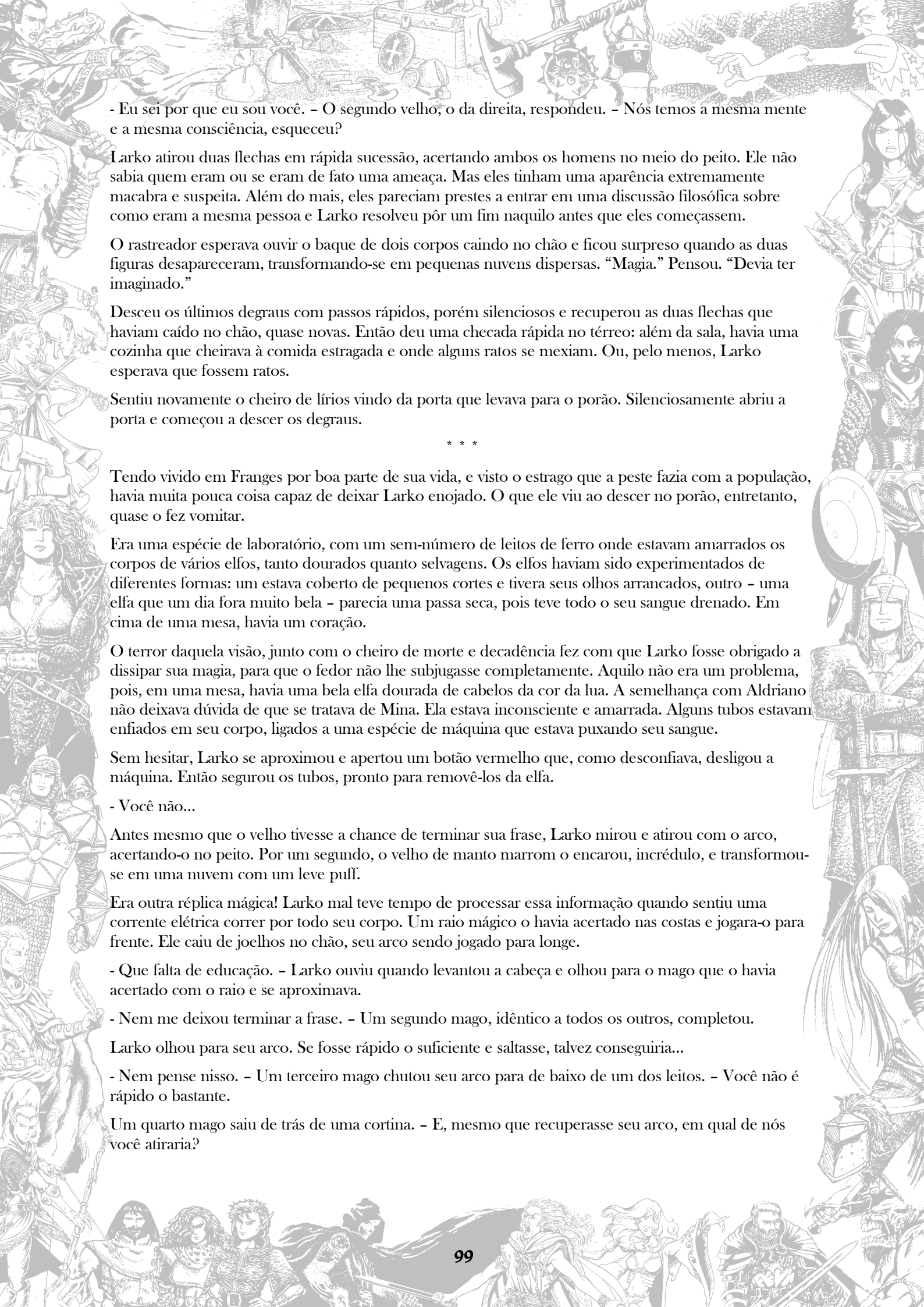
Larko colocou uma flecha na corda de seu arco e, com passos silenciosos, começou a explorar a casa. No primeiro andar havia alguns quartos, uma biblioteca abandonada e um banheiro. Não havia ninguém à vista e nenhum vestígio do perfume de lírios de Mina. Por isso, o rastreador decidiu descer para o térreo.

- Sabe o que eu acho? - Larko ouviu a voz antes mesmo de avistar qualquer coisa. Era uma voz masculina, porém bem alterada pelo tempo. O dono da voz era, provavelmente, um idoso.

- É claro que eu sei. - Apesar de vir de uma fonte diferente, a segunda voz era idêntica à primeira e, por uma fração de segundo, Larko imaginou se não era a mesma pessoa falando.

- Como você pode saber? - A primeira voz perguntou.

Alguns passos depois Larko avistou a sala principal da casa. Havia dois homens lá. Ou melhor, o mesmo homem duas vezes. Ambos tinham os mesmos cabelos cinzas, a mesma pele velha, enrugada e coberta por manchas negras, sintomas da peste que assolava todo o reino. E o mesmo manto marrom, sujo e comido pelas traças. Eles eram, para todos os efeitos, a mesma pessoa.



- Eu sei por que eu sou você. - O segundo velho, o da direita, respondeu. - Nós temos a mesma mente e a mesma consciência, esqueceu?

Larko atirou duas flechas em rápida sucessão, acertando ambos os homens no meio do peito. Ele não sabia quem eram ou se eram de fato uma ameaça. Mas eles tinham uma aparência extremamente macabra e suspeita. Além do mais, eles pareciam prestes a entrar em uma discussão filosófica sobre como eram a mesma pessoa e Larko resolveu pôr um fim naquilo antes que eles começassem.

O rastreador esperava ouvir o baque de dois corpos caindo no chão e ficou surpreso quando as duas figuras desapareceram, transformando-se em pequenas nuvens dispersas. “Magia.” Pensou. “Devia ter imaginado.”

Desceu os últimos degraus com passos rápidos, porém silenciosos e recuperou as duas flechas que haviam caído no chão, quase novas. Então deu uma checada rápida no térreo: além da sala, havia uma cozinha que cheirava à comida estragada e onde alguns ratos se mexiam. Ou, pelo menos, Larko esperava que fossem ratos.

Sentiu novamente o cheiro de lírios vindo da porta que levava para o porão. Silenciosamente abriu a porta e começou a descer os degraus.

\* \* \*

Tendo vivido em Franges por boa parte de sua vida, e visto o estrago que a peste fazia com a população, havia muita pouca coisa capaz de deixar Larko enojado. O que ele viu ao descer no porão, entretanto, quase o fez vomitar.

Era uma espécie de laboratório, com um sem-número de leitos de ferro onde estavam amarrados os corpos de vários elfos, tanto dourados quanto selvagens. Os elfos haviam sido experimentados de diferentes formas: um estava coberto de pequenos cortes e tivera seus olhos arrancados, outro - uma elfa que um dia fora muito bela - parecia uma passa seca, pois teve todo o seu sangue drenado. Em cima de uma mesa, havia um coração.

O terror daquela visão, junto com o cheiro de morte e decadência fez com que Larko fosse obrigado a dissipar sua magia, para que o fedor não lhe subjugasse completamente. Aquilo não era um problema, pois, em uma mesa, havia uma bela elfa dourada de cabelos da cor da lua. A semelhança com Aldriano não deixava dúvida de que se tratava de Mina. Ela estava inconsciente e amarrada. Alguns tubos estavam enfiados em seu corpo, ligados a uma espécie de máquina que estava puxando seu sangue.

Sem hesitar, Larko se aproximou e apertou um botão vermelho que, como desconfiava, desligou a máquina. Então segurou os tubos, pronto para removê-los da elfa.

- Você não...

Antes mesmo que o velho tivesse a chance de terminar sua frase, Larko mirou e atirou com o arco, acertando-o no peito. Por um segundo, o velho de manto marrom o encarou, incrédulo, e transformou-se em uma nuvem com um leve puff.

Era outra réplica mágica! Larko mal teve tempo de processar essa informação quando sentiu uma corrente elétrica correr por todo seu corpo. Um raio mágico o havia acertado nas costas e jogara-o para frente. Ele caiu de joelhos no chão, seu arco sendo jogado para longe.

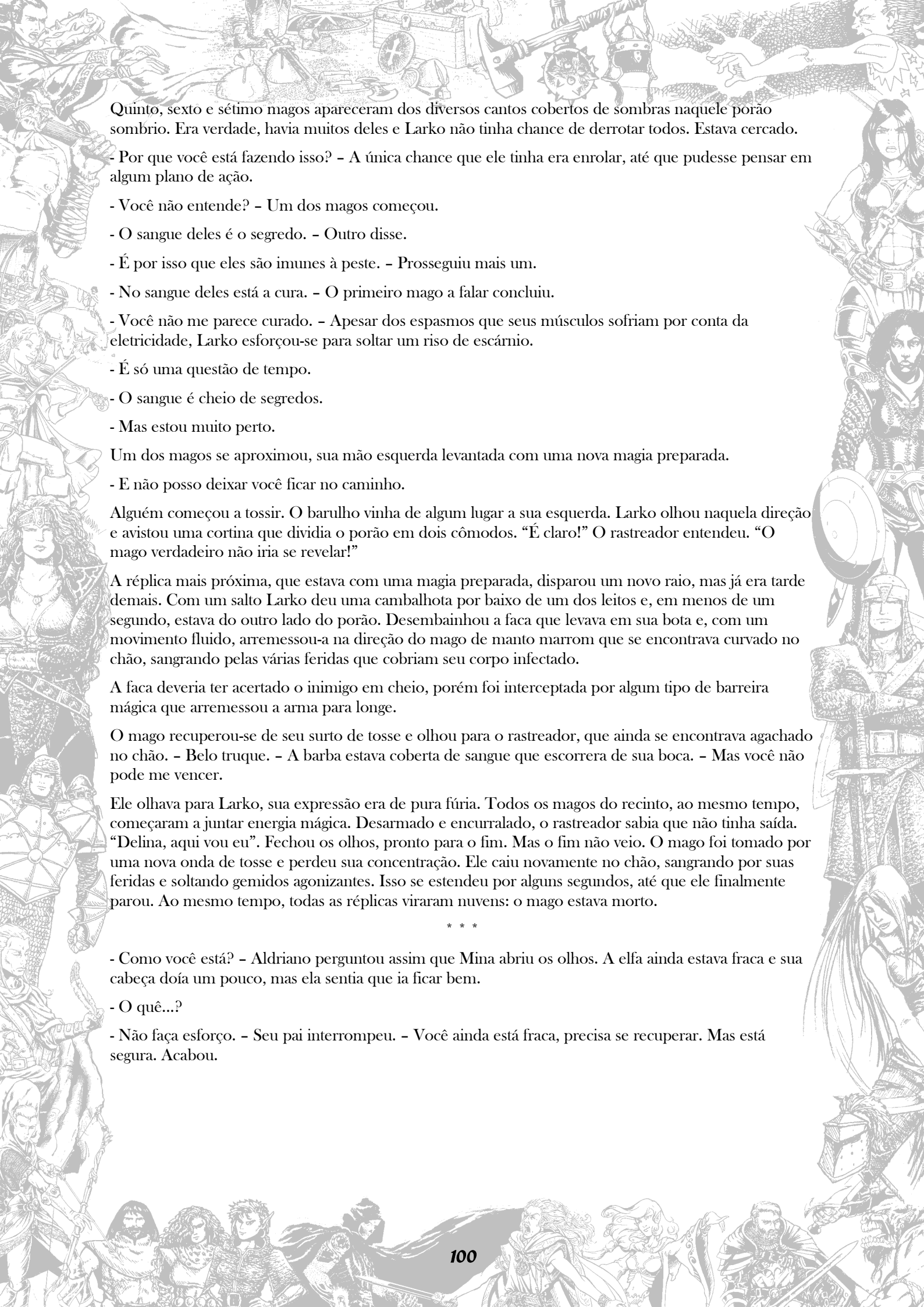
- Que falta de educação. - Larko ouviu quando levantou a cabeça e olhou para o mago que o havia acertado com o raio e se aproximava.

- Nem me deixou terminar a frase. - Um segundo mago, idêntico a todos os outros, completou.

Larko olhou para seu arco. Se fosse rápido o suficiente e saltasse, talvez conseguiria...

- Nem pense nisso. - Um terceiro mago chutou seu arco para de baixo de um dos leitos. - Você não é rápido o bastante.

Um quarto mago saiu de trás de uma cortina. - E, mesmo que recuperasse seu arco, em qual de nós você atiraria?



Quinto, sexto e sétimo magos apareceram dos diversos cantos cobertos de sombras naquele porão sombrio. Era verdade, havia muitos deles e Larko não tinha chance de derrotar todos. Estava cercado.

- Por que você está fazendo isso? - A única chance que ele tinha era enrolar, até que pudesse pensar em algum plano de ação.

- Você não entende? - Um dos magos começou.

- O sangue deles é o segredo. - Outro disse.

- É por isso que eles são imunes à peste. - Prosseguiu mais um.

- No sangue deles está a cura. - O primeiro mago a falar concluiu.

- Você não me parece curado. - Apesar dos espasmos que seus músculos sofriam por conta da eletricidade, Larko esforçou-se para soltar um riso de escárnio.

- É só uma questão de tempo.

- O sangue é cheio de segredos.

- Mas estou muito perto.

Um dos magos se aproximou, sua mão esquerda levantada com uma nova magia preparada.

- E não posso deixar você ficar no caminho.

Alguém começou a tossir. O barulho vinha de algum lugar a sua esquerda. Larko olhou naquela direção e avistou uma cortina que dividia o porão em dois cômodos. “É claro!” O rastreador entendeu. “O mago verdadeiro não iria se revelar!”

A réplica mais próxima, que estava com uma magia preparada, disparou um novo raio, mas já era tarde demais. Com um salto Larko deu uma cambalhota por baixo de um dos leitos e, em menos de um segundo, estava do outro lado do porão. Desembainhou a faca que levava em sua bota e, com um movimento fluido, arremessou-a na direção do mago de manto marrom que se encontrava curvado no chão, sangrando pelas várias feridas que cobriam seu corpo infectado.

A faca deveria ter acertado o inimigo em cheio, porém foi interceptada por algum tipo de barreira mágica que arremessou a arma para longe.

O mago recuperou-se de seu surto de tosse e olhou para o rastreador, que ainda se encontrava agachado no chão. - Belo truque. - A barba estava coberta de sangue que escorrera de sua boca. - Mas você não pode me vencer.

Ele olhava para Larko, sua expressão era de pura fúria. Todos os magos do recinto, ao mesmo tempo, começaram a juntar energia mágica. Desarmado e encurralado, o rastreador sabia que não tinha saída. “Delina, aqui vou eu”. Fechou os olhos, pronto para o fim. Mas o fim não veio. O mago foi tomado por uma nova onda de tosse e perdeu sua concentração. Ele caiu novamente no chão, sangrando por suas feridas e soltando gemidos agonizantes. Isso se estendeu por alguns segundos, até que ele finalmente parou. Ao mesmo tempo, todas as réplicas viraram nuvens: o mago estava morto.

\* \* \*

- Como você está? - Aldriano perguntou assim que Mina abriu os olhos. A elfa ainda estava fraca e sua cabeça doía um pouco, mas ela sentia que ia ficar bem.

- O quê...?

- Não faça esforço. - Seu pai interrompeu. - Você ainda está fraca, precisa se recuperar. Mas está segura. Acabou.



# O Oráculo de Plandis

Por Airton França Diniz Junior

Afastei-me pela terceira vez do demônio com chifres enquanto recobrava meu fôlego. A luta se arrastava e a certeza de que sairia vitorioso se desvanecia junto com minhas forças. Meus braços doíam e gotas de suor já banhavam minha frente. Ajeitei meu elmo e verifiquei minha espada e meu escudo de bronze enquanto aguardava o ataque da besta.

Encontrava-me no coração do covil do monstro, numa caverna localizada no sopé de uma montanha, no fim do Pântano dos Horrores, um local perdido em Abadom, às margens do rio Baloc. Era um local de terra argilosa, escorregadia, com resquícios de água fétida. Árvores mortas, tortuosas, de troncos retorcidos, enegrecidos e raízes expostas cercavam a entrada da gruta que servia de refúgio para a criatura demoníaca que caçava as pessoas da vila perto do rio.

Não havia ninguém para assistir o confronto. Nenhuma alma para presenciar a minha morte, mesmo que ela representasse o último alento de esperança para muitos. Mas era assim que deveria acontecer, uma luta solitária, com somente os deuses como testemunhas. Não era assim que estava escrito?

O demônio com chifres, meu inimigo, vertia fúria pelos olhos, fitando-me com aqueles olhos amarelados, com uma intensidade que fazia homens sem coragem correrem para longe. Mesmo seu porte, por si só, já era suficiente para gelar o coração dos mais bravos: um corpo imenso, extremamente musculoso e uma cabeça horrenda, de touro, com chifres e dentes pontiagudos. Em suas mãos uma enorme clava, de madeira duríssima, que manejava com extrema habilidade.

Olhei ao redor. A caverna era enorme e cheirava a morte. Esta era a casa da criatura, local para onde retornava após caçar homens, mulheres ou crianças desafortunadas e incautas da vila. Eu me perguntava se não era melhor mudarmos de lugar, fugir para bem longe daquele local, mas para onde iríamos nesta terra desolada e cheia de dragões e outras bestas das profundezas? Conseguíramos sobreviver por muitos anos naquele local, sem atrairmos atenções, até que aquele monstro aparecera e transformara nossa vida num inferno.

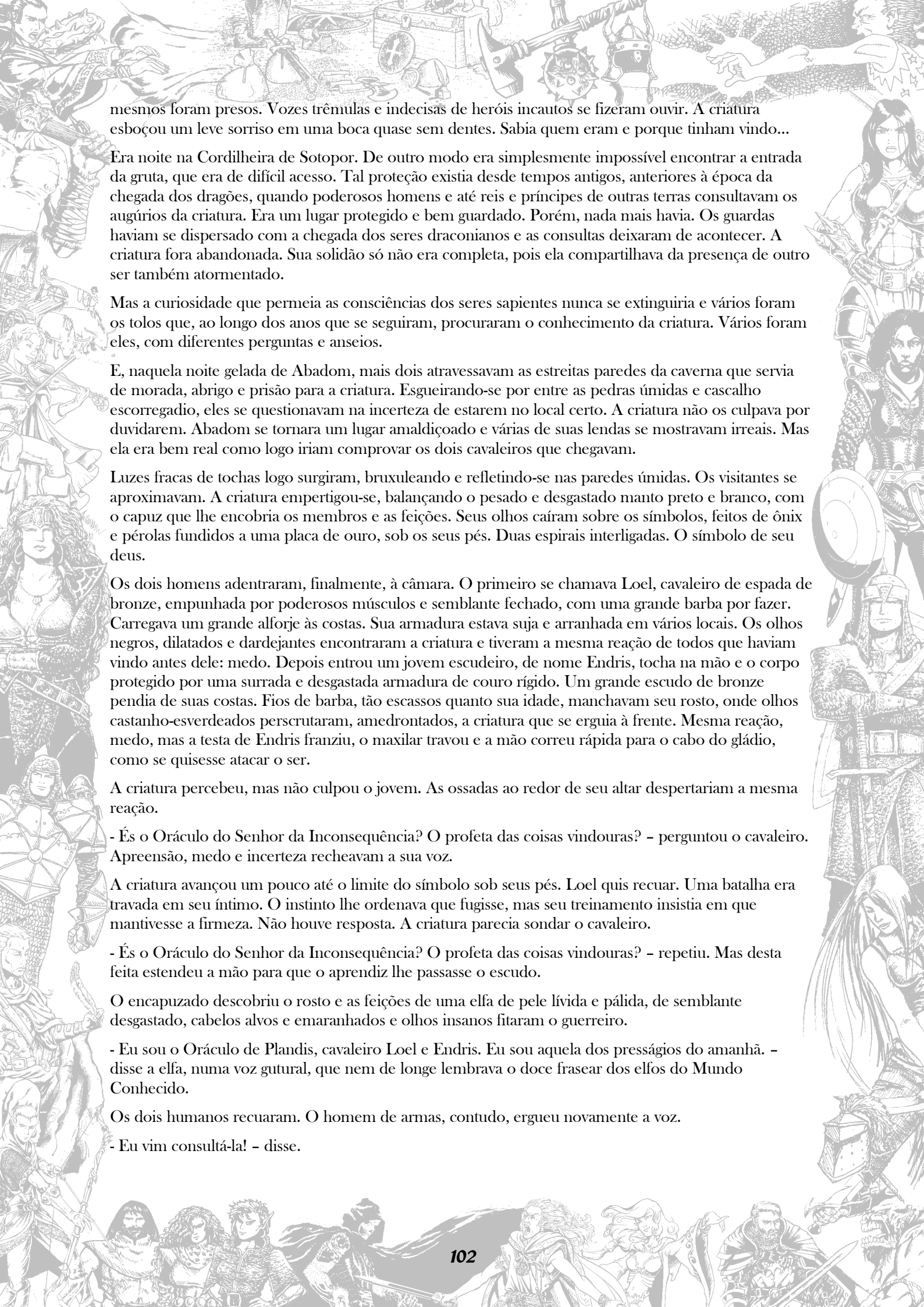
Eu cuspi sangue, sentindo todo o meu corpo reclamar dos golpes que recebera da criatura e de sua clava maldita. Se não fosse minha armadura e o escudo certamente já estaria com meia dúzia de ossos partidos. Olhei para o sangue do demônio que escorria de minha espada. Meus cortes em seu corpanzil eram profundos, mas pareciam inúteis, apenas o enfurecendo mais ainda... Tudo levava a crer que Cruine só a levaria quando sua cabeça fosse separada do corpo.

Com um urro feroz ele avançou novamente e preparei-me para o embate. Ele já se mostrara extremamente ardiloso e somente por intervenção divina, acredito, eu conseguira escapar das armadilhas que ele colocara no caminho até seu covil. Ele brandiu a clava mais uma vez e o golpe, repleto da força de sua investida, quase me arrancou o escudo junto com o braço. Com uma velocidade espantosa, o segundo movimento quase me acertou o peito, por pouco não me derrubando. Recuei dois passos e roguei aos céus por uma brecha que parecia não existir. Encostei-me à parede fria da gruta. **Beco sem saída!**

O demônio-touro pareceu sorrir e, urrando ferozmente, golpeou novamente com a clava, certo de que me esmagaria contra a pedra escura. Mas, abaixando-me, minha espada avançou antes e não encontrou resistência contra a carne de seu punho. A brecha... Joguei-me lateralmente e, quando ele gritou de dor, com sua mão caindo para um lado e a clava para o outro, ergui novamente minha lâmina para desferir toda minha fúria contra aquela coisa. O golpe cortou a escuridão, exatamente como fora descrito pelo Oráculo de Plandis, tempos atrás. Eu jamais me esquecerei do dia em que a visitei e tudo começou. O dia em que aprendi que o futuro pertence aos deuses e que os homens não devem nunca esquadrinhar.

\*\*\*

O guinchar de vários morcegos e o bater de suas asas encheram a caverna, espantados de seu refúgio. Uma velha e carcomida árvore que crescia na entrada da gruta era a morada de uma centenária criatura. O relinchar dos cavalos reverberou pelos túneis, sobrepujando o uivar enregelante do vento, quando os



mesmos foram presos. Vozes trêmulas e indecisas de heróis incautos se fizeram ouvir. A criatura esboçou um leve sorriso em uma boca quase sem dentes. Sabia quem eram e porque tinham vindo...

Era noite na Cordilheira de Sotopor. De outro modo era simplesmente impossível encontrar a entrada da gruta, que era de difícil acesso. Tal proteção existia desde tempos antigos, anteriores à época da chegada dos dragões, quando poderosos homens e até reis e príncipes de outras terras consultavam os augúrios da criatura. Era um lugar protegido e bem guardado. Porém, nada mais havia. Os guardas haviam se dispersado com a chegada dos seres draconianos e as consultas deixaram de acontecer. A criatura fora abandonada. Sua solidão só não era completa, pois ela compartilhava da presença de outro ser também atormentado.

Mas a curiosidade que permeia as consciências dos seres sapientes nunca se extinguiria e vários foram os tolos que, ao longo dos anos que se seguiram, procuraram o conhecimento da criatura. Vários foram eles, com diferentes perguntas e anseios.

E, naquela noite gelada de Abadom, mais dois atravessavam as estreitas paredes da caverna que servia de morada, abrigo e prisão para a criatura. Esgueirando-se por entre as pedras úmidas e cascalho escorregadio, eles se questionavam na incerteza de estarem no local certo. A criatura não os culpava por duvidarem. Abadom se tornara um lugar amaldiçoado e várias de suas lendas se mostravam irreais. Mas ela era bem real como logo iriam comprovar os dois cavaleiros que chegavam.

Luzes fracas de tochas logo surgiram, bruxuleando e refletindo-se nas paredes úmidas. Os visitantes se aproximavam. A criatura empertigou-se, balançando o pesado e desgastado manto preto e branco, com o capuz que lhe encobria os membros e as feições. Seus olhos caíram sobre os símbolos, feitos de ônix e pérolas fundidos a uma placa de ouro, sob os seus pés. Duas espirais interligadas. O símbolo de seu deus.

Os dois homens adentraram, finalmente, à câmara. O primeiro se chamava Loel, cavaleiro de espada de bronze, empunhada por poderosos músculos e semblante fechado, com uma grande barba por fazer. Carregava um grande alforje às costas. Sua armadura estava suja e arranhada em vários locais. Os olhos negros, dilatados e dardejantes encontraram a criatura e tiveram a mesma reação de todos que haviam vindo antes dele: medo. Depois entrou um jovem escudeiro, de nome Endris, tocha na mão e o corpo protegido por uma surrada e desgastada armadura de couro rígido. Um grande escudo de bronze pendia de suas costas. Fios de barba, tão escassos quanto sua idade, manchavam seu rosto, onde olhos castanho-esverdeados perscrutaram, amedrontados, a criatura que se erguia à frente. Mesma reação, medo, mas a testa de Endris franziu, o maxilar travou e a mão correu rápida para o cabo do gládio, como se quisesse atacar o ser.

A criatura percebeu, mas não culpou o jovem. As ossadas ao redor de seu altar despertariam a mesma reação.

- És o Oráculo do Senhor da Inconsequência? O profeta das coisas vindouras? - perguntou o cavaleiro. Apreensão, medo e incerteza recheavam a sua voz.

A criatura avançou um pouco até o limite do símbolo sob seus pés. Loel quis recuar. Uma batalha era travada em seu íntimo. O instinto lhe ordenava que fugisse, mas seu treinamento insistia em que mantivesse a firmeza. Não houve resposta. A criatura parecia sondar o cavaleiro.

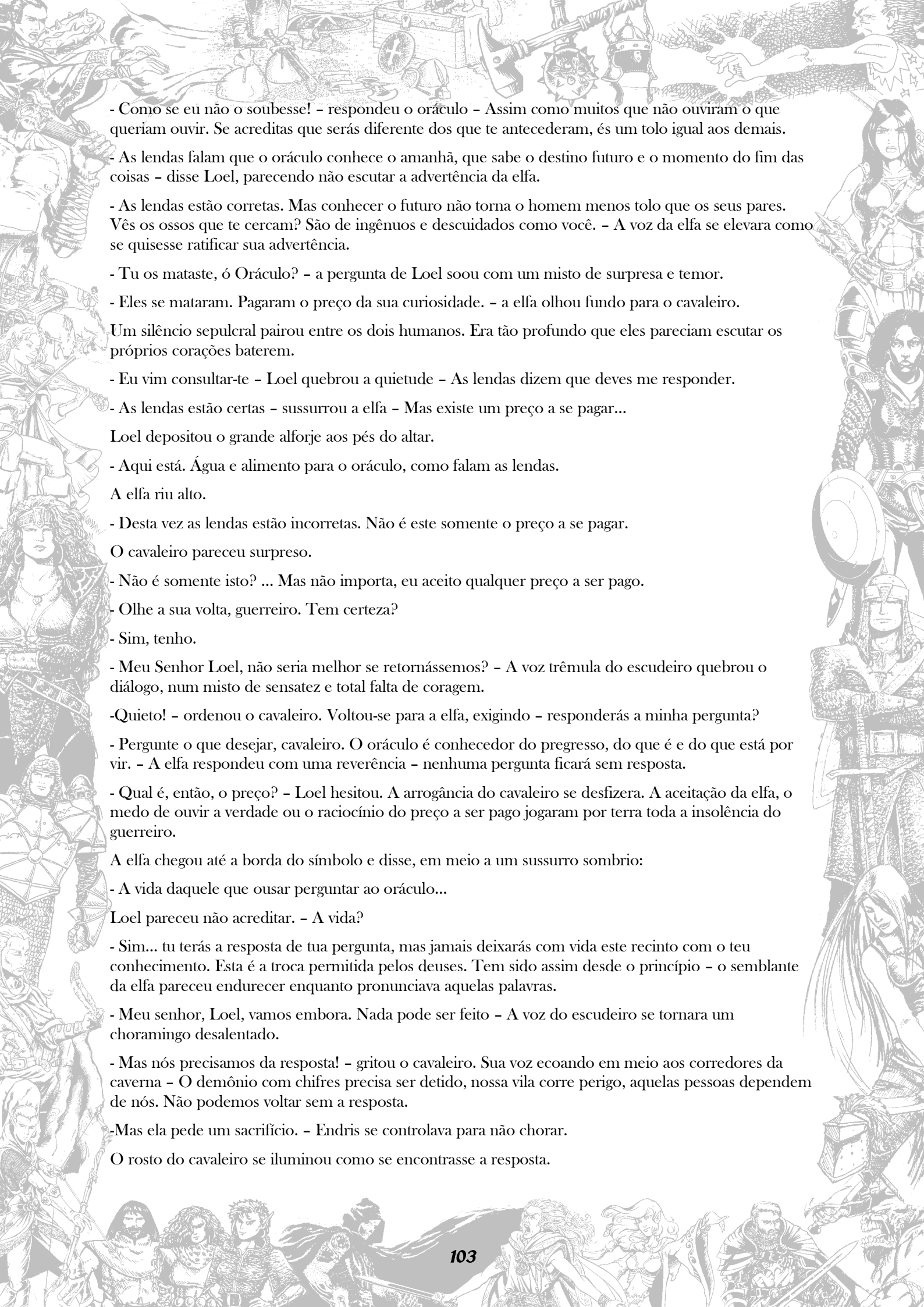
- És o Oráculo do Senhor da Inconsequência? O profeta das coisas vindouras? - repetiu. Mas desta feita estendeu a mão para que o aprendiz lhe passasse o escudo.

O encapuzado descobriu o rosto e as feições de uma elfa de pele lívida e pálida, de semblante desgastado, cabelos alvos e emaranhados e olhos insanos fitaram o guerreiro.

- Eu sou o Oráculo de Plandis, cavaleiro Loel e Endris. Eu sou aquela dos presságios do amanhã. - disse a elfa, numa voz gutural, que nem de longe lembrava o doce frasear dos elfos do Mundo Conhecido.

Os dois humanos recuaram. O homem de armas, contudo, ergueu novamente a voz.

- Eu vim consultá-la! - disse.



- Como se eu não o soubesse! - respondeu o oráculo - Assim como muitos que não ouviram o que queriam ouvir. Se acreditas que serás diferente dos que te antecederam, és um tolo igual aos demais.

- As lendas falam que o oráculo conhece o amanhã, que sabe o destino futuro e o momento do fim das coisas - disse Loel, parecendo não escutar a advertência da elfa.

- As lendas estão corretas. Mas conhecer o futuro não torna o homem menos tolo que os seus pares. Vês os ossos que te cercam? São de ingênuos e descuidados como você. - A voz da elfa se elevava como se quisesse ratificar sua advertência.

- Tu os mataste, ó Oráculo? - a pergunta de Loel soou com um misto de surpresa e temor.

- Eles se mataram. Pagaram o preço da sua curiosidade. - a elfa olhou fundo para o cavaleiro.

Um silêncio sepulcral pairou entre os dois humanos. Era tão profundo que eles pareciam escutar os próprios corações baterem.

- Eu vim consultar-te - Loel quebrou a quietude - As lendas dizem que deves me responder.

- As lendas estão certas - sussurrou a elfa - Mas existe um preço a se pagar...

Loel depositou o grande alforje aos pés do altar.

- Aqui está. Água e alimento para o oráculo, como falam as lendas.

A elfa riu alto.

- Desta vez as lendas estão incorretas. Não é este somente o preço a se pagar.

O cavaleiro pareceu surpreso.

- Não é somente isto? ... Mas não importa, eu aceito qualquer preço a ser pago.

- Olhe a sua volta, guerreiro. Tem certeza?

- Sim, tenho.

- Meu Senhor Loel, não seria melhor se retornássemos? - A voz trêmula do escudeiro quebrou o diálogo, num misto de sensatez e total falta de coragem.

-Quietos! - ordenou o cavaleiro. Voltou-se para a elfa, exigindo - responderás a minha pergunta?

- Pergunte o que desejar, cavaleiro. O oráculo é conhecedor do pregresso, do que é e do que está por vir. - A elfa respondeu com uma reverência - nenhuma pergunta ficará sem resposta.

- Qual é, então, o preço? - Loel hesitou. A arrogância do cavaleiro se desfizera. A aceitação da elfa, o medo de ouvir a verdade ou o raciocínio do preço a ser pago jogaram por terra toda a insolência do guerreiro.

A elfa chegou até a borda do símbolo e disse, em meio a um sussurro sombrio:

- A vida daquele que ousar perguntar ao oráculo...

Loel pareceu não acreditar. - A vida?

- Sim... tu terás a resposta de tua pergunta, mas jamais deixarás com vida este recinto com o teu conhecimento. Esta é a troca permitida pelos deuses. Tem sido assim desde o princípio - o semblante da elfa pareceu endurecer enquanto pronunciava aquelas palavras.

- Meu senhor, Loel, vamos embora. Nada pode ser feito - A voz do escudeiro se tornara um choramingo desalentado.

- Mas nós precisamos da resposta! - gritou o cavaleiro. Sua voz ecoando em meio aos corredores da caverna - O demônio com chifres precisa ser detido, nossa vila corre perigo, aquelas pessoas dependem de nós. Não podemos voltar sem a resposta.

-Mas ela pede um sacrifício. - Endris se controlava para não chorar.

O rosto do cavaleiro se iluminou como se encontrasse a resposta.





- Você, jovem Endris; você poderia se oferecer a fazê-lo.

A elfa sorriu. A covardia humana era a mesma em qualquer época. Mudavam-se os protagonistas, mas a cena era a mesma.

- Eu...? - gaguejou o escudeiro.

- A honra dos nobres que se sacrificam será eternamente lembrada - provocou a guardiã do conhecimento futuro.

- Sim, você. Eu sei que é muito jovem, mas minha força, minhas habilidades e minha espada são necessárias à nossa vila e eu não posso perecer neste momento. - Loel enfatizou as últimas palavras.

- Mas, meu senhor... - Endris estava em prantos.

- Nosso povo depende de você. Por Blator, serás assim tão egoísta e insensível? - o cavaleiro aproximou-se do aprendiz e segurou-o pelas mãos.

- Não... Eu não consigo... Eu não consigo... - o escudeiro meneava negativamente a cabeça.

- Pode sim! Isto vai nos mostrar como matar o demônio que tem afligido nossa vila - a paciência do guerreiro estava se esgotando.

- Não, meu senhor, por favor. Eu não posso - as lágrimas caíam, copiosas, da face de Endris.

- Faça, agora! Ou terei que obrigar-te pela força - Loel agarrou seu jovem aprendiz pelos cabelos e arrastou-o para frente do altar.

O escudeiro permaneceu mudo.

- FAÇA A PERGUNTA! - gritou o cavaleiro.

Silêncio. O jovem aprendiz manteve a cabeça baixa, envergonhado pela própria covardia. Seu corpo tremia em espasmos incontrolláveis. O cavaleiro, completamente transtornado pela ira, não via outra escolha senão obrigar o jovem a ter coragem por meio da violência.

O som de uma bofetada irrompeu na caverna. O mestre acabava de esmurrar o aprendiz.

- Ordeno-te que faças a pergunta. Pergunte sobre o demônio com chifres. - Loel estava possesso.

- Eu não consigo... Eu não consigo... - Endris respondeu em meio a soluços.

- COVARDE! - Gritou novamente Loel.

- Desculpe-me, Senhor... - Endris era só lágrimas.

- Pergunte! Diga assim ao oráculo: Como e quando o demônio de chifres irá morrer? Faça ou por todos os deuses eu mesmo irei matá-lo aqui e agora. - vociferou Loel.

- Em dois ciclos solares. Dentro da Gruta, no sopé da montanha no fim do Pântano dos Horrores, pela espada de bronze do guardião da vila do rio Baloc, o homem-touro que chamam de demônio de chifres irá perecer, pois será degolado. Seu reinado de horror irá se findar - respondeu a elfa, secamente.

Loel surpreendeu-se. Alegria estampada no rosto.

- Então vou conseguir matar o demônio de chifres?

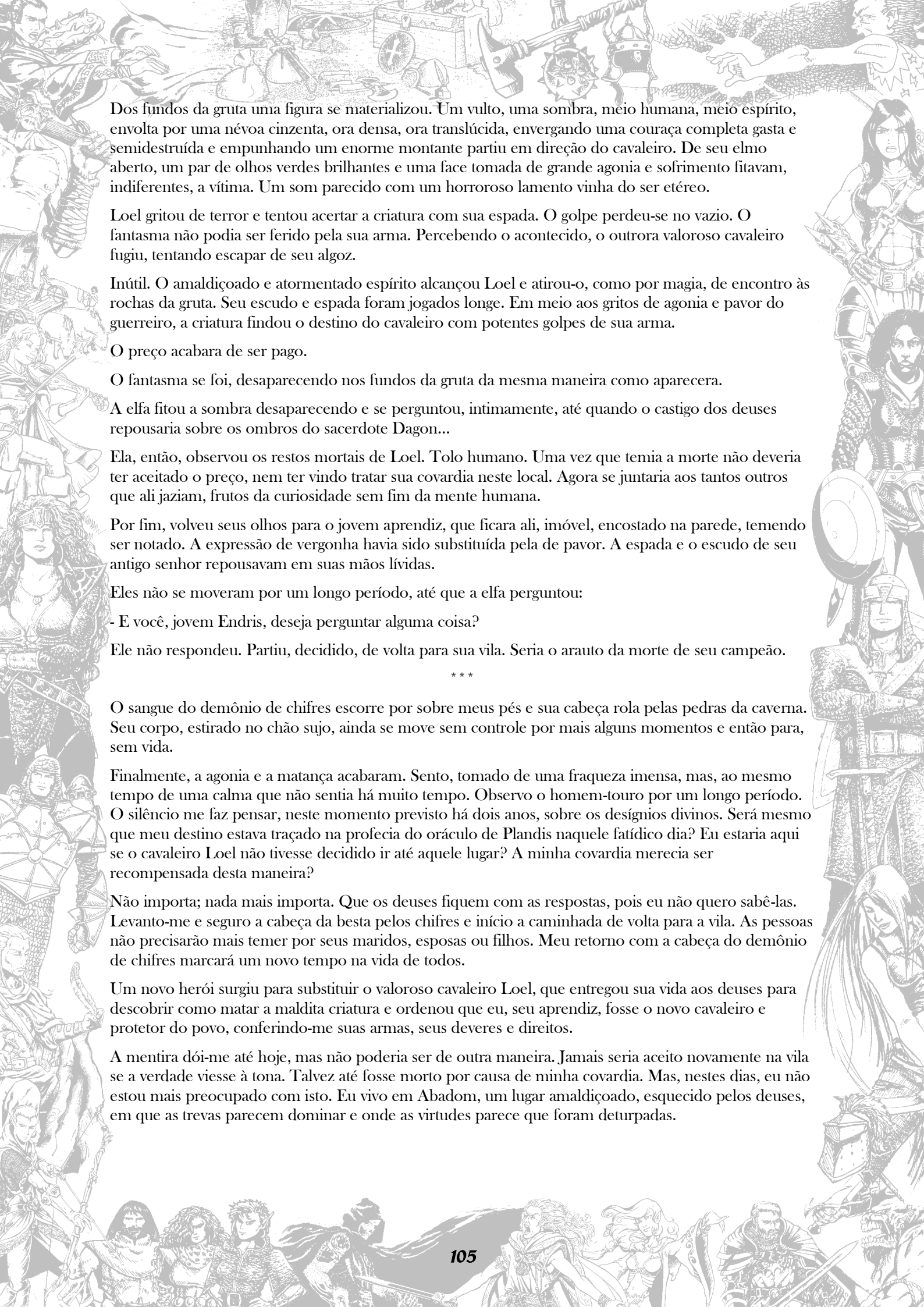
- Não... Você iria conseguir derrotá-lo - a elfa disse aquela sentença bem lentamente, observando o semblante tomado pela perplexidade do guerreiro - Mas não teve coragem suficiente para confrontá-lo e veio até mim.

- O quê?! Espere... - Loel pareceu se aperceber do que acontecera - Eu não fiz a pergunta.

- Sim, as fez... Por duas vezes, tolo humano - a elfa ergueu suas mãos esqueléticas - Você deve pagar, agora, o preço do seu conhecimento.

- Mas, eu não fiz a pergunta... Eu não aceitei... - O horror estampou-se no rosto do guerreiro. Ele ergueu sua espada, como se fosse atacar a profetiza...

- Dagon - disse a elfa - o preço precisa ser cobrado novamente!



Dos fundos da gruta uma figura se materializou. Um vulto, uma sombra, meio humana, meio espírito, envolta por uma névoa cinzenta, ora densa, ora translúcida, envergando uma couraça completa gasta e semidestruída e empunhando um enorme montante partiu em direção do cavaleiro. De seu elmo aberto, um par de olhos verdes brilhantes e uma face tomada de grande agonia e sofrimento fitavam, indiferentes, a vítima. Um som parecido com um horroroso lamento vinha do ser etéreo.

Loel gritou de terror e tentou acertar a criatura com sua espada. O golpe perdeu-se no vazio. O fantasma não podia ser ferido pela sua arma. Percebendo o acontecido, o outrora valoroso cavaleiro fugiu, tentando escapar de seu algoz.

Inútil. O amaldiçoado e atormentado espírito alcançou Loel e atirou-o, como por magia, de encontro às rochas da gruta. Seu escudo e espada foram jogados longe. Em meio aos gritos de agonia e pavor do guerreiro, a criatura findou o destino do cavaleiro com potentes golpes de sua arma.

O preço acabara de ser pago.

O fantasma se foi, desaparecendo nos fundos da gruta da mesma maneira como aparecera.

A elfa fitou a sombra desaparecendo e se perguntou, intimamente, até quando o castigo dos deuses repousaria sobre os ombros do sacerdote Dagon...

Ela, então, observou os restos mortais de Loel. Tolo humano. Uma vez que temia a morte não deveria ter aceitado o preço, nem ter vindo tratar sua covardia neste local. Agora se juntaria aos tantos outros que ali jaziam, frutos da curiosidade sem fim da mente humana.

Por fim, volveu seus olhos para o jovem aprendiz, que ficara ali, imóvel, encostado na parede, temendo ser notado. A expressão de vergonha havia sido substituída pela de pavor. A espada e o escudo de seu antigo senhor repousavam em suas mãos lívidas.

Eles não se moveram por um longo período, até que a elfa perguntou:

- E você, jovem Endris, deseja perguntar alguma coisa?

Ele não respondeu. Partiu, decidido, de volta para sua vila. Seria o arauto da morte de seu campeão.

\*\*\*

O sangue do demônio de chifres escorre por sobre meus pés e sua cabeça rola pelas pedras da caverna. Seu corpo, estirado no chão sujo, ainda se move sem controle por mais alguns momentos e então para, sem vida.

Finalmente, a agonia e a matança acabaram. Sento, tomado de uma fraqueza imensa, mas, ao mesmo tempo de uma calma que não sentia há muito tempo. Observo o homem-touro por um longo período. O silêncio me faz pensar, neste momento previsto há dois anos, sobre os desígnios divinos. Será mesmo que meu destino estava traçado na profecia do oráculo de Plandis naquele fatídico dia? Eu estaria aqui se o cavaleiro Loel não tivesse decidido ir até aquele lugar? A minha covardia merecia ser recompensada desta maneira?

Não importa; nada mais importa. Que os deuses fiquem com as respostas, pois eu não quero sabê-las. Levanto-me e seguro a cabeça da besta pelos chifres e início a caminhada de volta para a vila. As pessoas não precisarão mais temer por seus maridos, esposas ou filhos. Meu retorno com a cabeça do demônio de chifres marcará um novo tempo na vida de todos.

Um novo herói surgiu para substituir o valoroso cavaleiro Loel, que entregou sua vida aos deuses para descobrir como matar a maldita criatura e ordenou que eu, seu aprendiz, fosse o novo cavaleiro e protetor do povo, conferindo-me suas armas, seus deveres e direitos.

A mentira dói-me até hoje, mas não poderia ser de outra maneira. Jamais seria aceito novamente na vila se a verdade viesse à tona. Talvez até fosse morto por causa de minha covardia. Mas, nestes dias, eu não estou mais preocupado com isto. Eu vivo em Abadom, um lugar amaldiçoado, esquecido pelos deuses, em que as trevas parecem dominar e onde as virtudes parece que foram deturpadas.